

Melissa Hill

Preciso te contar uma coisa



 essência



Após uma temporada na Austrália com o namorado, que a trocou por uma amiga que foi visitá-los, Jenny está de volta à Irlanda. Um pouco abalada com o fim do relacionamento, mas nem tanto — o namoro já estava nas últimas mesmo —, resolveu procurar uma cartomante. Esta foi categórica: antes do fim do ano, e depois de um momento de distração, ela encontraria alguém especial, único, com quem viveria momentos de tormenta, mas nada os separaria.

Roan Williams apareceu num dia em que ela desceu desatenta do ônibus e foi assaltada. Era ele, só podia ser ele! A previsão, e a vontade de confirmá-la, foram mais fortes que qualquer conselho das amigas, que não cansaram de alertá-la de que Roan estava longe de ser um príncipe encantado. Jenny estava apaixonada, e quem dá ouvidos a conselhos nesse estado? Ela acaba caindo do cavalo e se machucando feio. Mas isso tinha sido há quatro anos, e o tempo faz milagres. Jenny voltou a acreditar no amor. Está vivendo feliz com Mike, de quem está noiva, e sua filha Holly. Até que recebe uma notícia desconcertante: Roan é o mais novo funcionário da empresa de Mike. A situação poderia ser mais ou menos administrável se a volta do ex não a obrigasse a contar a Mike um segredo sobre seu passado que pode mudar radicalmente seu futuro.



Assim que publicou *Preciso te contar uma coisa*, MELISSA HILL se converteu em um sucesso de crítica e venda. Seus outros sete livros tiveram o mesmo êxito, sempre aparecendo na lista de *best-sellers* do *Irish Times* e tendo os direitos vendidos para diferentes países, como França, Alemanha e Espanha. Melissa Hill nasceu na Irlanda, onde vive ainda hoje com o marido Kevin e seu cachorro, Homer.

Preciso te contar uma coisa

Copyright © Melissa Hill, 2003
Título original: *Something you should know*

Preparação: Maísa Kawata
Revisão: Tulio Kawata
Capa: Graziella Iacocca
Ilustração de capa: Gra Mattar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hill, Melissa
Preciso te contar uma coisa / Melissa Hill ;
tradução Olga Cafalcchio. – São Paulo : Editora Planeta do
Brasil, 2009.

Título original: *Something you should know*
ISBN 978-85-7665-461-2

1. Ficção irlandesa I. Título.

09-07811

CDD-ir823.9

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo-SP

www.essencialivros.com.br

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Dedicado com muito amor a meu marido, Kevin
&
à querida lembrança de
Jerry & Ryan e Josie & Fizzie Fitzgerald,
que, estou certa, teriam ficado muito contentes.

1.

A BALANÇA, COLOCADA ameaçadoramente no chão do banheiro, desafiava Jenny a sair daquele estado miserável. Subiu na balança e sentiu uma secura na garganta, enquanto olhava a fina agulha parar, depois de ir para frente e para trás durante segundos que pareceram minutos. Sessenta e três quilos. Sessenta e três quilos! De onde teriam vindo esses malditos três quilos?

Fez de tudo para emagrecer a semana toda. Tudo bem, talvez não toda a semana, admitia, mas com certeza a maior parte dela, e lembrava bem que perdeu o seriado de segunda-feira à noite por ter ficado mais tempo do que o esperado em seus “exercícios de rotina”

E apesar dos esforços não perdeu nem meio quilo — na verdade, havia engordado mais três. Como isso aconteceu se a previsão de seu horóscopo mensal afirmava claramente que ela emagreceria antes do casamento?

“Os autossacrifícios que fizer de agora até agosto acabarão resultando no fim de um longo embate que você teve consigo mesma.”

Não estava bem claro para todos que “autossacrifícios” significava desistir de chocolate, salgadinho de alho e que “longo embate” era obviamente sua eterna luta contra a balança?

Então por que aqueles três quilos a mais?

De repente, um pensamento a atingiu em cheio. Retenção de água — era provavelmente a tal retenção de água. Sua amiga Karen era magra como uma tábua, e às vezes reclamava que não conseguia entrar em suas roupas por essa razão. Era isso, pensou Jenny se consolando.

Ouviu Mike assobiando lá embaixo, na cozinha. Não conseguia entender como seu noivo podia ser tão animado de manhã. Ele nunca foi do tipo de cobrir a cabeça e se enfiar debaixo dos cobertores para dormir de novo, se desligando do resto do mundo. Jenny adoraria ficar na cama um pouquinho mais, e, não fosse por Mike ter insistido que se levantasse, ela teria ficado muito bem deitada até o meio dia, o que significaria um dia perdido.

Pena que o exame seja tão cedo, suspirou, enxaguando o condicionador do cabelo. Ela precisava fazer hoje o máximo de coisas que pudesse, e quanto mais cedo começasse, melhor. Só seria promovida para o setor hipotecário do Alliance Trust Bank se passasse nesse exame. A essa altura, ela teria que recuperar o tempo perdido e torcer para que o que fizesse naquele dia fosse suficiente. E Mike saiu de sua rotina para garantir que ela tivesse um dia tranquilo, só para si — pelo menos uma vez. Enrolou uma toalha na cabeça e juntou-se a Mike lá embaixo, na cozinha.

Ele pôs na mesa, diante dela, uma caneca de chá quente e um prato de torradas com manteiga, e beijou-a levemente na testa.

— Acordada, princesa? — disse ele, gracejando. Jenny fez uma careta.

— Minha querida, agora sei por que decidi casar com você: por causa dessa linda carinha. Ela simplesmente ilumina meu dia.

Jenny deu uma mordida na torrada, torceu o nariz e jogou-a de volta no prato.

— Argh! O que é isso?

— Isso o quê? — disse Mike, olhando para ela, perplexo.

— A torrada! O que você colocou nela?

— Manteiga — respondeu mecanicamente. — Por quê?

— Manteiga... — repetiu Jenny admirada. — Mike, você sabe que ultimamente estou comendo só coisas light. Você não pode pôr manteiga em minha torrada ou em qualquer outra coisa quando estou de dieta. Você sabe disso!

— Tudo light, é? — disse ele, piscando os olhos de prazer. — E devo supor que os salgadinhos são fritos em óleo de baixa caloria agora, não é?

Jenny mostrou a língua, e disse:

— Isso é diferente. O que eu como nos fins de semana não conta de verdade, de jeito nenhum.

— Ah — disse Mike, esforçando-se para se manter sério. — De qualquer maneira, Jen, você não tem que se matar fazendo dieta. Sabe que a acho perfeita do jeito que é.

Ele deu a volta na mesa e a beijou no alto de sua cabeça.

Jenny fulminou-o com o olhar ao dizer:

— Mike, usei manequim 46 durante a maior parte de minha vida, e isso na verdade nunca me incomodou. Mas agora estou determinada, realmente determinada, a entrar no vestido de casamento tamanho 42 que está em meu armário.

— Realmente determinada, é?

— Absolutamente.

— Certo. E onde está o light então?

— O quê?

— Você ainda está comendo a torrada com manteiga.

— Eu sei. Mas é porque... porque estou com um pouco de pressa, por causa de tudo o que devo fazer hoje, e realmente não estou com tempo para esperar outra... pare de rir de mim!

Jenny acabou sorrindo disfarçadamente e então se lembrou do que ainda tinha pela frente.

— Ah, eu aqui, tendo de atacar aqueles livros, e olhe só o lindo dia que está lá fora.

Ela olhou ansiosamente para a janela e viu aquele belo céu de fevereiro, sem nuvens.

— Você vai ficar bem assim que começar, sabe disso. — Mike empurrou o prato para o lado e encheu de novo sua xícara com chá. — De qualquer maneira, em duas semanas tudo terá acabado, e então você vai esquecer isso.

— Pois é, esse é o problema — resmungou. — Só faltam duas semanas! Ah, por que, por que não me dediquei mais? Sou uma idiota por ter deixado passar tanto tempo.

Ela pegou um dos manuais de estudo que estavam na mesa e encarou-o, desejando que as informações contidas em suas páginas fossem transportadas diretamente para sua cabeça.

Um exemplar da revista Hello que estava sob os livros a distraiu momentaneamente. Trazia uma foto de Liz Hurley chegando à estreia de algum filme ou outro evento num de seus vestidos de grife, decotado, colado ao corpo e fenda aberta até a coxa. Jenny encarou o decote de Liz. Não era possível que alguém tivesse uma barriga assim tão reta. Não havia como, com retenção de água e tudo o mais... Para ficar daquele jeito, a mulher tinha que estar usando uma cinta modeladora.

— Jen, você vai se sair bem — acalmou-a Mike. — Provavelmente já deve saber boa parte dos temas da prova. Você não ficou estudando Conor nos últimos meses? Já deve ter fixado as coisas importantes.

— Eu sei, mas não me esforcei para aprender as coisas mais difíceis, como título legal, registro de terra e coisas desse tipo. E se eu não souber isso, não vou conseguir

me qualificar como conselheira. Posso começar a conceder hipotecas a torto e a direito sem pesquisar corretamente. Imagina? — comentou, mordendo os lábios.

Mike sorriu para ela de modo encorajador e colocou uma de suas mãos entre as dela.

— Não se preocupe com isso, Hamilton. Sei que tem capacidade. Não há ninguém melhor para esse trabalho, e você sabe que ele é bom tanto para você como para o banco. Só use a paz e a tranquilidade de hoje para estudar muito, e amanhã à noite vamos sair para tomar uns drinques e relaxar. O que acha?

Jenny fez que sim, e eles encerraram o assunto. Mike tinha razão. Não havia sentido em se desesperar por causa do exame. Hoje, ela ficaria só estudando. Bastou pensar em tudo o que tinha que estudar para ficar desanimada. E ela realmente precisava, hoje, dar o máximo de si.

— Estava pensando — disse Mike —, se você não se importar, que eu poderia chamar o cara do trabalho para sair conosco amanhã à noite, acompanhado, se ele tiver alguém. Ainda não tive chance de conhecê-lo socialmente. O que acha?

— Sem problema. De qualquer maneira, estou ansiosa para conhecê-lo. Como ele é? — perguntou, servindo-se de outra torrada.

— Ele é ótimo, Jenny, e acho que vai ser um ganho real para a InTech. Tem bastante experiência na área de marketing, especialmente a que acumulou enquanto trabalhava nos Estados Unidos. E você sabe como sou ruim nisso — disse Mike, balançando a cabeça com ar de admiração.

Jenny sorriu, concordando. Mike era um programador excelente, e, embora criasse programas para algumas das maiores empresas irlandesas, não era vendedor. Com a crescente instalação no país de novas companhias de tecnologia de informação, particularmente em Dublin, a empresa do noivo precisava da pessoa certa para promover os produtos, tendo em vista a rápida saturação do mercado.

Fazia tempo que Mike e seus sócios estavam tentando encontrar alguém que conhecesse profundamente a indústria. Esse rapaz parecia um espécime raro: era um programador altamente capacitado e igualmente competente em marketing e vendas.

— E também não é nenhum bobo. Demorou a bater o martelo e fechar o contrato conosco. Não queria trabalhar na base de comissões, como faz a maioria. Stephen achou-o arrogante e desagradável — disse Mike.

— Coisa do Stephen! Aposto que estava desapontado por você não estar empregando um ruivo arrebatador, bem penteado e de fazer cair o queixo — disse ela revirando os olhos, enquanto Mike ria da descrição precisa do caráter de seu sócio.

— Mas é sério mesmo, o sujeito é osso duro de roer. Ele já teve umas rugas com o Frank. Até a semana passada, o pobre Frank continuava chamando-o de Ronan. Não conseguia guardar seu nome, e o outro não aguentou. “Meu nome não tem ‘n’. É Roan, não Ro-nan” — Mike exagerava na mímica.

— Como ele se chama? — perguntou ela, com a torrada a meio caminho da boca e o coração disparado no peito.

— Eu sei, é um nome pouco comum, não é? Roan. Nunca conheci alguém com esse nome. Acho que ele é de algum lugar de Kildare... Monasterevin, ele disse.

Ela teve que usar toda a sua força para tentar ficar calma. Sua boca ficou seca e, por um segundo, Jenny achou que não seria capaz de respirar. Meu Deus! Será que é ele?

— Conheci um rapaz chamado Roan alguns anos atrás, quando morava com Karen. Roan Williams — disse ela, tentando manter a voz calma, embora suas mãos tremessem. — Roan Williams! É a mesma pessoa?

— É... Williams é o sobrenome dele. Não é engraçado? Como se diz, o mundo é pequeno, mas aqui neste país isto é especialmente verdadeiro. Você o conheceu bem? — comentou Mike, parecendo não perceber seu desconforto.

— Não tão bem — respondeu ela automaticamente, com um sorriso falso, enquanto tentava engolir a torrada, que parecia chumbo em sua boca. Sua mente voava. Não podia acreditar. Roan Williams de volta à Irlanda. Como poderia olhar para ele? Será que devia contar para Mike? Não, ainda não. Precisava de algum tempo para pensar nisso, para decidir o que fazer depois.

— Jen, está me ouvindo? Disse que a gente poderia sair amanhã à noite, o que acha? — a voz de Mike interrompeu seus pensamentos.

Jenny olhou para ele, pálida.

— Você ainda está com sono, amor? Achei que a esta altura você já estaria acordada. — Ele se levantou e afagou seu cabelo, enquanto ela o fitava com um olhar penetrante.

— Ok, ok! — disse ele, levantando as mãos. — Você está com tudo hoje, por isso já vou indo enfrentar o trânsito de Dublin e, quando voltar à noite, vou fingir que sou um comprador de primeira viagem e você poderá me dizer tudo o que tenho que saber para adquirir a casa dos meus sonhos, certo? — disse ele, bebeu o resto de seu chá e pôs a xícara dentro da pia. Antes de sair, deu-lhe um leve beijo no nariz.

— Desculpe, amor. Estou com os nervos à flor da pele. Não sei como você me aguenta — disse Jenny sentindo-se meio tonta. Puxando Mike para si, deu-lhe um sonoro beijo nos lábios.

— Jennifer, também não sei como aguento — disse Mike seriamente —, mas depois de agosto vou estar amarrado a você, e suponho que terei que fazer o melhor que puder.

— Saia, seu malcriado, saia enquanto ainda tem pernas para andar! — disse Jenny, saltando sobre ele, que se esquivou e saiu, rindo muito.

— Ah, só para lembrar, vou voltar para casa mais tarde hoje, por isso não prepare o jantar muito cedo — disse ele, com a cabeça enfiada no vão da porta.

— Tem certeza de que não quer que eu vá direto para a casa da Rachel? — perguntou ela distraidamente.

Mike, com um gesto, dispensou a sugestão e respondeu:

— Fique tranquila, está tudo em ordem. Vou sair do trabalho às quatro, assim posso atravessar a cidade mais cedo e, com sorte, antes que o trânsito piore. Gostaria que minha irmãzinha viesse a pé para este lado da cidade e me poupasse a viagem. Bem, então a gente se vê mais tarde.

Jenny concordou e forçou um sorriso, mas foi um alívio vê-lo sair. Sentou-se à mesa da cozinha por um bom tempo depois que ouviu a porta da frente se fechar.

Como ela se sentida se visse Roan de novo? Quando o visse, se corrigiu. Ela e Mike saíam sempre com a turma da InTech, portanto, mais cedo ou mais tarde seus caminhos teriam que se cruzar.

Tinha que acontecer, não tinha? Justo quando tudo estava indo tão bem para eles, Roan Williams tinha que voltar para sua vida, para a vida deles.

Com peso no coração, Jenny se levantou, tirou a mesa e pôs a louça na pia. Abriu a geladeira e olhou lá dentro. Ficou parada por um momento e fechou a porta de novo, esquecendo por que a tinha aberto. Pôs água para ferver na chaleira, despejou detergente nos pratos e devolveu o frasco ao armário.

Foi até a janela da cozinha e ficou olhando para o pequeno quintal. Então, apoiando a cabeça no vidro, Jenny rendeu-se às lágrimas.

2.

Karen Cassidy consultou o relógio e apertou o passo enquanto descia a Grafton Street, resmungando baixinho depois que viu as horas. Se não se apressasse, ia chegar atrasada ao compromisso. Eram quase nove horas, e ela ainda tinha que achar o lugar. Tirando o cabelo negro do rosto, parou de repente, quando seus olhos foram capturados por uma roupa na vitrine de uma loja. Aquele vestido rosa e vinho de gola alta seria um arraso no casamento de Jenny. Que pena já ter roupa para o dia. Bem, mas de qualquer modo podia comprá-lo, decidiu Karen. Com tudo o que aconteceu nos últimos tempos, bem que merecia um agrado.

Continuou andando rápido para o Coilege Green e, ao chegar à faixa de pedestre do cruzamento com o Trinity Coilege, ouviu o hino nacional da Irlanda vindo de dentro de sua bolsa.

O sinal abriu, e ela atravessou a rua tentando pegar o celular. Que saco! Por que a parte interna das bolsas é sempre escura, e a pessoa nunca acha o que está procurando? Teria muito mais sentido se o interior fosse claro. Não seria muito mais fácil, em vez de ficar lutando para encontrar o maldito celular, como agora? Mas eles não têm a menor ideia de tudo isso.

— Aqui está — disse alto para si mesma, sem se importar com os olhares curiosos das pessoas à sua volta.

Subiu as escadas da entrada do prédio do Bank of Ireland para atender, mas o telefone parou de tocar.

— Merda! — exclamou, olhando para um passante, que a encarou com indisfarçável surpresa. Estava guardando o celular, quando ele tocou bem alto. Ela leu a mensagem de Jenny: “Por favor, me ligue assim que receber esta mensagem”.

Jenny teria que esperar, pensou ela, guardando o telefone na bolsa e seguindo adiante pela Dame St. Agora tinha certeza de que estava realmente atrasada. Disparou rua acima, tentando ler o número que tinha escrito na mão. Finalmente, parou na frente de um edifício cujo nome, Stevenson & Donnelly Advogados Associados, estava gravado numa placa de bronze ao lado da entrada.

Finalmente encontrou. Karen acionou o interfone e, segundos mais tarde, estava dentro do prédio.

— Senhorita Cassidy? — perguntou a recepcionista, com um sorriso.

Karen assentiu, e a jovem lhe indicou com um gesto uma das portas atrás da recepção, dizendo:

— O senhor Donnelly já vai recebê-la. Aceita um café?

— Oh, sim, obrigada — disse Karen, retribuindo o sorriso, enquanto tirava o casaco e batia à pesada porta de madeira.

— Entre, por favor.

Karen abriu a porta e um senhor mais velho, de ar sério, a cumprimentou com um aceno de cabeça. Estava sentado atrás de uma grande escrivaninha de carvalho sobre a qual havia pesados livros e muitas folhas de papel espalhadas. Achava que eu era desorganizada, pensou. Prática típica de advogado. Por sorte, ao telefone, parecia que John Donnelly sabia o que estava fazendo.

— Karen, como vai? É um prazer conhecê-la pessoalmente. Por favor, sente-se — disse, indicando uma poltrona de couro, que parecia confortável, em frente à sua mesa.

— Desculpe-me o atraso. Tive um pouco de dificuldade para achar o lugar.

— Sem problema. Linda lhe ofereceu café? — no mesmo momento, a jovem entrou com uma bandeja, e Karen aceitou o café, de aroma bem forte, e biscoitinhos.

— Obrigado, Linda — disse Donnelly, sorrindo para a recepcionista e sentando-se de novo. — Bem, Karen, agora, aos negócios. Já discutimos o caso em detalhes por telefone, mas gostaria de repassar tudo com você, só para ter certeza de que entendi tudo perfeitamente. A propriedade é na Harold's Cross, certo?

— Sim — confirmou Karen —, Harold's Cross Crescent, 22. É uma casa de dois quartos que compramos há mais ou menos três anos.

— E a propriedade está sob hipoteca?

— Sim. Na verdade, o problema central é a hipoteca. Não estou segura quanto a meus direitos, legalmente falando, porque a hipoteca nunca esteve em meu nome. Na época, não achei necessário fazer isso.

— Entendo, então a hipoteca estava só no nome do senhor Quinn?

— Isso mesmo — respondeu Karen, calmamente.

— Mas você contribuiu financeiramente durante o período da hipoteca?

— Ah, sim, nossas contas eram separadas, mas temos, quero dizer, tínhamos uma conta conjunta para pagamento de luz, aquecimento e parcelas da hipoteca.

— Bem, podemos começar por aí. Suponho que você tenha comprovantes bancários que demonstrem seus depósitos para a conta da qual eram debitadas as parcelas da hipoteca. E o senhor Quinn não contesta o fato de que você fez essas contribuições?

— Até onde sei, não. Só que aquela sempre foi a casa de Shane, legalmente, quero dizer, não foi? E o que paguei não significa nada? — pergunta Karen, nervosa.

— A hipoteca podia estar no nome do senhor Quinn, mas o título da propriedade pertence à construtora, até que ela seja integralmente paga. Se os dois contribuíram, mas a hipoteca estava somente no nome dele, ninguém tem pleno direito, até que o financiamento seja pago. Entretanto, Karen, devo avisá-la que o juiz pode dar ganho de causa ao senhor Quinn.

Meu Deus, como ele era desalmado! Será que não percebia como tinha sido difícil para ela ter ido até lá e falar tudo aquilo para um estranho? E, além do mais, isso nada significava para ele, pensou Karen. Ele estava só fazendo seu trabalho. Tinha pedido seu parecer, e essa era sua análise. O que ela queria? Um forte abraço, palavras doces e uma caixa de lenços de papel?

— Veja o senhor — disse Karen —, no momento, não tenho outro lugar para ir, portanto, ainda estou morando lá. O senhor Quinn me pediu — pediu? Isso era só para amenizar — que deixasse a casa, para que ela pudesse ser vendida. Mas não quero me mudar. Essa é a razão por que estou determinada a levar esta questão à justiça, para ver se tenho direito de ficar lá. Aquela tem sido minha casa nestes últimos anos, e não quero voltar a pagar aluguel, não agora, depois... de tudo o que aconteceu.

Ela percebeu que o senhor Donnelly estava escrevendo tudo isso num bloquinho de anotações enquanto ela falava. Ao menos achava que ele estava anotando. Talvez estivesse só rabiscando; ou quem sabe se sentindo aborrecido com sua situação. Provavelmente, estava acostumado a atender casos mais excitantes, como o de pessoas caindo e processando companhias por quebrarem um tornozelo, ou coisa parecida. Ou casos de divórcio. Devia haver uma pilha deles por ali, desde que se tornou legal divorciar-se na Irlanda. Aquilo devia estar sendo muito enfadonho para ele.

— Suponho que tenha conversado longamente com o senhor Quinn sobre isso, não? — perguntou Donnelly, depois de um bom tempo.

— Nós nos falamos algumas vezes, mas somente por intermédio de nossos advogados. O meu, o que tinha antes do senhor, esperava que fizéssemos um acordo.

Mas o senhor Quinn e eu temos agora uma relação pouco amistosa. Ele não vai concordar que eu tenha direito a alguma coisa. Esta é a razão por que estou aqui hoje.

Karen estava impressionada com a maneira como fez tudo soar tão civilizado. Ah, se ele soubesse!

— Entendo. Bem, do jeito como as coisas estão neste momento, você não tem alternativa senão abrir uma ação. Até agora foi sorte o senhor Quinn ter deixado que você ficasse lá. Entretanto, se as coisas estão do modo como disse, imagino que ele esteja ansioso para resolver a questão satisfatoriamente.

Karen estava explodindo de raiva. Por que ele assumiu o lado dele? Ainda essa, ansioso para se mudar! Aquilo soou como se ela não fosse nada, somente uma inconveniência temporária. E seus sentimentos? Ela também queria que tudo se resolvesse. Ia ficar doida se deixasse rolar e se fingisse de morta com esse sujeito. De jeito nenhum ele ia colocá-la na rua. Ela também pagou uma parte; o próprio Donnelly não admitiu isso havia pouco?

O advogado percebeu sua expressão e sorriu amigavelmente.

— Karen, por favor, não leve isso para o lado errado. Sei que você passou por muita coisa neste último ano e compreendo. Não sei como é seu relacionamento com o senhor Quinn, o que na verdade nada tem a ver com a situação. Estou meramente discutindo suas opções, e é preciso ter em mente que, quanto antes resolverem a questão, melhor será para ambos. Você deve considerar que ele pode pressioná-la seriamente para chegar a um desfecho antes mesmo que o caso chegue ao tribunal.

Karen concordou com um gesto de cabeça. Isso era um absurdo! Pelo menos, num casamento, você sabe quais são seus direitos. Mas, em situações como essa, em que não houve casamento, tudo era bem mais complicado. Como isso foi acontecer?, ela se perguntava. Shane gostava tanto daquela casa, e os dois se divertiram bastante no começo, pegando objetos e peças aqui e ali para montá-la. Pare com isso, disse a si mesma. Não comece a remexer em tudo, concentre-se no que tem para fazer daqui em diante.

— Entendo que o senhor tenha que ver a questão de todos os ângulos, senhor Donnelly, sinto muito se estou parecendo um pouco... — fez uma pausa, procurando a palavra certa — ... irritada — disse ela um tanto mais animada —, mas é que nunca estive numa situação como esta e, para ser franca, acho tudo muito assustador — disse, de cabeça baixa e olhando para ele por entre os cílios escuros. — Nunca imaginei que isso pudesse acontecer.

Sentiu um nó na garganta.

— Karen, sei que tudo isso deve estar sendo muito difícil para você — disse ele gentilmente —, mas agora você precisa examinar suas possibilidades com muita cautela. Por favor, pense um pouco mais num provável acordo com o senhor Quinn antes de impetrar uma ação. Vocês não foram casados e a casa nunca esteve em seu nome, e é por isso que receio que você não tenha muita chance no caso. Em relação aos pertences, bem, isso terá que ser resolvido entre vocês dois, e a menos que haja recibos de cada aquisição individual é bem difícil garantir a posse de móveis e outros objetos.

Karen fez que sim. Donnelly se inclinou para a frente e, fitando-a pensativo, continuou:

— Você está mesmo convicta de que quer prosseguir com isso, Karen? Tenho o dever de lhe dizer que não creio que você detenha uma parte da propriedade. A lei está contra você nesse aspecto.

— O senhor não é a primeira pessoa a me dizer isso, O primeiro advogado já havia me prevenido — ponderou sem se perturbar. — Devo a mim mesma levar isso

adiante e estou decidida. Não vou deixar que alguém tome minha casa assim; não sem lutar.

— Está certo, então — disse Donnelly pondo a caneta na mesa. — Espero que consigamos resolver isso o mais cedo possível. Vou pressionar o advogado do senhor Quinn e entrarei em contato com você assim que confirmar a data da audiência.

— Obrigada, inclusive por aceitar o caso. Isso significa muito para mim. Não tenho tido muita sorte com advogados nos últimos meses — disse ela, enquanto se levantava e se despedia com a mão estendida.

— Não há de quê, Karen, e prometo que farei o melhor por você. Meu falecido sócio, o senhor Stephenson, era grande amigo de seu pai, por isso não deixaria de atendê-la. Se precisar de aconselhamento sobre qualquer coisa, já tem meu cartão, portanto não hesite em me ligar — disse, sorrindo, ao apertar calorosamente a mão de Karen.

— Ligarei, obrigada mais uma vez.

Enquanto ela saía, o advogado percebeu a firme determinação em seus olhos escuros. Balançou a cabeça e se sentou de novo, encostando na poltrona, atrás da escrivaninha. Ultimamente estavam se tornando frequentes essas ocorrências: muitos casais comprando casa juntos antes do casamento, sem pensar em seus direitos numa eventual separação. Pobre moça, ela estava realmente disposta a ir até o fim. E apesar da complexidade da lei e da desesperança do caso, com seu conhecimento, o advogado esperava que, de alguma maneira, Karen Cassidy pudesse ganhar a causa.

3.

BARBARA, IRMÃ DE SHANE, correu os olhos pela pequena cozinha e torceu o nariz.

— Ela não é bem uma dona de casa, é? — comentou, vendo os saquinhos de chá na mesa, migalhas de pão na toalha lambuzada de manteiga, restos de massa grudados na parede, acima do fogão, e, na pia, pilhas de pratos para lavar.

— Não, arrumação e limpeza de casa nunca foram seu forte — concordou o irmão, abrindo a geladeira e afastando-se rapidamente quando o cheiro de alguma coisa irreconhecível, mofada, feriu suas narinas.

— Espero que o corretor de imóveis não demore a chegar. E se ela pegar a gente aqui? — Barbara não queria ficar ali mais tempo que o necessário. Sentia ter ido, mas sua curiosidade sobre a casa foi mais forte. Aquilo era uma invasão.

— Fique tranquila, Bab, ela não sai do trabalho antes das cinco, O escritório dela fica a uns quarenta minutos a pé ou a quinze de ônibus. Que bagunça, não? Vou ver se lá em cima está melhor — disse ele, olhando em volta e franzindo a testa.

— Não demore, viu? Já é quase hora do almoço, e quero muito ir dar uma volta pelo centro depois que a gente terminar aqui.

Barbara ficou na sala de estar e se sentou num sofá de dois lugares entre as almofadas brilhantes e coloridas. Era na verdade uma sala gostosa. A janela com sacada era um detalhe interessante e fazia o ambiente parecer bem maior, apesar dos móveis, que não combinavam, e daquele tapete horrível. Se ela tivesse uma casa como aquela substituiria o piso barato de tábuas de pinho por carvalho genuíno e pintaria as paredes de uma cor decente, qualquer coisa diferente daquele laranja vulgar. E almofadas púrpura num sofá amarelo-ovo, o que era aquilo? Aquela garota não tinha um pinga de bom gosto! Barbara pegou uma revista da mesa de centro e começou a folheá-la. Interessou-se pela seção de moda e estava tão entretida que não ouviu o barulho de chave na porta da frente. Só ouviu quando a porta se fechou, e assustada pulou do sofá.

— Olá! — disse Jenny, surpresa ao ver aquela loura que ela não conhecia. — Não sabia que haveria alguém aqui. Sou Jenny Hamilton, amiga da Karen — disse, estendendo a mão. — Ela já está vindo, só parou para comprar umas coisinhas. Espero não a ter assustado muito. Ela me deu as chaves — disse, exibindo o chaveiro no alto, como que se desculpando.

— Ele está lá em cima, vou chamá-lo — disse Barbara, indo na direção das escadas.

Mas ele já vinha descendo.

— Oi, Jenny, como vai? Não a vi mais desde...

— Estou bem, obrigada. Não sabia que você estaria aqui, e acho que Karen também não — disse ela interrompendo-o.

— Bem, nós precisávamos conferir umas coisas. Você se lembra da Barbara, não? — disse ele indicando a irmã.

Jenny se virou e estudou a mulher mais velha sem disfarçar a surpresa. Barbara, a irmã de Shane! Não a teria reconhecido de jeito nenhum. Tinha certeza de que da última vez que a vira seu cabelo era escuro. Agora estava completamente diferente.

— Podemos ir agora, por favor? — disse Barbara, ignorando Jenny. — Não estou suportando mais o cheiro deste lugar, e minha saia ficou arruinada só de me sentar naquele sofá. E as capas das almofadas obviamente nunca foram lavadas.

Jenny observou a saia creme da mulher para conferir os sinais dos danos, mas não conseguiu ver nada. Que petulância! Karen ficaria chocada! Tinha certeza de que a amiga não fazia a menor ideia de que ele estava aqui. E ainda levando aquela fulana junto! Se Jenny a tivesse reconhecido assim que entrou e a viu preguiçosamente no sofá, não teria sido tão gentil. Que atrevimento o deles!

— Acho que temos que ir. Foi bom te rever, Jenny — disse ele, olhando para o relógio.

— Tenho certeza de que Karen gostaria de vê-los — lançou Jenny, deliciando-se com o embaraço dos dois.

— Ah, sim, com certeza ficaríamos se não tivéssemos que ir a outro lugar. Mas diga a ela que...

A porta foi batida com força, e eles ouviram uma voz vindo do hall:

— Você pode dizer pessoalmente para mim, seu porco ignorante. Que diabos está acontecendo? E como vocês conseguiram entrar aqui? — gritava ao passar por eles, carregada de compras. Deixou cair as sacolas no centro da sala e virou-se, furiosa, com as mãos na cintura.

— Ei! Pare com isso, Karen — ele começou —, a casa é nossa. Temos tanto direito de estar aqui quanto você; na verdade, até mais, como você bem sabe.

— Bem, tenho novidades para você, Quinn. De acordo com meu advogado, você não tem nenhum direito a mais que eu nesta casa. Paguei minha parte na dívida também. Isso quer dizer que tenho todo o direito de lhe dizer que vá para o inferno! — acrescentou Karen, com os olhos faiscando.

Era mentira, mas Karen sentiu prazer em vê-lo arregalar os olhos só com a menção do advogado.

— Por que teve que fazer isso pelas minhas costas? Por que não me disse que ia passar por aqui e trazê-la para dar uma olhada? Mas esse não é seu estilo, não é? — continuou ela. — Você não consegue ser direto com nada, nunca foi. Escorregadio e sorrateiro, é esse seu jeito, não é?

— Acho melhor vocês irem embora — disse Jenny calmamente, sentindo que precisava desanuviar a situação. Olhou com o rabo do olho para Barbara. Ela não tinha certeza, mas a moça olhava como se estivesse realmente gostando do confronto.

Nesse instante, ela deu uma volta em torno de Karen e disse:

— Sua madamezinha, como ousa falar assim com ele? Você tem sorte por meu irmão ter deixado que você ficasse aqui todo esse tempo. Se fosse eu... — disse Barbara, baixando a voz e encarando Karen. — Pelo menos agora, que estamos entrando na justiça, não vai demorar muito para finalmente ficarmos livres de você.

Barbara a encarava com desdém, como se ela fosse um pedaço de cocô de cachorro grudado na sola de seu sapato nada chique. Jenny sabia disso porque ela também tinha um par igualzinho, e aqueles saltos machucavam o pé que era uma loucura.

— Desista, Karen. Você sabe que não tem a mínima chance — disse Barbara.

Jenny sabia que Karen estava usando toda a sua força para se controlar e não atacar a outra mulher. Mas ela fez melhor que isso.

— Barbara, você aprendeu a montar uma frase! Boa menina! Seu irmão tem lido umas aulinhas e ensinado algumas palavras novas? Você deve estar praticando esse discurso há muito tempo! — disse Karen, falando bem alto e num tom de voz impregnado de sarcasmo.

— Karen, olhe, não há necessidade de agredi-la, já estamos indo embora — disse ele, dirigindo-se para o hall onde seu casaco estava pendurado.

Nesse momento souou a campainha, e Jenny percebeu que Barbara ficou visivelmente nervosa quando Karen foi abrir a porta.

— Olá, sou Ryan, da Ryan, Mitchell & Associados, tenho um compromisso com o senhor Quinn. Estou aqui para fazer a avaliação — apresentou-se o afável e bem-vestido rapaz, parado na soleira da porta de entrada.

— Avaliação! — exclamou Karen, girando o corpo para ficar cara a cara com Quinn. — Você solicitou uma avaliação de minha casa sem a minha permissão! Que ousadia é essa? Como teve a petulância de tentar vender esta casa sem que eu soubesse, seu canalha covarde?

O corretor olhava como se desejasse que um grupo de extraterrestres aparecesse por ali e o levasse para Marte ou para qualquer outro lugar que não fosse aquele.

— Talvez esta não seja a melhor hora... — começou ele.

— Você está coberto de razão, não é a melhor hora mesmo, me desculpe, mas parece que o senhor Quinn fez o senhor perder seu tempo. Não haverá avaliação desta propriedade hoje nem enquanto eu estiver aqui — resmungou Karen.

— Vamos ver quanto tempo isso vai durar — replicou Barbara, saindo da casa e passando pelo pálido rapaz, que ficou para trás, ainda de pé à porta, sem saber o que fazer.

Ele acabou voltando para o porto seguro de seu Volvo, estacionado um pouco mais adiante na rua. Quando todos finalmente saíram, Jenny fechou a porta e voltou para a sala.

Karen estava lá, sentada no sofá e agarrada a uma das almofadas púrpura e douradas, que ela adorava, enquanto as lágrimas corriam por sua face.

— Aquele canalha estúpido! Como teve coragem de vir aqui escondido? Eu nunca ia saber, se não tivesse sido dispensada do trabalho hoje. E sabe que é bem capaz de não ter sido a primeira vez? Ele pode ter vindo aqui muitas vezes e eu não fiquei sabendo — disse ela assim que Jenny se sentou e passou o braço em volta de seus ombros. Tomada pela raiva, atirou uma almofada longe. — Por que teve que fazer isso pelas minhas costas e ainda trazendo com ele aquela branquela tonta, anoréxica, disléxica?

Apesar das lágrimas, caiu na gargalhada ao ver a cara de Jenny, que tentava disfarçar um sorriso provocado pelo modo como ela acabou de se referir a Barbara.

— Não sei por que ainda choro por causa daquele filho da mãe, mas basta por hoje. É que fiquei chocada quando entrei e os vi ali em pé — ela se endireitou, enxugou os olhos, decidida a parar de chorar.

— Não consigo acreditar que não a reconheci — disse Jenny. — Entrei e me apresentei, pensando que se tratava de uma amiga sua. Devia ter percebido quem era, quando foi tão hostil. E mal consegui me segurar quando você a arrasou, falando da lerdice dela.

— É, e você viu a cara dela? Benfeito para ela, se pensou que ia levar a melhor — completou Karen, dando uma gargalhada.

— Ninguém melhor do que você para colocá-la no lugar, Cassidy!

— Será que estavam aqui há muito tempo? — perguntou a si mesma, enxugando os olhos com o suéter. — É claro que a casa estava uma bagunça. Estava tão atrasada de manhã para meu compromisso, no centro, que nem tive tempo de lavar a louça. E ele tinha que aparecer justo hoje. Deus, preciso de um cigarro! — bufou ela.

— Foi ele que teve a cara de pau de vir aqui sem lhe avisar, não se esqueça disso.

— Sei disso, Jen. Acontece que eu não queria dar a ele mais nenhum motivo para me tirar daqui — disse ela, suspirando. — Mas John Donnelly, o advogado com quem fui me encontrar esta manhã, aceitou cuidar do caso e me defender. Você lembra que eu lhe contei que havia falado com ele sobre o assunto por telefone?

— Tinha me esquecido de que era hoje que você ia falar com ele. O que ele disse? — perguntou Jenny, interessada.

— Vou contar depois de uma xícara de chá e uns bolinhos cobertos de chocolate — Karen se levantou do sofá, pegou as compras e foi para a cozinha.

Esvaziou as sacolas, guardou tudo nos armários e encheu a chaleira de água, enquanto removia distraidamente um pedaço de macarrão que ficou grudado na parede do fogão. Chamou Jenny e disse:

— Mas você não me disse por que parecia tão nervosa ao telefone hoje cedo e por que está aqui agora e não em casa estudando, como seria de esperar.

O coração de Jenny apertou quando ela se juntou à amiga na cozinha. Quase tinha se esquecido de seus próprios problemas com toda aquela agitação. Agora que estava ali, não sabia se ia conseguir contar para Karen. Tentou fugir.

— Olhe, não foi nada. Você já teve bastante problemas por hoje. Me conte o que o advogado disse sobre a casa.

— Não comece, Jenny Hamilton. Comigo, não! Sei que há alguma coisa. Você e Mike brigaram? — Karen pegou um pedacinho de chocolate dos bolinhos e jogou-o na boca. — Vamos, me diga. Não quero perder mais tempo com baixaria. Ande logo, desembuche!

— A questão é que... — Jenny se sentou à mesa da cozinha que ainda não havia sido limpada, começou a brincar distraidamente com um torrão de açúcar e continuou — ... é que, Karen, acho que Roan Williams está de volta.

Karen imediatamente parou de arrancar chocolate de seu bolinho.

— De volta? De volta à Irlanda, de volta a Dublin, você quer dizer?

Jenny fez que sim com a cabeça, de olhos fixos na mesa à sua frente.

— Mas como sabe disso? — perguntou Karen com cuidado. — Você o viu? Teve notícias dele? O que você quer dizer com acho que ele está de volta?

Vendo a expressão de total incredulidade no rosto da amiga, Jenny continuou o relato:

— Voltou para Dublin e está trabalhando na InTech. Mike mencionou seu nome hoje de manhã. Você sabe que eles, havia tempo, procuravam alguém para cuidar de vendas e de marketing, não? Então, parece que o velho e bom Roan é esse homem.

— Mas você tem certeza? Quero dizer, como é que você sabe que é mesmo ele? Ah, merda! — disse, quando um pensamento lhe passou pela cabeça. — Mike não sabe quem é ele, sabe? Roan não contou nada a ele, contou?

— Não, não, claro que não. Não creio que Roan soubesse que Mike tem qualquer ligação comigo. De toda maneira — disse, olhando para longe, com os olhos marejados de lágrimas —, não acredito que ele tenha pensado em mim uma única vez que fosse, depois que foi embora.

— Jenny, você tem certeza de que é o mesmo Roan? Sei que é um nome pouco comum, mas deve haver em Dublin mais gente com esse nome.

— Com o mesmo sobrenome e vindo de Kildare?

— Ok, definitivamente é ele — disse, fazendo careta. Colocou a água fervente no bule de chá e mexeu. Então, olhou para Jenny e hesitou por uns segundos antes de falar. — Olhe, não quero parecer rude, mas você e Roan... bem, isso foi há muito tempo. O fato de ele voltar não devia significar muita coisa. Isso faz anos.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Jenny, e Karen viu que ela estava tremendo. Aproximou-se da amiga e pôs o braço em seus ombros para confortá-la.

— Vamos lá, Jenny! Você não é mais louca por ele, é? Agora você tem o Mike, e ele é um dos caras mais legais que você podia conhecer! Vão se casar daqui a alguns meses e...

— Não é o que você está pensando, Karen, e... sei que devia ter contado isso antes. Para ser honesta, realmente nem sei por onde começar...

— Continue — disse Karen, sentando-se ao lado de Jenny, perturbada pela forte reação da amiga ante a volta de um antigo amor.

Jenny tomou um gole grande de chá e olhou para Karen com o canto do olho. O líquido quente queimava sua garganta enquanto engolia, mas ela nem ligou.

— É que... é que... Karen, acho que estraguei tudo. Entre Roan e mim... Bem, há algo que você devia ter sabido, uma coisa que eu devia ter lhe contado há muito tempo.

4.

Quatro anos antes

Karen resmungou ao ver aquela enorme fila de pessoas sentadas nos degraus da entrada do prédio.

— Que inferno! — disse, aborrecida. — É a mesma história em qualquer lugar aonde vamos! Como é que todos conseguem chegar tão rápido?

Jenny pegou o jornal de sua bolsa e examinou os anúncios de apartamentos para alugar que elas haviam selecionado, circulados com caneta vermelha.

— Aqui diz visitas das cinco às sete, e são... — verificou as horas no relógio. — O quê? São só quatro horas! Ainda falta uma hora para que o proprietário chegue! Isso não vai dar em nada, Karen. Veja quanta gente há na nossa frente. Alguém provavelmente vai conseguir ficar com o apartamentos antes mesmo que tenhamos a chance de vê-lo.

— Mas o que podemos fazer? Temos que morar em algum lugar. Dê aqui esse jornal para eu dar outra olhada.

Jenny lhe estendeu o jornal, amassado de tanto que o leu na noite anterior. Ele era a última palavra para os caçadores de apartamentos para alugar em Dublin, especialmente em Rathmines, onde viviam no momento. Não estava sendo fácil, pensou. Já haviam esperado horas do lado de fora para ver outro imóvel em Ranelagh e, quando o locador apareceu foi só para dizer ao grupo impaciente de potenciais inquilinos que o apartamento já havia sido alugado.

Estavam perdendo tempo, e isso ainda poderia durar dias. Ela tinha que pegar o ônibus para, mais tarde, voltar para casa em Kilkenny. Parecia que Karen ainda ia ter que passar mais um tempo se acomodando no sofá do amigo Gerry, até a próxima e desafortunada sessão de caça a moradia. Elas já haviam passado pela mesma experiência na semana passada, e logo seu tempo estaria esgotado.

Sua expectativa era que ela e Karen não iam ter tanto trabalho para achar um lugar para morar. Não havia imaginado que fosse tão difícil assim. Desde que voltou da Austrália, havia algumas semanas, estava ansiosa para se instalar em Dublin.

O Departamento Pessoal do Alliance Trust Bank ficou contente com sua volta ao cargo de assistente no banco, que ela havia deixado para passar um ano na Austrália. Jenny e o namorado, Paul, acabaram ficando um ano e meio, ultrapassando a data de seu visto de trabalho. Jenny voltou para a Irlanda depois que terminaram o namoro. O banco disse que não poderia readmiti-la na filial em Kilkenny, mas ofereceu-lhe um posto numa das filiais de Dublin. Jenny não se importou; pelo contrário, a mudança era bem-vinda. Seria difícil voltar a morar e trabalhar na cidade natal, a pequena Kilkenny onde ela e Karen haviam crescido. Ficou radiante quando Karen sugeriu que fossem morar juntas em Dublin. Karen vivia com outras três pessoas, mas parecia que uma delas, Gerry, estava se mudando para ir morar com a namorada, e Karen não se dava muito bem com as outras garotas.

— Prefiro morar num iglu a ficar sozinha numa casa com essas esquisitas! Elas têm mania de limpeza. Se deixo um saquinho de chá molhado na pia, elas me fazem sentir como se tivesse cometido um pecado mortal! E, juro, os pratos sujos simplesmente desaparecem para sempre se não são lavados imediatamente após o uso — confessou ela a Jenny.

As amigas não haviam perdido o contato, e, desde que Jenny voltou, a ligação entre elas se tornou ainda mais forte. Agora que já estava ali, queria tocar sua vida nova e esquecer tudo sobre a Austrália e Paul. Começaria a trabalhar dentro de três semanas na sucursal de Dun Laoghaire do Alliance Trust, e ela esperava encontrar um lugar para morar antes disso.

Karen trabalhava como assistente administrativa da Acorn Fidelity, uma das maiores companhias de seguro da Irlanda, localizada em Rathmines, perto da Portobello Bridge. Até que ela e Jenny achassem um lugar, estava hospedada no novo apartamento de Gerry. Jenny, de início, achou a solução meio estranha, mas Karen e Tessa, namorada dele, também pareciam ser boas amigas.

— Espere um minuto, tem um que não vimos. Só traz o número de telefone, mas deve ficar aqui perto. Veja, o prefixo é 496. É um número de Rathmines, não é? — disse Karen.

— Há um telefone público no final da rua. Vamos ligar para verificar? Não ha por que ficarmos aqui — disse Jenny, olhando para trás e vendo o crescente numero de pessoas de expressões carregadas, todas carregando o tal jornal decisivo”. O telefone estava desocupado, e Jenny ia ditando os números enquanto Karen, ansiosa, discava.

— Alô, gostaria de obter informações sobre o apartamento anunciado no jornal... — Karen fez uma pausa. — Ah é? Leinster Square? Sim, sei onde é — acenou positivamente para a amiga.

Jenny sentiu uma onda positiva. Parecia tudo certo.

— Estaremos aí daqui a pouco. MUITÍSSIMO obrigada! — Karen desligou e comentou: — Adivinhe! É em Rathnaines e saiu hoje no jornal por engano. Como ainda não está pronto, pois está em reforma, o proprietário só vai mostrá-lo a partir da semana que vem, mas ele está lá agora e disse que, se chegarmos em quinze minutos, poderemos vê-lo.

Pegaram um táxi e em cinco minutos estavam do lado de fora do prédio na Leinster Square. Karen tocou a campainha e esperou, ansiosa.

— A aparência não é de todo ruim, e o fato de estar em reforma é um bom sinal — disse Jenny, observando as jardineiras recém-semeadas e bem cuidadas nas laterais da entrada.

Impaciente, Karen apertou a campainha de novo e havia acabado de tirar o dedo do botão quando um homem grande e pesado abriu a porta com um sorriso.

— Olá, você é a moça com quem falei ao telefone agora há pouco, não é?

— Isso mesmo — disse ela vivamente.

Pelo menos ele era amigável, o que já fazia diferença em relação aos proprietários anteriores, todos indivíduos mal-humorados e nada amistosos. Karen tentou, da melhor maneira possível, manter alguma conversa com alguns deles, e tudo o que conseguiu, quando teve sorte, foram alguns grunhidos estranhos como resposta. Esse homem, no entanto, com cabelo fininho e olhos azuis incrivelmente brilhantes, tinha uma cara simpática.

— Vocês têm sotaque do interior, não? — disse de enquanto atravessavam o corredor e subiam as escadas.

— Temos, sim. Sou Karen e esta é Jenny. Somos da região de Kilkenny.

— Ah, com certeza vocês nem imaginam, mas somos praticamente vizinhos! Sou de Waterford, que fica ali perto.

O proprietário abriu a porta azul-escura no último andar do prédio.

— Este é o apartamento. Como vocês podem ver, a mobília está toda fora de lugar, por causa da pintura, mas dá para vocês terem uma ideia geral. Um dos quartos fica ali e o outro, ao lado do banheiro. Podem olhar, fiquem à vontade — disse ele, indo na direção das escadas e deixando as garotas sozinhas na sala de estar. Elas se entreolharam, empolgadas.

— Karen, este é mil vezes melhor do que tudo o que a gente viu até agora, e cada uma terá seu quarto! Pensei que teríamos que dividir um — Jenny entrou no banheiro, limpinho, todo de brilhantes azulejos verdes e azuis.

— Ele é bem cuidado, não é? — disse Karen, abrindo os armários da cozinha e examinando a bancada da pia. A cozinha e a sala formavam um só ambiente, mas havia bastante espaço.

— Acho que devemos ficar com ele. O aluguel está um pouco acima do nosso orçamento, mas tenho certeza de que vamos conseguir resolver isso. O que você acha? — Jenny perguntou, sentindo-se meio culpada. Talvez Karen ficasse mais feliz compartilhando um quarto, se o aluguel fosse mais barato. Antes, em Sidney, na Austrália, Jenny dividiu um cubículo com outras três garotas, e tudo o que ela queria agora era ter alguma privacidade.

— Claro que devemos ficar com ele! Vou descer e perguntar quando a gente pode se mudar — disse Karen, rindo de satisfação.

— Fantástico! — concordou Jenny, batendo palmas, esfuziante de alegria, enquanto passeava o olhar pela sala de estar lá ser maravilhoso morar ali. Poderiam colocar umas plantas e talvez um tapete no meio da sala. Aquele quadro de Ayers

Rock* que ela trouxe da Austrália ficaria perfeito na parede maior, e ela poderia decorar o ambiente com outras bugigangas que guardava de suas viagens.

Karen e o proprietário voltaram para a sala.

— Vocês podem se mudar na próxima semana, se concordarem. Ainda é preciso pintar algumas partes dos quartos, mas creio que tudo estará pronto no fim de semana. Também vou colocar um carpete novo no quarto da frente, assim, tudo deverá estar limpo e em ordem quando se mudarem — disse o proprietário, cujo nome era Frank.

— Estamos muitíssimo agradecidas por ter nos dado a preferência e mostrado o imóvel em primeira mão. Está tão difícil achar um lugar decente ultimamente — disse Karen.

— Bem, para ser honesto, também estou feliz por ter encontrado duas moças bacanas como vocês para ficar com ele. Os últimos moradores, um bando de rapazes, arruinaram todo o apartamento. Mas não eram maus sujeitos. Faz alguns anos que um grupo de amigos vive no andar de baixo e eles nunca me deram o menor problema — acrescentou ele.

As duas pagaram um adiantamento e combinaram de pegar as chaves com Frank na semana seguinte.

— É um apartamento muito legal, não é? — disse Jenny, radiante, quando saíram do prédio.

— Perfeito! — concordou Karen. E é tão perto de tudo! O shopping é do outro lado da rua, estamos a poucos minutos a pé de onde trabalho e, por sinal, é para aquele lado que vamos agora tomar uma cerveja e comemorar!

De braços dados, lá foram as duas pela Rathmines Road, cheias de alegria.

— E você nunca pensou em ir morar com Shane? — perguntou Jenny, quando já estavam confortavelmente sentadas no pub. Esperava que Karen não se arrependesse de dividir com ela o apartamento, em vez de ir morar com ele, com quem namorava há onze meses.

— Isso nunca foi problema entre nós — disse Karen, levantando os ombros. — Shane está bastante satisfeito dividindo o apartamento com um pessoal, numa rua próxima daqui, na Rathgar, e, de qualquer maneira, acho que a gente acabaria se matando. Infelizmente, Shane é aquele tipo de pessoa que lava sua xícara assim que bebe a última gota de chá. Então, você pode imaginar como seria nós dois vivendo juntos. Mas por que perguntou isso?

— Estava com medo de que você se arrependesse de ter me convidado tão rápido. Além de tudo, poderia ser só um impulso.

— Imagine! Fiquei radiante quando você me contou que estava vindo trabalhar em Dublin. Foi uma sincronia perfeita. Graças a Deus, Gerry e Tessa me deixaram ficar com eles até que achássemos um lugar só nosso. Vou lhe perguntar uma coisa. — De repente, arregalou os olhos de excitação. — Por que você não fica com a gente esta noite, em vez de pegar o ônibus de volta para casa?

— Mas eu não posso... — começou ela.

— Claro que pode. Eles não vão se importar nem um pouco. — Karen estava se sentindo especialmente generosa depois da terceira cerveja. — Tessa me disse muitas vezes que você devia ter ficado lá, em vez de fazer toda a viagem de volta. Não tem problema, você só teria que dormir no sofá. Eles vão adorar. E, além do mais, ela está doida para conhecer você.

* Enorme formação rochosa, maior atração turística do deserto da Austrália. (N. T.)

— Tem certeza de que vai estar tudo bem mesmo? — perguntou Jenny, desfrutando os drinques e a excitação de ter achado o apartamento. Ela realmente não queria pensar na viagem de volta a Kilkenny. E estava ansiosa para comemorar o início de sua nova vida em Rathmines.

— Não terá nenhum problema, prometo. — Karen consultou o relógio e disse: — Tessa é enfermeira, e seu turno termina ao meio-dia esta semana, então, já deve estar em casa.

Tessa estava em casa quando as duas chegaram, e Jenny soube que ia gostar dela assim que viu seu amável sorriso de boas-vindas àquele apartamento arrumado e aconchegante. Além de tudo, era a pessoa mais esbelta que já havia visto depois de Kate Moss. Usava calça de brim azul e um top rosa-shocking tão pequeno que só poderia ter sido comprado numa loja de roupas infantis. Descalça e pequena, não devia ter mais de um metro e meio, parecendo um arbusto delicado perto de um enorme carvalho — Jenny.

— Entrem e sentem-se. Como vai, Jenny? Que bom finalmente conhecer você! Desculpe meus trajes. Karen, por que não me disse que ia trazer Jenny? — disse Tessa com seu sotaque típico do oeste da Irlanda. — Teria me trocado para não parecer relaxada — disse ela, ruborizada, passando rapidamente a mão pelo cabelo curto e louro.

Jenny sorriu. Para ela, alguém como Tessa nunca pareceria nada que não fosse, sem nenhum esforço, urna pessoa de estilo. E a genuína simplicidade de Tessa fez que Jenny gostasse ainda mais dela.

— Espero que você não se incomode por eu ter aparecido assim de repente em sua porta — desculpou-se Jenny.

— De jeito nenhum. Disse inúmeras vezes a Karen que não a deixasse ir para casa, que podia ficar aqui quando quisesse, que a fizesse mudar de ideia. E depois de ter convivido com essa aí durante as últimas semanas — disse Tessa piscando para Jenny —, acredito que posso hospedar qualquer pessoa.

Karen pôs as mãos na cintura, fingindo indignação:

— Bem bonito isso, né? Pois bem, Tessa, se pensa assim, vou comer sozinha o chocolate que comprei para você.

— Que delícia! Passe para cá, é meu predileto — exclamou Tessa.

— E sabe o que mais? Achemos um apartamento, por isso logo estarei longe dos seus olhos, e o Gerry vai ficar todinho só para você — acrescentou Karen, levando a mão às costas para esconder o chocolate.

— Vocês acharam um lugar? Que ótimo! Onde? Como ele é? Vou pôr a chaleira para ferver, e vocês duas vão me contar tudo.

As duas seguiram Tessa até a pequena e limpa cozinha, à direita da sala de estar.

— Jenny, não repare no estado da cozinha, não é sempre assim, estava terminando de preparar o jantar.

— Passei quase dois anos vivendo em albergues entulhados e apartamentos lotados — disse Jenny, rindo. — Pode acreditar que isto aqui parece um palácio.

— É verdade, você esteve na Austrália. O que achou? Eu gostaria de conhecer, mas Gerry não tem interesse.

— Não tem interesse em quê? — disse uma voz profunda vinda da porta de entrada.

Jenny levantou os olhos e viu um homem alto entrando na cozinha. Ele foi até onde estava Tessa e deu-lhe um beijo no rosto. Jenny suspirou. Como era bonito! Com aquele cabelo claro e a pele bronzeada, tinha um ar de Brad Pitt, só que parecia milhões

de vezes mais elegante, vestindo um terno azul-marinho, gravata turquesa e óculos com armação de tartaruga.

— Oi, Gerry, nem ouvi você chegar. Esta é Jenny, ela e Karen encontraram um apartamento hoje.

— Ah, então você é a desafortunada que vai aguentar a senhorita Cassidy. Espero que saiba onde está se metendo — disse, rindo abertamente e estendendo a mão para ela.

— Tenho uma boa ideia. Conheço esta garota desde que usávamos fraldas — respondeu Jenny, olhando de lado para Karen.

— Então já sabe que vai perder seu tempo tentando manter a casa arrumada enquanto o ciclone Cassidy estiver por perto — caçoou ele.

Karen fez uma careta, mas não tinha nenhum argumento, por isso mudou de assunto e perguntou a Tessa o que havia para o jantar.

— Galinha ensopada — disse Gerry, antes que Tessa pudesse responder, virando os olhos para Jenny disse: — Você pode ter andado por toda a Austrália, mas garanto que nunca comeu nada parecido.

— Não ligue para ele. Esta galinha é na verdade minha especialidade: com caldo cremoso e tagliatelle com cogumelos. Claro, este homenzarrão do norte de Dublin cresceu comendo repolho com batatas e não foi acostumado a comer “pratos estranhos” — Tessa retrucou, tentando de brincadeira bater nele com um pano de cozinha.

— Quer dizer que a selvagem Cork alimenta seu povo com comida italiana, é isso? — devolveu Gerry.

Dessa vez Tessa atingiu-lhe em cheio o nariz, e Gerry se encolheu de dor e foi meio que ganindo para a saída de estar.

Tessa pôs as mãos na cintura e disse:

— Isso vai mantê-lo fora de combate pelo menos por enquanto. Agora, Jenny, você podia arrumar a mesa e Karen, abrir aquela garrafa de vinho. Espero que ele possa disfarçar o gosto do jantar.

Jenny sorriu, enquanto Tessa apontava para a gaveta dos talheres. A julgar pelos amigos de Karen, a vida em Dublin devia ser muito interessante.

NA SEMANA SEGUINTE, as garotas pegaram as chaves com o proprietário, e a mãe de Jenny ajudou na mudança.

— Agora, lembre-se de uma coisa, senhorita, você teve muita sorte de ter sido readmitida pelo banco. Deram-lhe uma segunda chance, por isso faça o melhor que puder e veja se não vai ficar batendo perna por aí todas as noites disse a senhora Eileen Hamilton em tom de sermão.

— Mãe, tenho vinte e oito anos e não sou burra. Obviamente, não vamos sair toda noite, só quase todas — disse Jenny, rindo, com os olhos azuis brilhando por causa da brincadeira.

— Não se preocupe, senhora Hamilton. Vou mantê-la com os pés no chão. Vai dar tudo certo. Tomarei conta dela — sussurrou Karen, dando uma piscadela quase imperceptível para Jenny.

— Sei, Karen. Fico feliz por ser com você que ela vai morar. Você sempre conseguiu mantê-la nos eixos. Ela é um tanto inquieta, para não dizer mais.

— Mãe, não sou criança! Tenho um pouco de juízo, você sabe! — disse Jenny, aborrecida.

— Sei que tem, querida. Foi por isso que você deixou um excelente emprego para ir se aventurar na Austrália com aquele tal Lyons — disse num tom de desaprovção.

Jenny olhou para Karen e revirou os olhos em sinal de frustração. Karen sorriu para a amiga, mas sentiu uma pontada de amargura. Pelo menos Jenny podia dizer que os pais se importavam com ela. Os seus, Clara e Jonathan, moravam em Tenerife e lá tinham seus negócios, organizando campeonatos de golfe. Mantinham sua casa em Kilkenny, mas raramente voltavam para a Irlanda. Karen só os via quando ia visitá-los em sua vila no Natal e talvez mais uma ou duas vezes durante o verão. Como filha única e vivendo só e por conta própria em Dublin, fazia muito tempo que os pais haviam se liberado de suas obrigações em relação a ela.

— Você vai querer tomar banho antes de sairmos? — perguntou Karen, enquanto escovava seu longo cabelo escuro na frente do espelho acima da lareira

A mãe de Jenny foi embora algumas horas depois. E a maioria dos pertences delas já estava em ordem.

— Você quer sair hoje à noite? — perguntou Jenny, distraída. Ela estava assistindo a um episódio hilariante de uma série de TV.

— É nossa primeira noite aqui, e Shane vai chegar daqui a pouco. Vamos Sair para comemorar.

— Então vamos! — Jenny deu um pulo do sofá e foi para seu quarto.

Meia hora depois, Shane chegou, pontualmente.

— Muito legal. Bastante espaçoso aqui, não? — disse ele, olhando em volta da confortável sala, que elas pensavam decorar nos próximos dias.

Ele se sentou no sofá de três lugares, com descanso para os braços, em frente à lareira. Um grande balcão dividia a cozinha do resto da sala. O proprietário colocou alguns utensílios, e as garotas tinham agora uma geladeira novinha e uma chaleira de prata cromada. Uma fileira de armários de fórmica foi fixada na parede acima do fogão.

— Essas lembranças devem ser da Austrália, não? — Shane apontou para a placa Kangaroos Crossing — Next 200 km* pendurada na parede e a gravura de Ayers Rock.

— Jenny adora esse quadro — disse Karen em resposta —, lembra seus últimos dias na Austrália. Ela já saiu do banho, daqui a pouco estará pronta.

— Estou ansioso para conhecê-la... — disse Shane, franzindo a testa e perguntando: — Que barulho é esse?

— São músicas de um CD de disco que Jenny gosta de ouvir quando está se arrumando para sair — disse Karen, rindo.

— Oh, não, mais uma disco frenética. Aposto como ela e Tessa se dariam muito bem — disse Shane, revirando os olhos.

— Ela também é fã do Joe Dolan, que Tessa adora. As duas estão fazendo de tudo para que possamos ir a um show dele na próxima vez que ele vier

Dublin — Tessa era fã fanática do cantor irlandês e de sua banda e nunca perdia uma oportunidade de vê-los tocar, o que era um verdadeiro suplício para namorado.

Karen, diante do espelho, terminando de passar batom.

— Você está linda! — disse Shane em tom de aprovação, só então reparando em Karen. Ela estava de calça de couro preta com uma blusa vermelho-escura recortada na gola. Brincos de argola de prata completavam o traje e, em contraste com o cabelo escuro, que ia até os ombros, o efeito era casual, mas sexy.

— Vamos dançar esta noite? — Shane a provocou, puxando-a para si.

— Espero que sim — disse Karen, beijando-o de leve. — Acho que Jenny tem expectativas para o primeiro sábado à noite em Dublin.

* “Cangurus atravessando a estrada nos próximos 200 km”, aviso muito comum nas estradas da Austrália. (N. T.)

— Falando do diabo — disse Shane, assim que Jenny entrou na sala.

Ela usava uma roupa que fez Karen se sentir mal-arrumada e sem graça.

Jenny tinha as tranças loiras presas no alto da cabeça e umas poucas mechas cacheadas emolduravam o rosto especialmente lindo, realçando os lábios e os grandes olhos amendoados. Vestia uma camiseta púrpura, cuja frente entrelaçava tecidos cereja-escuro e dourados, por cima de uma calça de veludo preto. Longos brincos de ouro pendiam de suas orelhas de modo atraente. Karen achou que a amiga estava sensacional, exótica, mas natural. Jenny tinha uma maneira especial de combinar as roupas que fazia as pessoas a olhar uma segunda vez.

— Como vai, Jen? — disse o rapaz, estendendo-lhe a mão. — Sou Shane Quinn, aquela coisa bonita sobre a qual Karen deve ter-lhe falado.

— Prazer em conhecê-lo — respondeu Jenny, rindo enquanto se cumprimentavam. Estava claro que Shane era uma pessoa legal, mas estava longe de ser um rapaz bonito. Usando calça larga, com bolsos grandes e um jaleco de rúgbi, sua figura desengonçada parecia uma torre se elevando acima de Karen, e seu cabelo escuro era bem curto para deliberadamente ocultar uma leve queda de cabelo em sua testa.

Mas Jenny podia entender por que Karen ficou atraída por ele. Por alguma razão, as sardas distribuídas por seu rosto, os profundos olhos verdes e um sorriso malicioso davam-lhe uma aparência irresistível.

A noite foi ótima. Karen, Jenny e Shane se encontraram com Tessa e Gerry no Rody Boland's. Aidan, amigo e colega de apartamento de Shane, se juntou a eles mais tarde. Karen estava com receio de que Jenny achasse o grupo um tanto desanimado, mas ela conversou com todo mundo e conquistou a todos com sua animada e contagiante conversa. Era bom ver Jenny saindo de novo e se divertindo. Sua autoconfiança certamente devia ser submetida a uma recarga de bateria após o rompimento com Paul.

Karen descobriu, quase por acaso, qual havia sido o motivo do rompimento. Jenny mal falou sobre isso depois que voltou e, considerando que eles ficaram juntos por um bom tempo, Karen tinha uma curiosidade natural para saber o que aconteceu. Ela mencionou o fato, de passagem, certa tarde, e Jenny foi bem franca.

— Ele queria ficar, e eu, vir embora; simples assim — disse. — Tivemos um grande desentendimento numa viagem a Cairns, e decidi ir para Sidney antes de voltar para casa.

— A Tasha não visitou vocês em Cairns? — perguntou Karen, referindo-se a uma amiga em comum de sua cidade que se encontrou com Jenny no início daquele mesmo ano.

Jenny fez que sim, sem comentários.

— Então ela voltou com você para Sidney?

— Não, ela ficou com Paul — respondeu ela tranquilamente.

— O quê? Por que ela ficaria com Paul?

— Disse que ela ficou com Paul — repetiu Jenny.

Karen se endireitou na cadeira ao comentar:

— Que safada! Estava estranhando nunca mais ter ouvido falar dela! Quem ela pensa que é? E Paul Lyons! Acho melhor que nem chegue perto, porque ele vai virar só metade de um homem quando eu acabar com ele!

— Obrigada, mas está tudo bem — disse Jenny, rindo abertamente vendo a reação da amiga. — Realmente não me importo, de verdade. Paul e eu já não estávamos bem havia muito tempo, e Tasha foi a gota d'água, como se diz. De qualquer maneira, foi isso que me incentivou a não ficar mais à deriva, e assim voltei para meu emprego em Dublin, pensando em meu futuro, como diria minha mãe.

— Então não está aborrecida com o que houve com Paul e tudo o mais?

— Não. De qualquer maneira, fui consultar minha cartomante logo depois que voltei para casa, sabe como é, para ver o que a vida me reservava naquele momento e tudo o mais. Karen, ela foi incrível! Sabia do nosso rompimento, que eu havia morado um tempo fora e...

— Deixe-me adivinhar. Ela disse que você teve uma experiência desagradável recentemente, mas que as coisas iam melhorar e você ia viajar — disse Karen ironicamente. Ela nunca entenderia como Jenny, uma moça supostamente inteligente, de vinte e tantos anos, era sempre tão crédula quando ia a essas cartomantes. Toda vez era a mesma coisa. Ao longo dos anos, essa cartomante previu como Jenny ia se sair nos exames da escola, as doenças da mãe, a gravidez da Lucy, sua cachorrinha. O fato de essa cartomante viver na mesma cidade e sempre saber como Jenny ia nos estudos, a mãe viver fazendo comentários em todo lugar sobre sua saúde, que Lucy (uma King Charles com pedigree) havia fugido da casa dos Hamilton num fim de semana, nada disso havia sido suficiente para abalar a alta consideração que Jenny tinha das “previsões” dessa tal senhora Crowley.

— Não é assim, desta vez ela foi muito precisa — disse Jenny, fazendo uma careta.

— Jenny, ela sabia que você havia partido com Paul e que voltou sem ele. Não precisa ser um gênio para juntar as duas coisas e chegar a uma “surpreendente revelação”.

— Karen, você pode ser naturalmente irônica e ter uma natureza desconfiada, mas isso não significa que outras pessoas não devam acreditar nela — disse Jenny de mau humor, cruzando os braços na frente do corpo.

Karen suspirou e levantou as mãos em sinal de derrota.

— Está bem. Fale-me então das impressionantes previsões de Madame Crowley.

— Tudo bem, ela não foi tão específica, mas...

Há uma surpresa, pensou Karen.

— Ela me disse que encontrarei alguém especial, antes do final do ano, que a cor do cabelo dele é igual à do meu. Não é incrível, Karen? Ela disse que é o Único.

— É mesmo? — disse Karen com voz arrastada.

— Foi exatamente assim que ela disse. Ah, disse que vou conhecê-lo depois de um período de falta de atenção e que teremos momentos de tormenta durante o relacionamento, mas que seremos capazes de vencer qualquer impedimento, que nada nos separará.

Karen nada podia fazer senão conter o riso.

— Pense um pouco, Karen. E se isso realmente acontecer? — perguntou Jenny arregalando os olhos em sinal de contentamento. — E se ele estiver aqui agora em Dublin? E, como o final do ano está próximo, devo estar prestes a conhecê-lo!

5.

— ESTÁ NERVOSA? — perguntou Karen, vendo a tentativa de Jenny de pôr seus cachos atrás da orelha pela décima vez naquela manhã. Tinha que admitir — a amiga estava muito bonita, com aquele casaco vinho combinando com uma saia longa, num tom vivo, que destacava magnificamente seus traços.

— Acho que um pouco — disse Jenny, resolvendo afinal prender o cabelo. Franziu a testa enquanto refletia. — Não sei., não estou meio desarrumada? Ah!, devia ter feito o cabelo.

— Já se deu conta de que as mulheres no mundo todo dariam uma fortuna para ter o cabelo como o seu? — disse Karen rindo, com a boca cheia de cornflakes. — Falando sério, Jenny, nunca a vi assim. Linda essa roupa; esse ar de executiva é a sua cara, sabe disso.

Então devia ser, pensou Jenny. Tinha lhe custado uma verdadeira fortuna. Apesar de estar parecendo, ela certamente não estava se sentindo profissional. O frio na barriga logo se tornaria uma gastrite. Gostaria que aquele primeiro dia já tivesse passado e que, por felicidade, as coisas viessem a ser mais fáceis. Jenny sabia que a filial de Dun Laoghaire do Alliance Trust Bank era muito grande e exigia bastante trabalho. Esperava que os futuros colegas não estivessem muito ocupados para conhecer o mais novo membro da equipe. Respirou fundo.

— Estou indo! Deseje-me sorte.

Karen se levantou da poltrona e deu-lhe um abraço animador.

— Você se sairá bem, Jenny. Esse trabalho não é algo novo para você, e estou certa de que, assim que começar, se lembrará de tudo. Você já trabalhou algum tempo num banco em Sydney, não é?

— Sim, claro, mas só queria muito que esse primeiro dia já tivesse passado, para ter certeza de que tudo dará certo. — Pegou a bolsa e deu uma última olhada no espelho, antes de sair para pegar o ônibus até o centro da cidade. De lá pegaria um trem para Dun Laoghaire.

Karen deixou o apartamento cerca de vinte minutos depois e iniciou a curta caminhada até o edifício da Acorn Fidelity.

Fechou o casaco, segurando-o firme diante do corpo, enquanto a brisa gelada da manhã a castigava. Era início de setembro, mas Karen já sentia que o tempo estava ficando mais frio a cada dia. Logo precisaria começar a ir para o trabalho de ônibus. Isso teria provocado risos em Shane. Ele trabalhava na Viking Engineering, uma construtora situada na região norte, e tinha que tomar dois ônibus para chegar ao trabalho, enquanto a Acorn Fidelity era perto da casa dela. Queria que ele apressasse a compra daquele carro de que vivia falando. Seria muito mais fácil chegar aos arredores de Dublin, mas talvez não, pensou Karen, lembrando-se do impiedoso tráfego urbano.

Karen pegou o cartão de identificação, que lhe dava acesso ao edifício, e atravessou a luxuosa recepção da Acorn Fidelity.

Pamela, a recepcionista, parou-a a meio caminho, dizendo:

— Catherine Mitchell não veio hoje, está doente. Ela ia fazer três entrevistas esta manhã, portanto você vai ter que fazê-las. A primeira já está aguardando em frente de seu escritório.

Ótimo, pensou Karen. Um pouco demais para uma simples manhã de segunda-feira no escritório.

Ela não deveria ter que atender as candidatas da Gerente de Recursos Humanos; tinha suficiente trabalho para fazer, e aquelas entrevistas deveriam ter sido remanejadas. Mas, obviamente, a Pequena Miss Eficiência tinha arranjado tudo. Ela e Pamela haviam se detestado desde o primeiro dia de Karen na Acorn Fidelity três anos antes, e sem nenhuma razão aparente. Catherine Mitchell, a chefe de Karen, dava a isso o nome de “típico choque de duas personalidades semelhantes”.

Karen discordava.

— Ótimo — disse a Pamela, sem mais palavra. — Algo mais, enquanto esteve por aqui?

— Ora, na verdade, sim — disse a outra, sorrindo, satisfeita com a irritação de Karen. — Tenho oito mensagens telefônicas para você e outras treze para Catherine. Suponho que você pode cuidar disso quando terminar as entrevistas, não?

— Sim — disse Karen entre os dentes —, acho que posso.

MAIS TARDE, de volta ao apartamento, Jenny, da porta, pôs-se a gritar com tal ímpeto que Karen olhou para ela espantada.

— Que bando de filhos da puta! — disse ela, jogando as chaves na mesa.

Raramente Jenny falava palavrão, por isso Karen deduziu que aquele havia sido um primeiro dia particularmente ruim.

— O que aconteceu? — perguntou, notando a péssima aparência da amiga. — Você está horrível!

Jenny estava ensopada de suor, seu cabelo se soltara, e os cachos estavam revoltos em sua testa. Ela estava completamente diferente da profissional supostamente tranquila que saiu dali no início daquela manhã.

— Ela acaba de ser assaltada.

Foi só então que Karen notou o rapaz atraente, de ombros largos, em pé atrás de Jenny. Ele usava um terno escuro, risca de giz, e trazia pendurado no ombro esquerdo uma pasta para laptop. Tinha cabelo escuro, bem curto, e os olhos também eram escuros, num tom forte de marrom achocolatado — contrastando com a pele cor de mel. Havia uma insinuação de barba em seu queixo — para Karen, ele parecia o tipo de homem que estava sempre com a barba por fazer, mesmo se barbeando frequentemente.

— Ela desceu do ônibus em frente ao shopping center, quando uns bandidos agarraram sua bolsa e saíram correndo — disse aquele homem bonito. — Vi quando aconteceu, e nós dois corremos atrás deles, mas era muito tarde. Quase os apanhei, porém eles se esconderam nuns prédios da rua; ela está muito zangada — disse isso dirigindo a Jenny um olhar preocupado.

— Jen, pobrezinha! — disse Karen, refletindo no que o rapaz dissera. — Eles levaram muito dinheiro? Você cancelou os cartões de crédito?

— Não tinha nenhum cartão comigo nem muito dinheiro. Apenas aquele novo batom cereja. Comprei-o na semana passada. Você sabe qual, aquele que supostamente dura anos, como se a gente pudesse não fazer nada a não ser ficar tomando cafezinho o dia inteiro. Bem, ele estava em minha bolsa e me custou uma fortuna — e acrescentou de cara fechada: —, como minha bolsa.

— Venha, sente-se aqui no sofá e relaxe. Vocês querem chá? Está fresquinho. Acabei de preparar um bule.

Ambos aceitaram, e Karen lhes serviu um chá forte. Ao oferecer a xícara, balançou a cabeça, aborrecida, dizendo:

— Talvez vocês devessem ter chamado a polícia. Quem sabe ela talvez tivesse conseguido recuperar a bolsa.

— Provavelmente isso teria sido perda de tempo — disse Jenny, desanimada. — A polícia não ia poder fazer nada. Tenho certeza de que isso acontece a todo instante, e nem havia muita coisa na bolsa. Eles realmente não iam se importar.

O estranho concordou:

— Também duvido que fossem dar importância a um batom.

Jenny olhou para ele com um sorriso tímido.

— Mas eles não devem deixar que isso continue acontecendo! — exclamou Karen, de mãos na cintura. — É uma desgraça! Vou lhes dizer uma coisa... se eu chegasse perto de um deles...

— Calma, Karen — disse Jenny, interrompendo-a. — Não há por que se zangar. Pelo menos não me enfiaram uma faca nem me fizeram nada... foi só uma bolsa. Acho que o pior de tudo foi o choque. — Tomou então um gole do chá e subitamente se

lembrou de seus modos: — Oh!, sinto muito, me esqueci de apresentá-los — disse atabalhoadamente, balançando um braço no ar: — Karen, este é Roan Williams. Sir Galahad* disfarçado.

Roan olhou-a com um sorriso claro e brilhante, e, enquanto se apertavam as mãos Karen notou que seus dentes da frente eram ligeiramente desalinhados.

Jenny olhou para Roan, dizendo com suavidade:

— Agradeço muitíssimo sua ajuda. Não precisava, de jeito nenhum, ter-se envolvido.

— Claro que tinha que me envolver — discordou ele, sorrindo. — Acho terrível isso, mas parece que ninguém mais chega a piscar um olho quando essas coisas acontecem.

Karen, interessada, só observava o clima entre os dois. Era óbvio que, fosse ou não seu salvador, a amiga estava encantada com o rapaz.

Roan tomou um gole do chá e, olhando ao redor da sala, disse:

— É um belo apartamento, muito mais bonito do que o meu.

— E onde fica? — Karen perguntou, em benefício de Jenny.

— Próximo do canal, perto de Ranelagh. Divido um apartamento com três homens, que dizem ter vindo de algum lugar de Monaghan, mas que, pelo jeito como se comportam, se poderia pensar que vieram de algum reduto de orangotangos do zoológico de Dublin. Na semana passada, encontrei sob uma das poltronas um prato de algo que parecia ser espaguete à bolonhesa. Poderia afirmar que devia estar lá há semanas.

— Estou tentando identificar a origem de seu sotaque — disse Jenny com ar pensativo. — Você não é de Dublin, é?

— Não — respondeu Roan, rindo —, mas você chegou perto. Sou na verdade de Kildare, mas faz algum tempo que moro aqui, onde estudo e trabalho — disse, apontando para o laptop próximo de seus pés.

— Roan, quer mais chá? — Karen perguntou, pondo mais água na chaleira.

— Não, obrigado. Eu estava indo comprar algo para comer quando fui desviado de minha rota por esta donzela em perigo. — E, voltando-se para Jenny: — Tem certeza de que está tudo bem?

Jenny levantou para ele os olhos bem maquiados e disse:

— Estou ótima. Acima de tudo, foi o choque que mais assustou. Se estivesse mais atenta, eu... — interrompeu-se, como se subitamente houvesse se lembrado de algo — se eu estivesse mais atenta, teria segurado minha bolsa com mais força, o que evitaria que essa fosse a primeira coisa a acontecer. Obrigada mais uma vez. Gostei de sua ajuda.

— Espero que possamos nos ver de novo.

Quando Jenny se certificou de que ele já estava longe, na rua, deixou escapar um grito de excitação.

— Karen, deve ser ele! — gritou, batendo palmas de alegria. — Deve ser o rapaz que a cartomante previu. Lembra que supostamente o encontro deveria acontecer depois de um “momento de falta de atenção”? Bem, eu estava preocupada em descer do ônibus, quando fui assaltada e ele veio me ajudar. Foi assim que nos conhecemos.

* Cavaleiro da Távola Redonda, da lenda do rei Arthur. (N. T.)

— Jenny, por favor, não me diga que você realmente bobagem — disse Karen, sem dissimular o ceticismo. — De todo modo, achei que a cor do cabelo deveria ser mais parecida com a do seu. Já o cabelo desse aí era mais escuro que o terno de um empresário!

— Bem, ela não pode acertar tudo — disse Jenny, irritada. — Seja como for, poderia ser da cor do meu, afinal, se eu decidisse pintar meu cabelo, não?

— Jenny Hamilton, você é simplesmente incorrigível — disse Karen com um sorriso e balançando a cabeça. — Você não pode sair por aí tentando fazer que essa dita previsão combine com cada homem que encontrar daqui até o Natal. Não é assim que as coisas acontecem.

— Veremos — disse Jenny confiante—, mas uma garota pode sonhar e achar que, se o destino juntou os dois num dia, certamente poderá fazer que voltem a se encontrar de novo. Afinal, não trocamos número de telefone nem nada. E Karen, até você tem de admitir que ele é o máximo!

Karen pegou uma faca e começou a cortar uma cenoura em rodela finas. Ele podia ser o máximo, pensou ela, preocupada, mas será que se poderia confiar num homem que parecia tão perfeito?

NA QUINTA-FEIRA SEGUINTE, o Boland estava lotado. Jenny viu Gerry acenando do fundo do pub, e ela e Karen abriram caminho em meio à multidão para chegar até ele.

— Olá, Jen! — disse Tessa, sugerindo que Jenny se sentasse à sua frente. — Shane estava nos contando o que aconteceu com você outro dia. Como está se sentindo agora?

— Não tão mal, mas levei um choque quando aconteceu. Felizmente não levaram muita coisa — disse Jenny um tanto pesarosa. Tirando o casaco, cumprimentou as outras pessoas.

— Os crápulas! — exclamou Tessa. — Você lá, voltando para casa depois do primeiro dia de trabalho, e de repente aparece um bando de vagabundos e assalta. Você deve ter ficado passada!

— Você chamou a polícia? — perguntou Gerry.

— Registreí queixa, mas acho que isso não vai fazer a menor diferença.

Com um movimento de cabeça, agradeceu a Karen quando ela lhe passou uma garrafa de cerveja.

— Contou sobre seu cavaleiro armado? — perguntou Karen, sorrindo.

Jenny riu e, excitada, relatou a Tessa as circunstâncias de seu encontro com Roan.

— É o homem mais seguro que já vi fora da televisão — disse.

— Será que vai encontrá-lo de novo? — perguntou Tessa, virando um pouco a cadeira para ter uma boa visão da televisão, presa na parede. — Pessoal, jogo começou!

— Quem está jogando? — perguntou Karen, olhando para a tela.

Exasperado, Shane bateu a mão na cabeça, dizendo:

— Quem está jogando? Karen, você está vendo aqueles rapazes de camisa verde e shorts branco correndo? Acredite ou não, é realmente o time de futebol irlandês.

— Ah!, bom para eles — disse Karen, dando de ombros, desinteressada, voltando para sua cerveja.

— Jenny, e como está indo no trabalho? — perguntou Tessa, mantendo um olho na TV. — Voltou a trabalhar numa boa?

— Foi ótima a volta. Na verdade, muito melhor do que esperava. No primeiro dia no Alliance Trust, em Dun Laoghaire, Marion, a gerente de Recursos Humanos, lhe havia dito que nas semanas iniciais ela deveria refamiliarizar-se com a rotina do banco, trabalhando no setor de contas, no piso principal. Foi ali que conheceu Olivia, a simpática e tranquila assistente da gerência da filial. Olivia tomou Jenny sob seus cuidados e apresentou-a aos demais membros da equipe, preparando-a para suas diversas idiossincrasias. Até então Jenny havia achado a maioria dos colegas pessoas agradáveis, comunicativas e interessadas em ouvi-la contar suas experiências na Austrália — não que ela tivesse intenção de aborrecê-las com isso.

Gerry trouxe nova rodada de bebida e alguns sacos de salgadinhos, que distribuiu pela mesa. Karen suspirou, sabendo que não conseguiria resistir abrir um deles, dizendo:

— Realmente, logo vou ter que começar a fazer dieta. A cintura desta calça está me sufocando.

— Bem, se você precisa fazer regime, eu preciso manter a boca fechada disse Jenny, rindo.

— Meninas, não liguem para essas dietas de moda — comentou Tessa como essa do Dr. Atkins, de muita gordura e montanhas de proteína. Já experimentei todas elas, mas nenhuma é tão boa quanto a minha própria Dieta da Calça Branca.

— Sua o que? — perguntou Jenny, interessada.

— Vamos, fale sobre sua famosa Dieta da Calça Branca — disse Karen.

— Bem, é muito simples — começou Tessa. — Tenho uma calça branca que serve perfeitamente em mim. Experimento-a várias vezes durante o mês ou pelo menos uma vez, ou depois de uma sessão de gulodice especialmente pesada, e, se ela ficar nem que seja um tiquinho apertada, são trinta minutos por dia na esteira e sem um quadradinho de chocolate até que volte a me servir perfeitamente.

Gerry deu uma sonora gargalhada atrás dela, dizendo:

— Que grande mentira, Tessa Sullivan! Você nunca seria capaz de deixar de comer chocolate.

— Não ligue para ele, Jen! — disse Tessa, mostrando desaprovação e ignorando o namorado. — Tente para ver, você vai comprovar que realmente funciona.

— Isso é ótimo se você quiser caber numa calça branca ou puder ficar trinta minutos numa esteira, em primeiro lugar. — Karen riu. — De todo modo, eu não poderia abandonar o chocolate. Acho que somos todos programados biologicamente para constantemente ter loucura por algum doce.

— É verdade — concordou Jenny. — Certa vez, meu pai me disse que, quando era garoto, sua mãe costumava repreendê-lo por comer doces demais, e, quando era adolescente, tinha medo de comer fastfood, porque tinha espinhas, e agora, que é mais velho, não pode comer o que quer porque tem medo de aumentar o colesterol. Ele admite que essa é uma batalha que nenhum de nós pode vencer, portanto, por que se preocupar? Deveríamos esquecer essa história de dieta e desfrutar qualquer comida enquanto podemos.

— Pode ser — disse Tessa com um sorriso. — Mas seu pai nunca teve de tentar entrar numa calça branca. — Dizendo isso, voltou a atenção para a TV. — Ei, juiz, que falta feia! Expulse esse cara!

— Tessa, para uma garota moderninha, que usa vestido de babados e brilho nas pálpebras, o fato de você conseguir usar um argumento convincente sobre o pé esquerdo de Michael Owen nunca vai deixar de me surpreender — disse Shane, balançando a cabeça e rindo.

— Shane, para um rapaz aparentemente inteligente, o fato de que possa sair com um comentário tão machista como esse nunca deixa de me surpreender — disse Tessa com impaciência, acendendo um cigarro. — Do jeito que você fala de futebol, até poderia jurar que se trata de uma ciência aeroespacial. E quando foi que você me viu usando um vestido de babados?

— Ei, por favor, não vou ter que fazer mais um intervalo nessa disputa entre vocês dois, vou? — disse Karen, com um movimento de cabeça. — Shane, deixe-a em paz, sim?

Seu argumento foi abafado por um coro de gritos bem no momento em que um jogador do time irlandês sofreu um pênalti. Fez-se silêncio no momento em que um dos jogadores se preparava para chutar. Quando a bola bateu no fundo da rede, todo o pub irrompeu num brado perfeitamente sincronizado de alegria e aplauso.

Jenny estava em plena comemoração quando sentiu um toque no ombro. Seu coração disparou quando ela viu Roan Williams inclinado atrás de sua cadeira. Ele sorriu, e Jenny notou pela primeira vez as ligeiras covinhas de cada lado de sua boca.

— Olá, de novo — disse ele. — Acabo de chegar e, quando a vi aqui com toda essa gente em volta, achei que seria melhor me certificar de que minha donzela já não estava nervosa, mas sim perfeitamente normal.

— Olá, também — respondeu Jenny, com um sorriso radiante. — Puxe uma cadeira e sente-se — disse ela, olhando ansiosamente para trás.

Usava roupa casual, jeans e camiseta branca, botas Timberland e uma jaqueta de couro marrom, e ela achou que ele estava ainda mais lindo do que no outro dia.

Ele cumprimentou Karen com um aceno, e Jenny rapidamente o apresentou aos demais amigos que estavam à mesa. Enquanto Roan apertava a mão de Aidan, o outro homem olhava para ele com curiosidade.

— Você me parece familiar, creio que já nos vimos — disse ele.

— Bem, costumo vir aqui regularmente — respondeu Roan, encolhendo os ombros. — Provavelmente me conhece apenas de vista.

— Não creio — disse Aidan, franzindo a testa e balançando a cabeça. Tenho quase certeza de que o conheço de outro lugar. Talvez... você esteve na UCD*?

— Temo que não e não creio que o conheça. Provavelmente está me confundindo com alguém. Tenho um rosto comum. — Fez o comentário e riu.

— Talvez. — Aidan ergueu os ombros e retornou a sua cerveja.

Roan rapidamente voltou a atenção para Jenny, dizendo:

— E então, como você está depois da grande aventura do outro dia e, mais importante, conseguiu repor o batom mágico?

— Ainda não, mas, novamente, obrigada. Não sei o que teria feito sem sua ajuda — disse Jenny, rindo.

— Imagine! Ouça, Jenny, estou com uma turma lá na frente e acho melhor voltar para junto deles. Poderia ver você mais tarde?

Seu coração deu um salto. Claro que ele devia estar com alguém, e do sexo feminino. Um homem bonito daquele jeito certamente devia ter alguém.

— Está bem, até depois e obrigada mais uma vez — disse Jenny com um sorriso, a fim de disfarçar seu desapontamento.

*University College Dublin, famosa universidade irlandesa. (N. T.)

— Uau! Ele é bonito! — exclamou Tessa, vendo Roan desaparecer no da multidão. — E que belo bumbum, também!

— Ei, eu ouvi, viu? — disse Gerry em tom de repreensão.

— Sinto muito, mas você sabe muito bem que ninguém consegue bater o seu.

— E tudo graças à Dieta da Calça Branca, suponho — disse Shane, cutucando Gerry.

Tessa deu uma risadinha.

O jogo terminou com uma convincente vitória do time irlandês, que motivou outra rodada de comemoração. Um DJ já estava preparado e, em minutos, ligou o som, e a música tomou conta do ambiente, dando continuação à animada atmosfera do local.

— Já estou meio zozza — disse Jenny, depois da quinta cerveja.

Aidan bebeu toda a sua cerveja e, com um floreio, fez deslizar seu copo vazio na mesa:

— Adoraria ficar mais tempo, mas o dever me chama, tenho que levantar cedo. Verei vocês mais tarde — disse ele, vestindo o paletó.

— Dever? — perguntou Jenny a Karen. — Aidan é médico ou algo assim?

— Não, é bombeiro. Sua base é em Tallaght.

— Bombeiro! Uau! — Jenny estava impressionada.

— Mais uma não! — disse Shane, exasperado. — O que é que tem um maldito bombeiro que faz as mulheres perderem a cabeça? Aquela coisa de herói, forte, grande, é tudo um clichê, Jenny. Meu avô de oitenta anos tem muito mais atrativo do que Aidan.

— Não se trata apenas de aparência, não é mesmo? — disse Jenny, sonhadora. — É toda aquela ideia de alguém pondo a própria vida em risco para salvar a de outras pessoas. Não penso que seja assim com médicos ou enfermeiras... desculpe, Tessa. Porque esses não têm nada a perder. Os bombeiros são tão corajosos!

— Corajosos, nada! Até onde sei, Aidan passa mais tempo jogando pôquer na corporação, isso se não estiver convencendo gatos a descer das árvores.

Karen lhe deu um cutucão nas costelas, fazendo Shane reconsiderar.

— Ok, ok. Foi mau... não é absolutamente nada disso. Ele é um herói! Ele é um herói!

Todos riram.

— Certo, quem está a fim de dançar um pouco? — Tessa se levantou de um salto e começou a se movimentar no ritmo do último sucesso do U2, e não demorou muito para que Karen e Jenny a seguissem.

As três garotas começaram a dançar em volta da mesa, com Gerry e Shane tentando ao máximo sumir dali e ignorá-las. Pouco depois, Jenny notou que Roan estava voltando. Ele olhou para ela e sorriu.

— Oi! — disse ela com um sorriso tímido, já fazia tempo que a bebida começara a fazer efeito. A dança deu uma sensação de euforia, e ela estava pronta para uma paquera séria.

— A dança anima a gente — disse Roan, provocante.

— Por que não tenta, então?

— Eu não! — respondeu, balançando a cabeça com um sorriso. — Tenho uma reputação a preservar.

— De que tipo? — disse, rindo. — De um velho chato?

— Não, de um mauricinho muito fresco.

Riram. Jenny se deu conta de que estava ficando cada vez mais à vontade com ele. No início falaram de coisas sem importância e depois trocaram informações sobre si

mesmos. Roan contou-lhe que trabalhava na Euramax, uma empresa localizada no centro da cidade e que morava em Dublin há cerca de cinco anos.

— Eu deveria realmente pensar em comprar um lugar só meu, em vez de ficar todo o tempo dividindo apartamento, mas adoro isto aqui e ainda não posso me comprometer com uma dívida longa. Meu trabalho exige muito, e penso que ficaria doido se não pudesse sair para relaxar umas duas noites por semana. E isso estaria fora de cogitação se tivesse uma hipoteca pendurada no pescoço.

— Sei o que quer dizer — disse Jenny. Acho o Cock and Bull*, de Sydney, muito louco, mas nem dá pra comparar com este lugar.

— Sempre tive vontade de ir lá... para a Austrália, quero dizer, não para o Cock and Bull, Mas comecei a trabalhar logo depois que sai da universidade e nunca mais sobrou tempo para viajar.

— É excitante no início, e o estilo de vida dos australianos é completamente diferente. Muito mais tranquilo, mas estou contente de ter voltado para casa.

— Eu também — disse ele suavemente, e Jenny percebeu, pelo modo como olhava para ela, que havia um significado naquilo que ele dizia. De repente, seu rosto parecia desconfortavelmente, ou confortavelmente?, próximo ao dela. Jenny sentiu um delicioso calafrio.

— Ei, Roan, você gosta de futebol? — disse Shane subitamente, e o clima se perdeu.

Enquanto Shane e Roan se perdiam numa conversa sobre o time favorito de cada um, Jenny procurava entender o que de fato havia acontecido. Se Shane não os tivesse interrompido, tinha quase certeza de que Roan estava ponto de beijá-la.

De volta à mesa, Karen, suspirando,

— Basta de conversa sobre futebol esta noite, por favor, Shane! De qualquer modo, acho que já está na nossa hora. Não se esqueça de que trabalhamos amanhã de manhã. Jen, você vem ou quer ficar um pouco mais? — disse Karen e com um aceno se despediu de Tessa e Gerry, que já estavam indo em direção à saída.

Jenny olhou para Roan, e ele sorriu.

— Pode ir — respondeu ela. — Acho que vou ficar mais um pouco.

— Não se preocupe — disse Roan. — Eu a levarei para casa mais tarde.

Os outros foram embora.

— Vou ver se consigo outra bebida antes que o bar seja fechado — disse ele. — Você quer?

— Por que não? — Jenny respondeu, levantando o copo para ele e tentando evitar um soluço ameaçador.

Roan voltou com as bebidas e as colocou na mesa.

Três drinques depois, se levantaram para sair.

A caminho da saída, Jenny agradeceu pessoalmente a cada membro da equipe do bar e, amparada por Roan e um dos seguranças, foi cambaleando até a porta da rua.

— Você é tão gentil — disse ao segurança que a levava para fora. — Não esperava que as pessoas fossem tão amáveis em Dublin, mas todo mundo é reeealmente encantador!

— Tomarei conta dela agora, amigo. Muitíssimo obrigado — disse Roan com um sorriso para o segurança, meio que se desculpando, assim que chegaram à rua. — Muito bem, Jenny, hora de ir para casa. Ei, você está tonta! — disse, rindo, quando ela se chocou contra a parede, tentando seguir adiante.

*Pub irlandês, situado em Sydney. Austrália. (N. T.)

— Estou tão cansada! — disse Jenny bocejando, enquanto andava. — Queria minha cama agora.

— Espere um pouco! Não ande tão depressa! — pediu Roan, pondo um braço em volta dela, tentando fazer o que podia para mantê-la em pé.

— Você é bonito, Roan. Ninguém nunca lhe disse isso? — perguntou, enrolando a língua e olhando para ele. — E tem olhos bonitos também. E cabelo bonito. E também é muito sexy. Ooops! — Levou a mão à boca, envergonhada. — Não devia ter dito isso! Não quero deixá-lo convencido.

— Jenny, você disse para o segurança que ele tinha uma linda cabeleira, e o pobre homem tinha uma careca que parecia um ovo — comentou Roan, sorrindo.

Ela riu, e logo os dois chegaram à Leinster Square.

— Chegamos! — anunciou ela em tom alto, assim que pararam em frente de sua casa. — Você vai entrar? — De pé, num degrau acima de onde estava Roan, seus olhos estavam bem abaixo do nível dos dele.

— Não, não vou, Jenny — murmurou ele, hesitando por uns segundos —, mas obrigado. Parece que todo mundo já foi para a cama. Você vai ficar bem daqui em diante?

— Estou ótima. Só espere até que eu pegue as chaves. — Remexeu na bolsa em busca das chaves, até se dar conta de que já estavam em sua mão. — Opa! Aqui estão elas! — sorriu abertamente e derrubou as chaves ao tentar destrancar a porta. Roan abaixou-se para apanhá-las e, assim que as devolveu para Jenny, ela o agarrou impulsivamente e o beijou com firmeza nos lábios.

Ele imediatamente se afastou, e Jenny se encolheu, desconcertada, quando percebeu o que havia feito.

— Meu Deus! Roan, sinto muito, de verdade, não sei o que deu em mim.

Ele a silenciou tomando-a nos braços e beijando-a com vontade. Ela colocou seus braços em volta dele, enquanto Roan a empurrava contra a porta e começava a beijar seu pescoço. Jenny suspirou quando rapidamente as mãos dele se enfiaram sob sua roupa e sua respiração ficou presa na garganta ao sentir as carícias que ele lhe fazia com a língua. Ela nem conseguia acreditar que o havia beijado daquele jeito. Nem parecia ela! Afinal, ela o conheceu havia apenas algumas horas.

Então, subitamente, Roan parou e novamente se afastou dela.

— Jenny, me desculpe, eu não devia ter feito isso. — Passou os dedos pelo cabelo e, olhando para ela, disse: — Nós dois bebemos muito. Não está certo.

Mortificada, Jenny evitou os olhos dele. Ela voltou a abotoar o casaco.

— Tem razão. A culpa foi minha. Sinto muito. — Virou-se rapidamente dessa vez encontrou a fechadura da porta sem o menor esforço.

— Jenny, espere, podemos apenas...

Ela não ouviu o resto das palavras, ditas enquanto a porta se fechava rapidamente às suas costas. Que coisa embaraçosa! Esperava que Karen já tivesse ido para a cama. Não poderia lhe contar isso. O que estava acontecendo com ela? Por que teve que beber tanto?

Passou pelo quarto de Karen nas pontas dos pés e foi silenciosamente para a cozinha. Enquanto bebia um copo de água, viu seu reflexo no espelho da sala. Estava em péssimo estado. O cabelo todo despenteado, o rosto ruborizado e a maquiagem apagada. Havia um círculo escuro sob cada olho. Não admira que ele tivesse se afastado dela!

Jenny limpou o rosto, enfiou-se na cama e encolheu-se ao repassar mentalmente os acontecimentos. Como ia conseguir olhar para ele de novo?

6.

NO DIA SEGUINTE, quem voltou para casa depois do trabalho foi uma Jenny exausta. Sua ressaca estava apenas começando a melhorar. Não havia olhado para comida durante todo o dia e imaginava uma bela e tranquila noite estendida preguiçosamente no sofá. Ao chegar, recuou, surpresa. Sobre o balcão da cozinha estava o maior buquê de rosas vermelhas que já havia visto.

— Bem-vinda ao lar! Há duas dúzias ali.

— Você quer dizer que são para mim? — perguntou Jenny, encantada. — Acho que foi Shane que as mandou para você.

— Está louca? Shane Quinn não tem nem ideia de como são as rosas. Leia o cartão, sim? Estou louca para saber de quem vieram, embora tenha um forte palpite.

“Sinto muito pela noite passada. Entrei em pânico. Um jantar amanhã a noite talvez possa compensar... Apanho você às oito. Com amor, Roan.”

— Oh, Deus! — disse Jenny, levando a mão à boca. — Não posso acreditar! Ele quer me levar para jantar amanhã à noite.

— Ele parece decidido. O que vocês fizeram ontem à noite?

Ansiosa, Jenny contou o que aconteceu na noite anterior.

— E pensei que havia estragado tudo, atirando-me para cima dele daquele jeito.

— É claro que não foi assim — disse Karen. — Evitando que você fosse assaltada, mandando-lhe flores caras, convidando-a para jantares bacanas. Seu Sir Galahad está se revelando um verdadeiro Senhor Romântico, não?

NA NOITE SEGUINTE, Roan tocou a campainha às oito em ponto.

— Estou bem? — perguntou Jenny a Karen, ansiosa por uma resposta.

— Você está arrasando — disse Karen, invejando a elegância e o estilo moderno da amiga.

Jenny usava sapatos de salto alto, sala com pregas de chiffon lilás, combinando com uma blusa decotada e com detalhes de brilhantes lantejoulas. Karen achou que o traje era perfeito para a ocasião, nem muito exagerado nem simples demais. E Jenny sempre procurou manter seu corpo, não muito magro, com certa tranquilidade.

Roan também não estava nada mau, pensou, ao vê-lo entrar. Usava calça cargo preta e camisa de linho de manga curta.

O jantar foi animado. Foram a um restaurante chinês no centro e, desde o momento em que se sentaram, conversaram como dois velhos amigos que se reencontravam depois de longa separação.

Jenny falou com facilidade de si, da família, como era sua vida em Kilkenny e da amizade com Karen. Ficou sabendo que o pai de Roan era médico alimentava a esperança de que o filho mais velho seguisse sua profissão. No entanto, o que Roan queria era algo totalmente diferente. Mas seu irmão mais novo, Christian, estava estudando medicina no Trinity College. Sua mãe, ao que parecia, ficava em casa, dedicando-se a sua própria carreira, que era cuidar dos três homens de sua vida.

— Acho que ela gostaria que eu voltasse para casa — disse ele —, provavelmente porque só assim poderia ficar de olho em mim, ou até tentar me fazer casar. Mas não consigo me ver voltando. Há tanta coisa fora de lá para mim, não acha?

Jenny concordou:

— Em parte, fui para a Austrália, no princípio, porque minha mãe era decididamente contra. Temos um relacionamento estranho. As vezes discutimos tanto

que nem acredito que temos os mesmos genes. Mas com meu pai a história é diferente. — Jenny sorriu ao pensar em John Hamilton. — Ele me deixaria fazer o que quisesse e até me ajudaria.

— Vamos pedir a sobremesa? — perguntou Roan, ainda rindo do que ela havia acabado de dizer.

Ela concordou, aliviada pelo fato de ele não ser o tipo de sujeito que ficava se admirando diante de cada bocado que ela levasse à boca. Seu ex, Paul, que a conhecia desde pequena e sabia que ela sempre brigou com a balança, costumava fazê-la sentir-se péssima cada vez que saíam para comer, dizendo coisas do tipo: “Jenny, não coma esse doce, tem muita manteiga” ou “Você quer mesmo mais arroz frito?”. E jamais permitia que ela pedisse sobremesa, além de ficar todo feliz, sentado diante dela, com sua banana frita coberta de creme. Jenny não entendia por que havia ficado tanto tempo com Paul.

Olhou furtivamente para Roan, que estava concentrado na leitura do cardápio. Ele estava especialmente bonito esta noite, pensou Jenny. Tinha cílios longos, escuros e um rosto masculino, com uma boca muito atraente. Sentiu um arrepio ao se lembrar de como era ser beijada por ela. Notou que, ao entrar no restaurante, haviam atraído a atenção das pessoas sentadas às mesas próximas. Provavelmente estavam se perguntando o que alguém como ele fazia com uma garota cheinha como ela. Encheu seu copo.

As sobremesas chegaram logo, e Jenny, ansiosamente, se deliciou com seu sorbet de abacaxi, contente de ver que Roan fazia o mesmo. Terminaram a refeição com chá e as indispensáveis pastilhas de chocolate com menta, e depois Roan pediu a conta.

— Vamos dividi-la, não vamos? — disse ele tranquilamente. — Afinal, acho que você comeu quase o dobro do que eu.

Jenny estava chocada. Não sabia bem o que pensar desse comentário, mas esperava que fosse uma brincadeira. Não foi ele que a convidou para jantar? Então, de novo, talvez isso fosse simplesmente o correto. E nos dias atuais a mulher pode exigir tratamento igual e depois esperar que tudo sala do jeito que ela quer? Jenny não era uma feminista extremada — gostava de ser sempre tratada com gentileza. Mas Roan não sabia disso, ela supunha. De qualquer modo, já não gastou uma fortuna com as rosas?

— Sem problema — disse, pegando a bolsa. — Quanto lhe devo?

Em seguida, Roan providenciou um táxi precioso e Jenny, contente, sentou-se ao lado dele no banco de trás, satisfeita por não ter que ir andando de salto alto todo o caminho de volta até Rathmines. Sorriu quando subitamente a mão de Roan pousou em sua coxa.

— Você vai comigo para minha casa esta noite? — sussurrou, e sua respiração quente, enquanto ele se aninhava em seu pescoço, fazia seu corpo tremer das pontas dos dedos ao alto da cabeça. Ele estava extremamente atraente.

Chegaram ao apartamento dele e, assim que desceu, Jenny praticamente atirou o dinheiro para o motorista, tão ansiosa estava para entrar e ficar a sós com Roan.

No entanto, apesar da excitação, ela estava surpresa com o estado do apartamento: um monte de pratos sujos, xícaras de café e embalagens com restos de comida na cozinha, coisas de causar mais vergonha do que um quarto de adolescente. No sofá havia tantas peças de roupa que ela mal conseguia achar um lugar para sentar.

— Desculpe-me a bagunça — disse Roan com uma careta. — Não costuma ser assim, mas um dos rapazes que moram comigo está hospedando o irmão por algum tempo. Ele dorme no sofá, e não há espaço para guardar suas coisas. Em geral, nos revezamos na arrumação da cozinha, mas... — Ele estava irritado.

Jenny sabia exatamente o que se passava com ele. Embora ela e Karen há muito compartilhassem tudo, Jenny desde o princípio percebeu que ela e a amiga encaravam a

arrumação da casa de modo diferente. Karen era extremamente bagunceira — espalhava sapatos e roupas por todo o quarto, deixava os frascos de maquiagem e potes de creme vazios no banheiro —, mas, apesar disso, ela procurava manter-se em ordem. Levando em conta a desordem de seu quarto, Jenny não entendia como a amiga conseguia sair com os dois pés de sapato iguais, sem falar das meias. Parecia que Roan tinha o mesmo problema, pensou Jenny, lembrando-se de que em seu primeiro encontro ele já havia mencionado o desleixo dos colegas de apartamento.

Então Roan deu aquele sorriso radiante, esplêndido, sensual, e daí em diante a aparência do local se tornou insignificante. Ele atravessou a sala e tomou Jenny nos braços, puxando-a para si e beijando-a — no início, suavemente, mas de modo cada vez mais intenso, à medida que sua paixão crescia.

Jenny imediatamente sentiu uma forte onda de desejo percorrer seu corpo. Retribuindo os beijos, desabotoou a camisa dele e correndo as mãos pelo Peito largo sentiu a musculatura enrijecida.

— Fique comigo esta noite — disse Roan ansiosamente, enquanto parava para tomar um pouco de ar.

A respiração de Jenny ficou presa em sua garganta quando ele começou a beijá-la no pescoço, bem naquele ponto sensível abaixo da orelha.

Ela nem precisava mais ser persuadida a ficar.

CEDO, NA MANHÃ SEGUINTE, quando se ajeitou no sofá para tomar o café da manhã vendo TV Karen ouviu o barulho de chave na porta. Levantou os olhos e ali estava uma Jenny meio desalinhada, mas feliz.

— Ei, o que houve? — perguntou, gracejando. — Alguém teve uma noite e tanto, hein?

Já na cozinha, Jenny sorriu timidamente, enquanto punha a chaleira para ferver:

— Passamos muito bem. O jantar foi ótimo, ele é ótimo.

Karen estava feliz por ela.

— Então veremos ele de novo?

Jenny assentiu, acrescentando:

— Ele disse que vai se encontrar conosco no pub amanhã à noite. E como foi a saída com Shane?

— Tivemos uma discussão — disse Karen, quase num lamento. — Bem, eu deveria dizer que eu discuti com ele. Shane, como de costume, se senta lá, sem dizer uma palavra e finge que está ouvindo, mas acaba me dando as costas e se mandando.

— Nada sério, espero.

Karen estava indiferente, mas respondeu:

— Nada, foi só uma típica saída com Shane Quinn. Mas diga-me como foi com Roan. Deve ter sido muito apaixonado ontem, pois você está realmente radiante.

Jenny só conseguiu sorrir. Apaixonado? Karen estava certa. Se pensasse bem naquilo, sim, era paixão. Com certeza ela devia ter-se espantado quando de repente tudo acabou. Afinal, era a primeira vez e Roan a quis tanto que provavelmente não tinha mais como continuar. E mesmo depois ainda estava muito apaixonado, afetuoso e gentil. Jenny amou o modo como ele se aconchegou a ela e a manteve junto dele a noite toda. Paul nunca fizera aquilo. Não, pensou ela, da próxima vez será muito melhor. E, mais importante, vai realmente haver uma próxima vez.

Serviu-se de chá e juntou-se a Karen no sofá.

— Então, se você não for sair com Roan esta noite, quer ver um filme comigo? — perguntou Karen.

— Boa ideia — respondeu Jenny, e a perspectiva de uma noite tranquila a atraía muito.

— O que vamos ver?

— Algo do gênero Atração Fatal — disse Karen, com malícia no olhar. — Depois da noite que tive ontem, estou no clima.

7.

ALGUMAS NOITES DEPOIS, no pub do Boland, Jenny não conseguia imaginar como aquela ruiva grosseira, barulhenta e de risada estridente, sentada diante dela, podia ser parente do amigo de Shane. Aidan era um amor de criatura, mas sua irmã Lydia estava tão longe de ser doce que poderia ter parentesco com uma família de limões.

Lydia estava sendo rude e detestável desde o primeiro segundo que chegou, rejeitando as tentativas de Jenny de ser amigável e flertando abertamente com os amigos de Aidan — bem diante de suas namoradas. Pela expressão fechada de Karen quando Lydia se juntou ao grupo, Jenny se deu conta de que entre as duas não havia nenhum laço afetuosos.

— Lydia e Shane tiveram um caso no passado — explicou Tessa a Jenny, quando Lydia não podia ouvir.

— Nem chegou a ser um caso, foi apenas uma trepada de uma noite — esclareceu Karen —, mas se aquela coisa se atrever a olhar de lado para ele, acabo com ela.

Segundos depois, Lydia de fato voltou sua atenção para Shane e descaradamente pôs a mão no joelho dele, flertando vergonhosamente. Karen estava tentando ao máximo fingir que não havia notado, mas Jenny sabia que sua explosão era só questão de tempo. Se isso ia ser em cima de Lydia ou de Shane era uma questão a ser decidida.

— Ainda não consigo imaginar por que Shane não ficou com ela — disse Karen a Jenny. — Foi bem antes de começarmos a sair, mas acho que ela nunca me perdoou por ter atrapalhado seus planos. Parece que pensa que Shane teria sido todo dela, se eu não tivesse aparecido.

— Bem, a beleza está nos olhos de quem a vê, e parece que me lembro de Shane ter chegado em casa mais de uma noite com a asquerosa Lydia — gracejou Tessa.

Jenny suspirou discretamente. Esperava que Lydia não comesse a jogar charme para cima de Roan. Nunca soube como lidar com essas coisas. Com Karen, tudo bem. Ela e Shane estavam juntos por tempo suficiente para que Karen não ficasse muito preocupada com a ostensiva necessidade de atenção de Lydia, mas Jenny sabia que não seria capaz de aguentar isso.

No entanto, até agora as coisas estavam indo bem. Uma noite, pouco depois de seu primeiro encontro, Roan a convidou, com um sorriso tímido, para ir a seu apartamento, e ainda houve outro enorme buquê de rosas. Raramente passavam uma noite separados desde então.

Suas relações ainda eram um tanto “intensas”, mas Jenny acreditava que isso não podia ser atribuído a Roan. Ela não dormiu com tantos homens, já que Paul e ela haviam ficado juntos por muito tempo. As pessoas são diferentes, e não era culpa de Roan se ela não tinha necessidade de tantas preliminares para se satisfazer. Nem era culpa dele se terminava tão rápido. Jenny dizia a si mesma que isso era apenas uma questão de se acostumar com o fato de que nem todo mundo dedicaria tanto tempo a ela como Paul fazia. E, depois de um tempo, as coisas com certeza melhorariam, quando ela e Roan conhecessem melhor as necessidades um do outro.

Naquele momento, Roan voltou para a mesa com outra rodada de bebida. Sentou-se numa cadeira vazia atrás de Jenny, dirigiu a ela outro de seus sorrisos de fundas covinhas e descansou a mão em seu joelho.

— Roan Williams! — gritou Lydia. — O que você está fazendo aqui?

Roan levantou os olhos imediatamente, e Jenny viu um leve rubor aparecer em seu rosto quando reconheceu a garota.

— Olá, Lydia — disse calmamente.

— Onde está Siobhan? — perguntou Lydia, olhando por cima dos ombros de Roan, como se a misteriosa Siobhan pudesse estar se escondendo atrás dele. — Não a vejo há anos. Vocês já marcaram a data?

Jenny sentiu o coração disparar, e a garganta subitamente ficou seca. Marcar uma data?

— Hum, já não estamos juntos — disse Roan, parecendo decididamente desconfortável.

Lydia arregalou os olhos com ar de descrença:

— É mesmo? Achei que fosse amor verdadeiro. Lembra-se da última vez que me encontrei com vocês? Você tinha acabado de pedi-la em casamento, depois de um fim de semana fora, não foi? Um romântico fim de semana em Paris.

Pelo tom que usava, Jenny podia dizer que Lydia estava claramente desfrutando compartilhar essa informação com o grupo e se deliciava igualmente pelo fato de que Jenny não tinha a menor ideia de quem poderia ser essa Siobhan.

— É isso! — declarou Aidan. — Sabia que já o havia visto em algum lugar. Conheci você quando fui buscar Lydia na casa do namorado. Como era seu nome? — olhou para Lydia, pedindo ajuda. — Mark, era esse o nome. Você era o cara que estava saindo com a irmã dele.

Jenny tentou mostrar a todos sua melhor expressão de desinteresse, mas por dentro estava desmoronando. Será que Roan já estava comprometido com outra pessoa?

— Rompemos logo depois disso — disse Roan calmamente. — Descobrimos que nenhum dos dois estava pronto para o casamento. Ficamos amigos, sem ressentimentos.

Você deixou uma mulher maravilhosa como a Siobhan ir embora? E depois de oito anos? — Lydia se mostrava incrédula. — Não posso acreditar! Não me falaram nada.

— Bem, de qualquer modo, acabou. — Roan bebeu sua cerveja de um só gole e se levantou. — Alguém quer outra bebida?

Era evidente que estava ansioso para mudar de assunto, pensou Jenny. Bem, ela não podia culpá-lo. Afinal, se ela tivesse se separado de alguém depois de oito anos, também não ia querer que espalhassem.

— Você precisava ter visto Siobhan — ouviu Lydia dizer. — Ela é lindíssima. Trabalha como modelo, sempre voando para Londres, Milão e outros lugares como esses. Ela tem um corpo fabuloso, tamanho 38, tenho certeza. Roan deve estar de coração partido por causa dela.

— Certamente deve estar — disse Jenny, tentando ao máximo tornar bem leve seu tom.

— Especialmente depois de oito anos — prosseguiu Lydia, reativando o assunto. — Parece que começaram a namorar nos tempos de escola, e todo mundo achava que iam ficar juntos para sempre. Naturalmente — disse em tom conspiratório —, Roan ficava muito tempo saindo, e não sei quantas vezes tive que rejeitá-lo — disse rindo de modo atrevido. — Mas de jeito nenhum ia me aproximar dele, não poderia fazer isso

com Siobhan. E, desnecessário dizer, eu estava saindo com o irmão dela naquela época, portanto, teria sido mais do que um pequeno deslize.

Jenny quase derrubou seu copo de bebida. Essa garota estava completamente equivocada!

—Jen, quer ir comigo ao toalete? — Karen perguntou de repente. — Preciso que me empreste de novo aquele batom.

Lydia olhou desapontada por perder sua plateia, quando Jenny, agradecida, se levantou e seguiu a amiga em direção ao fundo do salão.

— Ufa! Obrigada, Karen. Pensei que ela não ia mais calar a boca — disse respirando fundo, observando seu reflexo no espelho.

Karen estava calada.

— Você não acredita nela, não é? Não acha que Roan está realmente noivo, não é? — perguntou Jenny olhando para a amiga.

Karen sacudiu os ombros:

— Lydia parece saber um bocado da vida dele, mais do que qualquer um de nós. E lembre-se que ela estava saindo com um rapaz chamado Mark, de Kildare, não faz muito tempo.

— Mas por que ele mentiria para mim? Com certeza, se uni cara está noivo, não vai ficar marcando encontros e dormindo com outra mulher, vai?

— Só tenha cuidado! É tudo o que estou lhe dizendo.

— Sinceramente, não acho que seja tudo o que está me dizendo — afirmou Jenny, começando a compreender, quando Karen evitou olhar para ela. — Você não gosta dele, não é? Já notei que você fica impaciente quando ele vai lá em casa.

Karen fez uma careta:

— Não sei, Jenny. Sei que você gosta dele de verdade, mas há alguma coisa nele que me deixa desconfiada.

— Bem, muito obrigada, Karen, mas acho que sou muito boa para julgar caráter e sei que ele é um rapaz decente. Além do mais, se quisesse sua opinião, eu a teria pedido. Teria feito isso, não? — disse olhando para a amiga, depois pegou sua bolsa e com passos duros saiu, deixando Karen de pé, de boca aberta, espantada.

— Podemos ir agora? — Jenny perguntou a Roan, ansiosa para se afastar da odiosa Lydia. Que Karen e todos os outros se danassem, pensou. Roan era um sujeito legal, e, se eles não haviam percebido isso, azar deles.

Roan assentiu e rapidamente terminou sua bebida. Pegou-a pela mão enquanto saíam do pub.

— Sinto muito você ter descoberto daquele jeito, Jenny — disse ele. — Ia lhe contar, só não sabia como você ia reagir. Essas coisas podem ter um grande impacto para algumas pessoas e achei... Talvez estivesse com medo de perder você...

Jenny sentiu pena dele. Até pouco tempo atrás, ela também tinha um relacionamento longo e não queria saber de conversar sobre Paul, queria? E todo mundo não tinha um passado? De qualquer modo, pensou, com aquela aparência, seria muito estranho se Roan não tivesse uma série de lindas ex.

— Esqueça isso — disse calmamente. — Não tem importância. Não se sinta obrigado a me explicar nada. Seu passado é algo que pertence apenas a você.

Jenny segurou firme a mão dele, enquanto caminhavam até um ponto de táxi do outro lado da rua. Ela ia ficar no apartamento dele aquela noite. Karen podia pensar o que quisesse, mas, no que dizia respeito a Jenny, Roan estava dizendo a verdade. A amiga apenas não o conhecia tão bem quanto ela. Isso era tudo.

KAREN FECHOU o arquivo e voltou para sua cadeira.

— E então, Courtney, estive fazendo as perguntas durante a última meia hora ou mais. Você tem algo a me perguntar sobre a Acorn Fidelity?

Ela esperava, em benefício de sua crescente dor de cabeça, que Courtney O'Connor, a bonita e aparentemente bem-educada recém-formada que estava entrevistando para um cargo no centro de atendimento da Acorn Fidelity, não fosse um daqueles adolescentes espertos que falam sem parar, esperando mostrar que sabiam tudo o que estavam dizendo. Mas, pela aparência, ela provavelmente ia discorrer sobre os trivial: “Há quanto tempo a empresa está no negócio?” e “Quais as oportunidades de promoção?”.

Mas, em vez de dar de ombros, a garota perguntou:

— Bem, como são os homens daqui?

— Desculpe — Karen estava tão surpresa com a pergunta inesperada que por um segundo até se esqueceu da dor de cabeça.

— Bem, minha amiga Lisa Butler, que tem uma entrevista amanhã, e eu ouvimos dizer que há um bocado de coisas bonitas trabalhando no centro de atendimento. E verdade?

Karen a pôs porta afora o mais rápido que pôde. Voltou para o escritório sorrindo. Coisas bonitas, de fato! Courtney provavelmente estava certa — havia um montão de jovens atraentes trabalhando no centro de atendimento —, mas tinha certeza de que o gerente não iria gostar de que Karen admitisse uma Britney Spears cuja única intenção fosse ficar batendo papo com os colegas. Verificou sua agenda e descobriu que aquela Miss Flerte era seu último compromisso naquela manhã, e ela não tinha nada agendado para a tarde. Isso era bom, pensou, porque achava que não aguentaria ficar ali por mais tempo. Ligou para a recepção, dizendo:

— Pamela, não vou voltar depois do almoço. Pode anotar as mensagens para mim até amanhã, por favor?

Esperava que o que havia acabado de dizer tivesse soado como se ela fosse sair para fazer algo relacionado ao trabalho e não ir para a casa curar sua dor de cabeça.

Acelerou os passos na fria e revigorante tarde. Era quase meio de novembro, o que significava que logo ela e Catherine Mitchell precisariam começar a organizar a festa de Natal da Acorn Fidelity. Karen também precisava cortar o monte de besteira que comia para entrar em uma de suas roupas de festa. Vestidos de frente única e pneuzinho não combinam. Shane estava viciado em chocolate, e eles estavam sempre se lambuzando na frente da televisão até tarde. Televisão a cabo era uma praga terrível.

Karen suspirou. Quase não viu Jenny nos últimos dias. A amiga passava a maior parte do tempo fora de casa, com Roan, em geral no pub ou na casa dele. Karen franziu a testa ao pensar nisso. Ela simplesmente ainda não estava segura em relação a Roan Williams. A questão sobre ele ser noivo era um tanto chocante, mas ele e Jenny pareciam felizes o suficiente.

No entanto, ele era estranho. Sempre que ele ligava procurando Jenny, Karen tinha dificuldade de conversar com ele. Era sempre uma rápida conversa, e ele parecia desconfortável e ansioso para se despedir. Ela desistiu. Talvez algumas pessoas fossem assim.

Assim que atravessou a Portobello Bridge em direção a Rathmines, Karen ficou preocupada com a amiga e suas mudanças de ultimamente. Ela e Roan poucas vezes se juntavam aos outros quando saíam à noite. Ela até perdeu show que havia combinado

com Tessa, antes de se envolver com ele. Karen desejava não ter dito nada sobre Roan a Jenny naquela noite no pub. Shane a aconselhou para não se envolver, mas ela não deu ouvidos.

— Acho que ele é um bom rapaz — disse ele depois. — Não há razão para acreditar que ele esteja mentindo ou agindo mal com Jenny.

— Você não tem a vantagem da intuição feminina, tem? — Karen resmungou. — E, no seu entender, o fato de ele ficar feliz de se sentar com você horas sem fim, discutindo futebol, é suficiente para fazer dele um grande homem.

— Apenas lhe dê uma chance. Se você começar a falar demais, vai acabar perdendo a amizade de Jenny. E, Deus me livre, mas você poderia estar errada sobre ele.

Karen balançou os ombros. Talvez Shane estivesse certo. E, às vezes, ela tendia a ser um pouco superprotetora em relação a Jenny. Sempre foi assim.

Como estava com fome, resolveu ir até o shopping Swan Center para comer alguma coisa antes de voltar para casa — talvez uma salada ou pelo menos algo saudável. Tentou ao máximo ignorar o cheiro de dar água na boca que vinha de um restaurante chinês das redondezas.

Ao se aproximar da vitrina de doces na mercearia Dunnes, Karen ouviu uma risada familiar vindo de trás dela.

— Oh, creme de ovos! Você vai gostar muito disso.

Surpresa, Karen olhou em volta, O que Roan e Jenny estavam fazendo ali àquela hora do dia? Deviam estar trabalhando.

Mas, olhando por um instante para o casal atrás dela, Karen logo percebeu que a moça que acompanhava Roan não era Jenny. Alta e esbelta, a garota era bonita e lembrava um pouco a cantora Alanis Morissette, com seu cabelo escuro, longo e brilhante. Roan estava atrás dela enquanto a garota escolhia algumas coisas na seção de laticínios. Então, levantou os olhos e disse sorrindo:

— Karen! Como vai?

Karen continuou séria. O que ele estava pretendendo, pensou, franzindo a testa enquanto eles se aproximavam dela. Roan, então, apresentou sua acompanhante.

— Esta é Alison, uma amiga da faculdade. Alison, esta é Karen, uma amiga de Rathmines — disse ele, sorrindo.

Karen observou o modo como a garota se comportava com Roan, tentando mostrar a boa “amiga” que podia ser.

— Achei que você estaria no trabalho a esta hora do dia, Roan — disse ela friamente.

— Ah, tenho alguns dias de licença para tirar ao longo do ano. Eu poderia dizer o mesmo para você, também — disse ele, rindo, cutucando-a no braço de modo brincalhão. — Que folgados somos, hein?

Karen olhou para ele com ar de desgosto. Por que ele estava sendo todo amistoso de repente? Normalmente não conseguiria tirar dele nem duas palavras. Karen pegou sua sacola e saiu caminhando.

— Estou certa de que Jenny gostaria de conhecê-la, Alison — disse, dirigindo-se à garota, mas olhando para Roan diretamente nos olhos. — Ela também é uma grande amiga de Roan.

Ao se virar e caminhar em direção da saída, o rosto de Karen estava ruborizado de raiva. Ela não podia acreditar no que havia visto, O cretino nem teve a decência de olhar embaraçado ao ser apanhado. Era óbvio o que estava acontecendo — estava namorando aquela garota nas costas de Jenny. Ela estava certa desde o início. Roan não era de jeito nenhum uma pessoa confiável.

ENTÃO, O QUE VOCÊ ACHA? — perguntou Barry Ferguson. — Jenny, será que poderia fazer isso?

— Desculpe, Barry, estava desconcentrada — respondeu Jenny, se mexendo na cadeira —, o que disse?

— Perguntava se poderia pôr você no setor de Câmbio Estrangeiro esta semana. Sei que você não está aqui há muito tempo, mas, como Frankie vai nos deixar na próxima semana, preciso de alguém para ocupar o lugar dele.

— Claro, sem problema — disse Jenny, sorrindo para o gerente da sucursal. — Trabalhei um pouco com moeda estrangeira no banco de Sydney. Talvez nos primeiros dias eu possa ser meio lenta, mas estou certa de que conseguirei melhorar com o tempo.

Havia mais trabalho no escritório do Alliance Trust de Dun Laoghaire do que Jenny esperava. Parecia que a maioria, se não todas as empresas locais, tinham conta ali. E a maior parte delas continuava agindo como se fossem as únicas clientes, cada uma se achando mais importante que a outra.

Jenny ficou um tanto alterada com a grosseria de alguns dos clientes. Ela não sabia por que, mas sempre pensou que todo mundo — clientes e funcionários dos escritórios do Alliance Trust de Dublin — fosse excepcionalmente gentil e educado. Em Kilkenny, onde morava, conhecia a maioria dos clientes, por isso ali quase não havia formalidade. Mas seu primeiro dia de trabalho na recepção havia rapidamente dissipado essas noções. Jenny não podia acreditar no modo como alguns dos clientes gritavam com ela ao telefone, exigindo falar com essa ou aquela pessoa imediatamente e não admitindo esperar mais que poucos segundos.

Olivia, assistente de Barry Ferguson, se divertiu muito quando Jenny lhe contou isso.

— Jenny, você logo vai descobrir que eles às vezes parecem uma alcatéia, especialmente em dia de pagamento — disse ela, rindo. — Espere até trabalhar lá embaixo. Vai achar aqueles de quem você não vê a cara uns perfeitos anjos.

Bem, pareceu que ela constatou isso antes do previsto. Até então, ela estava gostando de trabalhar ali. Desde o primeiro dia naquela equipe, todos se preocuparam em fazê-la sentir-se bem-vinda, ajudando-a a se adaptar.

— Você vai se sair bem, Jenny. Confio em você. Sabe que fiquei muito impressionado como você está se adaptando aqui? — disse-lhe Barry. — Eu a ouvi outro dia falando ao telefone com Violet Madigan, e ela pode ser bem grosseira na maioria das vezes. Não sei quantas vezes quase desliguei o telefone na cara dela. — Ele deu uma piscadela, e Jenny escondeu um sorriso. — Acho que você se sairá muito bem no trabalho lá embaixo. Vou colocá-la ao lado de Brendan Burke, e, se você tiver algum problema, ele vai resolvê-lo para você.

Olivia pôs o rosto na porta do escritório de Barry para anunciar seu compromisso das dez horas, e Jenny entendeu que era hora de se despedir.

— Obrigada, Barry, espero não decepcioná-lo — disse, ao deixar a sala.

— Não há de quê. Não há ninguém melhor para o cargo. — No mesmo instante, o gerente voltou sua atenção para o compromisso seguinte, que era com o proprietário de uma agência de recrutamento em Dun Laoghaire. — Kevin, como vai? Entre, entre — disse alto, pondo um braço nas costas de Kevin O'Leary conduzindo-o para dentro do escritório. — Não o vejo desde que você enfiou aquela bola no décimo segundo buraco em Druid's Glen. Você me deu Urna surra naquele dia. Vamos ver se combinamos uma nova disputa.

Quando a porta do escritório de Barry se fechou, Olivia viu a expressão divertida de Jenny e revirou os olhos.

— Sei... — disse ela, fechando a gaveta do arquivo. — Ele às vezes é meio exagerado, especialmente com os clientes. Mas é um bom gerente, um dos melhores com quem já trabalhei.

— Só espero atender a suas expectativas. Ele quer que eu comece no setor de Câmbio Estrangeiro na próxima semana.

— Estava me perguntando quando eles iam mandar você para lá — disse Olivia, sentando-se diante do computador e pondo os fones de ouvido. — Eles vão ter que pôr outro caixa quando Frankie for embora, e o Natal está chegando. Você vai se sair bem. Não é difícil, depois que a gente se acostuma.

— Acho que é exatamente isso que pensam todos os que estão naquelas filas. Nunca lidamos com moedas estrangeiras em casa — disse Jenny, de testa franzida.

— No início, deixe que outros se preocupem com as filas; você só tem que se concentrar no cliente que está à sua frente, e nada mais.

O telefone tocou, e Olivia atendeu, solicita:

— ATB Dun Laoghaire, posso ajudar?

Jenny voltou para sua mesa. Era tão tranquilo trabalhar com Olivia! Tomara que também fosse assim com os novos colegas. Ela sentiria falta da paz e tranquilidade do setor de Contas. O térreo era quase sempre uma loucura. Mas o pequeno estágio que fez ali a ajudaria. Ela agora conhecia a maioria dos grandes clientes do banco e sabia que precisava tomar cuidado extra ao lidar com alguns deles.

Além disso, já conhecia muito bem a equipe da gerência. Barry Ferguson lhe disse que sua porta estaria sempre aberta para ela e que se tivesse qualquer problema deveria procurá-lo. Essa era uma bela mudança em relação a seu ex-gerente no Alliance Trust de Kilkenny, que em sua opinião era um tremendo ogro e tratava sua equipe pouco melhor do que se fossem escravos.

Olhou o relógio. Estava perto da hora do almoço. Perguntava-se o que Roan estaria fazendo àquela hora. Provavelmente estava concentrado em solucionar alguma questão no código Java ou algo igualmente complicado. Jenny mal sabia usar metade dos recursos de seu computador, mas Roan parecia amar o trabalho. Sentiu um pequeno arrepio de prazer ao pensar nele. Era difícil acreditar que ela se encontrou com ele pela primeira vez apenas poucas semanas atrás, porque parecia que se conheciam desde sempre.

Se ao menos Karen parasse de agir tão estranhamente, pensou, de testa enrugada. Ela explicou a situação de Roan com a ex-namorada milhares de vezes, mas Karen continuava suspeitando dele.

— Por que ele não lhe contou sobre ela desde o início? Será que tinha certeza que isso finalmente viria à tona? — disse Karen.

— Ele me disse que não estava seguro sobre como caminharia nosso relacionamento e se isso iria acontecer. Não queria ir logo jogando algo pesado sobre mim.

— Vocês dormiram juntos depois de seu primeiro encontro, Jen. O que você quer dizer com isso? Que ele não sabia se ia acontecer ou não alguma coisa?

— Karen, sou uma mulher adulta. Gosto de Roan e tenho plena certeza de que ele também gosta de mim. Qual é seu problema?

— Só não quero que você se magoe, é isso.

— Bem, agradeço sua preocupação, mas, por favor, procure se lembrar de que não sou mais aquela garotinha que se machucava no playground— disse Jenny

calmamente. — Naqueles dias, eu ainda podia ser essa menininha, mas não estamos mais na escola e sou mais do que capaz de me manter com meus próprios pés.

— Muito engraçado, Jen, acho que nossa amizade está baseada num pouco mais do que eu tomar seu lugar no playground — contrapôs Karen. — Acho que somos boas amigas. E, como tal, uma aconselha a outra.

— Ele me faz feliz! Por que você não consegue ver isso?

E ele fez Jenny feliz. Ela podia entender por que ele e a namorada haviam terminado. Se Roan achava que ele e Siobhan eram muito jovens para se casar, foi corajoso ter percebido isso antes que fosse muito tarde. Ele lhe havia dito que, depois do noivado, Siobhan não falava de outra coisa que não fosse vestido de noiva, flores e sermões da igreja. Isso tudo era muito para Roan, e ele se deu conta de que ainda não estava pronto para sossegar. Queria deixar o casamento para alguns anos mais tarde, mas Siobhan não concordou, e acabaram brigando.

— Nós simplesmente não queríamos as mesmas coisas, Jen — havia dito. — Foi difícil porque estivemos juntos por um longo período. Ela queria que eu desistisse de minha vida em Dublin e arranjasse um emprego em Kildare, uma casa e uma hipoteca. Ela não conseguia entender que eu amava meu trabalho. Estávamos em sintonias diferentes.

Definitivamente, Jenny havia decidido que ela jamais seria como Siobhan. Nunca pediria que Roan desistisse de algo por causa dela. Não seria egoísta assim.

Karen e os outros simplesmente não entendiam. Isso era uma pena, porque ela e Roan já não passavam muito tempo com Tessa, Aidan, Gerry e todos eles.

Assim, enquanto ela e Roan tivessem um ao outro não importava. Jenny pegou seu arquivo, ligou o ditafone e começou a ditar.

MAIS TARDE, NAQUELA NOITE, Karen estava picando pimenta e cebola para preparar o jantar. Em tom despreocupado, disse:

— Encontrei Roan hoje cedo.

— Eu sei — respondeu Jenny, levantando os olhos da revista que estava lendo.

— Ele também me disse que você estava agindo de maneira bem estranha. O que está havendo, Karen? É óbvio que você não gosta dele, mas será que não poderia ao menos ser educada, por mim?

Karen foi pega de surpresa. O espertalhão havia telefonado para Jenny em seguida! Com certeza estava apagando suas pegadas.

— Estava agindo de modo estranho por uma razão. Ele estava com aquela garota e eles...

— Pelo amor de Deus, Karen! Era uma amiga da faculdade! Agora não é permitido ter amigas? O que é que há? Estou realmente ficando cansada disso!

Atirou a revista para o lado e ficou de pé para encarar Karen e disse:

— Por que essas constantes indiretas contra ele? Não é justo! Não me comporte assim com você em relação a Shane!

Karen sentiu a raiva subindo. Por que Jenny não conseguia ver que oportunista era Roan?

— Você não vê Shane vagueando por Rathmines com alguma vagabunda, vê?

— Olhe, Karen, estou realmente farta disso! Roan não fez nada de errado, embora você se comporte com ele como se ele fosse um criminoso.

— Você não viu o que eu vi! Eles estavam brincando, rindo e...

— Então, se ele estiver brincando e rindo com outra garota, está automaticamente me traindo? É isso que você está tentando dizer, não é?

— Bem, não exatamente, mas...

— Mas o quê?

— Só não quero que ele magoe você. Ele tem uma história e... — Karen foi diminuindo o tom de voz e, ao olhar para Jenny, viu uma súplica em seus olhos.

— Uma história? Pelo amor de Deus, já falamos disso e vamos ter que falar de novo! Está bem, ele era noivo e não deu certo. Não pode seguir adiante agora?, Também tenho uma história. Não consigo entender o que isso tem de mais.

Karen estava quieta.

— Bem, você notou algo mais para contar? — insistiu Jenny zangada.

Karen respirou fundo

— Jenny, você realmente acredita que tudo está acabado entre Roan e essa Siobhan, que foi sua noiva durante oito anos?

— Claro, acredito nele! Se Shane lhe dissesse alguma coisa, também acreditaria nele, não é?

— Mas Shane é diferente e...

— oh! Pelo amor de Deus, Karen! — Jenny foi até a porta onde seu casaco estava pendurado.

— Aonde você vai?

- Embora! Para um lugar onde eu possa ter um pouco de paz e não tenha que ouvir você falando sem parar sobre Roan como se ele fosse um mentiroso. — Parou diante da porta, com o rosto vermelho e os olhos faiscando.

Karen continuou a picar a pimenta furiosamente. Depois disse:

— Ótimo, faça como quiser. Mas, Jenny, você mudou muito nessas últimas semanas. Não tem outro interesse além de Roan, Roan, Roan. Você não faz nenhuma pergunta sobre o que está acontecendo em minha vida e não me conta nada da sua. E nunca mais saiu conosco e...

— Sair com vocês! Por que ia querer fazer isso, se tudo o que ouço é “Tenha cuidado, Jenny!”, “Ele tem uma história, Jenny”? Por que diabos deveria aguentar isso?

Saiu porta afora, batendo-a com toda a força.

Karen ficou ali de pé, paralisada, em choque. As duas nunca tinham brigado; ao longo de sua amizade, sempre se brincava que era impossível discutir com Jenny. Karen foi até a janela e viu a amiga andando decidida pela rua.

Shane a alertou para que não se envolvesse, mas como ela poderia não fazer nada e deixar que magoassem sua amiga? Jenny mal conhecia o rapaz, mas se convenceu de que ele era Único, apenas por causa de uma estúpida profecia de cartomante.

E Roan obviamente conseguia que Jenny fizesse o que ele queria.

— Bem, se é desse modo que ela quer que seja, é melhor deixar que cometa Seus próprios erros! — disse Karen com veemência, saindo da janela e voltando Para o balcão da cozinha.

Pegou uma faca e procurou não lidar com a infeliz cebola como se ela fosse a cabeça de Roan Williams. Ela havia tentado ao máximo prevenir Jenny, por isso ela não precisava vir procurá-la chorando se tudo azedasse entre eles. De agora em diante, no que lhe dizia respeito, Jenny e Roan podiam fazer o que bem entendessem.

KAREN ACONCHEGOU-SE ao lado de Shane. O Savoy com sua tela imensa, sem dúvida era seu cinema favorito para ver um filme na cidade, e ela e Shane eram fãs ardorosos do 007.

— Acho melhor buscar mais chocolate — disse Shane, com um sorriso maroto e a boca cheia de pipoca.

— Oh, não! — exclamou Karen, acompanhando o olhar dele e percebendo que praticamente comera todo o pacote. — Sou uma comilona!

— Você gosta de seu chocolate, isso é certo — disse ele, rindo, começando a se movimentar pelas poltronas. — Volto já.

Karen olhou o relógio enquanto se acomodava na poltrona confortável. Esperava que logo comessem a exibir os trailers, e então poderiam ver James Bond em ação no meio de todos aqueles inevitáveis bandidos. Enquanto aguardava a volta de Shane, ficou observando os outros espectadores, e franziu as sobrancelhas ao ver alguém conhecido sentado umas três fileiras à frente deles. A jovem se levantou para dar passagem a um casal e, nesse momento, Karen reconheceu o perfil de Jessie Kavanagh. Ela raramente ia a qualquer lugar sem sua melhor amiga, o que queria dizer...

— Pare, Shane! Já estou com dor na barriga de tanto rir. — Karen ouviu Lydia cornetejar atrás dela. — Estamos sentadas ali na frente. Oh!, não percebi que você estava com alguém — disse ela, relanceando os olhos para Karen.

— Olá, Lydia — cumprimentou calmamente Karen. “Não percebi que você estava com alguém. “E daí se ele não estivesse, sua estúpida?”

— Certo, bem... Verei você mais tarde, Shane, e obrigada pela pipoca — disse Lydia, rindo e ignorando deliberadamente Karen, se pavoneando toda ao voltar para a fileira onde estava sentada a amiga.

— Vaca! — resmungou Karen.

— Quem? Lydia? — perguntou Shane meio confuso. — Ela é legal.

— O quê? — disse Karen, mal-humorada. — Você não viu ela dando em cima de você? Estava toda derretida, como sempre. “Obrigada pela pipoca, Shane” — imitou, sacudindo os ombros.

— Que dando em cima? — Shane a olhava, divertido. — Karen, só porque você não gosta de Lydia não significa que eu não deva gostar. Ela é irmã de Aidan e a conheço há muito mais tempo do que conheço você. Encontrei-a lá fora, no saguão, e voltamos juntos para cá. Qual o grande problema?

O grande problema é... oh!, esqueça isso. Os trailers vão começar — disse Karen de mau humor, enquanto as luzes se apagavam e a música começava a ecoar por toda a sala. Ela sabia que não devia deixar que Lydia a irritasse, mas o fato é que ficava assim por Shane não perceber o atrevimento da garota.

— Deixarei você comer outro tablete de chocolate se me perdoar — disse Shane fazendo careta para Karen e balançando um pedaço de chocolate diante de sua boca.

Apesar de tudo, ela riu. Shane pôs o braço sobre os ombros dela, e Karen, feliz, aconchegou-se a ele. Ele estava certo, pensou. Não havia por que deixar que as provocações de Lydia Reilly arruinassem a noite deles. Acomodou-se para olhar o delicioso James Bond, o que fez todos os pensamentos sobre Lydia desaparecer.

Cerca de duas horas mais tarde, quando a sessão terminou, ela e Shane deixaram o cinema e saíram andando pela O’Connell Street.

— O que achou? — perguntou Shane.

— Brilhante! — respondeu ela, sorrindo, vestindo o casaco enquanto caminhavam tranquilos pela rua. — Um dos melhores filmes de James Bond em anos. Devíamos realmente fazer um esforço para ir ao cinema mais vezes, Shane. Gostei muito desta noite.

Shane nada disse, e Karen se pôs a andar mais rápido, tentando sem sucesso chamar um táxi.

Andaram mais algum tempo, até que Shane parou e chutou de seu caminho uma embalagem de papelão de sanduíche.

Preciso conversar com você sobre uma coisa — disse ele, sério.

— O que, Shane, é algo que não pode esperar? Estou tentando dar um jeito de voltarmos para casa. Ei, aqui! — disse, acenando furiosamente para um táxi, que já os deixava para trás.

— Esqueça isso, Karen. Não há como conseguirmos um aqui, há muita gente na fila. Bem, poderíamos ir andando. — Pegou a mão dela e começou a conduzi-la na direção da O'Connell Bridge.

Karen, caminhando relutantemente atrás dele, disse:

— Shane, nem me passa pela cabeça voltar a pé daqui até Rathmines. Se ficarmos esperando, uma hora vamos acabar conseguindo uma carona.

Shane parou e disse:

Veja Karen, eu não ia dizer nada esta noite, mas... tenho uma coisa para dizer.

Ela parou ao lado dele na ponte, percebendo subitamente sua inquietação. Enrugou a testa ao se perguntar o que haveria de errado com ele.

— Continue, então, diga.

— Bem, você sabe que não estou feliz na Viking Engineering — começou.

E... — Karen olhava por sobre a ponte e para baixo na direção das águas sombrias do rio Liffey Aonde isso ia dar? Ela sabia que Shane não estava feliz no trabalho. Ele começou a trabalhar lá logo depois de se formar e, ao longo dos últimos anos, chegou à conclusão de que a empresa era muito pequena para garantir os tipos de contrato a que ele realmente queria se dedicar. Só recentemente a Viking havia se candidatado para a construção de um novo stand no Croke Park, e Shane estava consciente de que uma pequena empresa como ela não teria chance de concorrer com as maiores. E ele estava certo, pois contrato foi dado como prêmio a outra empresa de engenharia maior e ostensivamente melhor. Não era a primeira vez que isso acontecia — as empresas maiores, mais conhecidas, quase sempre garantiam o contrato.

— O negócio é o seguinte — continuou Shane —, meu irmão, Jack, lembra que disse que ele é arquiteto? Bem, ele conhece alguém, que conhece alguém de uma grande empresa de engenharia alemã, e parece que eles estão procurando montar uma equipe de irlandeses com experiência.

— Excelente! Será que esse rapaz consegue uma entrevista para você?

— Já fiz a entrevista — disse ele, evitando olhá-la nos olhos. — Eles enviaram um representante na semana passada e... me ofereceram o emprego.

— Isso é formidável, Shane. Qual o salário? — Karen, entusiasmada, pôs os braços em volta dele. Ela percebeu que Shane andou meio distraído nas últimas semanas, mas ele não iria dizer nada sobre o emprego até que fosse algo certo.

A resposta dele sobre o salário foi a seguinte:

— É coisa do outro mundo, Karen. É uma enorme multinacional, e o que eles estão me oferecendo é irreal para alguém com minha experiência. Mesmo assim, eles querem que eu faça parte da equipe de design de uma grande instalação de tratamento

de água que estão planejando construir. Será absolutamente incrível ... Quando estava na faculdade, meu sonho era trabalhar em algo assim.

— Ótimo! E onde tudo isso está acontecendo? — disse ela. — Achava que tínhamos estações de tratamento de água em número suficiente por aqui.

O olhar sonhador desapareceu dos olhos dele, e sua expressão voltou a ficar séria.

— É sobre isso que quero conversar com você, Karen. O projeto... a empresa é em Frankfurt.

Karen fechou os olhos:

— Você quer dizer, Shane... você não está me dizendo que está pensando em trabalhar na Alemanha, está?

Ele continuava evitando o olhar dela.

— Não estou só pensando nisso, Karen. Já aceitei o emprego. Eles querem que eu comece no próximo mês.

Karen sentiu-se num turbilhão de emoções ao tentar achar sentido naquilo que ele havia dito — mas raiva era de longe a mais forte delas.

— Há quanto tempo você sabia disso, Shane? — ela finalmente perguntou.

— Faz pouco tempo, querida — disse ele, suavemente, tomando a mão dela nas suas. — Simplesmente não pude lhe contar antes. E lhe disse esta noite porque... bem, não conseguia manter isso comigo por mais tempo.

Karen não sabia o que pensar. Shane, seu Shane, estava empacotando as coisas e se mudando para a Alemanha — exatamente isso. Como pôde ele tomar uma decisão como essa sem dizer a ela?

— Deixe disso, vamos até o Bewley tomar um café ou outra coisa, lá podemos discutir melhor isso — disse ele.

Ela falou com os olhos abaixados:

— Shane, acho que não há nada que tenhamos para conversar. Você está se mudando para a Alemanha para começar uma nova vida e isso é tudo. Eu não sei por que você quer discutir comigo tudo isso. Você já decidiu.

— Com certeza precisamos conversar — disse Shane. — Obviamente, pensei em como isso afetaria você e a mim...

— Afetaria você e a mim? Você está louco, Shane? É claro que isso vai afetar você e a mim. Obviamente, entre nós está tudo acabado!

— Acabado? Do que você está falando? Pensei que talvez pudéssemos...

— O quê? Intercâmbio? Tentar um relacionamento de longa distância? — disse, puxando o casaco para mais próximo de seu corpo. — Esqueça isso, Shane. Não funcionaria. Nenhum de nós conseguiria.

— O quê? Isso significa que você está preparada para desistir de nosso namoro? Esse ótimo namoro que nós temos, só porque eu não vou morar mais perto de você?

— Sim — disse secamente —, e foi você quem tomou essa decisão, não eu.

— Karen, você não pode nem considerar a possibilidade de que seríamos capazes de fazer isso, pode? — disse ele, olhando-a de modo estranho. — Até onde você realmente acredita nisso?

Karen o encarou e seus olhos faiscavam de raiva:

— Você me surpreende, Shane Quinn! Esta noite, inesperadamente, você me disse que está batendo asas para ir trabalhar na Alemanha. No mês que vem! Você nem se preocupou em me deixar saber que uma coisa como essa podia acontecer. De que outro modo você esperava que eu reagisse?

Girou nos calcanhares e se pôs a andar. Ele a seguiu silenciosamente.

Na Westmoreland Street ela conseguiu pegar um táxi, e eles entraram no carro, cada um perdido em seus pensamentos.

Karen estava tão zangada que nem se lembrou de dizer ao motorista para onde estavam indo. Ela não esperava isso. Achava que seu relacionamento estava indo bem, que Shane poderia tê-la incluído em seus planos ou pelo menos que a consultaria sobre eles. Enquanto ela pensava que eles eram felizes juntos, todo o tempo ele estava planejando ir trabalhar na Alemanha, sem nem sequer dedicar a ela um segundo pensamento.

É claro que ele não levava a sério o namoro. Eles poderiam manter uma amizade à distância, mas não passaria disso. Sabia que, para ela, a diversão que havia na relação cotidiana teria fim e que não iria durar muito. Pelo menos ela podia ser realista quanto a isso.

Dirigiu um olhar furtivo a Shane, que estava sentado a seu lado, em silêncio, olhando pela janela enquanto o táxi seguia na direção de Rathmines. Ele provavelmente estava se sentindo culpado por não lhe ter contado antes. Mesmo assim, não faria nenhuma diferença em relação à decisão que ele havia tomado — estava indo embora, e isso era tudo o que dizia respeito a ela. Não havia sentido em fazer promessas, que ela estava certa de que não seriam capazes de cumprir.

Quando o táxi cruzou a ponte, em Portobello, Karen pediu ao motorista que parasse na Leinster Square. Shane, que morava mais adiante, perto de Rathgar, olhou com tristeza para ela, com uma expressão de mágoa e desapontamento.

— Não podemos nem discutir isso, Karen?

— Shane, não há mais nada a dizer — respondeu ela, abruptamente. — Você tomou sua decisão, e é isso.

— Pelo amor de Deus, Karen, deixe de ser tão teimosa — disse ele, baixando a voz quando o táxi virou na Leinster Square. — Não é “isso”, e é claro que precisamos conversar.

Karen notou que o motorista do táxi mudou de posição, pois assim, olhando pelo espelho, poderia ter uma visão melhor do casal que brigava no banco de trás de seu carro.

Ao se aproximar de casa, ela se ajeitou no banco.

— Shane, boa sorte na Alemanha. Espero que tenha uma vida fantástica. E você — disse ao pobre motorista, repreendendo-o — deveria se preocupar com seus próprios problemas.

O homem olhou mais do que assustado quando chegaram ao portão. Karen lhe empurrou o dinheiro sem dirigir mais nenhuma palavra a Shane, batendo a porta atrás de si e pisando duro no caminho até o apartamento.

Ao ver o táxi se afastando, sua luta agora era contra uma dor dupla — de decepção e tristeza. Pare, disse a si mesma. Não havia por que ficar sofrendo por isso. Shane tomou sua decisão — ela apenas tinha que se recuperar e seguir em frente.

Relanceando os olhos para a janela lá em cima, percebeu que havia luz acesa na sala. Olhou o relógio. Eram quase dez horas — Jenny não costumava estar em casa a essa hora, pois geralmente durante a semana ela ficava na casa de Roan. Tomara que ele não estivesse lá. Ela não estava com disposição para bate-papo com os dois, especialmente aquela noite.

Ao entrar, tirou o casaco e foi para seu quarto, mas antes quis dar uma olhada para ver quem poderia estar na sala. Quando Karen abriu a porta, o que viu fez sumir completamente de sua mente todos os pensamentos de sua situação com Shane.

JENNY PENSOU QUE o dia não acabaria nunca. Ela detestava o horário estendido do banco às quintas-feiras — havia sempre uma procissão interminável de clientes querendo descontar cheques ou fazer saques para passar o fim de semana.

Ela simplesmente não estava com humor para enfrentar um dia cheio e, com certeza, a maioria de seus clientes era do contra. Uma mulher a ameaçou de se queixar dela por sua audácia em pedir que ela se identificasse para sacar um cheque da previdência.

— Sou a titular — havia dito a mulher na defensiva. — Quem você pensa que é, dizendo que não sou?

Jenny suspirou por dentro, já usou diversas vezes esse argumento com outras pessoas. Tentou explicar à cliente que na verdade era o Departamento de Bem-estar Social, e não o banco, que insistia na identificação.

A mulher não queria saber de nada disso. Pegando o cheque de volta, ela se virou e tomou a direção do escritório de Bar Jenny sabia que, se a mulher fosse se queixar, o gerente explicaria que ela havia agido corretamente recusando-se a fazer o pagamento sem uma identificação válida. No entanto, ela odiava uma cena.

Era a primeira de muitas naquele dia, e um cliente após outro parecia ter algum problema com ela. Era como se soubessem que Jenny estava ansiosa para sair cedo do trabalho.

Outra mulher reclamou que ela não sorria, enquanto Jenny contava o dinheiro para entregar à cliente:

— Sei que deve ser difícil ficar trocando dinheiro para que possamos viajar no feriado, enquanto você está presa aqui, mas no mínimo poderia tornar isso mais agradável.

A cliente estava certa. Jenny estava se mostrando desnecessariamente irritada, mas sua mente estava em outro lugar, ou seja, em sua visita ao médico depois do expediente.

Finalmente, às quatro horas, as portas se fecharam e o banco ficou em silêncio. Na meia hora seguinte, ou por aí, o único som que se ouvia na sala era o tilintar das máquinas de somar cada vez que um caixa fazia o balanço do dia. Jenny, em quinze minutos, fechou seu caixa de Câmbio Estrangeiro e olhava ansiosamente para os colegas, esperando que eles também terminassem logo, pois assim conseguiria chegar a sua consulta.

Foi então que ouviu alguém resmungando atrás dela.

— Não acredito! — exclamou Joyce Ryan, a caixa que trabalhava no guichê ao lado, com dinheiro irlandês, uma garota de quem Jenny particularmente não gostava. Ela era convencida, uma madame pouco amistosa, segundo Olivia, que conseguiu emprego no Alliance Trust não por causa de um bom currículo, mas porque é sobrinha do gerente da região sul de Dublin.

— Tenho certeza de que logo vou localizar esses oitocentos euros — disse Jenny, tamborilando freneticamente com as chaves em sua máquina.

Jenny fez uma careta. Isso significava que todo mundo ia ter que ficar até tarde para fechar seu caixa. Bem, se Joyce tinha um jeito para resolver isso, teria sido preferível tê-lo usado mais cedo do que mais tarde.

— Mostre-me seus extratos. Vou ajudá-la — disse Jenny indo até a garota, que conferia ansiosamente suas contas.

— Os extratos estão corretos, obrigada — disse Joyce na defensiva, encarando-a.

— Acalme-se, Joyce — disse Brendan. — Ela está apenas tentando ajudar para que possamos ir embora daqui sem demora. Você deve ter cometido algum erro que não está encontrando.

Jenny folheou a pilha de comprovantes de depósitos e saques e os comparou com o relatório do computador.

— Aqui está! — disse ela, descobrindo o erro quase imediatamente. — Você registrou quatrocentos euros nesta conta como depósito em vez de saque. Deu quatrocentos euros ao cliente e ainda creditou em sua conta outros quatrocentos. Aí está a diferença de oitocentos euros. Se tivesse invertido a transação depois feito o saque corretamente, o total bateria.

— Deixe-me ver — disse Joyce, pegando o comprovante de modo grosseiro e examinando os números no computador.

— Está certo — disse Brendan, olhando a tela por cima dos ombros dela—, podemos todos ir para casa agora. Ponto para você, Jenny!

Alguns minutos depois, Jenny se despediu dos colegas e foi pegar o casaco. Olhava para o relógio enquanto andava nervosamente pela rua. Já eram 17h15, e sua consulta estava marcada para as 17.

Quando se sentou na sala de espera, tentou se concentrar na revista que estava em suas mãos. Ela queria ter ido direto para o consultório e descobrir o que tivesse que saber.

— Jenny Hamilton! — chamou, suave, a recepcionista. — O doutor Reilly vai vê-la agora. O consultório fica no final do corredor, é a última porta à esquerda.

As pernas de Jenny tremiam enquanto andava em direção à sala.

O médico levantou os olhos quando ela entrou.

— Olá, Jenny. Obrigado por ter vindo.

Ela apertava com força as mãos.

— O que há de errado comigo, doutor?

Com um gesto, convidou-a a entrar:

— Jenny, sente-se, por favor. Não se preocupe, não há nada sério com você — assegurou-lhe. — Só preciso fazer algumas perguntas para descobrir com que estamos lidando.

A mente de Jenny voava enquanto concordava em responder. Não há nada de sério? Isso significava, então, que algo está errado, não é?

Menos de meia hora depois, Jenny caminhava meio tonta para fora da sala de exame. O doutor Reilly foi muito gentil, embora tivesse de admitir que foi um tanto vago ao explicar a situação. Caminhando pela rua, sentiu que as lágrimas escorriam de seus olhos. Tentou contê-las, esperando não chorar — não ali, na frente de todo mundo.

Andou rapidamente até a estação e chegou bem a tempo de ver que um trem acabava de sair. Um aviso dizia que o próximo não sairia antes de vinte minutos. Tentando manter-se calma, Jenny atravessou o terminal ferroviário e entrou na lanchonete para tomar algo quente. Embora a noite não estivesse fria, ela se sentia gelada por dentro. Pegando o copo descartável com o líquido quente, resolveu dar uma volta pelo porto de Dun Laoghaire.

Como as noites estavam demorando mais a escurecer, havia no porto pessoas passeando com seus cães, gente correndo e, infelizmente para Jenny, casais passeando de braços dados. Viu um rapaz beijar ternamente a testa de sua namorada e pôr o braço em torno dela, enquanto tranquilamente contemplavam a vista do porto, sem se fixar em nada.

Jenny se sentiu muito deslocada ali, no meio deles. Todos pareciam tão felizes e despreocupados, cada um cuidando somente de sua vida numa fresca noite de primavera. Só ela sentia aquela dor interna? Isso não era justo.

Fez o caminho de volta à estação e dessa vez procurou pegar, sem demora, um trem. Enquanto a composição seguia ao longo da costa em direção à cidade, Jenny pensou que nunca havia se sentido tão só. Não diria nada a Roan. Ainda não. Não estava segura sobre qual seria a reação dele. No trabalho, tampouco havia alguém com quem ela pudesse confidenciar. Ela e Olivia haviam se tornado boas amigas nos últimos meses, e Jenny sempre lhe falava sobre seus sentimentos por Roan e também comentava que Karen não gostava dele. O que diria Karen se soubesse disso? É claro que não poderia contar para ela. Não saberia por onde começar. Isso era estranho, porque ela e Karen nunca guardavam segredos uma da outra, mas elas haviam se distanciado nos últimos meses. Jenny sabia que tudo era culpa de seu relacionamento com Roan. Embora doesse admitir, com o passar do tempo ela acabou tendo a sensação de que talvez Karen estivesse certa ao alertá-la.

O trem parou na estação Pearse Street e Jenny desceu, saindo rapidamente para a rua. Seu coração estava pesado, ela fez sinal para um táxi e por sorte este parou quase junto do meio-fio.

— Rathmines, por favor — disse ao motorista, que balbuciou alguma resposta. Ainda bem, pensou, acomodando-se no banco do táxi. Ela não estava a fim de bate-papo.

Enquanto observava as ruas por onde passavam, Jenny repetia mentalmente tudo o que o médico disse. Quanto mais pensava nisso, pior sentia.

Apesar de todo o esforço que fazia para se manter calma, Jenny sentiu um nó na garganta e logo em seguida mergulhou em silenciosas lágrimas. Virou a cabeça para a janela, fazendo de tudo para que o motorista não a visse. Iria pensar que ela era louca.

Depois que chegou ao prédio, Jenny entrou e correu para cima.

Ao se lembrar das palavras do médico, tão claramente como se ele estivesse ali ao lado dela, mais uma vez foi dominada por um surto de lágrimas. Jenny se sentou no sofá e, durante um tempo que pareceu horas, chorou como se seu coração fosse se romper.

11.

KAREN PRECIPITOU-SE para a porta.

— Jen, o que há de errado? — perguntou ela, envolvendo a amiga num abraço, mas com isso Jenny começou a chorar mais ainda. Karen se perguntava que diabos estava acontecendo. Parecia que Jenny estava chorando há dias. —Jen, você está me assustando. Por favor, me diga! Aconteceu alguma coisa entre você e Roan? É isso, não é?

Vendo que ela assentiu com a cabeça, incapaz de falar por causa do choro, Karen continuou:

— Vocês brigaram? O que ele fez?

Jenny se sentou e enxugou os olhos. Seu cabelo estava molhado pelas lágrimas e caía em mechas em volta de seu rosto.

— Fui ao médico hoje... (solução) ... e descobri..., descobri..., que eu... (solução)... — ela soluçava descontroladamente, incapaz de completar a frase.

O coração de Karen pesava como uma pedra quando ela a envolveu num caloroso abraço:

— Oh, querida, eu entendo; nas últimas semanas tinha a sensação de que estava acontecendo algo errado. Suspeitava que pudesse ser isso, mas...

Oh, não, pensou. Isso não. Jenny não.

— O médico deve ter pensado que eu sou uma vagabunda. Oh, a culpa é toda minha, Karen. Achava que não precisava usar camisinha, porque tomo pílula.

— Sim, querida, mas a pílula não é cem por cento eficaz. Achei que soubesse disso — disse Karen, consolando-a com um sorriso.

Jenny parecia confusa.

— Neste caso, não é mesmo eficaz, Karen. Mas do que você está falando? — Então ela se deu conta e levou a mão à boca.

— Olhe, Jen, tudo bem. Estou aqui para apoiá-la — disse confortando-a — e vou ajudar a contar para seus pais, se quiser.

Jenny dirigiu-lhe um sorriso torto.

— De todo modo, não creio que vou falar com meus pais sobre isso. Não estou grávida, Karen. É o que você está pensando, não é? Não é nada disso, graças a Deus. Mas... — sua voz foi diminuindo até se transformar num sussurro, enquanto ela se esforçava para pronunciar as palavras — peguei uma espécie de... doença, que deve ter sido transmitida por Roan. Uma doença sexualmente transmissível — disse isso e olhou para longe, mortificada.

De boca aberta, Karen encarou a amiga. Ela tentava dizer algo, mas por um longo momento não encontrou as palavras. Finalmente, acabou murmurando:

— O quê? Bem, que tipo de doença? Posso compreender se você não quiser me dizer, mas... qual a gravidade disso, Jenny? Não é...

— É gonorréia, Karen. Andei tendo alguns problemas, então fui ao médico, fiz uma série de exames, e ele me chamou hoje para me comunicar os resultados. Não pensei... Quero dizer, não tinha ideia de que um dia poderia ter algo parecido. Eu simplesmente senti tanto nojo...

— Oh, Jen, pobrezinha! — isso foi tudo o que Karen conseguiu dizer, e, enquanto abraçava a amiga de novo, seus pensamentos entraram em fúria.

O canalha! Canalha inútil! Como se atreveu? Ela ia matar Roan Williams quando pusesse as mãos nele. Sabia disso. Ele finalmente acabou se traindo. E como! Pobre Jenny, ela não merecia isso. Ninguém merecia. Ela adoraria vê-lo punido por sua...

— Ainda não disse nada para ele. Tenho que dizer, mas não sei o que ele vai pensar. Deus, eu me sinto tão suja, Karen!

— Não se atreva a se culpar. Você não é a única suja! Nojento! Eu sabia! — baixou a voz quando viu a expressão ferida de Jenny. — Querida, por favor, não pense que estou contente com isso. Não estou e definitivamente não vou dizer:

“Eu não disse?”. Mas até você tem que admitir que ele não é confiável. Quero dizer, ele obviamente está tendo relações com você e Deus sabe lá com quem mais, ou o quê? Você precisa descobrir, para seu próprio bem.

— Eu suspeitei por um tempo que as coisas não estavam indo bem. Isso vem confirmar tudo. — Jenny sorriu tristemente. — Que jeito de descobrir que seu namorado está enganando você!

Karen abraçou-a novamente:

— Não se preocupe, Jen, você vai estar muito melhor longe desse duas caras. Juro por Deus, quando chegar perto dele, vou matá-lo!

Apesar de tudo, Jenny teve que rir da veemência da amiga.

— Sabe, senti falta de ter você para me defender — disse Jenny, tirando o cabelo dos olhos. — Sei que tem sido difícil para você não falar mal dele, mas eu sou muito

cabeça dura. Eu devia ter percebido que você estava dizendo aquelas coisas porque se preocupa comigo. Realmente, sinto muito, Karen.

Jenny respirou fundo, e uma olhou para a outra por um instante, antes de cair na risada.

— Que dupla formamos — disse Karen, balançando a cabeça. — Nós duas descobrimos, na mesma noite, que nossos homens são completa e definitivamente uns canalhas.

Jenny sentou-se, estava tomada pela surpresa.

— O que você quer dizer? O que Shane fez?

Karen falou-lhe da decisão de Shane de se mudar para a Alemanha, e então foi a vez de Jenny mostrar solidariedade.

— E agora, o que você vai fazer? — finalmente perguntou Karen.

Jenny se reanimou um pouco depois de ter falado com Karen:

— Bem, não queria isso, mas acho que vou ter de enfrentá-lo.

— E? — Karen perguntou, esperando que Jenny fosse acabar com ele. Tinha que terminar com ele.

— E vou dizer a Roan exatamente aonde ir. Não preciso de alguém como ele, Karen. Não consigo acreditar que caí em todas as mentiras dele. Lembra-se do Natal, que ele ia passar comigo para conhecer meus pais, e ele cancelou Porque estava gripado? Acreditei nele, mas aquilo provavelmente também era mentira.

Karen concordou.

— Mas por que não vi isso antes? — perguntou Jenny, e ela mesma deu a resposta: — Havia indícios, desde o começo, mas eu simplesmente os ignorava porque queria acreditar que Roan era Único.

Karen nada disse. Ela não queria se envolver novamente.

— Certo — disse ela, alegremente, saltando do sofá e pegando duas taças de vinho no armário. — Afinal, acho que nós duas podemos tomar um vinho, não?

Jenny levantou o polegar em sinal de aprovação.

— Karen, você tem certeza de que entre você e Shane está tudo terminado? — perguntou, enquanto Karen procurava um abridor na gaveta. — Afinal, ele vai morar a apenas uma ou duas horas de avião. Um relacionamento a distância pode não ser tão difícil como você pensa.

— Não. Ele tomou a decisão sem me consultar — disse Karen, balançando a cabeça com firmeza —, portanto, por que eu deveria ser a única a me deslocar? Como se isso não fizesse a menor diferença em nosso relacionamento — disse devagar, revirando os olhos. — Você já ouviu tal tolice em toda a sua vida?

Jenny encolheu os ombros e disse:

— Mas você acha que é sensato romper? Você e Shane estão juntos há tanto tempo!

— Esse é o problema. Se nosso relacionamento significa alguma coisa para ele, não precisava viajar assim, sem pensar duas vezes, não é? De qualquer maneira, não quero mais falar e nem pensar nisso. — Encheu as duas taças até a borda e cuidadosamente, para evitar que transbordasse, estendeu uma para Jenny. — E essa doença tem cura, não? Quero dizer, não é algo que possa ter consequências irreversíveis ou algo assim, não é?

Jenny balançou a cabeça ao responder:

— Aparentemente, segundo o doutor Reilly, foi detectada a tempo e é fácil de ser curada. Ele me deu alguns antibióticos e recomendou abstinência sexual durante algum tempo, o que não será problema. Assim, espero, ficarei boa.

Isso era um alívio, pensou Karen. Ela já havia lido bastante sobre doenças sexualmente transmitidas em revistas femininas e sabia que algumas delas, se não forem detectadas, podem ser muito perigosas. Estava contente pelo fato de Jenny não ter ficado constrangida de procurar um médico. Pelo menos agora ela estava preparada para admitir, mesmo para si mesma, que nem tudo ia bem com Roan.

Do jeito como as coisas estavam e agora que não havia mais barreiras entre as duas, ela e Jenny voltariam ao normal, como sempre. Ela esperava que fosse assim. Agora teriam tempo para rir juntas, exatamente como antigamente. Ia combinar com Tessa para em breve irem as três até a cidade, para uma noite feminina barulhenta.

E Roan Williams e Shane Quinn podiam se mandar.

— ROAN, TEMOS UM PROBLEMINHA — disse Jenny, tentando fazer que suas mãos parassem de tremer.

— O que há de errado, Jen? Kevin me disse que você me telefonou de manhã. Trabalhei até tarde esta noite. Sinto muito.

Roan fez menção de beijá-la nos lábios, e Jenny rapidamente se desviou. Ele recuou, surpreso.

— Como disse, temos um probleminha. Fui ao médico dias atrás e...

— Epa! Não me diga que é aquele tipo de problema — disse ele, interrompendo. — Pensei que você estivesse tomando pílula. — Jenny se retraiu diante dessa reação, e ele, olhando para ela, suavizou o tom de voz.

— Não é isso, é, querida? Você não está grávida, está? Porque você sabe que somos jovens e...

— Não estou grávida.

Ele relaxou visivelmente.

— Mas parece que peguei uma DST de você. — Jenny estava admirada com a calma com que falava, quando dentro de si era só agitação.

— Pegou o quê? De mim? Do que você está falando? — disse Roan, que obviamente ficou completamente perturbado.

— Parece que peguei gonorréia de você, Roan.

Pronto, estava feito. Ela aguardava sua reação.

Ele se afastou dela e passou as mãos pelo cabelo escuro. Quando voltou, Jenny viu uma expressão de horror em seu rosto.

— Meu Deus! Você não acha... meu Deus! Acha que fui eu que passei isso? Jenny, como pôde pensar uma coisa dessas?

— Bem, de quem mais eu poderia ter pego a não ser de você, Roan? Espero que não esteja sugerindo... Como se atreve? Não andei dormindo com qualquer um, você sabe!

Os olhos de Jenny brilhavam. Karen havia pensado que ele podia tomar esse caminho, mas até então Jenny não acreditava que ele pudesse ser tão baixo.

— Não, não, não é isso que estou dizendo — respondeu ele, cobrindo o rosto com as mãos. — Sei que você não faria isso. Confio em você, Jenny. Você não seria infiel — disse, olhando direto para ela —, do mesmo modo que eu não trairia você. Tem certeza de que não há outros modos pelos quais você poderia ter contraído essa coisa?

— O que está querendo dizer? — perguntou Jenny, confusa. — É claro que peguei de você, O que está dizendo? Não compreendo.

— Bem, que tal seu namorado na Austrália? Não quero ser maldoso, mas... você não disse que ele a havia traído?

— Bem, sim, mas... — Jenny desabou no sofá, já não tão segura de si.

Roan parecia tão magoado pela sugestão e estava tão inflexível que não podia ter sido infiel. Ela supôs que havia uma possibilidade de ela ter pego a doença de Paul. O médico havia dito que essas coisas podiam não ser detectadas por algum tempo, e não havia como saber há quanto tempo ela estava infectada. De fato, agora que estava pensando nisso, ela ignorou os sintomas durante muito tempo antes de ir ao médico. O problema era que ela não conseguia se lembrar de quando exatamente eles haviam começado.

— Não pensei nisso — admitiu ela, com voz sumida.

Roan se ajoelhou diante dela e segurou as mãos dela nas suas.

— Pense nisso, Jenny. De que outro modo você poderia ter pego isso? Você e eu temos um relacionamento sério. Não há mais ninguém. — Ele pôs os braços em volta dela e puxou-a para perto de si.

— Oh! Não sei o que pensar — disse, chorando, tentando retribuir seu abraço. — Achei que talvez você pudesse ter sido, você sabe... Simplesmente não tenho certeza.

— Shhh... está bem, compreendo — Roan sussurrou —, mas estamos juntos há meses e você é a única pessoa com quem estive desde Siobhan. Por favor, acredite em mim. — Passou o polegar por sua face, enxugando as lágrimas. — Eu não faria nada para magoar você. Você tem que confiar em mim.

Uma sensação de alívio tomou conta dela e, ao ver a mágoa e a dor em seus olhos, soube que havia cometido um erro. Como pôde ter duvidado dele? E como foi estúpida por automaticamente assumir que ele havia sido infiel, quando havia prova concreta de que Paul, sim, a traiu! Ela era uma tremenda burra desconfiada!

— Sinto tanto! Você deve me achar um horror, acusando você desse jeito. — Levantou os olhos para ele, com o rosto cheio de remorso.

— Não, está tudo bem. Sei que deve ter sido um choque. Eu me perguntava por que não tive notícias suas nos últimos dias. Pobrezinha! E como estão as coisas agora? O médico resolveu o problema?

A aparência de profunda preocupação em seu rosto fez Jenny se sentir péssima. Ali estava ele, todo preocupado com ela, depois de ela ter-lhe atirado a notícia na cara.

— Não, vou ficar boa, mas... — Jenny fez uma careta, constrangida — você tem que se tratar também. Roan, não sei o que você deve estar pensando de mim. Devia ter confiado em você e ter vindo procurá-lo, antes de automaticamente acusá-lo e...

— Está tudo bem, já que agora você sabe que eu não faria nada assim — disse ele, tomando-a outra vez nos braços. Olhando-a nos olhos, completou: — Você sabe disso, não sabe?

Ela sorriu com um olhar lacrimejante:

— Eu não o culparia se você nunca mais quisesse me ver.

— Não seja tola! Foi só um pequeno mal-entendido. Mas entendi que devemos nos comportar por enquanto, não é?

Jenny assentiu, e ele a beijou na ponta do nariz.

— Olhe, por que você não vai ao banheiro, se arruma e vamos tomar uma bela e tranquila cerveja em algum lugar? — disse e pôs-se a bater nos bolsos do jeans. — O problema é que não consegui encontrar minha carteira em lugar nenhum hoje, por isso teria que...

— Oh, posso pagar — disse Jenny, levantando-se rapidamente, ansiosa para agradar.

— Tem certeza? Ela deve estar em algum lugar por aqui, mas...

— Não há problema, Roan. O mínimo que posso fazer é pagar umas bebidas depois de minha performance.

— Bem, se está certa disso. — Roan lançou-lhe um sorriso sedutor.

Jenny foi ao banheiro e lavou o rosto com água fria para se livrar dos vestígios das lágrimas, contente porque as coisas entre eles haviam voltado ao normal. Quando deixaram o apartamento e saíram para a rua, Roan pôs o braço em volta dela e sorriu. Jenny sentiu um arrepio que era uma mistura de alívio e prazer. Ela era realmente sortuda por Roan ter sido tão compreensivo. Afinal, se ela estivesse no lugar dele, teria se assustado.

Ela se lembrou do que a cartomante havia dito sobre os “momentos de tormenta” pelas quais ela e Roan passariam ao longo de seu relacionamento. Mas ela não disse também que eles superariam todos aqueles problemas? Ela esperava que não surgissem outros porque, se houvesse, ela não estava segura de que seria capaz de lidar com eles.

Não há motivo para preocupação, pensou, Jenny quando chegaram ao pub. O mais importante é que haviam sido capazes de superar seus problemas. E ela o recompensaria. Ia garantir que eles tivessem uma bela noite e depois, no fim de semana, o levaria para jantar fora e não deixaria que ele pusesse a mão no bolso. Ela lhe devia isso, depois de tudo que ele passou por causa dela.

12.

— COMO ELA PÔDE ser tão estúpida, Tessa? — queixou-se Karen. — Ela parecia tão determinada a terminar com ele. Não consigo acreditar que ela caiu na conversa!

Ela olhava a vitrina da cafeteria da lotada O’Connell Street. Era uma tarde de sábado, e o centro da cidade estava repleto de compradores e turistas. Ela se sentiu mal contando a Tessa a situação de Jenny, mas estava tão zangada com a amiga, que tinha de dizer a alguém. Tessa, como era enfermeira, talvez pudesse lançar alguma luz sobre como Roan conseguia se safar dessas mentiras.

Quando Jenny voltou de sua suposta confrontação com Roan, por sua expressão Karen já sabia que ela não havia se livrado dele como pretendia.

— Talvez eu tenha sido um tanto precipitada em julgá-lo — disse ela, quando Karen perguntou como tudo correu.

Karen saltou do sofá, incrédula.

— Precipitada? O que é isso? Veja o que ele fez, pelo amor de Deus!

— Roan disse que não foi ele — contou Jenny calmamente, evitando olhar para a amiga.

Karen mal podia acreditar nisso.

— Jenny, é por isso que essas coisas têm o nome de DST. Doenças sexualmente transmissíveis. Como ele acha que você a pegou? — Ela dirigiu à amiga um olhar de advertência, quando ocorreu um pensamento. — Não se atreva a contar que ele disse que você a pegou de outra pessoa!

Jenny, suplicante, olhou Karen:

— Ele acha que eu poderia ter pego de Paul. Disse que ele não foi infiel de jeito nenhum.

— O quê? — Karen estava incrédula. — Como ele apareceu com essa merda? Você e Paul estão separados há meses! Como a doença levaria tanto tempo para se manifestar?

Jenny se retraiu:

— Tive os sintomas durante um tempo. Apenas fui adiando, esperando que as coisas melhorassem, até que fui ao médico. Roan tem a opinião de que poderia facilmente ter sido Paul.

Karen balançou a cabeça:

— Sinceramente não concordo, Jen. Isso parece um tanto improvável. E você disse que tinha algumas dúvidas sobre Roan antes mesmo de descobrir isso.

— Sim, mas talvez o tenha julgado mal, e isso simplesmente amplifica tudo de um modo irrealista. Você devia ter visto o rosto dele quando lhe contei. Ficou realmente preocupado. Estou me sentindo tão culpada por ter agido sem pensar, quando deveria haver uma explicação razoável. Fiquei de coração partido.

Karen não sabia o que dizer. Sentia vontade de agarrar Jenny e sacudi-la até que voltasse à razão. É claro que todas as suas boas intenções da outra noite, de mandar Roan à merda, agora haviam caído por terra. E o desgraçado sabia exatamente como apagar suas pegadas. O que havia de errado com Jenny? Por que era tão cega?

— Simplesmente não consigo entender — disse Karen a Tessa.

A amiga se acomodou na poltrona e respondeu:

— O que você pode fazer? Se ela está preparada para continuar com ele, então não há absolutamente sentido em você se preocupar com isso. Ela é uma mulher adulta, afinal. — Deu um gole no cappuccino. — Mas tenho que admitir. Estou surpresa com Jenny. Agora sei exatamente o que as pessoas querem dizer ao afirmar que o amor é cego.

— Cego! Esta é a maldita palavra-chave — disse Karen, revirando os olhos. — Sério, Tessa, o que há de errado com ela? Será que ele é um grande mentiroso?

Tessa fez uma pausa:

— Bem, deveria haver algo que se pudesse fazer com a cartomante.

— Eu sei... É uma coisa louca! Por que uma pessoa com mais de dez anos de idade iria acreditar em toda essa merda? -

— Agora, espere um instante! — disse Tessa, calma. — Você, Karen, por natureza, é uma pessoa cética, e isso é coisa sua. Mas Jenny não é. Confiou naquela mulher num momento que estava insegura e com medo. Terminou com O tal Paul, voltou da Austrália, e para quê? Ela não está segura e, obviamente, tem medo. Acho que ela precisava saber o que o futuro reservava para ela. Um Pouquinho de esperança, se achar melhor.

Karen continuava balançando a cabeça.

— Tessa, calma aí... ninguém sabe o que o futuro nos reserva, muito menos esses malditos adivinhos. Se é esse o caso, por que não estão apostando nos cavalos, ou jogando na loteria, em vez de ficar deformando a mente das pessoas?

— Mas essa não é a questão, é? — disse Tessa. — Às vezes, isso dá às pessoas um pouco de confiança, inclusive a expectativa de algo mais adiante. Isso não é ruim, Karen. Não é pior do que você ler o horóscopo, coisa que já a vi fazer muitas vezes.

— Mas isso é diferente, hein? Não sigo cegamente o que o horóscopo diz a mim e a milhares de outros arianos! O que acontece simplesmente acontece, e todos temos que tomar nossas próprias decisões, sem depender de previsões. — Exasperada, Karen passou as mãos pelo cabelo. — Jenny ficou com Roan porque se convenceu de que ele é Único. Acho que isso é uma bobagem.

Tessa deu uma mordida em seu croissant depois contestou a amiga.

— Nunca lhe passou pela cabeça que ela está com Roan porque o ama e quer acreditar que ele está dizendo a verdade?

— Creio que essa seja uma possibilidade — disse Karen, mexendo os ombros. — Sela lá como for, não acho que ele esteja dizendo a verdade. Sei, baseada num fato, que ele é mentiroso, infiel e desonesto.

— Como?

— Como o quê?

— Você disse que sabia baseada num fato. Como sabe disso? — Tessa repetiu, cruzando os braços no peito.

— Bem, eu lhe falei sobre a garota com quem ele estava aquela vez, no shopping.

— Ah! E eles estavam no andar do corredor das frutas e verduras ou algo assim? — Tessa perguntou com um brilho divertido nos olhos.

— Não, mas...

— Como sabe que ela não era apenas uma amiga? E não é possível que Jenny tenha pego a doença do ex-namorado? Algumas DST muitas vezes podem ser assintomáticas.

— Pode traduzir, por favor, enfermeira? — perguntou Karen, levantando uma sobrancelha.

— Bem, não estou dizendo que foi exatamente isso que aconteceu, mas há uma possibilidade de que Jenny a tivesse pego de Paul, em alguma ocasião, e nem mesmo sabia que estava infectada. Finalmente, ela vai ao médico se queixando de sintomas leves, e a doença se revela num exame ginecológico.

— Você acha que isso é possível?

— Por que não? — respondeu Tessa, encolhendo os ombros. — As mulheres têm a tendência de adiar quando se trata dessas coisas. Vejo isso todo o tempo. Karen, dê um tempo ao rapaz e procure aceitar a possibilidade de que você possa estar realmente errada sobre ele.

Karen se lembrou de Shane dizendo-lhe a mesma coisa. Estaria errada a respeito de Roan? Ela não sabia. Tudo o que sabia era que sua cabeça ia explodir se continuasse a pensar em Jenny. Deus sabia que ela também tinha seus próprios problemas. Shane iria embora em poucas semanas.

Karen não o viu desde aquela noite no cinema, e ele não a procurou. Ela estava surpresa. Não era próprio de Shane guardar ressentimento ou ficar zangado.

Tinha que admitir a si mesma que já estava com saudade dele. Mas qual era a questão? Ele estava indo para a Alemanha e ela, não. Ponto final. Seria muito mais fácil assim. Mesmo assim, Karen não podia ignorar a dor que sentia no estômago toda vez que pensava nele.

— Tem visto Shane por aí? — perguntou a Tessa, tentando parecer natural.

Tessa levantou a xícara e parou a meio caminho da boca:

— Estava me perguntando quando chegaríamos a isso.

— O que quer dizer? Entre nós não há mais nada.

— Você poderia pelo menos dizer isso a ele. Ele está realmente mal.

O coração de Karen acelerou:

— Ele disse alguma coisa?

Tessa balançou a cabeça:

— Para mim, não, mas para Gerry. Ele realmente está arrasado. Agora não sabe se tomou ou não a decisão certa. Você devia falar com ele, Karen. Não está sendo justa.

— Espere um pouco! Não fui eu que tomei a decisão de terminar e ir para a Alemanha de repente, fui?

— Não, mas acho que vocês deveriam pelo menos conversar sobre isso antes que ele vá embora. Você mesma disse que não havia dado a chance de ele se explicar.

Karen mordeu o lábio. Ela queria desesperadamente conversar com Shane antes que ele se fosse, mas não ia dar o primeiro passo.

Tessa leu seus pensamentos e disse:

— Ele está com receio de ligar para você. Acha que você vai lhe dizer o que fazer. Você o conhece. Ele não sabe como lidar com isso.

Karen sentiu uma onda de desgosto ao se lembrar de sua última conversa.

— Ah, sei. Ele pensou que eu ia dizer: “Que bom, Shane! Será como você quiser, Shane! Irei ver você todo fim de semana, Shane!”.

— Não é isso! — disse Tessa, escondendo um sorriso ante a teimosia de Karen.

— Ele não achou que a ida para a Alemanha significasse o fim do namoro. Ele pensa muito em você, você sabe. Gerry disse que nunca o viu tão perturbado. Você deve ser muito boa de cama!

Karen riu do comentário:

— Eu estava tão zangada com ele aquela noite, Tessa. Ele tomou a decisão sem me dizer nada e depois esperava que eu aceitasse. Foi injusto ele achar que eu não ficaria chocada e aborrecida. Afinal, sabia daquilo há tempos e para mim tudo ocorreu de maneira completamente inesperada.

— Não há por que ser teimosa. Ele irá daqui a apenas algumas semanas. Fale com ele de cabeça fria. Assim estarão melhor do que antes para tomar qualquer decisão sobre se vocês vão ficar juntos ou não — disse Tessa de modo conciliador.

— Sabe? Para uma mulher travada, você diz um bocado de coisas sensatas — disse Karen, balançando a cabeça e rindo.

Tessa fez uma careta para ela.

— Sei o que quer dizer — continuou Karen. — Acho que gostaria de falar com Shane, mas, com tudo o que está acontecendo com Jenny, tenho estado distraída.

— Por que não vai até ele quando acabarmos nossa conversa? — sugeriu Tessa. — Ele vai gostar muito de ver você, Karen. Sei que vai.

— Está bem, você me convenceu! Faço qualquer coisa para você largar do meu pé. — Acabou de comer e ficou satisfeita porque a decisão havia partido dela. Ela poderia também ir vê-lo. Não tinha por que se preocupar com isso.

Tessa afastou o prato e se levantou.

— Vamos, ainda não comprei nada, e realmente estou no clima para me exibir um pouco!

Karen pegou sua bolsa e seguiu a amiga até a rua agitada, se perguntando por que repetidamente se sujeitavam a fazer compras no centro da cidade num sábado, quando todo mundo tinha a mesma ideia. Forçando a passagem por entre a multidão que vinha em sua direção, foram para a Grafton Street. Karen estava se sentindo muito melhor depois de conversar e comer.

— Nossa! Veja aquele vestido. É absolutamente fabuloso, Karen! — Tessa parou diante da loja e, apontando para a vitrina, continuou: — Vamos, tenho que prová-lo!

Karen ficou fora do provador enquanto Tessa se admirava num vestido justo que ficou maravilhoso nela. Também, sendo como era e com um corpo daqueles! Um vestido assim nem em um milhão de anos serviria em Karen. Ela adoraria ter o jeito de Tessa. O traje parecia ser o must da moda.

Nada naquela loja serviria nela, pensou Karen, examinando um modelo que cobriria apenas um de seus seios. Depois iria com Tessa a duas lojas que conhecia, pois sabia que lá, pelo menos, tinham tamanhos normais!

NO FINAL DO DIA, Karen se separou de uma Tessa feliz e satisfeita, depois de uma bem-sucedida terapia de consumo.

Ela decidiu dar um pulo até o apartamento para trocar de roupa antes de ver Shane. Agora que estava resolvida, não havia razão para retardar. Teria uma boa e longa

conversa com ele, e talvez mais tarde pudessem sair para tomar alguma coisa e discutir tudo apropriadamente e garantir que não começariam a discutir de novo.

Quem sabe o cinema não fosse uma má ideia, pensou afinal. Uma separação realmente poderia ser algo bom para eles — a ausência deixa o coração mais terno.

Como Tessa disse, ela devia parar de se comportar como uma criança mimada e começar a demonstrar a Shane algum apoio. Afinal, Karen pensou, não deve ter sido uma decisão fácil para ele, deixar para trás amigos e família para começar a vida num país completamente diferente. Resolveu esclarecer as coisas e garantir que, antes que Shane fosse para a Alemanha, eles saberiam exatamente como iam ficar.

Ela decidiu não tomar o ônibus para Rathgar, onde Shane morava, preferindo, em vez disso, fazer a pé a curta distância e aproveitar a ótima noite.

Em meio à agitação em torno dela, Karen se admirou da facilidade com que passou a gostar de Dublin e do centro da cidade. Amava o fato de entrar num ônibus e estar no centro da cidade em vinte minutos. Não conseguia se imaginar vivendo em qualquer outro lugar e esperava um dia se instalar em algum local por ali. Rathmines tinha tudo: pubs, lojas, restaurantes e, o mais importante, bons amigos e boas lembranças. Shane com certeza ia sentir falta disso tudo.

Ela estava ansiosa para vê-lo. Shane e ela raramente haviam passado uma noite longe um do outro desde que começaram a sair e agora fazia quase duas semanas que não se viam, desde a discussão.

Não havia sentido um ficar ignorando o outro. Eles precisavam resolver O assunto o mais cedo possível.

Justamente antes de Karen entrar na rua que levava ao apartamento de Shane em Cowper Downs, ela parou na loja da esquina para comprar um pacote de biscoitos cobertos de chocolate, como oferta de paz. Ou como chantagem, pensou, sorrindo para si mesma enquanto pagava.

Desceu os degraus para chegar ao apartamento, no subsolo, e bateu à porta. Não havia campainha e o interfone não funcionava havia anos.

Sem resposta.

Bateu de novo e, como ainda não ouvia nada, espiou através da cortina da sala e notou sinais de vida. Então, percebeu movimentos no hall.

Shane abriu a porta. Estava de cueca, com os olhos semicerrados, enquanto se esforçava para enxergar contra o brilho da luz da rua.

— Olá! — disse Karen timidamente, um tanto surpresa. Agora que estava ali, não sabia o que dizer a ele. Devia estar dormindo, porque tinha uma aparência horrível. E estava cheirando a bebida.

Finalmente Shane a reconheceu.

— Hum, Karen! O que está fazendo aqui? — sua voz estava meio enrolada e os olhos, arregalados.

Karen estava a ponto de ir embora. Para alguém que queria vê-la, ele não parecia muito feliz.

— Posso entrar, Shane? Creio que devemos conversar. Faz tempo que não o vejo.

Shane sacudiu a cabeça e olhou em volta. Ele estava parado na porta, se mexia de um lado para outro, sem sair do lugar, e parecia não saber o que fazer.

— Não acho que seja uma boa ideia, Karen. Posso me encontrar com você mais tarde ou alguma coisa assim? — Pelo seu olhar, Karen imediatamente se deu conta do motivo pelo qual ele estava tão estranho.

— Shane, você está bêbado! São sete e meia da noite, pelo amor de Deus! Você esteve no pub o dia todo?

— Karen, você não pode mais me dizer o que fazer. Não há mais nada entre nós. Você mesma disse isso e...

— Amor, foi só uma discussão boba. Fiquei surpresa quando você me disse que havia decidido ir para a Alemanha, foi isso. Não tive tempo de absorver a notícia. Não é nada sério. Agora pare de ser bobo e me deixe entrar, assim poderemos resolver tudo.

— Karen, realmente, não é uma boa ideia — disse Shane, incomodado.

Então ela de repente percebeu por que ele estava tão sem jeito.

— Saia da minha frente — disse ela, esbarrando nele de modo rude, atravessando a porta e entrando na sala.

— Karen, o que está fazendo aqui? — Lydia Reilly estava ronronando no sofá, como um gato que acabava de ser contemplado com um prêmio vitalício de suprimento de creme. Estava estendida ali, com as pernas descobertas, vestida com uma camiseta do U2 que pertencia a Shane. Karen conhecia a camiseta, pois foi o presente que ela deu a ele no último Natal.

Lydia sorria de modo escancarado, obviamente vibrando com a expressão e total descrença no rosto de Karen.

Ela de fato estava tão chocada que não era capaz de pronunciar uma única palavra. Por enquanto!

Shane estava pálido:

— Karen, sei que isso pode parecer... mas não há nada..., eu estava bêbado... não sabia que você... — agarrou as mãos dela, desesperado.

Karen virou-se para ele, com os olhos faiscando e as faces vermelhas de fúria.

— Não durou muito para você, não foi? Eu estava sentindo por você, achando que de algum modo o havia magoado, quando durante o tempo todo você provavelmente estava com essa galinha aqui — disse Karen, olhando para as grossas coxas de Lydia.

Lydia se levantou com as mãos na cintura:

— Como se atreve a falar com ele desse jeito? E não pense que pode chegar aqui e me ofender, sua vaca!

Karen se virou para ela com tanto ódio no olhar que Lydia deu um pulo para trás.

— Olhe aqui, sua ordinária estúpida, pode ir calando essa boca feia e malfeita, vagabundinha! Você é uma pistoleira desesperada que não consegue arranjar um homem sóbrio que chegue perto de você, por isso se aproveita de um bêbado rejeitado como ele. E você! — disse, cutucando o peito de Shane com o indicador, — Só sinto ter perdido tanto tempo com um imbecil descerebrado como você. Deus sabe que não valeu a pena. Ao que parece, vocês se merecem, e por mim os dois podem se juntar e pular no Grand Canal!

Com isso, Karen se dirigiu para a porta, subiu os degraus e saiu para a rua, com o corpo todo trêmulo, tanto de choque quanto de fúria. Mal ouviu Shane chamando seu nome.

O canalha! Como pôde?! E assim! Depois de todo o tempo que estavam juntos.

Karen tentava manter os pés se movendo para a frente, com o corpo dominado pela fúria. Virou numa rua lateral, não querendo enfrentar a agitada Rathgar Road no estado em que estava.

Percebendo que ainda carregava os biscoitos de chocolate que havia comprado para Shane, Karen praguejou alto e os atirou através da rua com tanta força que eles caíram no jardim de uma casa. Por alguma razão, achou histérica essa atitude e começou a rir, antes de cair no choro.

Usava as mangas do suéter para secar o rosto banhado de lágrimas e, ao fazer isso, viu que Shane vinha atrás dela, vestido apenas de camiseta, cueca e botas, sem meias.

— Karen, por favor, fale comigo... sinto muito... não queria..., estava fora de controle... nada aconteceu... por favor!

— Não chegue perto de mim. Nem sequer pense em chegar perto de mim, seu idiota, canalha! — Karen se ergueu, virou e começou a andar rapidamente pela rua, longe dele.

Shane a seguia, gritando:

— Karen, por favor! Se você pudesse ao menos me deixar explicar!

— Explicar? — Ela parou e o encarou, com os olhos frios como aço. — Explicar o quê? Ah, deixe-me adivinhar. Você e aquela vagabundazinha estavam apenas trocando de roupa, não foi isso? Shane, você está patético, inacreditavelmente patético! — Voltou a andar.

— Eu sei, Karen. Sei que fui um completo idiota. Veja, Lydia estava só passando pelo pub. Eu havia bebido muito e...

— Oh! Não se atreva! — disse Karen, balançando um dedo diante dele. — Não se atreva! Nem pense que tenho qualquer interesse em ouvir como foi essa festinha. Está tentando fazer isso, Shane? Piorar as coisas? É isso? Porque é exatamente isso que você está fazendo.

— Karen, juro que nada aconteceu!

— Olhe, só me deixe em paz. — bradou, sem se importar que a ouvissem. — Não quero ouvi-lo, Shane, e para ser honesta não estou dando a mínima importância. O que você faz agora é da sua conta e nada tem a ver comigo. Assim, você pode ir para a Alemanha ou para o inferno. Qualquer uma das duas está ótimo — disse, ainda enfurecida.

Shane tentou se entender com ela, mas desistiu. Parado ali na rua, precariamente vestido, notou que alguns passantes o encaravam com visível divertimento. Karen estava certa, pensou. Ele era patético.

Voltou para o apartamento, e Lydia ainda estava lá. Estirada no sofá e bebendo outra lata de cerveja da caixa que havia comprado antes. Olhou para cima e sorriu de maneira presunçosa quando o viu chegar.

— Ei, espero não ter causado muito problema.

Shane passou as mãos pelo cabelo em desespero:

— Lydia, olhe... Você pode ir embora, por favor? Preciso ficar a sós por um tempo.

— Oh, o que há de errado? — Ela se levantou e pôs os braços em volta do pescoço dele. — Seja lá o que for, estou certa de que posso fazer você esquecer isso. Fiz isso antes, não foi? — disse ela, rindo, mordiscando-lhe a ponta da orelha.

— Olhe aqui, Lydia, esqueça, está bem? Sinto muito, foi um erro. Nunca devia ter beijado você — disse Shane, afastando-a.

— Ora, Shane, não faça isso — Lydia insistia, e ela se aproximou novamente. — Esqueça-a. Vamos continuar de onde paramos.

— Lydia, por favor! Simplesmente vá embora, pode ser? — gritou ele.

Lydia recuou ligeiramente, mas nada disse. Quando ela estava saindo, Shane disse:

— Sinto muito, Lydia. Não é culpa sua. Você não pediu para se envolver — sua voz se suavizou quando ela apareceu de novo na porta. — Acho que é melhor que esqueçamos isso tudo por ora, está bem?

Ela assentiu e seu lábio inferior tremia.

— Olhe, Lydia, somos amigos, não somos? Sei que estou sendo um canalha com você também e sinto muito. O que aconteceu aqui foi um grande erro. Eu amo Karen e fui um completo idiota. Sinto muito, muito mesmo.

Lydia continuava calada. Voltou para o quarto, vestiu-se rapidamente e foi embora batendo a porta.

Shane desabou no sofá e pôs as mãos na cabeça.

Ele se meteu numa tremenda confusão. Karen nunca o perdoaria; provavelmente a havia perdido para sempre. Como pôde ser tão estúpido? O que, m nome de Deus, poderia fazer agora?

13.

KAREN CHEGOU AO apartamento tremendo, furiosa. Não havia barulho lá dentro, portanto, talvez Jenny não estivesse em casa. Karen esperava que ela não estivesse. Não sabia se ia conseguir contar o que aconteceu. Como pôde ser tão estúpida? Ali estava ela, que repreendia Jenny e a alertava sobre o amor de sua vida, acusando Roan de traição. Mal sabia que era seu próprio namorado que ela devia estar vigiando.

Relembrou a cena no apartamento de Shane várias vezes, vendo claramente que a vagabunda da Lydia transbordava de maldade. Santo Deus, a ordinária devia ter pedido em todos os seus aniversários que aquilo acontecesse, quando viu Karen de pé na porta.

Karen nunca ia saber por que não a agarrou e a estrangulou ali mesmo.

Quanto a Shane, a história era diferente. Karen não se dava conta da raiva e do ressentimento que podia ter de alguém, enquanto se sentia tão magoada e traída pelos dois. Sendo honesta consigo mesma, não havia percebido até então, que seus sentimentos por Shane eram tão fortes. Ela sentiu que seu coração estava na boca do estômago quando viu os dois juntos. Karen balançou a cabeça ao perceber que seus olhos novamente se enchiam de lágrimas. Dessa vez não ia chorar, dessa vez não.

Por fim, abriu a porta e Karen entrou, vendo Jenny e Roan sentados em silêncio, cada um numa extremidade da sala. Nenhum deles olhou para ela quando entrou. Karen, de cabeça baixa, cumprimentou-os rapidamente e foi para seu quarto.

Deitou-se na cama e, depois de alguns minutos, sentou-se e enxugou os olhos com uma ponta do edredom. Ficou pensando por algum tempo, levantou-se e foi se olhar no espelho. Limpou o rosto e passou um pouco de maquiagem para disfarçar o rosto manchado e os olhos avermelhados, borrados de rímel. Foi uma tarefa difícil, mas ela conseguiu parecer de algum modo normal quando entrou de novo na sala, algum tempo mais tarde.

— Jenny, vou sair novamente. Vejo você mais tarde.

Distraidamente, a amiga assentiu.

— Até logo, Roan. — Karen se arrependeu de ter dito, após ouvir apenas um grunhido em resposta.

Karen foi caminhando pela Rathmines Road, sentindo-se um pouco melhor, agora que sabia o que estava indo fazer. Algumas garotas do escritório costumavam se encontrar para tomar uns drinques no Turk's Head nas noites de sábado. Karen estava indo juntar-se a elas, aquela noite, muito disposta a tomar um porre.

— ROAN, ISSO É UMA ESTUPIDEZ. Não sei por que você está tão aborrecido com isso. — Jenny mudou de lugar para se sentar ao lado dele no sofá. — Eu não sugeri nada, estava apenas perguntando.

— Você estava sugerindo que não pago minhas contas, Jenny — disse Roan, ressentido, de braços cruzados na frente do corpo e recusando-se a olhá-la.

— Não era isso o que eu estava dizendo. É que este mês estou com pouco dinheiro e queria saber se você poderia pagar parte do que lhe emprestei, é isso — disse, nervosa.

Agora ele estava aborrecido. Ela não devia ter dito nada. Ela não gostava quando ele ficava amuado daquele jeito. Já estava sentado ali fazia cerca de uma hora, sem dizer uma única palavra.

— Vamos lá, Roan. Esqueça o que disse, está bem? Não tem importância. Vou arrumar alguma coisa com Karen para pagar o aluguel.

Silêncio.

— Está bem, está bem, sinto muito! Não sei o que mais você quer que eu diga! — Voltou a se afastar dele. Roan estava sendo realmente muito infantil.

— Bem, é bom saber que você gostou que eu a levasse de férias por uma semana — disse ele de mau humor.

O coração de Jenny foi parar no estômago. Isso era golpe baixo.

Apenas alguns dias atrás, Roan anunciou que ia levá-la a Veneza, por uma semana, no início de junho. Ao mesmo tempo que ficou entusiasmada com a perspectiva de viajar para um lugar romântico com ele e feliz pelo fato de seu relacionamento não ter sido afetado pelas “acusações”, Jenny sabia que, se ela fosse realmente honesta, preferiria que ele pagasse o dinheiro que devia.

— Ótimo — disse ela, sem se estender, e para sua surpresa sentiu que estava ficando irritada. — Muito obrigada, Roan, por pagar a passagem para mim. A questão é — prosseguiu ela — que não esperava receber o que me deve dessa maneira, e eu mesma estou devendo a Karen, que está arcando com minha Parte no aluguel há três semanas.

Roan olhou incrédulo para ela.

— O que é isso, Jenny? Com o empregão que você tem no banco, com certeza é a última pessoa a ficar enrolada por causa de uns trocados!

— Bem, é claro que você não tem visto meus comprovantes de pagamento, Roan, do contrário saberia que meu salário não é nada extraordinário.

— Ótimo — respondeu. — Vou lhe dar seu maldito dinheiro. Mas estou surpreso com você, Jenny — disse baixando o tom de voz. — Não pensei que você fosse esse tipo de pessoa.

— Que tipo de pessoa? Do que você está falando, Roan? Eu lhe emprestei cerca de quinhentos euros nos últimos meses e ainda não vi um centavo! Não sou feita de dinheiro, sabia?

A campainha do interfone tocou, assustando-os. Jenny levantou-se de um salto para atender.

— Jenny, ela está bem? Abra a porta, preciso falar com ela.

— Tessa? Quem está bem? Do que você está falando?

— Olhe, só me deixe entrar, tá?

— Ok, ok! — Jenny liberou a porta e depois desligou o interfone. Todo mundo parecia maluco naquele dia. Karen havia chegado antes com uma cara de assustar. O que estaria acontecendo com Tessa?

Tessa apareceu na sala, sem fôlego, depois de subir correndo.

— Ela está bem, Jenny? Gerry só me disse... oh, que desgraçado! Vou matá-lo! Ela está bem?

— Tessa, pode se acalmar um pouco? O que aconteceu?

— É Shane — disse Tessa, fazendo uma pausa para recuperar o ar. — Karen foi até o apartamento dele para se entenderem e o pegou com Lydia. Ela ainda não voltou para casa? Onde será que ela está? Oh, céus, espero que ela esteja bem Jenny olhava para ela calada. Por que Karen não disse nada?

— Ela não está, Tessa — conseguiu dizer. — Saiu há uns quinze minutos.

— O quê? Você a deixou ir por aí sozinha naquele estado?

— Eu não sabia — disse Jenny, olhando para Roan. — Eu não sabia. Ela não disse uma palavra. Parecia aborrecida com alguma coisa, mas nós estávamos no meio de uma discussão e não tive nem chance de falar...

— Jenny, faça-me o favor! — disse Tessa, revirando os olhos. — Karen é sua melhor amiga, e você devia estar tão envolvida com o namoradinho aqui que nem notou que ela estava mal! — ao dizer isso, dirigiu a Roan um olhar de desprezo. — Deixe essa preguiça de lado e ajude-me a procurá-la, sim?

Roan nada disse, levantou-se, pegou sua jaqueta e se dirigiu para a porta:

— Olhe, estou indo embora. Ainda tenho muita coisa para fazer hoje. Verei você mais tarde.

Jenny ficou de boca aberta, enquanto ele desaparecia ao descer as escadas. Depois voltou-se novamente para Tessa, que olhava para ela com ar furioso.

— E então? Ela disse para onde estava indo? Vai demorar muito? — perguntou Tessa.

— Olhe, não sabia o que tinha acontecido, Tessa. Karen não me disse nada. Apenas entrou, ficou algum tempo no quarto e então me disse que ia sair de novo. Como poderia saber o que aconteceu? Não sou telepata, como sabe.

— Você está certa..., está certa. Desculpe-me, Jen. Você não tem culpa. — Tessa começou a andar pela sala. — É que ela deve ter sofrido um choque. E Shane está num estado horrível..., ele tentou conversar com ela, mas Karen o ignorou e...

Jenny tentava entender aquilo tudo. Parecia que Karen havia surpreendido Shane e a desagradável irmã de Aidan. O que ele estaria fazendo com ela? Sabia que o namoro deles estava meio frio, mas aquilo era terrível!

— Tessa — começou —, o melhor para Karen é ficar fora um tempo. Isso vai lhe dar tempo para se acalmar um pouco e, talvez, ver as coisas com mais clareza. Não há por que sairmos por aí para trazê-la de volta. É melhor que fique fora.

— Tem certeza? E se ela fizer alguma bobagem? — Tessa não estava inteiramente convencida.

— Olhe, Tessa, conheço Karen. Esse é seu jeito de resolver as coisas. Ela nunca foi do tipo de ficar sentada por aí discutindo seus problemas com qualquer um. Vai lidar com isso quando estiver bem e pronta.

— Você pode estar certa — disse Tessa, pensativa —, e no mínimo deve saber do que está falando. Sinto muito ter sido ríspida com você e Roan. Agi como um trator.

— Sei que você só está preocupada com Karen, mas ela vai falar quando estiver pronta. Só temos que esperar. — Jenny encheu a chaleira com água. — Agora, quer se sentar e tirar o casaco? Vou fazer chá para nós, e então você vai me contar o que aconteceu. Você disse que falou com Shane?

Tessa se sentou num dos bancos altos, que lhe permitia apoiar os cotovelos no balcão e segurar a cabeça, e pôs-se a falar.

Ele veio até nossa casa atrás de Gerry, e estava terrível. Por sorte, Aidan não estava lá; ele costuma jantar conosco aos sábados, depois que ele e Gerry saem do treino

de futebol, e não sei quem ele mataria primeiro: Shane ou Lydia. Aidan é muito protetor da irmã, Deus sabe a razão disso, porque acho que todo mundo é que precisa se proteger dela. — Parou de falar e começou a procurar o maço de cigarros na bolsa. — Você se importa? — perguntou enquanto acendia um.

Jenny fez que não com a cabeça.

— Mas por que Shane estava tão aborrecido? Quero dizer, obviamente ele sabia o que estava fazendo. Seria só porque foi apanhado?

Tessa soltou uma nuvem de fumaça, antes de dizer:

— Bem, desde que ele e Karen tiveram aquela discussão, Shane estava sempre bebendo. — Deu outra longa baforada no cigarro. — Ele não esperava que Karen fosse dar-lhe um fora daquele jeito, e ficou péssimo quando, depois, ela se recusou a falar com ele.

— Mas essa é a Karen! Ela consegue ser muito teimosa.

— Sei disso — concordou Tessa —, e tentamos dizer isso a Shane, mas ele não queria saber de nada. Nunca o vi naquele estado. Desde então, safa para beber toda noite.

— Não percebi — disse Jenny. — E acho que Karen também não. E por que não disse a ela que estava perturbado?

— Sei lá! — respondeu Tessa, erguendo os ombros. — Talvez ele achasse que não havia por que fazer isso. Você sabe como a Karen é: depois que põe uma ideia na cabeça, ninguém pode fazer nada. Talvez estivesse esperando que ela recuperasse o bom senso antes que ele fosse embora. Infelizmente ela recuperou.

— Mas onde Lydia entra nisso tudo?

Os olhos de Tessa se fecharam ao ouvir o nome da garota.

— Você sabe como é aquelazinha. Provavelmente estava circulando por aí, como um cheiro ruim. Quando viu que Shane estava vulnerável, ela muito provavelmente saltou em cima dele.

— Bem, para dançar tango, é preciso que haja um par como se diz. Shane também não deve ter sido tão inocente assim.

— Sim, mas para ele a relação com Karen havia terminado. Ele precisava de algum consolo, e Lydia estava muito feliz em lhe fazer esse favor. O problema foi que somente hoje de manhã convenci Karen a se entender com ele. Ela chegou na hora errada. Obrigada — disse, pegando um dos biscoitos que Jenny servia e dando uma mordida. — Agora estou achando que tudo foi culpa minha. Nunca devia ter convencido Karen a ir procurá-lo sem antes telefonar.. Mas não pensava que Shane pudesse estar bebendo àquela hora do dia e, com certeza, nem imaginava que ele estaria com aquela rameira. — Balançou a cabeça e olhou desamparada em volta da sala.

— Não se culpe. Foi simplesmente uma pena os dois não terem resolvido as coisas antes.

— Também acho. E com Karen desaparecendo assim, sem dizer nada, e Shane estar quase partindo, parece improvável que eles resolvam qualquer coisa a esta altura.

— É mesmo uma pena — disse Jenny. — Sei que ela não tinha intenção de se envolver com ele a sério, mas estavam indo tão bem que achei que formavam um belo casal.

— E eu não sei? Mas Shane andava muito confuso.

Jenny ficou pensando por uns segundos e depois comentou:

— Não estou dizendo absolutamente que concordo com o que ele fez, mas, para ser honesta, Tessa, estou sentindo um pouco de pena de Shane. Quero dizer, Karen terminou com ele. E foi uma lástima terrível ela ter mudado de ideia muito tarde.

— Sei o que você está querendo dizer — concordou Tessa. — Isso, porém, não vai significar muito para Karen.

— Tudo isso é uma grande confusão, não é? — disse Jenny, com uma expressão carregada de raiva. — Aposto que Lydia está vibrando com tudo isso.

— Tenho certeza de que ela adorou quando os dois foram apanhados daquele jeito. Puxa, como gostaria de dar uns bons tapas nela! — disse Tessa, batendo o punho com força no balcão.

— Nós duas — disse Jenny calmamente. — Nós duas.

ROAN CHUTOU FURIOSAMENTE uma lata vazia de Coca, que estava em seu caminho, enquanto seguia pela rua. Mulheres! Por que elas tinham que ser sempre tão difíceis?

É claro que ele ia devolver a Jenny seu dinheiro. Afinal, não era nenhum aproveitador. Ele apenas pediu emprestado porque estava um pouco atrasado com o pagamento do aluguel, e não havia muito trabalho interessante na empresa naqueles dias. Mas nunca teria pedido se soubesse que isso ia causar tanto mal-estar.

Falar de ingratidão! Ali estava Jenny falando de dinheiro, e ele a estava levando para Veneza na viagem mais romântica de sua vida! Qualquer garota daria tudo para ter uma chance dessa.

Na verdade, ele não pagou a viagem, mas Jenny não precisava saber disso.

Ter ganhado aquela competição de uma estação de rádio, há algum tempo, foi uma sorte não esperada. Ele havia participado do infame sorteio na semana errada, pensando que estava concorrendo a uma viagem para Barcelona, que aconteceu na semana anterior. Roan adoraria ter ido para lá, e talvez ele e Jenny pudessem ter assistido a um jogo de futebol no estádio Nou Camp.

De todo modo, talvez não tivesse sido algo ruim ele ter ganhado uma romântica viagem para Veneza. Jenny ficou encantada, e parecia que ela sempre quis visitar a Itália.

Estava contente por ela, realmente. Jenny merecia aquele presente, depois de tudo por que havia passado recentemente. Aquele problema da DST o embarçou um bocado e não era justo Jenny ter contraído uma doença como aquela.

Quando descobriu, Roan imediatamente soube que teria que assumir a culpa. Se fosse tentado a agir daquele modo sujo de novo (embora tivesse certeza de que não o faria), teria que usar camisinha.

No entanto, ele teve sorte em escapar daquilo. Felizmente Jenny acreditou que ela havia contraído a doença de outra pessoa. De qualquer maneira, o sujeito da Austrália não saberia de nada. Claro, ele se sentiu mal ao mentir para Jenny, mas não queria perdê-la e esteve perto disso. Ela ficou tão perturbada com tudo aquilo que quase lhe partiu o coração.

Felizmente, ela também acreditou na história de Siobhan. Ele quase teve um ataque cardíaco quando Lydia começou a falar sobre isso. Nem é preciso dizer que ele não podia dizer a Jenny que foi Siobhan que terminou o noivado porque tinha percebido seu gosto pela galinhagem. Agora ele e Siobhan não estavam realmente separados. Eles ainda se viam quando os dois estavam em casa, mas isso era mais difícil do que qualquer outra coisa. De todo modo, Siobhan ultimamente havia se tornado muito reclamona.

Roan queria ter mais autocontrole em relação às mulheres. Mas, com tantas gatinhas por aí, era impossível ficar só com uma.

Dessa vez, no entanto, ele estava determinado a tentar. Jenny era uma grande garota, eles se divertiam juntos e ela era boa de cama. E parecia se preocupar realmente com ele. Melhor ainda, não o criticava o tempo todo e sobre tudo, como fazia Siobhan.

Sim, ele ia de fato mudar seus modos. Chega de ficar aprontando por aí, às costas de Jenny ou flertando com as garotas no trabalho.

E também achava melhor dar aos rapazes algum dinheiro antes que eles o pusessem para fora do apartamento. Até Kevin, que considerava um amigo, tinha sido bem seco nas últimas semanas, sugerindo que ele conseguiria pagar sua parte do aluguel se gastasse menos com bebida. Que descarado! Só porque a mamãe e o papai de Kevin estavam sobrecarregados com seus cavalos e sua rica mansão em Monaghan. Ele nunca teve que se preocupar com dinheiro, essa é que é a verdade. De qualquer modo, ele ia devolver o dinheiro que pediu a Jenny, pagaria seu aluguel, e as coisas voltariam a ficar bem.

Nesse meio tempo, ele poderia ir tomar uma cerveja rápida enquanto não tinha nada para fazer. Poderia ligar para Quinn, ver se ele queria ir junto e saber como estava sua situação com Karen. Essa aí era difícil de cantar. Era uma desmancha-prazeres. Pena, porque tinha um corpão.

Roan franziu a testa. Odiava brigar com Jenny, mas felizmente ela se acalmaria logo. Ele até poderia levá-la para comer algo e tentar fazer as pazes. Jenny era normalmente uma garota confiante, e ele odiava quando ela ficava mal-humorada. Uma boa noite fora a deixaria alegre, e eles logo voltariam a ficar bem.

Com a mente em paz, Roan começou a assoviar enquanto seguia seu caminho.

14.

— HUMMM! ISTO É UMA DELÍCIA! — exclamou Tessa, dando uma garfada na torta. — O jantar foi uma ótima ideia. Já nem me lembro quando foi a última vez que saí à noite sem Gerry.

Era uma noite de sábado, e Jenny havia reservado uma mesa num dos restaurantes mais conhecidos da cidade. As três garotas haviam acabado de abrir a terceira garrafa de vinho tinto e estavam se divertindo muito.

— Obrigada, Jen — disse Karen, sorrindo —, sei que está tentando me animar — e completou, brindando com a amiga —, e está conseguindo isso magnificamente.

— Mas foi uma pena não termos conseguido ingressos para aquele show — acrescentou Tessa, mordendo o lábio.

Karen tentou esconder o riso, pois sabia que, quando Jenny falou com Tessa sobre sair à noite, esta espertamente havia sugerido que fossem ver seu ídolo, Joe Dolan, com sua banda, que estava se apresentando na cidade. Jenny de imediato lhe tirou a ideia da cabeça, afirmando enfaticamente que ouviu no rádio que os ingressos já haviam se esgotado. Não havia ouvido nada disso, mas nem ela nem Karen estavam a fim de ir a esse show. Tessa ficou muito desapontada, enquanto as outras duas se sentiram bastante aliviadas.

— É uma lástima terem vendido tudo — comentou Tessa, olhando tristemente para seu prato.

— Obrigada, Senhor — Karen murmurou para Jenny, que estava tentando sufocar o riso. Ela estava realmente se divertindo aquela noite.

Sair com Tessa e Jenny a havia reanimado. Havia sido uma tolice ter se embebedado aquela outra noite, quando saiu com as colegas de trabalho. Ainda se constrangia cada vez que pensava nisso. Não contou a elas o que havia acontecido com

Shane, não queria que ninguém soubesse quanto o canalha a magoou. Ele ia partir na semana seguinte, mas e daí? Para ela, já bastava de Shane Quinn. Ele e Lydia se mereciam, e agora não havia nada que a impedisse de se divertir sozinha.

— Saindo daqui vamos tomar um drinque em algum lugar? — perguntou a Jenny, que já estava bem alta.

— É claro — confirmou Jenny, pedindo a conta. — Os pubs nem imaginam o que vai acontecer depois que sairmos daqui, não é mesmo, Tessa?

Tessa sacudiu a cabeça afirmativamente, e pouco depois as três garotas foram para uma danceteria da moda, que ficava nas proximidades. Karen viu Jenny flertando abertamente com o barman ao pedir nova rodada de bebida. Ela também parecia estar curtindo a noite, e era uma bela mudança vê-la saindo sem Roan.

Embora tardiamente, pensou Karen, ele se comportara como um perfeito cavalheiro e ambos haviam de fato tido, outro dia, uma conversa que se poderia dizer decente. Enquanto esperava que Jenny se arrumasse para sair com as amigas, Roan se sentou e ficou conversando com Karen sobre o filme que ela estava vendo. Nunca imaginou que ele fosse do tipo romântico, e ela quase caiu do sofá quando Roan lhe disse que um de seus filmes favoritos era Uma linda mulher. Ficou imaginando se ele estaria pensando que era Richard Gere, embora fosse mais provável que só estivesse alimentando fantasias com Julia Roberts. Desde que viu seu próprio relacionamento resultar num enorme fiasco, Karen estava disposta a deixar de lado sua antiga desconfiança em relação a Roan e decidida a tentar ser um pouco mais amável com ele.

Falando nisso, ao observar um rapaz alto, de cabelo claro, sorrindo para ela do outro lado da saia, comentou consigo mesma: “Você não é de se jogar fora”. Karen lhe retribuiu o sorriso, e segundos depois ele já havia atravessado a multidão e chegado até ela.

— Olá! — disse ele, olhando para Karen com admiração.

— Olá! — respondeu Karen, sorrindo também.

— Eu ia dizer algo sobre pais, ladrões e estrelas — disse ele —, mas alguma coisa me diz que você não é o tipo de garota que cai numa cantada banal.

— Você acertou. Mas essa abordagem também não seria a mesma coisa?

Segurando suas mãos no alto, o rapaz respondeu:

— Ok, você me pegou. Devo ir embora antes de...

Ele sorriu preguiçosamente, e Karen reparou que ele tinha uma combinação incomum de cabelo louro e olhos castanhos. E eram tão escuros que ele parecia estrangeiro, um dinamarquês, ou talvez um suíço. Não, ela não queria esse rapaz, para que depois ele fugisse dela. De jeito nenhum.

— Então está aqui com alguns amigos? — perguntou ela, olhando para ele como que flertando por entre seus cílios escuros.

— Sim, estamos sentados bem ali. E vocês, meninas, não gostariam de se juntar a nós? — Indicou, então, um pequeno grupo atrás dele, que tinha de algum modo garantido uma ótima mesa.

Ela olhou para Tessa e Jenny, e ambas encolheram os ombros.

— Vá na frente! — disse Karen, entusiasmada, piscando para Jenny, enquanto o seguia do salão. Elas foram apresentadas aos demais, e Karen logo descobriu que seu “amigo” se chamava Charlie e não era dinamarquês nem suíço. Era de Wickiow e haviam vindo, ele e os amigos, a Dublin para uma noite de aniversário e estavam hospedados no Conrad Hotel.

— Hum, o Conrad, muito chique — disse Karen, antes de tomar um gole de cerveja.

— Poderíamos voltar ao bar do hotel para um drinque, se quiser — sugeriu Charlie, incapaz de tirar os olhos de Karen. — É quase hora de fechar, e poderíamos tomar as últimas lá.

— Vamos, então! — disse Tessa, lindamente bêbada e ansiosa para alguns goles mais, para manter-se no clima.

Depois de esperar quarenta minutos numa fila de táxi na Dame Street, o pequeno grupo finalmente decidiu ir andando até o hotel. Jenny, bêbada, cambaleava em seus saltos altos, segurando-se em Tessa, igualmente tonta, em busca de apoio.

— Nunca consegui fazer isso com estes sapatos — reclamou.

Um dos colegas de Charlie, Brian, ajoelhou-se diante dela e ofereceu-se para carregá-la nas costas.

— Tem certeza de que é capaz de fazer isso? Não sou nenhuma Kate Moss, você sabe.

— Sou grande e forte fazendeiro de Wicklow, e os que são como eu poderiam carregar vinte Kate Moss — disse, falseando um sotaque do interior, ao levantar Jenny do chão.

— Que bom, porque poderia ter de fazer isso — disse rindo, enquanto Brian a carregava pela Grafton Street. Continuou andando até chegarem à St Stephen's Green, e então teve que deixá-la ir andando.

— Sua amiga é um bom exercício, não é? — disse Charlie. — Garotas como ela normalmente são bem conscientes de seu peso.

— Sei — disse Karen, afetuosamente. — Ela poderia ensinar a todos nós uma ou duas coisas. Acho que eu sou mais consciente de meu peso do que Jenny é do dela.

— Não devia. Você é fantástica — dizendo isso, Charlie se inclinou para a frente e beijou-a com firmeza nos lábios.

No mesmo instante, Karen se afastou.

— Sinto muito — disse ele, sincero. — Sinto muito se fui precipitado. Mas achei que você...

Karen suspirou alto. Ele era bonito, deslumbrante e divertido. Mas não era Shane.

— Sinto muito, Charlie. Também achei. Mas acabo de sair de um relacionamento e... — ela encolheu os ombros.

— Não tem importância — disse Charlie, sorrindo. — Sabia que era muito bom para ser verdade, que uma coisa linda como você não ia se interessar por alguém como eu. Não importa — disse, pegando a mão dela e apressando o passo para alcançar os outros. — Vamos tomar um drinque assim mesmo e rir um pouco. Nada de gracinhas, ok?

— Ok — disse Karen, deixando que Charlie a puxasse para o lado dele, aliviada por ele não ter criado nenhum problema.

Ela devia estar louca. Qualquer garota estaria doida para conseguir alguém como ele. Mas ainda era muito cedo. Fosse o que fosse o que ele fez ou o quanto a magoou, Karen era suficientemente realista para saber que levaria muito tempo para se recuperar da decepção com Shane Quinn.

Mas, enquanto isso, para ajudá-la ao longo do caminho, um pouco de diversão seria a próxima melhor coisa.

— O QUE É ISTO? — perguntou Karen, surpresa, a Jenny.

— Não estou certa. Estava no chão quando cheguei do trabalho. Alguém deve ter posto por baixo da porta.

Jenny não gostava de mentir para a amiga, mas não podia dizer a Karen que Shane havia deixado o bilhete, no caminho para o aeroporto. Karen ficaria furiosa. Ainda estava com raiva dele e insistiu que não queria vê-lo novamente. Ela até o momento tinha se recusado a atender qualquer chamada dele e não falaria sobre ele em nenhuma circunstância. Jenny não era tão estúpida assim para se arriscar a incitar a fúria de Karen, contando-lhe que conversou com Shane no dia anterior, quando ela foi à casa de Tessa. Ele estava indo para a Alemanha naquela manhã.

Se eu pudesse apenas dizer a ela que nada aconteceu, Jen — disse ele, ainda perceptivelmente perturbado —, mas ela não quer me ouvir. Ela não me deixa explicar...

— Shane, ela ainda está muito magoada. Foi uma coisa terrível encontrar você e Lydia juntos. Talvez nada tenha acontecido, mesmo assim...

— Eu sei, eu sei... Fui um idiota. Só queria que ela falasse comigo! Devo aproveitar a chance e ligar para a casa de Tessa, pedindo que ela desça?

— Não seria uma boa ideia, Shane — disse Jenny suavemente. Era preciso calma. Jenny não estava certa do que Karen faria ou diria se ele chegasse perto dela.

— Bem, então... — ele se levantou e tirou algo do bolso. — Suponho que não tenho escolha a não ser deixar isto aqui. — Estendeu a Jenny um pequeno envelope branco endereçado a Karen.

Karen ficou segurando o envelope por alguns segundos antes de abri-lo.

— Espero que não seja daquele canalha mentiroso — disse com veemência, embora Jenny tivesse percebido que ele despertou seu interesse.

— Por que não vai ler sozinha, em seu quarto? — sugeriu Jenny, lavando a louça.

Karen sentou-se na cama e cuidadosamente abriu o envelope. Sentia um peso no coração. Seria de Shane? Se fosse, o que ela poderia esperar? Seria algo bom ou mau? Karen não sabia. Ela havia esperado noite após noite, acordada, se agitando e virando na cama, tentando tirar da cabeça a imagem de Lydia e Shane. Não pensou em mais nada nos dias que se seguiram. Não conseguiria enfrentar uma conversa sobre isso com ninguém, não queria que ninguém soubesse como o canalha a havia magoado. Abriu a carta e começou a ler.

Karen leu e releu o bilhete algumas vezes antes de voltar para a sala.

— Bem... — disse Jenny, olhando-a com curiosidade.

Karen revirou os olhos e disse:

— Ele apenas está sentindo pena de si mesmo — disse aereamente, embora seus olhos estivessem brilhando.

Jenny leu o bilhete, e seus olhos também reluziam quando olhou para a amiga:

— Oh, Karen, ele está realmente sofrendo. Você precisa tentar falar com ele.

— Só porque veio até aqui com essa coisa piegas não significa que vou correr de volta para os braços dele — disse Karen enfaticamente. — É isso, no que me diz respeito. Na carta, ele disse que eu mereço o melhor, e ele está certo. De fato, mereço o melhor.

Jenny sacudia a cabeça enquanto devolvia a carta.

— Às vezes não a entendo mesmo. Quero dizer, o rapaz disse a você tudo o que qualquer garota quer ouvir e afinal — disse, baixando a voz —, você o havia desprezado antes que ele se aproximasse de Lydia.

Karen afundou no sofá e cruzou os braços numa atitude desafiadora:

— Não é essa a questão, Jen, e você sabe disso. Como você se sentiria se Roan fosse para a cama com outra pessoa e você os apanhasse em flagrante? Isso não é engraçado, posso lhe dizer.

— Mas eles não dormiram juntos, dormiram? — retrucou Jenny, incapaz de entender a atitude de Karen. Ela sabia como tinha sido difícil para Shane escrever aquela carta. Sua amiga realmente estava muito obstinada, pensando só nela mesma. O pobre rapaz já se explicou, e isso não bastava para Karen. De fato, Jenny pensou, Karen tinha parte da culpa. Os dois cometeram erros, mas obviamente ainda gostavam um do outro, então, o que mais importava?

As duas permaneceram em silêncio por algum tempo, até que Karen se levantou, esticou os braços para cima e disse:

— Esqueça! Não quero falar sobre isso nunca mais. Ele está indo embora mesmo, então é o fim. E como está a história entre você e Roan? — ela habilmente mudou de assunto. — Vocês ficaram bem depois da discussão sobre o dinheiro?

— Estamos bem — disse Jenny, sorrindo. — Embora não o esteja vendo muito ultimamente. Está fazendo muitas horas extras no trabalho para poder pagar a viagem. Óbvio. Depois o terei só para mim por uma semana inteira.

Karen sorriu, sentindo mais benevolência em relação a ele ultimamente, desde que aconteceu aquilo com Shane.

— É, Veneza está se aproximando, não é? A pausa fará bem a você — deve estar realmente ansiosa para que chegue logo.

E Jenny estava.

15.

JENNY EXAMINAVA O guarda-roupa, pensando no que devia pôr em sua mala. Não sabia que clima ia encontrar em Veneza nessa época do ano. Era mais provável que estivesse fazendo calor, pensou — a Itália era um país quente, não era?

Roan e ela deviam embarcar no voo da manhã do dia seguinte. Essa viagem era uma comemoração para ele, porque a empresa onde trabalhava havia sido comprada naquela semana por uma companhia americana. Parecia que ele não só ia ganhar mais, como também seria transferido para outro departamento, onde teria oportunidade de trabalhar em “alguma coisa séria”, como ele dizia.

Talvez devesse ir até um shopping e comprar algumas coisas, pensou. Mas o dinheiro estava apertado e ela precisava reservar uma parte para gastar na viagem. Certamente não podia esperar que Roan pagasse tudo. Podia deixar a compra de roupas para depois e se arrumar com o que tinha. Por sorte se lembrou de trazer consigo algumas roupas de verão da última vez que foi para casa.

Mas ainda não sabia o que levar. E ia precisar de uma mala enorme. Primeiro porque ela não sabia como ia estar o tempo ou se comeriam em algum restaurante chique ou em lugares casuais, como uma pizzeria. E se fossem fazer alguma excursão? Precisaria levar roupas confortáveis para isso e outras mais formais para sair à noite.

Talvez como as de Tessa, que eram tão pequenas que ela podia carregar a maioria no bolso de trás de sua calça. Mas, em se tratando de Jenny, pôr tudo num contêiner e despachar seria mais recomendável.

Ela devia telefonar para Roan e pedir sua opinião, decidindo isso de uma vez por todas. Desceu as escadas, foi até o telefone e digitou, ansiosa, o número dele. Ao primeiro toque, Kevin atendeu.

— Oi, Kevin, é Jenny. Roan está?

— Jenny, como vai? Não, ele não está. Viajou para casa em Kildare há dias para... resolver alguma coisa. Como você está?

— Vou bem, Kev. Estou aguardando ansiosa essa viagem. E acabando de arrumar a mala enquanto falamos.

— É? Certo, certo. — Kevin estava estranho. — Quer o número da casa dele, Jenny? Talvez o encontre lá agora.

— Você é muito gentil, obrigada.

— Certo, espere um pouco. — Jenny ouviu ruído de passos quando Kevin foi procurar o número. Segundos depois voltou e o ditou para ela. Jenny anotou nas costas da mão.

— Ok, obrigada de novo. Vejo você em breve. Até logo! — disse, toda alegre.

Claro! Roan provavelmente agendou a viagem enquanto estava em sua casa, em Kildare, e tinha ido buscar os bilhetes na agência local. Jenny decidiu que seria melhor ela ligar para saber quando ele estaria de volta ou, para facilitar, encontrá-lo no aeroporto. Digitou o número que Kevin havia dado e deixou tocar algumas vezes. Então ouviu uma amigável voz feminina atender.

— Alô, aqui é Joan Williams.

— Alô, senhora Williams. Poderia falar com Roan, por favor? — disse Jenny com voz amável.

— Roan? Oh, acho que ele não está. Saiu não faz muito tempo. Quer deixar algum recado?

Que pena, pensou Jenny. Não o achou de novo. Então respondeu:

— Sim, se não se importar. Poderia dizer a ele que liguei, por favor? Aqui

Jenny Hamilton. Estou falando de Dublin. — Esperou algum sinal de reconhecimento à menção de seu nome.

— Jenny? Sim, direi a ele. Você deve ser colega de trabalho dele, não?

O coração de Jenny disparou. A mãe dele não sabia quem ela era. O nome “Jenny” não significava nada para ela. Talvez Roan não tivesse contado à mãe que tinha uma namorada em Dublin, mas com certeza devia ter-lhe dito algo sobre a viagem do fim de semana. Ela estava começando a dizer alguma coisa quando a senhora Williams continuou:

— Ele está com ótima disposição estes dias — disse ela, não notando o silêncio de Jenny. — Acho que ele está muito satisfeito com o novo dono da empresa. Assim como você, não é?

— Bem, eu na verdade não trabalho com ele. Eu...

— Oh, querida, me desculpe — disse ela, rindo. — Atualmente não conheço todos os seus amigos. Você poderá localizá-lo se falar com um deles, daqui ou de Dublin. De qualquer modo — continuou —, eles saíram daqui para Dublin não faz muito tempo. Vão passar a noite em algum hotel perto do aeroporto, porque tomarão o primeiro avião amanhã de manhã. Veneza, já imaginou? Não sei de onde Roan foi tirar essa ideia. O pai dele não era nada romântico.

O coração de Jenny quase parou. Roan já estava voltando para Dublin e havia providenciado para que passassem aquela noite num hotel. Que bela surpresa!

— Bem, na verdade, é por isso que estou ligando. Estou querendo saber a hora do voo.

— Oh, é você que vai pegá-los no aeroporto quando voltarem, querida? Pergunto porque o carro de Siobhan está na garagem.

Siobhan? Roan não lhe disse que eles continuavam se falando. Mas com certeza ainda eram amigos, pensou Jenny. Afinal, não haviam crescido juntos na mesma cidade e se conheciam havia anos? Era natural que Roan esperasse que Siobhan fosse levá-lo de volta para Dublin, já que era seu caminho. Pena seu carro estar com problema, pensou Jenny, senão ela poderia ir dar uma olhada e ver como era sua predecessora.

A voz da senhora Williams interrompeu seus pensamentos.

— Você precisava ter visto Siobhan ontem à noite. Ela estava toda animada. Acho que nunca a havia visto tão excitada. E sempre viajando para ali, aqui e acolá, e por toda parte, sem parar. Mesmo assim, acho que é diferente de quando se está trabalhando. De todo modo, eles merecem essa viagem, OS dois. Ela está sempre fora, trabalhando tanto, que eles dificilmente se veem, principalmente agora que Roan está trabalhando muito o tempo todo....

Os dois? Jenny sentiu fraquejar os joelhos e seu coração pulava, em pânico. Por uma fração de segundo, imaginou que tivesse ligado para o número errado.

Roan estava levando Siobhan para Veneza?

Ela pensou ouvir a voz da senhora Williams, mas não tinha a menor ideia do que a mulher estava dizendo. Talvez ela tivesse entendido tudo errado. Ou quem sabe a senhora Williams tivesse entendido tudo errado. Era isso, pensou Jenny rapidamente. Talvez Roan nada tivesse dito a sua mãe sobre o rompimento com Siobhan. A mulher falava de um modo que dava a impressão de que ela gostava muito da garota. Talvez Roan achasse que ela poderia entender mal aquilo.

— Alô! Você ainda está aí, querida?

Jenny fez um leve ruído.

— Senhora Williams, estou aqui. Sinto muito, mas alguém simplesmente me interrompeu. O que estava dizendo... sobre as férias?

— Ah, eu estava dizendo que, com o monte de coisas que enfiaram nas malas na noite passada, duvido que eles consigam enfiá-las no avião — disse ela, rindo alto. — Roan estava reclamando da quantidade de roupa que Siobhan estava levando. Você poderia jurar que já estavam casados, pelo modo como se comportavam.

Jenny sentiu como se tivesse sido golpeada com uma marreta, enquanto a senhora Williams continuava a falar.

— É muito divertido! Eles estão juntos há tanto tempo que parecem ter se casado há anos.

16.

— MAS QUE DIABOS você está fazendo aqui? — disse Karen, olhando sem acreditar para a pessoa parada na frente dela, do lado de fora de seu apartamento.

— Posso entrar um pouco? — perguntou Shane, torcendo nervosamente um pedaço de papel na mão.

— Não sei, não...

— Por favor, eu realmente preciso falar com você. — Ele a olhou com uma expressão tão doce que ela hesitou. Então se afastou, deixando-o entrar. Quando passou por ela, Karen sentiu a fragrância familiar de seu pós-barba, seu cheiro favorito.

Procurava se controlar enquanto subia as escadas atrás dele. Seu coração estava tão acelerado que ela mal respirava.

Karen estava sozinha no apartamento, porque a pobre Jenny tinha ido para a casa dos pais por alguns dias, depois de descobrir que Roan tinha ido para Veneza com sua suposta ex-noiva.

— O que você quer? Não estava na Alemanha? — perguntou Karen, quando já estavam no apartamento.

Ela não fez nenhuma menção para que ele se sentasse, então ele não ousou.

—Jenny lhe entregou meu bilhete?— perguntou, inseguro.

— Não sei o que você esperava, Shane. Não mudei minha opinião sobre nada, se é o que quer saber — disse Karen, dando de ombros com expressão desafiadora.

— Mas você acredita no que lhe disse sobre Lydia naquele dia?

— Seja como for, nunca vou saber mesmo, vou? Mas espero que você não tenha vindo aqui esperando que o desculpe e lhe deseje felicidades, depois de tudo o que aconteceu, porque não vou fazer isso. Você deu um show naquele dia, Shane. Lydia deve ter ficado impressionada.

— Não, não ficou, e não planejou aquela situação só para você nos encontrar, fique sabendo.

— Não me surpreenderia nada se tivesse feito — disse ela.

— Acredite no que quiser. Mas você pelo menos considerou a possibilidade de que ela também esteja magoada com tudo isso?

Aquilo foi demais para Karen. Como ele ousava ir até lá e começar a defender a outra?

— E você acha que estou me importando com isso, que estou ligando para os sentimentos de sua namoradinha? — disse ela, andando em volta dele.

— Sei que você não liga. Mas eu ligo. Lydia é uma pessoa legal, e não devia ter feito aquilo com ela. Ela não significa nada para mim, eu apenas a usei.

— Espero que me poupe dos detalhes, Shane. Não tenho o menor interesse em saber o que você fez com ela naquele dia.

— Ah, você sabe muito bem que não aconteceu nada entre nós, só que é teimosa demais para acreditar. Você não cederia um milímetro, não é, Karen?

— Diga, por que diabos eu deveria fazer isso? Você veio para cá esperando que eu o recebesse de braços abertos? Se achou isso, é melhor reconsiderar. Não é tão simples assim — disse ela, de mãos na cintura. Sentia que, ao falar, suas mãos tremiam. Não era fácil ter Shane ali, tão perto, mas não conseguia perdoá-lo. Era muito difícil, embora soubesse, por sua expressão, que ele estava dizendo a verdade. Sabia também que, se tivesse transado com Lydia naquele dia, ele admitiria. Mentir era algo que não combinava com ele.

Mas o que podia fazer agora? Não ia voltar para ele assim, sem mais nem menos. E Alemanha, por que ele não estava...?

— Você quer se casar comigo, Karen? — perguntou ele de repente.

— O que você disse? — olhou para ele, atônita. Ele chegou mais perto, tomou as mãos dela nas suas e olhou-a profundamente nos olhos.

— Você ouviu muito bem, é isto mesmo que quero dizer. Eu a amo e quero que se case comigo. Para mim, você é a pessoa mais importante do mundo, e percebi isso somente quando a perdi. — Como ela não disse nada, ele continuou: — Fui para a Alemanha, comecei um novo trabalho, morando num lugar novo, fiz novos amigos, essa coisa toda.

Apesar de tudo, Karen sorriu, com a frase pronta.

Estimulado por sua expressão suave, ele prosseguiu:

— Estava tudo correndo muito bem. O trabalho era ótimo, e quanto à vida social, era como se estivesse em casa, pois havia muitos irlandeses por lá. Não tive problemas para me adaptar, mas...

— Mas o quê? — Karen o interrompeu, puxando suas mãos, que ele segurava, e levando-as à cintura. — Deixe-me adivinhar — disse ela, de modo indelicado, antes que pudesse parar: — Você sentiu tanta falta de Lydia que teve que voltar, não foi?

Então viu algo nos olhos dele que a fez imediatamente se arrepender de sua explosão. Olhando-o como se ela tivesse lhe dado um tapa na cara, ele deu um passo para atrás.

— Qual é o verdadeiro problema, Karen? — disse Shane, e ela ouvia sua voz se elevando como se algo tivesse se rompido dentro dele. — Por que você está agindo desta forma? Fui honesto com você sobre tudo desde o início. Tivemos nossos altos e baixos... Não — disse, balançando a cabeça e apontando um dedo para ela com muita raiva —, retiro o que disse, tivemos na verdade um baixo e vários altos ao longo de nosso relacionamento, e você está se comportando como se eu fosse um canalha! Eu disse e repeti diversas vezes que nada aconteceu entre mim e Lydia. Nunca fui infiel a você. Só cometi um erro estúpido de não ter discutido com você os planos sobre a Alemanha. E agora estou de volta. Desisti daquele trabalho por você! E isso ainda não é suficiente! Jesus! O que mais você quer de mim? — Shane andava de um lado para outro, passando as mãos na cabeça. — Simplesmente não posso vencer aqui, não é? Não importa o que eu diga ou faça, não posso vencer.

Karen já não estava segura sobre o que pensar. Nunca o vira tão indignado. Geralmente era ela que precisava se acalmar em todas as discussões que tinham. Sempre era ele que a acalmava. Essa não era uma experiência agradável. O rosto de Shane estava vermelho e brilhante, e os punhos, tão cerrados, que ela temia que ele desse um soco na parede.

— Olhe, sinto muito — ela cedeu. — É que ver você aqui foi um choque. Acho que esse é o modo que tenho de atingir você. Por favor, continue o que você estava dizendo sobre a Alemanha e tudo o mais.

Mas parecia que Shane havia perdido toda a paciência com ela.

— Não importa — disse, fazendo um movimento para sair e tomando a direção da porta. — Esqueça toda essa bobagem. — Abriu-a e, antes de sair, parou e olhou para trás, fixando em Karen os olhos cansados e tristes. — De todo modo, acho que agora já tenho sua resposta. — Então saiu e começou a descer as escadas.

Karen ficou ali em pé, sozinha no apartamento, com a mente vagando, enquanto tentava entender seus sentimentos. Shane acabou de pedi-la em casamento, e tudo o que ela conseguiu fazer foi ficar ali parada, insultando-o! De repente saiu correndo porta afora e o pegou chegando ao segundo andar.

— Shane, espere!

Ele parou e olhou lá de baixo, com uma expressão indecifrável.

— Sim, Karen — sussurrou.

— O que disse? Ainda não lhe dei uma resposta. Você não pode propor casamento a alguém e depois dizer para esquecer tudo! Você tem que pelo menos esperar uma resposta.

Ficaram olhando um para o outro por um tempo que pareceu uma eternidade. Então, para sua surpresa, Karen viu o rosto dele se abrir num largo sorriso.

— Você é difícil, não? Tem sempre que dizer a última palavra, esteja certa ou não — disse ele, balançando a cabeça e sorrindo, enquanto começava a subir as escadas.

— Não tenho sempre que dizer a última palavra — disse, arrependida.

— Bem, vai se desculpar?

— Por quê?

— Pelo menos uma vez!

Um sorriso indeciso atravessou seus lábios, mas ela não se desculpou.

— Simplesmente não sei o que fazer com você, Karen Cassidy. — disse Shane, outra vez balançando a cabeça e sorrindo.

— Bem, o que você está fazendo comigo? — perguntou ela, rindo, enquanto ele a abraçava e beijava.

— Vou mostrar.

Ele a pegou no colo e subiu as escadas, indo para o quarto dela, chutando várias peças de roupa e sapatos que estavam espalhados pelo chão.

Deitando-a cuidadosamente na cama, deu-lhe um beijo longo e apaixonado. Fizeram amor com tanta intensidade, que Karen chegou a pensar que valeu a pena o tempo que haviam ficado separados.

Muito mais tarde, continuavam na cama, agora deitados debaixo das cobertas e de corpos entrelaçados.

Shane olhou para Karen e sorriu. Então seus olhos se abriram, como se tivesse se lembrado de algo. De repente, jogou as cobertas para o lado, pulou da cama e se ajoelhou. Karen o observava com indisfarçável contentamento e um pouco surpresa.

— Karen, pela segunda vez, você quer se casar comigo? — perguntou Shane, sorrindo, enquanto tomava suas mãos nas dele.

Lágrimas de alegria brotavam nos olhos dela.

— Bem, qual é sua resposta, Cassidy? — perguntou, impacientemente.

Dessa vez não hesitou:

— A resposta é definitivamente: sim, Shane — disse ela, rindo. — Como poderia dizer não a uma proposta como esta?

— OH, ISSO É FANTÁSTICO! Não posso acreditar — disse Jenny, com genuíno entusiasmo. Karen ligou para ela, excitada. — Não acredito que Shane voltou da Alemanha e a pediu em casamento. Que romântico!

— Bem, não foi precisamente romântico, Jen. Antes, tivemos uma discussão, e tornei as coisas bem difíceis para ele antes de finalmente dizer sim.

— Típico de você! Karen, que mulher durona você é! — disse ela, com um risinho. — Pobre Shane, teve que desistir do trabalho.

— Pobre Shane? Sua traidora, você não acha que seria pobre Karen? Bem, de qualquer maneira, Jen, eu não sabia se devia lhe telefonar ou não. Sei o que você está passando, por isso não estava segura...

— Karen, está louca? Eu a mataria se você não tivesse me dito. Esta é uma notícia muito boa. Era tudo o que eu precisava, para dizer a verdade.

— Como você está?

— Muito melhor agora, acho.

— Que bom! Volte quando quiser. Vamos para a casa de Shane no sábado, mas, fora isso, estarei em casa. Ligue-me quando você estiver voltando, combinado?

Jenny assentiu, esquecendo que Karen não podia vê-la.

— Obrigada por ligar. Dê a Shane meus parabéns. Vamos ter que organizar uma bela comemoração logo.

Jenny tentou se mostrar mais animada do que estava. Embora estivesse, de verdade, feliz pela amiga, não podia deixar de sentir uma pontinha de inveja. Era realmente sempre a mesma velha história. Sua vida amorosa estava em frangalhos, enquanto a de Karen não podia estar melhor. Sua amiga estava no topo do mundo, enquanto ela, lá embaixo, pensava que seus pés podiam atravessar o solo e sair em algum lugar da Austrália.

Estava tão contente por Karen. Sua amiga resolveu o rompimento com o Shane de maneira brilhante. Havia chorado um pouco, levou algum tempo para voltar a si e depois retomou sua vida. Não havia entrado em colapso, nem rastejado até algum buraco, fechando-se para tudo.

Não era a primeira vez que Jenny desejava possuir, nem que fosse uma pequena parte, a força da amiga. Esses últimos dias tinham sido um verdadeiro pesadelo, ela não

havia dormido mais do que umas poucas horas durante toda a semana. Seu pai estava muito intrigado por ela estar faltando ao trabalho, mas a mãe mostrou-se mais solidária porque sabia da viagem e, obviamente, imaginava o resto por si mesma.

Jenny mentiu quando disse para Karen que estava se sentindo melhor. O estado deplorável não a abandonou, estava presa em toda a confusão e desilusão que sentia desde que descobriu que Roan havia ido para Veneza sem ela.

Na verdade, pensou, ao desligar o telefone, que mal parava de chorar desde aquela noite. Como não tinha outra coisa a fazer senão sentir pena de si mesma, era impossível fazer as lágrimas sumir. Com a quantidade de água que saiu de seus olhos, Jenny pensou, ela poderia resolver pelo menos metade dos problemas de seca da África.

Exausta, subiu para seu quarto, esperando dormir uma ou duas horas.

Algumas horas mais tarde, ainda estava na cama de olhos abertos.

Em sua cabeça, os pensamentos não paravam de girar. Por que ela teve que estragar tudo daquela maneira? Roan a amava, não? Apesar de todas as acusações que ela lhe fez, apesar de que ele devia pensar que ela não confiava nele! Por que aquilo não bastava para ela? Jenny se perguntava. O que mais ela queria?

Ela pensava em Roan e Siobhan juntos em Veneza. Estariam eles agora na cama, nesse exato momento? Estariam fazendo amor, como eles haviam feito tantas vezes tempos atrás? Será que o sexo era melhor com Siobhan? Claro que era melhor, ela pensou, e as lágrimas começaram a escorrer de novo de seus olhos. Veneza era um dos lugares mais românticos do mundo. Provavelmente estariam transando como coelhos, do mesmo jeito que ela e Roan ficavam no início, antes que ela começasse a se comportar como uma namorada maluca, psicótica. O filme *Atração fatal* a que assistiu com Karen, deve ter afetado seu subconsciente — alguma coisa certamente o havia afetado.

Por que foi tão estúpida? Se ela não tivesse sido tão insistente para Roan pagar o dinheiro que lhe devia e se não tivesse sido uma ingrata, não estaria agora nesse estado.

Naturalmente, ele teve que levar outra pessoa, alguém que pelo menos apreciaria a ideia e o esforço que ele fez. Ela havia sido tão desleal com ele o tempo todo, primeiro acusando-o de passar aquela DST e praticamente jogando no rosto dele a história das férias! Por que tinha que ser tão boba algumas vezes?

Jenny deitou de bruços para ficar mais confortável. Estava cansada de se torturar. Desejava tanto que Roan a tomasse nos braços e lhe dissesse que tudo estava bem, que aquilo foi um grande engano e que Siobhan não significava nada para ele.

Jenny sacudiu fortemente a cabeça de um lado para outro. Por que tudo aquilo não sumia? Ela estava tão cansada de tentar entender, tão saturada de todas aquelas perguntas. Era sua culpa que as coisas haviam se deteriorado daquela maneira, com suas acusações e queixas sobre dinheiro.

Jenny se sentou e se olhou no espelho por um longo tempo. Seu cabelo estava pegajoso e cheio de pontas duplas, a pele, ressecada e vermelha de tanto chorar. Ela não poderia ficar pior, mesmo que tentasse.

Lydia disse que Siobhan era alta e deslumbrante, uma mulher perfeita. Era modelo, Deus do céu!, devia ser mais que perfeita! Jenny suspirou. Siobhan e Roan deviam formar um belo par, o casal ideal.

As pessoas na rua, ou mais especificamente nos canais, deviam estar parando os dois para perguntar se eram astros famosos de Hollywood ou coisa parecida.

Mais uma vez, Jenny olhou criticamente sua imagem no espelho. Por que Roan ia querer uma namorada feia e gorda, se podia ter alguém como Siobhan?

— QUAL DOS DOIS você acha que eu deveria usar: o cardigã ou a jaqueta? — Karen perguntou a Jenny. Ela e Shane estavam indo passar o dia em Kilrigh, para conhecer a mãe dele, e, mesmo tendo dito o tempo todo à amiga que não estava nervosa, Karen tinha que admitir para si mesma que estava.

— O cardigã. A jaqueta é muito... seriona, ou algo assim, entende? — disse Jenny.

— Como assim “seriona”? Que palavra é essa? — perguntou Karen, enquanto se olhava no espelho.

O cardigã preto combinava muito melhor com o vestido que estava usando, e ela sabia que Jenny tinha razão. Queria parecer ao mesmo tempo jovial e inteligente, mas não formal. O vestido era elegante, mas o cardigã lhe dava uma aparência casual e sem sofisticação, que era a impressão que ela queria causar à senhora Quinn.

— Não sei por que estou tão preocupada — disse ela, tentando achar um sapato na pilha do fundo do armário. — Já estamos noivos mesmo, por isso não deve ser para eu passar por algum teste. — Acabou encontrando o sapato Chanel preto que estava procurando e tirou a poeira com um pano.

— É uma prova de papéis então, não é? Ela vai ser sua sogra, afinal de contas — Jenny disse, bem séria, ciente do nervosismo de Karen e tentando de tudo para conter o riso. — Se ela não gostar de você, poderá tornar sua vida um inferno. Essas coisas aparecem o tempo todo nas páginas de revistas e jornais, nas seções de questões sentimentais.

— Bem, se ela não gostar de mim, isso é problema dela — disse Karen aereamente, observando sua maquiagem mais de perto no espelho. Não estaria usando rímel demais?

Estou só brincando, sua boba! É claro que ela vai gostar de você, por que não gostaria? — disse Jenny, rindo e se jogando na cama.

— Ah, e você pare de tentar me deixar nervosa.

— Ok, tudo bem, sinto muito. Admito, estou tentando deixá-la nervosa — disse Jenny, deitando-se de novo na cama, com as mãos atrás da cabeça. — Estou certa de que você vai saber lidar com isso. Shane é uma pessoa normal. Tenho certeza de que sua mãe também deve ser.

Veremos.

Voltaram à sala de estar para esperar Shane.

— O que você vai fazer neste fim de semana? Vai ficar bem, sozinha? — perguntou Karen.

— Sim — respondeu Jenny. — Vou seguir seu exemplo, sem ficar perdendo tempo, chorando por causa de homem. Consegui o novo romance da Patricia Scanlan, um belo banho de banheira vai me fazer relaxar para passar bem a noite e amanhã vou me encontrar com Tessa, no centro, para fazermos umas compras.

— Que bom, Jen, era isso que eu queria ouvir disse Karen, apesar de no fundo estar preocupada com a amiga. Desde que voltou de Kilkenny, um dia antes, Jenny estava muito alegre. Karen sabia que Roan estava voltando de Veneza aquela manhã, mas Jenny não havia dito nada sobre ele. Suspeitava que só estava se fazendo de forte. Ela não podia ter apagado tudo de sua mente em tão poucos dias.

Um carro buzinou duas vezes lá fora.

— É Shane — disse Karen, olhando pela janela e vendo que ele a esperava no novo Opel Astra que tinha acabado de comprar. — Bem, vejo você mais tarde, Jen.

Deseje-me sorte, sim? — olhou-se mais uma vez no espelho, checando sua aparência, antes de sair rapidamente.

— Não se preocupe. Vai dar tudo certo — gritou Jenny para ela, da escada.

Então jogou-se de novo no sofá e olhou as horas. Roan estaria ali em menos de uma hora.

ROAN PAGOU AS FLORES e colocou o troco no bolso. Precisava pensar rápido. Jenny ia lhe dizer o diabo, e para ser sincero não a censuraria.

Mas o que podia fazer? Siobhan voltou para casa antes do esperado, pois um de seus compromissos havia sido cancelado, e ela ligou para ele, toda animada por causa da viagem. Sua mãe comentou com a mãe dela que ele venceu o concurso, e de repente ele foi posto contra a parede. Tinha que levar Siobhan. Isso não era fácil nem tão barato, pensou ele contrariado, pegando as passagens para alterar o nome da passageira diante da notícia.

E, depois de tudo, agora estava arrependido de não ter levado Jenny. Ela era divertida, raramente se queixava, como Siobhan fazia o tempo todo. Franziu a testa. Siobhan havia sido uma companhia muito difícil durante o feriado. Não curtiu a viagem como ele pensava. Na verdade, ela havia se comportado como se estivesse cumprindo uma obrigação. Tudo bem que não haviam passado muito tempo juntos ultimamente, mas isso se deu mais por causa dela do que dele. Ele não podia fazer nada se sua namorada vivia atolada de trabalho, a ponto de nunca estar no país, podia? Naquele momento, pensava seriamente em terminar com Siobhan. Kevin o havia recriminado, quando ele voltou de Veneza, por causa da sujeira que ele fez com Jenny. Ela havia ligado para o apartamento, e Kevin estupidamente lhe deu o número do telefone da casa da família de Roan.

Eu não sabia o que dizer para a pobre garota quando ela ligou, toda empolgada porque iam viajar, e você se divertindo por aí, sem a menor intenção de lhe dizer que ela não ia. Para mim basta, Roan. Não vou mais ficar dando cobertura para suas falcatuas — disse Kevin.

Nem quis ouvir o que ele tinha a dizer sobre tudo aquilo e mal falava com ele desde então. Era aquela garota, Andrea, que estava causando a maior parte dos problemas entre eles, Roan reconhecia. Ela o fazia se lembrar muito de Karen, a maneira como o criticava, sempre melindrosa a respeito de qualquer coisa. Ela mantinha Kevin em rédea curta, com todo o seu mau humor e explosões de raiva.

De fato, Kevin mudou muito, pensou, balançando a cabeça. Só porque ele ficava sossegado com uma mulher, não queria dizer que todo mundo tinha que fazer o mesmo. Haveria muito tempo para isso mais tarde. E durante muitos anos Kevin deu cobertura ao amigo.

Por sorte, ele tinha uma boa história, e se Jenny o perdoasse, como Roan estava certo que faria, as coisas poderiam ficar difíceis se Kevin se recusasse a cobrir suas escapadas.

Ele franziu as sobrancelhas. Era hora de dizer adeus a Siobhan, pelo menos por um tempo. Acertaria tudo com Jenny agora e depois poderia começar a dar de novo alguma atenção a Siobhan. Como sempre, ela voltaria correndo, sem problemas.

Roan tocou a campainha do apartamento de Jenny. Ela ouviu o interfone, mas não o atendeu, e quando ele a viu em pé no topo da escada, de braços cruzados, percebeu que talvez não fosse tão fácil quanto pensava. Ele tinha que se fazer de tonto.

— Oi — disse ele, entregando-lhe as flores e dando um beijo em seu rosto.

— O que você quer dizer com “oi”? E se pensa que um ramo barato de flores de supermercado vai me acalmar, está muito enganado. — Essa foi boa, pensou ela, seria exatamente uma coisa assim que Karen diria. Seja dura e não o deixe sair daqui sem dar uma explicação convincente. — Divertiu-se em Veneza? — disse, virando as costas para ele e ainda de braços cruzados.

— Foi legal. Embora tenha sentido sua falta — disse ele.

— Você sentiu minha falta! — virou-se, surpresa. — Onde você arrumou tempo para sentir saudades de mim, Roan? Pensei que, com Siobhan por perto, você estaria satisfeito. — sentia que suas mãos tremiam. Isso não era bom, dali a pouco ia desmoronar. Havia se preparado para se manter fria e irredutível, mas isso era tão difícil, agora que ele estava ali.

— Siobhan? Do que você está falando? — perguntou Roan, num tom que soava como verdadeira surpresa.

— Siobhan, sua suposta ex-namorada, aquela que, em vez de mim, você levou para Veneza.

— O quê? Não fui com ela. Quem lhe disse isso? — perguntou, incrédulo. — Ela só me deu uma carona até o aeroporto.

Jenny logo fez uma pausa. Foi exatamente isso que ela pensou num primeiro momento. Havia uma possibilidade de que tivesse mesmo sido assim, só uma carona, e Siobhan não viajou com ele.

— O quê? Então quem foi com você?

— É claro que fui sozinho, Jenny. Você não pode estar falando sério, você não acredita que eu faria alguma coisa assim, acredita?

— Sua mãe disse que...

— Oh, meu Deus do céu, Jen, minha mãe não sabe nem onde tem o nariz. Ela lhe deu sua versão dos acontecimentos, só isso. Disse a ela um milhão de vezes que Siobhan e eu terminamos, mas ela simplesmente não aceita. Ela e a senhora Hennessey, a mãe de Siobhan, estão sempre tentando nos fazer reatar o namoro.

— Então por que ela disse que vocês pareciam estar casados há tempos?

— Ela faz isso o tempo todo. Quando você ligou, ela deve ter pensado, corretamente, que você fosse alguém com quem eu estivesse saindo. Ela queria se livrar de você, com medo de que pudesse haver algo sério entre nós... E obviamente funcionou — enquanto falava, andava de um lado para outro da sala.

Jenny ficou insegura. Perdeu um pouco da calma. Ele se comportou como se nada realmente estivesse errado e antes, ao telefone, pareceu que estava emocionado. E então surgiu ali com um buquê de flores e um grande sorriso. O que estava acontecendo?

Seria possível que a senhora Williams tivesse mentido para ela? Mas ela devia ser uma tremenda bandida para fazer uma coisa como aquela, só para tentar fazer que ele voltasse com Siobhan. Nenhuma mãe faria aquilo com o filho, fada? Além de tudo, Roan parecia inflexível ao dizer que tinha ido sozinho para Veneza.

— Mas por que você foi sozinho? Não estava combinado que íamos juntos? — disse Jenny com a mente num turbilhão.

— Estava com raiva de você. Quando a vi com aquele rapaz... — disse Roan desabando no sofá.

— Que outro rapaz? — perguntou ela. Do que ele estava falando?

— O cara da Grafton Street. Eu estava no centro, tomando cerveja com os rapazes, e estávamos saindo do Bruxeiles, quando a vi passando pela rua, rindo muito, de braços dados com um rapaz. Fiquei mortificado.

— O quê? — por um momento ela não entendeu o que ele estava dizendo. Então se lembrou. Foi na noite em que saiu com as meninas. Brian, amigo do Charlie, a acompanhava pela rua. Roan os viu!

— Mas não houve nada! Nós saímos naquela noite e um rapaz começou a conversar com Karen, e seu amigo...

— Acabou chegando em você? Sei como funciona, Jen, e sei o que vi. Parecia que vocês estavam se divertindo muito. Você tem alguma ideia de como fiquei embaraçado? Todos os rapazes também viram, você sabe.

Jenny tentava organizar seus pensamentos. Sua mente voava.

— Então você foi para Veneza sem mim porque quis se vingar? Por que diabos não me perguntou nada sobre isso, ou pelo menos não resolveu o assunto comigo?

— Eu estava aborrecido, Jen — disse ele, evitando olhá-la nos olhos. — Planejei essa viagem para nós, mas você não parecia nada feliz, sempre me dizendo para pagar o que lhe devia, o que eu realmente já devia ter feito. — Roan se levantou e enfiou a mão no bolso. Atirou algumas notas na mesa, dizendo: — Aqui está uma parte. Quando tivemos aquela discussão, me senti muito mal por causa do dinheiro e decidi que tentaria compensar, levando-a para jantar. Disse então que lhe pagaria no final do mês passado, mas tive a impressão de que você não ficou contente com isso. Eu sabia que você estava irritada, mas...

— Assim, quando me viu naquela noite na Grafton Street foi a gota d'água... — Jenny se sentou novamente, sentindo-se completamente culpada. Por que ela se comportou daquele jeito com o amigo de Charlie? Devia ter sido mais cuidadosa. Claro que Roan havia entendido mal. Ela também não teria uma boa impressão se o visse circulando com alguma garota desconhecida.

— Exatamente — respondeu. — Admito que fui estúpido em não ter telefonado. Costumo ficar emburrado, por isso, sinto muito. Mas a viagem já se aproximava eu estava com as passagens e teria que usar pelo menos uma delas. Assim, decidi ir sozinho para poder refletir sobre as coisas, sobre nós, e como seria quando eu voltasse.

Refletir sobre as coisas? Ah, não, pensou Jenny, agora ela realmente arruinou tudo. Ela não teve intenção de exagerar na questão do dinheiro. Só estava tentando deixar as coisas claras, e o que aconteceu? Quando pensava em tudo o que havia ocorrido, realmente ela o acusou, não podia repreender Roan por estar com raiva...

— Olhe, realmente sinto muito por tudo isso — disse ela. — Sei que não devia ter pressionado você daquela maneira e posso entender por que achou que eu não estava contente com a viagem. Mas quando liguei para sua mãe e ela me contou sobre a Siobhan... bem, aí fiquei sem saber o que pensar. Ponha-se no meu lugar, o que você pensaria?

— Ponha-se você no meu lugar, Jenny! O que você pensaria? Numa semana, você me acusa de ficar dormindo por aí e lhe passar uma DST. Para agradar, planejo uma viagem romântica, para não dizer cara. Na semana seguinte, você briga comigo por causa do dinheiro que me emprestou e, logo depois, a vejo por aí com um desconhecido na rua, fiquei doido, Jenny! Fiz de tudo para que você confiasse em mim, mas você ainda não confia. Não fiz nada de errado — ele se sentou e apoiou a cabeça em suas mãos. — Senti tanto sua falta quando estava lá e então volto para isso! O que você quer de mim?

— Sinto muito, Roan, de verdade. Não sei o que pensar ou em quem acreditar. Estava fora de mim por causa do dinheiro e da viagem. Agora entendo. Confio em você. É que às vezes as coisas acontecem e... — disse Jenny, sentando-se ao lado dele e encostando a cabeça em seu ombro, tentando uma reconciliação.

Ele se afastou e ficou de pé:

— Olhe, vamos esquecer tudo isso. Sempre tentei ser o mais honesto possível, mas agora já me cansei. Se você não pode confiar em mim, estou perdendo meu tempo. — Começou a andar em direção à porta e então se virou para ela e disse: — É uma pena, porque realmente me preocupo com você, Jenny. — Ficou olhando para o lado por um instante antes de abrir a porta e finalizou: — Farei de tudo para devolver o resto de seu dinheiro ainda esta semana.

— Espere, Roan, por favor! — disse Jenny, aos prantos. Isso foi horrível. O que ela havia feito? — Não quero perder você. Por favor, não vá embora...

Ela correu para seus braços e, um pouquinho antes de beijá-lo, tinha certeza de que vira o lampejo de algo em seus olhos. Seria alívio? Não importava. Ela e Roan estavam juntos de novo. Era aquilo que importava. Havia algumas poucas coisas que eles precisavam esclarecer, mas isso podia esperar.

Sentiu que seus braços a envolviam firmemente, até que os beijos foram se tornando cada vez mais voluptuosos e apaixonados. De costas, caminharam em direção à cama e se deitaram. Enquanto ele a beijava, Jenny sentiu que seu desespero e todas as dúvidas se dissolviam. Ela ia se dedicar a Roan e faria de tudo para que seu relacionamento desse certo. Teve sorte por ele não a ter descartado antes, mesmo com todas aquelas acusações e recriminações. Pobre Roan, o que devia ter amargado nessas últimas semanas. Bem, basta, decidiu Jenny, dali em diante tinha certeza de que tudo seria perfeito. Afinal, ele não se pusera à prova para ela uma, duas, muitas vezes?

18.

SHANE OLHOU SURPRESO para Karen, quando ela entrou na sala, batendo a porta. Estavam no apartamento dele e, como haviam voltado mais cedo de Rathrigh, decidiram passar a noite ali.

— O que aconteceu? — perguntou ele, ao notar sua cara carregada.

— Você devia me manter longe daquele Roan Williams por um tempo. Deus me perdoe, mas vou acabar esganando esse cara. Foi Jenny quem me ligou agora. Você não vai acreditar, mas ela acabou caindo nas mentiras dele de novo — disse ela com raiva.

— Hein? Quem? Que mentiras? — Shane estava confuso.

— Ah, o filho da mãe do Roan forjou uma história ardilosa sobre a ida dele para Veneza sem ela, e Jenny acreditou em cada palavra que saiu daquela boca suja. O que há de errado com ela?

— Roan até que não é tão mau assim. Aidan e eu nos encontramos com ele outra noite num pub, e ele me pagou uma cerveja para comemorar. Estava todo sorridente e deixou Aidan muito contente — disse ele.

Aidan estava se sentindo culpado, deprimido e muito cansado no começo da semana, por causa de um incêndio horrível que aconteceu na noite anterior. Sua unidade havia conseguido salvar três crianças que estavam num sobrado de dois andares, mas infelizmente não puderam salvar os pais. Aidan encontrou, debaixo da cama do casal, os corpos, abraçados, queimados e repletos de bolhas. Como era comum em seu trabalho, o incidente o afetou profundamente. Por isso, Shane insistiu em sair com o amigo para tomar uma cerveja, para tentar distraí-lo.

— Ele não é tão mau só porque pagou uma cerveja? Ah, Shane, faça-me o favor, seja honesto consigo mesmo, aquele cara é uma víbora.

— Não concordo, só isso. Acho que ele é um sujeito legal, não sei o que você tem contra ele. Pode ser um pouco machão, mas isso não é crime, é? — disse Shane calmamente.

—Você não sabe o que eu tenho contra ele... Será que sou a única aqui que consegue ver além das aparências? — perguntou, estupefata.

— Ver além do quê?

— O grande teatro que ele está fazendo. Pelo amor de Deus, dá pra ver de longe que ele é um farsante. Está levando Jenny na conversa.

— Karen, eu lhe disse desde o início que você não devia se envolver. O namoro de Jenny é coisa dela. Como você se sentiria se ela comesse a questionar sua relação comigo? Você não ficaria um pouco ressentida? — disse Shane balançando a cabeça.

—Pode ser, mas ao menos ouviria o que ela tivesse a dizer! Mas não, Jenny enfia a cabeça na areia e acredita em cada palavra que vem daquele crápula. Isso vai acabar em lágrimas, Shane. Eu lhe garanto.

— Ora, se é assim, trate de não ser você quem vai fazê-la chorar. De qualquer maneira, Jenny é bem crescadinha e não precisa que você cuide dela. Tenho certeza de que ela sabe exatamente o que está fazendo.

— Pode ser, mas estou contente por não estar no apartamento esta noite. Não me responsabilizaria pelo que pudesse fazer aos dois.

— Mudando de assunto, o que você achou do que minha mãe disse sobre a casa?

— Acho que não custa nada olhar — disse Karen, encolhendo os ombros.

Neilie, a mãe de Shane, sugeriu que eles comessem imediatamente a procurar uma casa para comprar.

— Agora é a melhor hora para isso; se esperarmos muito, os preços poderão subir cada vez mais — disse ela, naquele tom mandão que ela se deu conta de que usava ao falar com crianças.

Neilie Quinn pareceu-lhe uma pessoa boa e foi muito agradável e amistosa com ela durante a visita, mas Karen logo teve a impressão de que ela queria, de algum modo, ter influência sobre o futuro de Shane. Contudo, em relação a isso, Karen não podia culpá-la. Só porque seus pais sempre se sentiram felizes deixando que ela vivesse sua própria vida, sem nenhuma interferência, isso não significava que a família de Shane tinha que ser igual. Ela percebeu isso instantaneamente após sua chegada, quando Neilie, ao abraçá-la, disse: “Então você é a razão de Shane ter desistido do trabalho na Alemanha!”.

Na hora, ela havia considerado aquilo uma brincadeira, mas ao longo da noite ficou se perguntando se não teria algum ressentimento pelo fato de Shane não ter aproveitado a oportunidade oferecida pelo irmão Jack.

Jack veio de Londres para passar o fim de semana com a mãe, mas, ao cumprimentar Karen, sua expressão era séria e nem um pouco amigável. Mal lhe dirigiu a palavra durante a visita, mas dificilmente teria chance de fazê-lo, pensou ela um tanto divertida.

A casa de Shane estava uma verdadeira confusão. Ele a alertou sobre Paddy, o cachorro da família, que ficava toda hora pulando nas pernas das visitas. Até aí tudo bem, o cachorro havia se comportado exatamente como esperava. Porém Shane não tinha dito nada sobre as crianças. Marie, a irmã, levou seus filhos para visitar a casa de campo e, embora fossem só três, um de cinco anos e duas meninas menores, era como se Karen estivesse no meio dos chimpanzés da Disneylândia. Eles pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo — o bebê gritava sem parar, a garotinha pedia para Karen escovar o cabelo de sua Barbie e depois o dela, com um pente grudento e melado, berrando mais ainda quando o garoto, que queria atenção, derreteu a tal boneca no micro-ondas.

Quando deixou a casa dos Quinn, Karen estava decidida a jamais se meter naquela situação miserável de ter filhos. De qualquer maneira, nunca foi apaixonada por

crianças, e sua experiência com os sobrinhos de Shane não só eliminou o que pudesse restar de seu instinto maternal como o trancafiou numa reforçada caixa de aço. E ainda teve que aguentar as usuais desculpas da infeliz mãe dos monstros, acompanhadas de “espere até você ter os seus”.

— Karen, veja o que você tem pela frente. Eles estão naquela fase em que nada os mantém quietos — disse Marie, tentando desesperadamente evitar que o mais velho batesse na irmã debaixo da mesa do café.

Umas boas palmadas no traseiro os manteriam calmos, pensava Karen, mas guardou o conselho para si. Ela sorriu com ar compreensivo para Marie. Era óbvio que a pobre moça não tinha o menor controle sobre suas crias barulhentas. Não mesmo, disse consigo mesma — enquanto o bebê gritava tão alto que quase a deixou surda —, nunca teria filhos.

Todavia não estava tão segura de que Shane também não quisesse. Ele parecia deslumbrado com os sobrinhos, pegando um por um no colo e fazendo-os voar acima de sua cabeça, brincando de aviãozinho.

O nível do barulho não parecia afetar ninguém na casa da família Quinn.

Durante o jantar, enquanto mergulhava uma colher na comida do bebê, enchendo-a e passando ameaçadoramente pelos ares diante do nariz de Karen, a mãe de Shane sugeriu que comesçassem a procurar uma casa.

— Há uma depois da casa de John Corbally. Você devia procurá-lo e se informar — disse a Shane, e Karen percebeu, horrorizada, que Neilie estava falando de um imóvel próximo.

— Ah, mas estamos planejando ficar em Dublin — disse ela rapidamente, antes que Shane respondesse. Eles ainda não haviam discutido isso, na realidade não tinham feito nenhum plano além de ficar noivos. Entretanto, não havia a menor possibilidade de Karen sequer pensar em viver nos confins de Meath.

— Não, mãe, preferimos comprar algo em Dublin. Nós dois trabalhamos lá — disse ele, concordando, para seu alívio.

— Eu poderia conseguir um emprego para você aqui. Meu marido trabalha no Conselho Municipal — explicou Marie orgulhosamente para Karen.

Karen ficou tão chocada que não foi capaz de responder. Como se ela fosse querer se mudar, abandonando o emprego na Acorn Fidelity, que ela se esforçou para conseguir, e aceitar algum empregueinho público! Que ousadia a deles, querer dirigir sua vida

— Obrigada, Marie, mas Karen é feliz lá, não é, querida? Além disso, já começamos a procurar alguma coisa em Dublin — disse Shane rapidamente percebendo o olhar assustado no rosto da noiva. Deu uma mordida em seu espesso bolinho amanteigado, acompanhando-o com um bom gole de chá.

Depois de ouvir isso, Karen se sentiu momentaneamente aliviada. Pelo comportamento de Shane, era óbvio que sua família sempre interferiu, como agora, e ele mentiu só para acalmar a todos. Mas a visita havia mexido um pouco com ela. Enquanto a família Quinn parecia tão envolvida um na vida do outro, seus pais sempre a deixaram decidir como queria viver a sua. Quando ela e Jenny eram menores, costumavam fugir pela janela de seu quarto para se divertir numa discoteca local. Certa noite, foram vistas por algum desocupado, que teve grande prazer em descrever os fatos em detalhes aos Hamilton e Cassidy.

Enquanto os pais de Jenny a deixaram de castigo por um mês por causa da travessura, Jonathan e Clara Cassidy, erguendo os ombros, simplesmente disseram à filha que, se ela houvesse dito que queria sair, eles não teriam feito nenhuma objeção.

Naquela época, Jenny achou que os pais de Karen eram os mais frios da cidade, o que Karen também pensava, até perceber que eles apenas viviam tão ocupados com suas vidas que se sentiam felizes de deixar sua única filha viver a dela como quisesse. Como resultado, Karen cresceu acostumada a ter independência e acabou valorizando isso. Ela não toleraria que seus pais interferissem agora, da mesma forma que eles não iam gostar que ela se intrometesse na deles. É claro que ficaram entusiasmados com a notícia do noivado, mas ainda não estavam dispostos a abandonar seus negócios em Tenerife, mesmo que fosse para ver o anel, como comentou Jenny um dia, surpresa pelo fato de os pais de Karen não terem se animado com as boas-novas. Mas Karen não esperava que eles saíssem correndo de casa por isso. Ela e Shane iriam visitá-los em algum momento, ainda naquele ano. Além disso, seria pedir muito que eles voltassem para a Irlanda só para lhes dar os parabéns.

No entanto, ela sentiu que essas coisas eram bem diferentes na família Quinn.

— Jack ficou aborrecido por você não ter ficado no trabalho da Alemanha? — perguntou Karen.

— Acho que ficou um pouco chateado. Afinal de contas, ele fez algumas articulações para conseguir que eu fosse o primeiro a me apresentar lá. Você tem que entender que Jack, para mim, é mais um pai do que o irmão mais velho. Acho que, de certa maneira, ele tomou o lugar de papai.

O pai de Shane sofreu um infarto quando ele tinha dez anos. Karen já suspeitava, pelo comportamento e modo respeitoso como os irmãos o tratavam, que Jack era considerado uma espécie de figura paterna na família Quinn. Shane apenas confirmou.

— Sobre a casa, vou conversar com um rapaz que conheço do tempo de escola. Ele é corretor de imóveis. Vou pedir que fique atento e veja se consegue algo por aqui. O que você acha? — perguntou.

— Por aqui? Shane, você acha que podemos nos dar ao luxo de comprar alguma coisa nesta área? O preço dos imóveis aqui é abusivo — disse ela, torcendo o nariz.

— Sei que você não quer ficar tomando várias conduções. Por mim tudo bem, porque em meu trabalho tenho que viajar de um lugar para outro de qualquer maneira.

Desde que voltou da Alemanha, Shane arranhou um emprego na McCann Engineering, uma antiga e sólida empresa de engenharia civil. Atualmente, estava trabalhando na equipe de projetos, planejando a construção de uma segunda ponte de pedágio na rodovia M50. Os escritórios da companhia ficavam no centro, mas Shane frequentemente tinha que se reunir em campo com vários gerentes de projeto.

— De qualquer forma — continuou —, gostaria de morar em Dublin. Somos felizes aqui, nossos amigos estão aqui, então, por que não?

— Bem, não há nada de mais em dar uma olhada, não é? — disse Karen, animada por Shane concordar com ela. — Não estamos com pressa, então podemos esperar que algo decente entre no mercado e, com a ajuda de seu amigo, estou certa de que vamos achar uma coisa de que a gente goste.

— Ótimo! — disse Shane, abraçando-a. — Vou ligar para o Steve amanhã. Sei que ele vai gostar muito de nos ajudar.

— VOCÊ VAI PARA O CENTRO comigo ou não? — perguntou Karen, impaciente. — Preciso comprar um presente de aniversário para Shane, por isso, se for, ande logo.

Nos últimos dez minutos, Jenny continuava falando sobre Roan e suas patéticas desculpas, e Karen estava achando que não ia aguentar aquilo por mais tempo. Não conseguia entender como Jenny permitiu que ele ficasse impune com a história de

Veneza. Por outro lado, tinha que admitir que a amiga estava muito bem nos últimos dias, por isso não ia dizer nada.

— Tudo bem, tudo bem, captei a mensagem — caçoou Jenny, levantando as mãos. — Desculpe, Karen, eu daria tudo para não ficar matraqueando sobre todas essas coisas.

— Para fora, agora! — disse Karen, com fingido rigor, enquanto trancava a porta. — Jenny, tenha cuidado. Sei que já lhe disse isso antes, mas certifique-se de que sabe o que está fazendo, está bem?

— Sim, senhora — disse Jenny, batendo continência. Foram, então, buscar Tessa em seu apartamento e depois tomaram o ônibus para o centro.

Duas horas mais tarde e depois de uma busca fracassada de um presente de aniversário para Shane, as garotas decidiram dar um tempo na loucura de sábado da Grafton Street.

— E o que você acha de um jogo como o PlayStation ou outro videogame? Ele não gosta de Tomb Raider? — sugeriu Jenny, assim que se sentaram a uma mesa numa confeitaria do shopping.

— Nem pensar! Aquela Lara Croft é de deixar qualquer uma com complexo. Já viu aquela mulher? — disse Karen revirando os olhos.

— Se vi? Há um enorme pôster dela na parede do apartamento de Roan — disse Jenny, rindo e cortando uma fatia de seu pudim.

— Que figura! É uma mulher gerada por computador, pelo amor de Deus! Imaginem, eles todos se excitando por alguns milhões de gigabytes. Gerry também está nessa. Nunca vi nada mais ridículo em toda a minha vida — exclamou Tessa.

— Bem, não vai ter nenhum pôster dela em nossa nova casa, isso eu afirmo e garanto — disse Karen, servindo-se de mais açúcar.

— Que casa nova? — perguntou Jenny calmamente.

Só então Karen percebeu o que havia dito.

— Oh, Jen, desculpe. Escapou. Não ia dizer nada enquanto não houvesse algo concreto, mas Shane e eu estamos pensando em comprar alguma coisa para nós dois.

— Ah! — Jenny ficou perplexa.

— Não é pra já — acrescentou rapidamente —, ou melhor, não vou deixar você na mão. É que decidimos encontrar alguma coisa antes do casamento. Sinto muito.

— Sem problema — disse Jenny, fazendo um gesto com a mão. — Não seja boba. É claro que vocês irão morar juntos. Eu já cogitava isso desde que vocês ficaram noivos. Não há por que cada um pagar um aluguel, não é? Seria jogar dinheiro fora. Não fique assim, está tudo bem, sério — Jenny sorriu para Karen, que exibiu uma expressão pesarosa. — Não fique assim. Realmente está tudo bem.

— Tem certeza de que não se importa? — insistiu Karen, sentindo-se péssima. — Como disse, não é coisa para agora. — Tinha intenção de contar para Jenny mas ainda não havia achado a hora certa.

— Onde estão planejando comprar? — perguntou Tessa.

— Estamos pensando em algum local nas imediações de Rathgar ou Terenure.

— Você sabe que uma casa nessas regiões custa uma pequena fortuna — disse Tessa olhando para ela.

— Bem, não estamos necessariamente procurando uma casa, mas talvez um apartamento ou um duplex. Na verdade, o que aparecer. — Karen tomou outro gole de chá. Ela não queria contar que já tinha visto alguma coisa. Um bloco de apartamentos recém-reformados no bairro de Terenure havia sido posto à venda, e eles iam lá na semana seguinte. provavelmente não daria em nada, disse consigo mesma. Ela só não queria que Jenny pensasse que ela planejou tudo sem dizer uma palavra. Afinal de

contas, quando Karen se mudasse, Jenny teria que achar alguém com quem dividir o apartamento da Leinster Square.

— Bem, estou achando fantástico! Imagine só, Karen, ter sua casa própria em Dublin! — Jenny se entusiasmou.

— Imagine ter um homem querendo se casar com você — resmungou Tessa. — Não me leve a mal, estou torcendo por você. Só acho que meu Gerry também já devia ter providenciado um anel. Fiz vários comentários desde que vocês ficaram noivos. Para minha surpresa, nenhum deles surtiu efeito.

— Você pode até me bater, mas decidimos não marcar uma data para o casamento até encontrarmos uma casa, o que pode demorar séculos — comentou Karen, dando uma piscadela para ela. Engoliu o último pedaço do bolinho, lambeu os lábios com gosto. — De todo modo, ficar noivos significa também ficar em contato com o resto da família, o que não é muito divertido.

Jenny riu e, lembrando-se dos terríveis pirralhos, pediu a Karen que contasse a Tessa como se chamavam.

Sei que você já trabalhou em maternidade, Tessa, então provavelmente já ouviu uma grande variedade de nomes, mas os dos sobrinhos de Shane são os mais estranhos que já ouvi — disse Karen, revirando os olhos.

— Diga — pediu Tessa.

— O garoto mais velho chama-se, ouça isto: Keanu! Quase caí da cadeira quando a irmã de Shane começou a gritar: “Keanu, Keanu, solte a Honty, pare de esganá-la” — imitou Karen com um perfeito sotaque do interior.

Conte por que a menina se chama “Honty” — disse Jenny, quase chorando de tanto rir. Embora já tivesse ouvido a história e nem conhecesse a mulher, a impressão que Karen passava da futura cunhada era muito engraçada.

— Honty vem de Pocahontas. Ela deu o nome de uma personagem da Disney à pobre criança — disse Karen, tentando ficar séria.

— Isso não é tão incomum assim. Surgiram algumas Pocahontas na minha época. Quando foi lançado o desenho anos atrás, eu estava no hospital Holles St Maternity, e havia várias com esse nome — comentou Tessa, rindo.

— É mesmo? — perguntou Jenny.

— Sim, mas o melhor que já ouvi foi Femaalay — disse Tessa.

— Ferna... o quê?

— Bem, essa é uma lenda que circula nos hospitais, mas tenho certeza de que há um fundo de verdade. Aparentemente, a mulher deu à luz uma menina, mas não sabia que nome dar para ela. Quando a enfermeira levou o bebê para a mãe na manhã seguinte, ela olhou para a pulseirinha rosa da filha e disse:

“Femaalay Kelly, é um belo nome!” — contou Tessa.

— Femaalay? Não entendi — disse Jenny, confusa.

— Ah, sim. Na etiqueta estava escrito “Female Kelly”, não é mesmo, Tessa? — disse Karen, rindo muito.

— Não sei se isso é verdade, mas acho que tudo é possível — concordou Tessa.

— E eu achava Keanu e Pocahontas Byrne nomes ruins — concluiu Karen.

Vendo a amiga rindo com Tessa, Karen deu graças a Deus por Jenny, ao que parecia, não se importar com sua mudança. Pode ser que ela estivesse pensando em manter o apartamento sozinha. O aluguel, no entanto, era alto para uma pessoa só e seria loucura deixar vago o outro quarto. Chega, disse consigo mesma. Não tinha cabimento ela ficar imaginando o que Jenny ia fazer. Pelo menos ela já sabia que poderia haver uma mudança. De qualquer modo, ela e Shane apenas iam começar a ver imóveis na

semana seguinte. Podiam inclusive acabar não se mudando por muito tempo, ou até quando ela conseguisse fugir disso.

19.

KAREN E SHANE OLHAVAM desanimados para o apartamento que estavam visitando.

— É um pouco pequeno — disse Shane ao corretor de imóveis.

Para não dizer minúsculo, pensou Karen, porque parecia uma caixa de sapatos. Como se podia esperar que alguém morasse ali?

— Parece pequeno, mas o projetista valorizou bastante o espaço disponível — disse o corretor, por quem ela sentiu instantânea antipatia. Embora dificilmente pudesse ser visto como um homem, Karen pensou, sorrindo. Tinha a aparência de alguém que acabou de sair da escola. Ele havia sido muito grosso com Shane quando ele perguntou o preço do imóvel.

— Preço pedido? — disse ele, num sotaque desagradável, afetado, do sul de Dublin que Karen achava insuportável. — Estes apartamentos serão leiloados em minutos. São de primeira locação, como com certeza o senhor sabe. As normas em relação aos preços nada significam quando se trata de apartamentos como estes.

Valorizou bastante o espaço, é? — Shane repetiu, olhando furtivamente para Karen e fazendo sinal na direção da porta. Ela seguiu seu olhar e notou que as portas da sala de estar e do quarto ainda não haviam sido colocadas, o que à primeira vista dava a impressão de mais espaço. Não havia como colocar ali nem um sofá de dois lugares quando as portas fossem instaladas. O apartamento da Leinster Square era muito maior do que esse “apartamento de luxo excepcionalmente espaçoso e decorado com muito bom gosto”, como dizia o folheto do corretor.

— Se for isso que vamos ter que enfrentar, será um tremendo pesadelo — disse Karen, depois que se desculparam e saíram dali para almoçar num pub das redondezas. Naquela tarde ainda iam ver um sobrado na mesma área.

— Acho que provavelmente seja a região, amor — disse Shane, começando a comer. — As propriedades por aqui nunca vão ser baratas.

— Nunca tive ideia de morar fora de Dublin, e você? — comentou Karen. — Odiaria ter que perder algumas horas, todo dia, pegando transporte público. Nem quero ir para um lugar que parecesse uma casa de cachorro.

— Não entre em pânico, Karen. Essa ainda não é uma opção. De todo modo — disse ele com um brilho no olhar —, tenho um ás na manga.

— O que quer dizer?

— Bem, você sabe qual é a única maneira de conseguirmos uma pequena hipoteca no momento? Bem, Jack conhece um rapaz que pode conseguir mais dinheiro para nós.

— Seu irmão Jack? Como?

— Ele conhece um rapaz que trabalha como conselheiro hipotecário numa das construtoras daqui. Jack é proprietário de uma casa em Meath que está alugada e ele vai colocá-la em caução, para um eventual dinheiro extra que precisemos. Isso significa que podemos conseguir uma hipoteca muito maior do que a que o banco nos oferece. As restrições por causa do salário permanecem as mesmas, mas, como há garantia, esse rapaz pode conseguir que sua construtora nos conceda uma hipoteca maior.

— Ele faria isso por nós? — perguntou Karen, surpresa. — Por quê?

— Jack conhece o mercado imobiliário daqui e sabe como é difícil conseguir algo decente. Ele já possui um apartamento em Londres e outra casa em nossa cidade. Para ele, isso não é nada. O único risco que está assumindo é não pagarmos o empréstimo, e ele sabe que isso não vai acontecer. A McCann paga muito bem e terei direito a aumento de salário todo ano, além de bônus. E é claro que você tem um emprego fixo na Acorn Fidelity.

Karen estava pensativa. Isso era muita generosidade de Jack.

— E como foi que ele teve essa ideia? — ela perguntou.

— Ele vê que esse tipo de coisa ocorre muito na Inglaterra. Normalmente são os pais que dão a casa da família para garantir o futuro dos filhos. Isso logo vai começar a acontecer aqui também. Nossa geração não pode conseguir hipotecas adequadas de nenhum outro jeito.

— Então você já resolveu tudo?

— Mais ou menos — disse Shane, que continuava comendo. — Primeiro temos que encontrar um lugar. Isso vai nos dar uma vantagem, não é? — disse, rindo.

— Shane, isso é fenomenal. Por que não contou nada antes?

— Não estava bem certo se íamos ter dificuldades com o preço. Mas, depois de ver aquele cubículo esta manhã, soube que íamos ter que pagar mais do que o banco nos ofereceu para conseguir alguma coisa meio decente.

Essas eram boas notícias, Karen pensou, terminando de comer seu sanduíche. Com a oferta de Jack, eles agora tinham alguma margem para negociar o preço. Teriam que ir a Londres para agradecer da maneira correta. Afinal, ele mal conhecia Karen, mas já estava oferecendo a eles os títulos de propriedade de sua própria casa, do lote inteiro, isto é, de tudo o que tinha. Imagine Jack, um homem solteiro, nos seus trinta e poucos anos, e já proprietário de uma casa em Meath e um apartamento em Londres! Devia estar sendo disputadíssimo.

— São quase duas horas — disse Shane, afastando o prato. — Acho melhor irmos andando para ver como é aquela casa. Quem sabe — disse ele, piscando para Karen e indo pagar a conta — não será ela a casa de nossos sonhos.

— LONGE DISSO — disse Karen, cabisbaixa, a Jenny, já de volta ao apartamento. — O lugar era uma verdadeira espelunca. Teríamos que gastar em reformas o que pagamos e talvez mais para torná-lo habitável. É tão deprimente!

— Parece que é mesmo! — disse Jenny, olhando para a amiga pensativamente. — Por que vocês não começam a procurar algo fora de Terenure? Essa sempre foi uma região cara. Talvez algum lugar um pouco mais distante da cidade fosse melhor.

— Bem, o problema realmente não é dinheiro, Jen. — Karen falou-lhe então da oferta de Jack. — Nós só queríamos algo decente. Honestamente, Jen, nunca imaginei que encontrar uma casa fosse tão cansativo.

O interfone tocou, e Jenny correu para atender.

— Olá! — disse, quase sem ar, e acionou o comando da porta para que o visitante entrasse.

— Seu querido. Acertei? — disse Karen revirando os olhos.

— Sim, espero que não se importe, Karen — disse Jenny —, vamos ver um vídeo. Quer assistir conosco?

— Ah, Jen, gostaria que tivesse dito! Estava planejando ver Arquivo X mais tarde. É a segunda parte do episódio que estou assistindo.

Segundos depois, Roan apareceu no alto da escada com um vídeo e latas de cerveja, comportando-se como se Karen não estivesse na sala. Desde a vigem a Veneza, sua trégua cessara, e as alfinetadas recomeçaram.

— Peguei o novo filme de Vin Diesel, Jen. Saiu de cartaz justamente hoje e parece que é excelente — disse ele.

— O quê? Pensei que você tivesse dito que ia trazer Titanic! Sabe que nunca o vi.

— Sei, mas não ia conseguir ficar sentado por três horas vendo aquela merda de aguaceiro. Vamos, é mais do que um romance água com açúcar, e você sabe como sou. — Roan deu um sorriso meio de lado, e imediatamente Jenny cedeu.

Sim, todos sabemos exatamente como você é, disse Karen consigo mesma. Que descaramento o dele! Havia decidido ir para a casa de Shane, mas não tinha como ir a qualquer lugar àquela hora. Roan ficaria irritado se ela ficasse ali, segurando vela, e ela poderia pedir para Shane gravar o Arquivo X. Que traste! Ela pagava o aluguel, por que então devia facilitar tudo para o Senhor Maciota?

— Ótimo! Amo o Vin Diesel — disse Karen, sorrindo docemente para Roan. Então viu a sacola que ele trouxera. — Trouxe cerveja para nós? Como se...

— Não achei que fosse ter mais alguém aqui — disse ele com grosseria.

— Ah, e onde você pensou que eu estaria? — retrucou Karen, levantando as sobrancelhas.

— Não importa — disse Jenny, pegando apressadamente as latas de cerveja e colocando-as na geladeira. — Vamos ver o filme depois do Arquivo X.

— Está tudo bem—disse Karen com um suspiro. — Pode pôr o filme agora se quiser.

— Tem certeza? — perguntou Jenny agradecida. — Podemos esperar, se quiser.

— Não sei como pode alguém querer ver esse monte de merda — Roan criticou de modo ferino. — Toda aquela bobagem sobre alienígenas circulando por aí. É um monte de lixo, se quer saber. Mas aquela ruiva não é nada feia — acrescentou.

Jenny olhou para ele como se quisesse que o chão se abrisse e a tragasse.

Karen sorriu, obviamente se esforçando para amenizar as coisas e disse:

— E o que você sabe, Roan? Quero dizer, veja o filme que você escolheu!

Roan grunhiu algo, mas nada disse, mergulhando então no sofá. Desamarrou as botas e, para desgosto de Karen, deixou-as no meio do carpete.

Jenny mudou o canal da TV, pôs o DVD no aparelho e sentou-se ao lado dele. Apertou o botão play e, enquanto viam os trailers, a sala ficou em silêncio.

— Uma cerveja antes que comece, Jenny? — perguntou Roan, inclinando-se e rindo enquanto dizia alguma coisa no ouvido dela. Karen pensou que nunca encontraria ninguém que pudesse ser tão desavergonhadamente grosseiro.

— Claro — disse Jenny, levantando-se do sofá e perguntando à amiga: — Karen, quer alguma coisa?

— Não, obrigada, Jenny — respondeu, balançando a cabeça. — Mas se quiser, eu mesma pego. — Ela encarava Roan e, se ele percebeu que ela estava dando alguma indireta sobre seu comportamento, nada disse.

Depois de cerca de meia hora de filme, Karen se levantou e foi ao banheiro. Já estava voltando para a sala quando ouviu um resto de conversa que Roan e Jenny estavam tendo obviamente sobre ela.

— Gostaria que ela tivesse saído, assim poderia ficar com você todinha para mim — dizia ele, não muito baixo. — Por que ela simplesmente não vai morar com Quinn agora? Ia ser melhor para todo mundo.

— Pare, Roan — disse Jenny em voz baixa. — Este ainda é o apartamento dela. Ela tem o direito de ficar aqui pelo tempo que quiser. Nós só temos que esperar até que ela decida o que fazer.

— Com certeza é isso que você quer! — Karen exclamou, abrindo a porta repentinamente, incapaz de conter a raiva. O safado! Como se atrevia a falar dela daquele jeito, pelas costas?

Ela encarava Jenny, que olhava dela para Roan e de novo para ela, sem saber o que dizer.

— O que está acontecendo, Jenny? O que vocês estão tramando às minhas costas?

— Karen, acalme-se. Não estamos tramando nada. É que... — ela hesitou, sem saber o que dizer à amiga, que estava muito zangada.

Roan simplesmente terminou a frase por ela:

— Estamos planejando morar juntos e enquanto você está procurando apartamento para comprar, achamos que você bem que poderia ir morar com Quinn e deixar que eu me mude para cá — claramente aborrecido com aquilo tudo, virou-se para a televisão, deixando que Jenny arcasse com as consequências.

Karen olhava para os dois sem acreditar, dizendo:

— Não consigo acreditar nisso, Jenny! Por que não diz alguma coisa?

— Sinto muito, Karen — disse, constrangida —, mas não é o que parece. Quero dizer, a solução óbvia é Roan se mudar para cá depois que você se for. Eu não conseguiria pagar o aluguel sozinha.

— Por que então você simplesmente não disse nada? Por que todo esse segredo? — Karen não poderia ter feito nada, a não ser se zangar com ela. Agora Jenny estava ficando tão má quanto ele, cochichando pelos cantos. Se os dois estavam planejando morar juntos, por que Jenny não disse nada?

— Não quero que você se sinta pressionada a se mudar. Não há pressão nenhuma — disse Jenny, olhando para Roan novamente, como que pedindo apoio. — Olhe, não ligue para ele. Estamos bem assim, do jeito que as coisas estão. Temos toda a intenção de esperar até que você e Shane encontrem um lugar para morar. Não há pressa nenhuma, não é, Roan? — disse, dando-lhe um forte cutucão.

— Não, não há pressa, Karen — disse devagar, de modo sarcástico, sem nem tirar os olhos da TV. — Leve o tempo que precisar — e acrescentou entre os dentes: — Você vai fazer isso de qualquer maneira.

Jenny olhou para ele, horrorizada com seu comportamentos mas incapaz de dizer nada.

— Olhe aqui, você — começou Karen louca de raiva, totalmente disposta a pôr ordem na casa de uma vez por todas. — já é tempo de eu lhe dizer umas boas verdades, Williams Eu... — Karen se interrompeu, ao ver a expressão horrorizada no rosto de Jenny. Aquilo não era justo com ela, assim como não era sua culpa Roan Williams ser a escória da terra. Então respirou profundamente para tentar se acalmar. — Vou para a cama — foi o que disse e, calçando os chinelos, saiu imediatamente da sala.

— Espere um segundo — Jenny se levantou do sofá e foi atrás dela.

Às duas ficaram cara a cara no corredor.

— Não sei o que dizer, Karen. Sinto muito. Sei que ultimamente ele tem estado sob forte pressão no trabalho e..., um dos colegas de apartamento não está pagando sua parte do aluguel. Todos estão dividindo o que falta e pagando um pouco mais. Não é nada pessoal.

Karen balançou a cabeça. Sob pressão uma ova!

— Jen, foi muita grosseria de Roan, e isso é tudo — disse ela, sem se preocupar que ele ouvisse. — Não sei como você aguenta.

— Ele bebeu um pouco, só isso. Vai estar arrependido amanhã, quando se lembrar do que disse. Não pense que estou tentando me livrar de você. Roan só virá para cá quando você estiver pronta para se mudar, antes não. Está bem? — Ela estendeu a mão e tocou o braço de Karen, dizendo: — Por favor, não fique zangada comigo.

Karen olhou a expressão desconsolada de Jenny e imediatamente se sentiu culpada:

— Venha cá, sua boba. — Então envolveu-a num abraço. — De qualquer modo, nunca conseguiria ficar muito tempo brava com você.

20.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, Jenny foi visitar Karen e Shane em sua casa nova. Haviam acabado de formalizar a compra, dias antes, e se mudaram imediatamente, tendo os antigos proprietários ido morar no exterior assim que tudo foi assinado e consumado. Suas instruções para os corretores de imóveis eram que realizassem uma venda rápida, e Karen e Shane foram as primeiras pessoas a ver o imóvel. O corretor, amigo deles, mostrou-lhes a casa em primeira mão. Fecharam negócio com rapidez, embora tenham gastado um pouco mais do que permitia o orçamento, mas ambos concordaram que valia a pena.

A casa era bem localizada, ficava na Harold's Cross, o que permitia aos dois acesso fácil ao trabalho. Era uma casa de dois quartos, mas muito mais espaçosa do que todas as outras que haviam visto, Karen explicava a Jenny enquanto a mostrava à amiga.

— É linda, Karen — Jenny comentou, olhando ao redor da sala com expressão de contentamento. Uma grande janela dava para o jardim da frente, o que era comum na maioria dos imóveis em estilo georgiano de Dublin, mas absolutamente incomum em casas menores e mais modernas como aquela. A janela dava à sala um aspecto elegante, apesar do horrível papel de parede que a revestia e do carpete pesado. Ela seguiu Karen pelas escadas para conhecer os quartos. O quarto principal tinha armários com portas corrediças espelhadas; Karen abriu uma delas para que a amiga observasse o interior.

— Fizaram estes armários pensando em mim — disse Karen com um largo sorriso, apontando para a pilha de caixas de sapatos e roupas que enchiam o guarda-roupa. — Não preciso me preocupar em deixar tudo dobrado e arrumado porque há espaço de sobra, e a bagunça desaparece como num passe de mágica — ela puxou a porta, fechando o guarda-roupa.

Jenny riu, observando a expressão da amiga diante da porta espelhada. Karen parecia extremamente feliz com sua nova casa, e com razão.

— Você está certa... essas coisas só podem ter sido projetadas para... ou por... pessoas exatamente como você.

Ela passou os olhos pelo outro quarto, que, a julgar pela cor e pelos bichinhos do papel de parede, era de criança.

— Bom, aqui vocês vão ter algum trabalho — Jenny riu, apontando para as paredes. — Sei que você gosta de cor-de-rosa, mas não tanto assim, não é?

— É verdade — disse Karen rindo também —, mas não temos pressa. Acho que vamos usá-lo como uma espécie de depósito e, mais tarde, transformá-lo num quarto de hóspedes.

— Imagine você com um quarto de hóspedes? — Jenny continuou, imitando o tom de voz da amiga: — Você não gostaria de ficar no meu quarto de hóspedes? Talvez tenha de pular uma montanha de roupa e sapatos, mas vai ter uma cama confortável!

Ela riu, enquanto Karen fingia que ia empurrar a amiga escada abaixo.

— O que vocês duas estão tramando? — perguntou Shane, quando as duas se juntaram a ele na cozinha, onde estava ocupado limpando os armários.

— Estava provocando sua mulher sobre esse orgulho enorme que ela está sentindo em relação à casa — Jenny respondeu, dando uma risadinha enquanto se sentava diante da minúscula mesa da cozinha, que embora fosse pequena era bem arejada, pensou, olhando em volta. E tinha muitos armários; e mesmo que o piso não fosse muito moderno a ardósia tinha cores interessantes. Os móveis da cozinha eram antigos, mas Shane ia substituí-los assim que tivesse tempo. Azulejos decorados com jasmim emolduravam o balcão e o fogão. Jenny adorava jasmim.

— Veja se o chato do Williams pode vir nos visitar num sábado desses. Outro dia, lá no pub, ele me prometeu que viria me dar uma mão para encerar o assoalho.

Roan encerando o chão?! Jenny estava surpresa! Ele devia estar bêbado para fazer esse tipo de promessa. Mas ela ficou contente de saber que os dois estavam se dando bem, afinal, isso poderia ajudar a dissipar a atmosfera tensa que havia entre Roan e Karen, principalmente quando os quatro saíam juntos.

— Nós ainda não temos máquina de lavar nem de secar, por isso, vamos sair para comprar no sábado, não é, querido? — Karen disse, piscando para Jenny.

Shane suspirou, torcendo o pano com o qual estava secando a pia.

— Essa é a parte que eu detesto, Jenny. Acho ótimo ter uma casa nova, mas não entendo por que tenho de ser arrastado para cima e para baixo procurando coisas para encher todos os espaços.

— Isso é vida doméstica,, e agora você está se aventurando nela — Jenny comentou sorrindo, enquanto Karen lhe oferecia uma xícara de café que havia acabado de fazer.

— Eu o quê?! Será que ainda dá tempo de pular fora disso? — ele deu um sorriso travesso para Karen. — Talvez ainda dê tempo de voltar atrás, a tinta nem deve ter secado no contrato da hipoteca.

Karen pegou o pano de prato e o ameaçou, também sorrindo.

— Pode parar com essa brincadeira..., você devia estar feliz por termos conseguido comprar este imóvel.

Jenny olhou para os dois com uma ponta de inveja. Eles pareciam tão felizes e tinham tanta sorte! Imagine! Comprar uma casa como aquela e ter tanta Coisa pela frente para planejar juntos! Seria maravilhoso se ela e Roan tivessem uma experiência como aquela. Estavam vivendo juntos somente há poucas semanas, quando Karen foi morar com Shane enquanto esperavam pelos trâmites da compra da casa.

Até ali, tudo estava indo muito bem. Na maioria das vezes, Jenny gostava de voltar do trabalho e encontrá-lo em casa. Às vezes, ele até preparava o jantar. O único problema, pensou, era que ele não tinha a menor disposição para ajudá-la nas tarefas domésticas. Nem passaria pela cabeça de Roan pegar a vassoura ou um pano para tirar pó dos móveis e muito menos lavar o banheiro. Jenny achava que Karen era um pouco desorganizada, mas pelo menos ela fazia sua parte na limpeza da casa. Com as longas noites de inverno se aproximando, a última coisa que Jenny queria era sair do trabalho e ainda ter que limpar a casa. Naturalmente, preferia chegar e desabar no sofá, enrolada numa manta quentinha e ficar vendo TV Mas, se ela não fizesse um esforço, o apartamento deles acabaria como aquele em que ele morava antes — uma verdadeira bagunça!

Contudo, também era verdade que o trabalho de Roan era mais árduo do que o dela, e ele quase sempre trabalhava até tarde.

Roan disse a Jenny que, desde que a Euramax foi adquirida pelo grupo norte-americano, estava trabalhando como nunca na vida. O presidente da Evanston Technologies, uma empresa norte-americana com sede em Nova York, comprou a Euramax de olho em seu experiente quadro de funcionários e nos incentivos fiscais oferecidos para as companhias de tecnologia estrangeiras. A empresa exigia a mais completa dedicação de seus empregados, e se isso significasse ter que chegar mais cedo e sair mais tarde do trabalho para finalizar um projeto, então assim seria.

Jenny sabia que não podia esperar que ele fizesse muita coisa em casa. Afinal, ele já tinha muito com que se preocupar. Roan nem mesmo tinha podido ir com ela visitar os amigos naquela noite, porque ia ficar trabalhando até mais tarde.

E além disso havia o problema com os garotos. Aparentemente, houve alguma controvérsia quanto ao pagamento da parte dele no aluguel do apartamento onde morava. Jenny não sabia ao certo o que de fato havia acontecido, mas, até que tudo se resolvesse, Roan nem podia dividir com ela o aluguel. Ele ia acabar fazendo isso, é claro, mas no momento as coisas estavam um pouco no ar.

— Pegue um biscoitinho, Jenny — ofereceu Shane, colocando um prato com biscoitos de chocolate na mesa.

— Obrigada. Mas me contem uma coisa... agora que está tudo em ordem com a casa, já estão fazendo planos para o casamento?

— Ainda não! Temos muito tempo para isso — Karen respondeu, fazendo um gesto com a mão, afastando a ideia. — Este ano, temos que comprar muita coisa para a casa, por isso nem podemos pensar em casamento, a menos que fosse uma cerimônia bem simples e em segredo, para que o gasto fosse o menor possível. Daqui a um ou dois anos, a gente vê o que acontece.

Shane franziu as sobrancelhas e murmurou algo.

— Pensar em gastar toda essa grana para um só dia! Não sei como as pessoas são capazes de fazer isso.

— Conhecemos uma moça que gastou cerca de doze mil no casamento — Jenny comentou. — Você se lembra de Frances Kiely?

— Claro! — Karen exclamou. — Ela se casou alguns anos atrás e convidou praticamente toda a cidade para a festa. O vestido era um verdadeiro sonho... acho que só ele custou cinco mil — comentou com uma risadinha.

— Pois é, e gastar tudo isso no casamento não foi muito bom para eles. Eles se separaram alguns meses depois. Parece que ela voltou para a casa dos pais.

— Você está brincando! — exclamou Karen, arregalando os olhos. — Eu não sabia disso. O que aconteceu?

Jenny deu de ombros.

— Parece que o marido, que segundo o que a senhora Kiely dizia era um executivo tremendamente bem-sucedido, na verdade não passava de um negociante trapaceiro apanhado pela Receita Federal por sonegação de impostos, e agora não tem onde cair morto. Frances não aguentou o escândalo e correu para a casa da mãe.

— Bela esposa! — disse Shane fazendo uma careta. — E sobre os votos “na pobreza e na riqueza, na saúde e na doença”?

Jenny levantou os ombros com um sorriso irônico.

— Parece que Frances andou contando por aí que foram eles que escreveram os votos para dizer na cerimônia, mas, como haviam deixado aquele trecho final de fora, ela não prometeu nada.

— Coisas assim como cobrir o bumbum e ter uma relação aberta — brincou Karen, rindo.

— Podem parar, vocês duas — Shane tampou os ouvidos. — Não fique pondo ideias na cabeça dela. Já bastam as coisas que ela pensa sobre casamento... “Está bem, mas não pense que vou ser daquele tipo obediente, que diz amém para tudo” — disse ele, imitando a voz de Karen. — Você acredita que ela me disse isso no dia em que eu a pedi em casamento?

Karen riu.

— Pare com isso, não estamos na Idade Média! Essas coisas me deixam louca. E é você, e não eu, que deveria fazer o papel de obediente. — disse ela, acariciando os cabelos dele. — Vamos lá, termine de limpar o armário, assim podemos deixar esta cozinha em ordem.

Shane levou a mão direita à testa e bateu continência.

— Sim, senhor, é pra já! Veja só com o que tenho de lidar todo dia, Jenny! E faz só alguns dias que estamos aqui. Como ela será daqui a alguns anos?

— Você tem muita sorte — Jenny comentou depois, enquanto pegava o casaco. — Shane é tão carinhoso!

— É, tive sorte mesmo — respondeu Karen, com um sorriso. — Mas fiquei com vontade de matá-la quando você puxou o assunto do casamento. Esse tem sido nosso pomo de discórdia nos últimos tempos.

— Como assim?

— Bem, Shane pensa como você. Ele acha que agora que temos a casa devíamos fazer planos para o casamento, mas quero deixar isso para daqui a alguns anos. casar?

— Mas por quê? Por que então assumir o compromisso se não quer se

— Eu quero me casar, mas não agora. A hipoteca da casa é muito alta e quero tentar conseguir uma promoção na Acorn. O que desejo é que tenhamos uma situação financeira confortável e não ter que desistir de nossa vida social a fim de economizar para o casamento. E precisamos fazer algumas coisas na casa. Além disso, acho que ainda não estamos preparados.

— Sei que vocês compraram a casa antes do que você esperava, mas Shane sabe o que você pensa disso tudo?

— Já falamos sobre isso, e ele não vê razão para esperarmos. Ele admite que as coisas são mais difíceis para todo casal no começo. Mas não entendo por que tem de ser dessa forma. Se começarmos a economizar para o casamento, como a prioridade das prioridades, é provável que você nunca mais vá nos ver, Jen. Somos muito jovens para mergulhar na vida doméstica. E de qualquer maneira estamos tão bem quanto estaríamos se já fôssemos casados... qual é a diferença?

Jenny sacudiu a cabeça.

— Pode ser, mas precisa contar a ele o que você realmente pensa. Se continuar adiando essa conversa, Shane pode pensar que você está com segundas intenções.

— Eu sei, eu sei. Mas ainda não consegui pensar numa maneira de falar isso. Vou esperar até que estejamos bem estabelecidos aqui e então conversarei com ele.

— Faça isso. Também não é justo com Shane.

— Prometo que farei isso. Mas, por favor, evite comentários sobre casamento na frente dele, sim?

Jenny sorriu e concordou.

— Bem, é melhor eu ir. Falarei com você durante a semana.

Enquanto descia a Kenilworth Road em direção a Rathmines, Jenny continuou pensando no que Karen disse. Adoraria estar no lugar dela agora uma casa linda e nova, um noivo dedicado e apaixonado e planos românticos de casamento.

Mas ela também não estava indo tão mal. Seu namorado era bacana, também estava apaixonado por ela e agora viviam juntos. Quem sabe o que mais poderia acontecer?

Jenny acelerou o passo e seguiu para casa cantarolando.

BARRY FERGUSON, DIRETOR do Alliance Trust de Dun Laoghaire observou a folha à sua frente por alguns momentos e então empurrou-a sobre a mesa na direção de Marion.

— Quem você acha que podemos promover? — perguntou ele.

— Bom, de todos os assistentes do banco, Robyn e Brendan são os mais antigos de casa, portanto, em termos de tempo, deveriam ser os próximos a ser promovidos — respondeu a gerente da agência.

— Mas você não parece muito confiante — Barry retrucou, estudando a expressão dela.

Marion sacudiu a cabeça.

— Acho que, quanto a Brendan, tudo bem, é um bom funcionário, mas, como você sabe, Robyn não é muito confiável. Ela tem faltado muito nos últimos anos e nos deixou em maus lençóis, quando algumas vezes tivemos que encontrar alguém para cobrir as faltas dela. Não acho que sua promoção vá nos beneficiar. Para ela, isto aqui é apenas um trabalho, ela não parece ter aspirações quanto a construir uma carreira no banco.

— Então, quem seria promovido? Todos os outros funcionários do banco São novos aqui. Temos a chance de promover duas pessoas, Marion, e precisamos fazer isso. Esta agência tem muitos auxiliares administrativos e poucos coordenadores de área.

— Eu sei. E, com a saída de Olivia no começo do ano, vamos ficar só com três coordenadores.

— Então, quem você recomenda?

Marion se apoiou no encosto da cadeira e cruzou as pernas. Não sabia o que Barry ia pensar, mas precisava dar sua opinião.

— Falei com Brendan, e ele não tem grandes pretensões. Está feliz como caixa e não quer novas responsabilidades. Sugiro que Jenny Hamilton seja promovida para o cargo de coordenadora II.

— Jenny? Mas ela acabou de entrar!

— Eu sei disso, Barry, mas o trabalho dela é excelente. Ela tem muita experiência, adquirida com o trabalho em Kilkenny e, depois, no banco da Austrália. Começou no setor de Câmbio, logo depois que chegou aqui, e posso dizer, com toda a honestidade, que é uma das funcionárias mais eficientes que já tivemos. O trabalho dela é sempre perfeito, nunca apresentou uma diferença no fechamento do caixa e, ainda por cima, é ótima para acabar com as filas. Isso tudo sem falar na ajuda que dá aos outros funcionários.

— Já sabia disso tudo pelos relatórios. E a venda de seguros e previdência privada que ela fez nos deixou acima de todas as outras filiais. Mas ela não está pronta para receber uma promoção, Marion!

A gerente deu de ombros.

— Ela conhece pelo nome todos os empresários que são nossos clientes, só de trabalhar aqui com a Olivia. Os clientes a conhecem e gostam dela. É extremamente atenta, Barry. E, para ser honesta, não consigo pensar em mais ninguém para essa vaga.

Barry coçou o queixo e refletiu por um instante.

— Você tem certeza de que Brendan não vai causar nenhum problema?

— Absoluta! Ele acha que é uma boa ideia.

— Está certo. Gosto do Brendan e não quero que ele pense que foi passado para trás.

— Para ele, basta aumentar o salário. É muito jovem ainda, Barry... Ele trabalha durante a semana para gastar no sábado e domingo. Ainda mora com os pais e, em suas próprias palavras, não está interessado nessas chatices de responsabilidade.

Ele balançou a cabeça, num gesto afirmativo.

— Então, que seja a Jenny. Você já falou alguma coisa com ela?

— Não, achei melhor conversar com você antes.

— Para mim, tudo bem. Mas isso não é comum. Ela não tem nem um ano de banco.

— Mas vai ficar conosco por muito mais do que isso, Barry. A central está nos dando essa chance de promover alguém e, já que estão fazendo isso, por que não pegá-la? — Marion fez algumas anotações na agenda. — Já estou lamentando perder Olivia; achava que ia treiná-la logo para o setor de Hipotecas. Os salários do banco não conseguem mais competir com os salários dessas empresas de TI.

— Não se preocupe. Pensaremos em alguma coisa — disse Barry, num tom que Marion sabia que significava que e/a teria que pensar em algo.

Como gerente daquela agência, ela era responsável pelos funcionários e pelas operações diárias do banco. Na verdade, cuidava da maior parte dos problemas que surgiam. E de fato Barry nem se preocupou com o movimento extra do setor de Câmbio em julho, quando o funcionário responsável saiu de licença por causa de um problema de saúde, ou com o de Serviços ao Cliente, quando o ano escolar começou e a cada segundo uma nova conta era aberta para um universitário. Isso tudo não era fácil.

A perspectiva de promover dois de seus assistentes iria minimizar grande parte dos problemas para Marion. Promoções sempre traziam mais responsabilidade, e os auxiliares administrativos geralmente não estavam preparados para assumir papéis de maior importância. Quanto maior fosse o número de coordenadores entre os funcionários, menos problemas ela teria.

Barry olhou para o relógio como a dizer que a reunião estava terminada.

— Vou deixar isso em suas mãos, aliás muito competentes. Converse com Jenny sobre isso e veja o que ela acha. Enfatize o quanto é importante que ela agarre essa oportunidade com as duas mãos. — Ele se levantou. — Não voltarei para o escritório à tarde., vou me encontrar com Jimmy Fitz, da Fitzgerald Press. Se acontecer algo importante, por favor, fale com Mick.

— Tudo bem. — Marion recolheu a agenda e a caneta. — Bom jogo — ao dizer isso, deu um sorriso e fechou a porta.

Barry também sorriu enquanto vestia o paletó. Ninguém conseguia esconder nada de Marion. Ela sabia muito bem que ele ia se encontrar com Jimmy Fitzgerald no clube de golfe. Mas ela era boa gente; ele jamais se esqueceria do dia em que ela o acobertou. Ele tinha enchido a cara num fim de semana, após assistir ao Wexford ganhar o torneio All-Ireland, e o diretor-geral apareceu de surpresa para uma visita ao banco na manhã do dia seguinte.

Mas nem tudo era diversão num jogo de golfe, como pensava Marion. Alguns colegas iam ao jogo apenas para uma ou duas rodadas. Não se conseguia bater o martelo

sobre nenhum negócio com Jimmy no escritório. De qualquer forma, um pouco de ar fresco ia lhe fazer bem e o distrairia por breves minutos de que era o responsável por uma sucursal como a de Dun Laoghaire, Às vezes, desejava ter ido parar numa daquelas agências do interior. Isso talvez tornasse a vida mais fácil.

21.

— JENNY, ADIVINHE O QUE aconteceu! Gerry me pediu em casamento! Vamos nos casar antes do fim deste ano. — Tessa gritava de felicidade do outro lado da linha telefônica.

— Uau! Que maravilha, Tessa! E quando foi que isso aconteceu?

— Bem, ele me perguntou se queria me casar com ele assim, do nada... embora eu achasse que isso fosse mesmo acontecer. Você se lembra de que, no meu aniversário, no mês passado, eu disse que íamos ficar noivos? Bem, fomos jantar no fim de semana, e ele me surpreendeu completamente.

— Isso é que é boa notícia! E como é o seu anel de noivado? Gerry já o comprou?

— Ele não faria isso sozinho. Vamos escolher o anel juntos na quinta-feira. Bem, você sabe, ainda não é oficial. — Ela deu um gritinho de alegria. — Mas vamos todos nos encontrar na sexta para comemorar. Fiz uma reserva para o jantar no Temple Bar e depois vamos a um pub no centro da cidade. Você vem com a gente?

— Eu não perderia isso por nada neste mundo — respondeu Jenny carinhosamente. — A que horas você marcou o jantar?

— Bem, combinamos de nos encontrar às oito horas na frente do Central Bank. Tudo bem para você e Roan? Qualquer coisa, me liga no meu celular.

— Não, esse horário está bem para nós dois. Encontraremos vocês lá. Diga ao Gerry que mandei um abraço e parabéns. Mal posso esperar para ver o anel.

— Eu também. Nos vemos na sexta, então. Ainda tenho que ligar para mais algumas pessoas.

Tessa desligou o telefone, e Jenny desceu lentamente as escadas. Mais um! Todo mundo que ela conhecia parecia estar ficando noivo naqueles dias. Olivia tinha anunciado o casamento alguns meses atrás; o namorado fez o pedido nas férias. E uma amiga de sua irmã também ficou noiva na semana passada. Será que era uma conspiração dos deuses? Primeiro Karen, depois Olivia e, agora, Tessa. Por que as amigas planejavam o futuro com homens impulsivos, impetuosos, e ela estava num relacionamento que, naquele momento, parecia ter caído na rotina?

As coisas começaram a ficar estranhas logo depois que ela foi promovida, Jenny pensou. Ela mal conseguia acreditar que fosse ser indicada tão rápido! Tudo aconteceu repentinamente... nem teve tempo para pensar no que tudo aquilo significava. Se soubesse como ia ser difícil, não teria concordado em pôr seu nome em evidência assim tão prontamente. Da maneira como as coisas estavam, ela nunca sabia se estava indo para o trabalho ou voltando para casa. Quando foi promovida, Marion a tirou do setor de Câmbio e praticamente a jogou no de Serviços ao Cliente, apesar de sua pouca experiência nesse setor. Foi um pesadelo. Eles trabalhavam tanto, que Amy, a coordenadora da área, nem tinha tempo de responder às dúvidas de Jenny ou de ajudá-la em algumas dificuldades. Ela se lembrava de ter saído da agência, um dia, chorando. Isso nunca tinha acontecido. Jenny raramente permitia que o trabalho viesse em primeiro lugar. Depois, houve o prazo ínfimo que ela ficou na seção de Contas, quando

foi deixada sozinha, após apenas algumas horas de treinamento, com a atribuição de cuidar das contas de alguns dos grandes clientes da agência.

Jenny nem imaginava como aquilo podia ser cansativo. Além de tudo, ela ainda tinha a responsabilidade de atender centenas de telefonemas de clientes — que pareciam se multiplicar em segundos. Jenny mal conseguia manter os olhos abertos ao voltar para casa à noite.

Estava ficando muito difícil para ela, mas naquele dia Marion anunciou que ela seria treinada para substituir Olivia, que ia para o setor de Hipoteca antes de deixar o banco. Jenny ficou completamente chocada com a notícia. Como ela podia passar de uma simples caixa de banco a coordenadora de Hipoteca em menos de um ano? No entanto, não podia falar nada disso com Marion. Afinal, Marion estava por trás de sua promoção. Por isso, não podia começar a reclamar e lamentar justo agora. E ela sabia que sua promoção se devia mais à falta de pessoal do que a outra coisa, mas será que eles não tinham consciência de que a estavam sobrecarregando, dando-lhe novas atribuições?

Jenny resmungou qualquer coisa ao ver Roan dormindo no sofá e os pratos e panelas sujos empilhados num canto da pia. Por que era tão difícil para ele fazer um esforço para ajudá-la pelo menos de vez em quando?

As coisas não andavam bem entre eles nos últimos tempos, ela pensou, começando a lavar os pratos. Parecia que ele não entendia que ela estava sob pressão, não entendia por que ela sempre pedia para ajudá-la com as coisas da casa. Ele continuava repetindo que estava trabalhando muito sem ter de chegar em casa e fazer todas aquelas “coisas de mulher”. Jenny aprendeu, em Poucas semanas vivendo com ele, que Roan jamais ajudou em casa. A mãe dele, obviamente, o deixava fazer o que quisesse. Ele teve sorte de não ter sido criado na família Hamilton. Os irmãos dela, Eric e Thomas, aprenderam muito bem, com a mãe, a fazer absolutamente tudo numa casa, desde arrumar a cama até cozinhar.

Roan deixou escapar um gemido de aborrecimento porque ela estava fazendo muito barulho para lavar a louça. Jenny no entanto, passou a lavar os pratos com mais força do que o necessário.

— Você precisa fazer tanto barulho para lavar essas coisas? — Roan resmungou.

— Não, eu não preciso fazer tanto barulho, talvez você queira fazer isso, só para variar — disse ela, sacudindo o frasco de detergente na direção dele.

— Ah, não comece, Jenny. O dia foi complicado hoje — disse ele, com um gesto impaciente. — A companhia de seguros está pressionando cada vez mais, e precisamos terminar tudo até o final do mês. Já tive confusão demais no trabalho, não preciso ficar fazendo isso ao chegar em casa.

Alguma coisa explodiu dentro dela. Naquele momento, ela estava cheia de Roan e de suas confusões. Ela se virou para olhá-lo, muito aborrecida.

— Bem, me desculpe... Mas você não é a única pessoa que está sob pressão no trabalho. Só que eu tenho que voltar para este chiqueiro e limpar tudo o que você...

— Céus! Se é muito difícil para você lavar essas coisas, deixe que eu faço isso! — Ele deu um pulo do sofá e a empurrou para o lado na pia. — Está falando como uma velha que...

— Roan Williams, eu não sou uma velha — Jenny retorquiu — e, mesmo que fosse, não tenho escolha. Você faz tanta bagunça aqui quanto eu, mas, mesmo assim, espera que eu limpe tudo para você... O que pensa que sou? Sua escrava particular?

— O que você está dizendo? Não fui eu que fiz todas as compras na semana passada? — A água pingava no chão enquanto ele ensaboava uma panela com muita

força. — Além do mais, as coisas não estão sempre sujas aqui, mas você parece ter obsessão por limpeza...

— Não estão sempre sujas, Roan, porque não deixo a sujeira se acumular! — Jenny estava ficando cada vez mais nervosa.

Roan jogou vários garfos e colheres na água e então se voltou para ela.

— Eu não sei o que há de errado ultimamente. Mas, desde que foi promovida, você mudou muito.

— O quê? Do que você está falando?

— É verdade! Parece que você é a dona do mundo, acha que pode me dar ordens da mesma maneira que dá ordens para todo mundo naquela agência. Vou lhe dizer só uma coisa... pare de me tratar como se eu fosse um office boy idiota!

Jenny abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Como ele podia dizer essas coisas quando tudo o que ela queria era que ele a ajudasse um pouco com a arrumação da casa?

— Roan, você está sendo muito injusto. Eu quase nem peço ajuda, a não ser quando estou muito cansada. E estou muito cansada hoje. Chegar em casa e ver toda essa louça suja e você roncando no sofá não ajuda em nada meu humor.

— Jenny, estou cansado dos seus humores. Não sei o que está acontecendo com você. Você nem se arruma mais! Parece que envelheceu vinte anos desde que foi promovida — Roan a olhou com certo desdém. — Você não se cuida mais.

Jenny apertou os olhos e o encarou.

— O que você quer dizer com isso?

— Oh, Jenny, você se veste como uma professora desleixada de cem anos atrás, quase nunca se maquia e nem as raízes dos cabelos você retoca mais. Parece que estou vivendo com minha mãe! E não faz nada para perder os quilos que ganhou nos últimos meses.

Jenny sentiu uma dor enorme no peito. Como ele podia lhe dizer essas coisas horríveis?

Ao perceber a expressão de mágoa no rosto dela, seu tom de voz se suavizou.

— Jen, me desculpe. Não quis magoar você. Só disse isso porque estou cansado e você fica dizendo que sou preguiçoso — ele atravessou a cozinha e a puxou de encontro ao seu peito. — Não quero magoar você, querida, disse essas coisas para seu próprio bem.

Quando ele a abraçou, Jenny olhou por sobre os ombros dele para a tampa de vidro do fogão. Talvez ele tivesse razão. Ela estava tão ansiosa para fazer bem seu trabalho e tão cansada ultimamente que nem se importava mais com coisas que gostava de fazer. Fazia muito tempo que não ia ao cabeleireiro. E, quanto ao fato de ter engordado, ele estava absolutamente certo. Em vez de fazer refeições decentes, ela adquiriu o péssimo hábito de comer coisas rápidas, como lanches e biscoitos.

Roan havia dito algumas verdades, embora fossem muito difíceis de ouvir. Dava para entender por que não se interessava mais por sexo. No começo, viviam tirando a roupa um do outro em todos os minutos livres; nos últimos dias, era muito se fizessem sexo uma vez por semana. Talvez fosse culpa dela, Jenny ponderava. Afinal, Roan também trabalhava muito, mas não descuidava de sua aparência.

Roan a apertou nos braços mais uma vez antes de soltá-la e beijá-la suavemente na testa.

— Por favor, me desculpe de novo, Jen. Olhe, sei que você também está sendo muito pressionada no trabalho, tendo que aprender todas aquelas coisas novas. E sabe de uma coisa? Por que não se senta no sofá, coloca as pernas para cima enquanto faço um chá para você?

Ela hesitou por um momento.

— Também quero lhe pedir desculpas. Deve estar sendo difícil viver comigo ultimamente.

— Está tudo bem — disse ele, ajeitando as almofadas. — Vamos, sente-se e relaxe.

Jenny o olhou, agradecida.

— Tem certeza? Estou mesmo cansada, Roan... não vou desperdiçar a oportunidade de me sentar, nem que seja por um minuto.

Ficou ali pensando em seu abrigo velho, em fazer uma também boa corrida e em ir a um salão depois do expediente no dia seguinte. Tinha de estar muito bem para a festa de Tessa na sexta à noite. E, afinal, a amiga sempre estava linda.

ROAN ESTAVA MUDANDO O canal da TV procurando alguma coisa interessante para ver. Por fim, decidiu ver o canal de esportes, e nesse momento Jenny saiu do quarto e disse que ia correr.

Ele pensou que seus comentários haviam funcionado rápido demais. Jenny ganhou uns quilinhos, mas não tanto que se pudesse notar. Ele só disse aquilo por causa da ladainha que Jenny vinha repetindo sobre a limpeza da casa. De qualquer maneira, ela não estava mesmo se cuidando muito bem naqueles dias, e ele achava que era sua obrigação avisá-la. Afinal, esperava que ela fizesse a mesma coisa com ele. Roan passou a mão sob o queixo e riu... Não havia a menor chance de ele ficar como muitos homens que conhecia... de queixo duplo e uma enorme barriga de tanto beber cerveja!

Ele quase ria quando ouvia Jenny falar de pressão no banco. Ela não tinha ideia do que significava estar realmente sob pressão. Desde que havia sido transferido para outro departamento, o trabalho ficou muito mais intenso e duro do que esperava. Com certeza, havia a recompensa financeira e os benefícios eram os melhores, embora tenha que pagar um preço alto por isso. Seu chefe, McNamara, era um verdadeiro feitor — seus funcionários não podiam parar um único minuto de trabalhar! Mesmo assim, formavam uma boa equipe. Todos os que faziam parte dela tinham quase a mesma idade e costumavam se encontrar nas noites de sexta, num pub, para se descontraírem e dar boas risadas. Isso sem falar nas garotas! Ele teve que se controlar ao chegar ao escritório no primeiro dia. Tinha uma garota, Carla, com ar de estrangeira, cabelo longo e encaracolado, olhos negros e provocantes, e pernas tentadoras. Todos os rapazes estavam convencidos de que ela usava aquelas saias curtas e saltos altos apenas para atormentá-los. Era linda. Mas até então Roan havia resistido ao seu charme. Até então. Vinha tentando se comportar bem desde que ele e Jenny resolveram morar juntos a fim de dar uma chance à relação. A verdade é que se sentia muito culpado depois do episódio de Veneza. Ela ficou muito magoada, e ele não queria que isso acontecesse novamente.

Mas, nos últimos dias, Roan pensou enquanto mudava de canal, as coisas entre ele e Jenny não estavam indo nada bem. Parecia que ela havia colocado uma espécie de barreira sexual entre eles. Na noite anterior, ele a procurou, mas ela disse que precisava acordar muito cedo porque tinha uma reunião ou algo assim. Ele nem se lembrava da última vez que haviam se entregado um ao outro com prazer. Jenny precisava ficar mais atenta ao que estava acontecendo, ou ele iria procurar o que precisava em outro lugar. Afinal, ainda não eram um casal de meia-idade vivendo juntos há um século - na idade deles, deviam se sentir ansiosos um pelo outro todas as noites!

Roan sentou-se de novo no sofá, fechou os olhos e começou a imaginar como seria tudo aquilo com Carla. Quase podia sentir os cabelos macios dela deslizando em

seu peito, e suas pernas longas e morenas se enroscando nas dele. Roan sorriu. Se ele tivesse uma chance, ela jamais ia esquecer suas carícias.

22.

TESSA CORREU PARA abraçar Karen e Shane assim que os viu entrar no restaurante do Temple Bar.

— O que vocês acham... não é maravilhoso? — ela perguntou, ostentando orgulhosamente o solitário e grande brilhante no dedo. — Gerry queria comprar uma pedra menor, mas assim que vi este tive certeza de que era o anel perfeito para mim.

— É lindo! — Karen respondeu, experimentando-o e ao mesmo tempo se perguntando como Gerry podia ter comprado uma pia tão cara apenas com o salário que ganhava. Seu anel de noivado parecia minúsculo perto do anel da amiga.

Não que isso importasse, ela pensou, olhando com carinho para Shane. Mesmo que ele tivesse lhe dado uma bijuteria, teria o mesmo significado.

Ela acenou para as outras pessoas que estavam sentadas no bar com algumas garotas que Karen não conhecia — provavelmente colegas de trabalho de Tessa.

— Onde estão Jenny e Roan? — perguntou Tessa, olhando ansiosamente para a porta. — Todo mundo já chegou, e pensei que eles viessem com vocês.

— Foi o que também pensei — Karen respondeu num tom seco.

— Problemas no paraíso de novo? — disse Tessa, erguendo as sobrancelhas.

— Não é bem um paraíso, pelo menos nestes dias. Fomos até pegá-los de táxi e, chegando lá, Jenny atendeu à porta e nos disse que devíamos vir na, frente porque Roan ainda não havia chegado do trabalho, que eles nos encontrariam aqui mais tarde. — Ela sacudiu a cabeça. — Era evidente que ela estava mentindo, Tessa. Posso apostar que ele já havia chegado e que estavam tendo uma briga.

— isso está se repetindo muito ultimamente, não é? — Tessa comentou.

Desde que eles passaram a morar juntos, acho.

Karen acendeu um cigarro, rezando para não ver nenhum aviso de “proibido fumar” por ali,

— Nos últimos tempos, Jenny não é mais a mesma pessoa. — Apagou O fósforo e deu uma longa tragada. — Ela está sendo muito pressionada no trabalho e, até onde sei, ele não a está apoiando em nada.

— Faz um tempão que não vejo os dois juntos. Tomara que ela venha esta noite.

— Tomara mesmo — Karen comentou, fazendo coro com a amiga —, mas eu ficaria muito surpresa se ele também viesse. Afinal, Roan não está nem um pouco preocupado com os amigos de Jenny

— É verdade... Depois daquele dia que tivemos uma discussão, ele nunca mais trocou além de duas palavras comigo, se lembra? O dia em que você foi para casa depois... — Tessa inclinou sua cabeça na direção de Mune.

— Nem me fale nisso! — exclamou Karen. Ela piscou para Shane, que se aproximava delas.

— Posso saber qual é o grande assunto das duas? — perguntou ele, abraçando Karen pela cintura. — Aposto que estão falando de vestidos de noiva, certo?

— Nada disso! — Karen retrucou e tomou um gole de vinho.

— Estávamos comentando se Jenny e Roan virão — Tessa respondeu, consultando o relógio. — Nossa mesa estará pronta daqui a pouco.

— Bem, não precisam mais se preocupar — Shane comentou, apontando para a porta atrás dela, por onde Jenny acabava de entrar.

— Eu não disse que ele não viria? — Karen murmurou olhando para a amiga, que se aproximava deles.

— Olá — Jenny acenou para todos.

Observando-a enquanto ela admirava o anel de noivado de Tessa, Karen achou que a amiga não parecia estar muito bem. Para uma ocasião como aquela, a Jenny de antigamente estaria deslumbrante. Em vez disso, usava um camisã, calças pretas e uma maquiagem leve. O cabelo parecia mais claro do que o normal. Enquanto se dirigiam para a mesa reservada, Karen chegou a pensar que ela havia mudado de cabeleireiro.

Jenny sorriu para Karen enquanto se sentavam uma de frente para a outra.

— Antes que você pergunte... não sei onde Roan está, ele não voltou para casa do trabalho e não consegui falar com ele. Ele detesta celular.

— Jen, não tenho nada a ver com isso — Karen se concentrou no cardápio, tentando se controlar. Era típico de Roan! Com certeza, deu uma desculpa para não ir ao jantar bem em cima da hora, deixando Jenny aparecer sozinha e aborrecida, é claro! Karen sentiu vontade de estrangulá-lo!

— Jenny, seu cabelo está diferente. Você o cortou? Ai! — soltou Shane, não se contendo diante do beliscão que Karen lhe deu por baixo da mesa. Jenny corou.

— Sei que está horrível — ela respondeu, tocando o cabelo instintivamente. — Não consegui ir ao cabeleireiro e eu mesma o pinteí ontem. É por isso que ficou assim — disse, com um sorriso encabulado.

— Bom, a gente não tem talento para tudo, não é mesmo? — Karen brincou, tentando suavizar a situação. — Mas, para uma primeira vez, até que não ficou ruim.

Karen sentiu pena da amiga, que parecia muito constrangida. Jenny teve que pintar o cabelo em casa porque obviamente não tinha dinheiro para ir ao cabeleireiro. E com certeza, pela mesma razão, também não havia comprado uma roupa nova para usar naquela noite. Na verdade, fazia muito tempo que não via Jenny usando nada novo. Aquele cretino não estava pagando sua parte do aluguel, e Jenny bancava tudo!

A amiga falou pouco durante o jantar e parecia estar com a cabeça longe. Talvez estivesse pensando que Roan não valia a pena.

Quando os pratos foram recolhidos e a sobremesa começou a ser servida, Tessa anunciou que queria fazer um tour pelos pubs da região, começando pelo Buskers, que era o pub do Temple.

— Da última vez que estive lá, quase fui expulso e jogado na rua — Shane resmungou.

— Por quê? O que foi que você fez? — Karen o olhava curiosa.

— Eu me lembro disso — Aidan, da outra ponta da mesa, deu uma gargalhada. — Ele bebeu tanto que dormiu sentado no balcão. E o pessoal o expulsou porque eram quase três da manhã e queriam fechar. E, na calçada, quem quisesse passar, tinha que pular sobre ele, que roncava feito uma locomotiva.

Shane parecia morto de vergonha, enquanto todo mundo caía na risada.

— Hummm... não conhecia essa história — Karen disse, fingindo que estava brava. — O que mais eu não sei sobre você e suas bebedeiras ridículas?

— Nos poupe esta noite, Shane, por favor — Tessa repreendeu o amigo, recebendo dele um olhar travesso. — Não quero que meu noivo tenha problemas.

— Está vendo, Shane Quinn? É uma péssima influência — disse Karen, rindo. — Acho melhor eu ficar de olho em você esta noite, afinal, a gente nunca sabe o que você pode fazer.

PENSATIVA, JENNY OBSERVAVA os dois casais, de mãos dadas, à sua frente. Que sorte a deles, pensava ela, vendo Shane abraçar Karen e dar um beijo em sua cabeça. E, do jeito que andavam as coisas, Tessa e Gerry estavam igualmente felizes e um belo futuro os esperava.

Vê-los felizes só a fez se sentir ainda pior em relação a Roan. No começo da semana, ela falou sobre o jantar e ele disse que iria. Então, onde é que estava? Ele contou que estavam um pouco atrasados no atual projeto, mas com certeza não era o caso de ficarem trabalhando até altas horas na sexta. É verdade que seu chefe era um verdadeiro carrasco. Talvez, sem alternativas, ficou trabalhando até tarde. Mas podia tê-la avisado!

Tessa estava realmente encantadora naquela noite, pensava ela, admirando a amiga, que usava um vestido cinza prateado de chiffon, com um grande decote nas costas e um casaco de pele sintética. Nenhuma gordurinha sobrava em seu corpo, e olhe que o vestido era superjusto.

Se ela usasse um vestido como aquele, todo mundo ia achar que estava grávida, Jenny pensou com certa inveja. Ela realmente tinha engordado. A camisa preta viera a calhar, pois escondia os quilos extras que haviam se instalado em seu corpo nos últimos tempos.

Roan avisou. Precisava mesmo emagrecer. Engraçado, ela nunca havia se preocupado com isso antes. Talvez a idade estivesse lhe pregando uma peça. Leu numa revista que, com a idade, era mais fácil engordar alguns quilos a cada ano e, ao mesmo tempo, seus músculos iam ficando flácidos. Isso devia estar acontecendo com ela. Precisava se cuidar. Afinal, tinha apenas vinte e oito anos... se não fizesse alguma coisa neste momento, como seria quando tivesse trinta?!

— Vamos entrar primeiro neste — Tessa sinalizou para que a turma, que vinha atrás, a seguisse, já que o pub estava lotado. O Temple Bar sempre estava cheio, principalmente nas noites de sexta.

Jenny foi pegar uma bebida e fez uma careta ao se ver rapidamente num dos espelhos. Seu cabelo estava horrível. Nunca mais o pintaria em casa. O produto conseguiu cobrir a raiz, como ela esperava, mas o que antes era um cabelo encaracolado agora parecia palha... Não podia aparecer em seu cabeleireiro desse jeito!

—Jen, aqui! — Karen sorriu e bateu na poltrona ao seu lado.

—Está bem cheio, não? —Jenny comentou, colocando o copo na mesa. — Que sorte a nossa encontrar lugar para sentar.

— Tem razão — Karen acendeu outro cigarro. — Tessa percebeu que algumas garotas estavam se preparando para sair. — Você viu como estavam vestidas? Parecia que iam a uma festa de despedida de solteira!

— Tessa será a próxima — disse Jenny. — Fiquei surpresa de saber que eles vão se casar tão rápido. Novembro já está aí.

— É mesmo, mas ela praticamente já organizou tudo. Assim que Gerry a pediu em casamento, Tessa não perdeu tempo.

Jenny olhou para Karen com uma expressão pensativa.

— E você, já conversou com Shane?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, mas tenho que fazer isso logo. Ele vive dando umas indiretas, e isso está começando a me aborrecer.

Jenny riu.

— Algumas vezes não entendo você. Em geral, as mulheres adoram fazer planos de casamento.

Karen fez uma careta.

— Para ser honesta, fico apavorada só de pensar em festa, lista de convidados e tudo o mais. Isso sem falar em encontrar o vestido perfeito. Isso faz qualquer um querer distância de casamento.

— Eu não — respondeu Jenny — Eu daria qualquer coisa para estar no seu lugar agora.

Karen não disse nada.

Tessa se aproximou da mesa, vestindo o casaco.

— Vamos, vocês duas... terminem logo essa bebida, já estamos indo.

— Mas já? — elas disseram juntas. — Acabamos de nos sentar!

Vamos fazer um tour pelos pubs, esqueceram? E ainda temos uns dez pela frente... Vamos!

— Se esta é a festa de noivado dela, imagine como será a despedida de solteira! — Jenny riu, dirigindo-se para a saída na frente de Karen.

Eles não conseguiram entrar nos dez pubs como Tessa desejava porque, depois dos primeiros bares, Gerry já não parecia estar em tão boas condições. Os amigos do grupo sempre saíam dos bares com bebidas para beber no caminho. Assim, depois do quinto pub, o noivo já estava bêbado.

— Não acredito nisso — Tessa exclamou, também já se sentindo levemente alcoolizada. Gerry segurava a cabeça, com os cotovelos apoiados na mesa. — Vou ter que levá-lo para casa enquanto ele ainda consegue andar. E eu que queria dançar!

— Calma, eu cuido dele — disse Shane. — Como vou trabalhar amanhã, já sabia que não podia ficar até muito tarde.

— Oh, não! Karen, você vai ficar, não vai? — disse Tessa, num tom choroso.

— Claro que vou ficar. Não tenho que acordar cedo amanhã — respondeu, colocando os braços em volta de Shane. — Você não se importa com isso, não é?

— Não, e, pelo jeito como vão as coisas, o melhor que faço é ir embora enquanto posso. Sem chances de eu terminar a noite no Copper Face Jack's!*

Jenny voltou para a mesa, com um ar levemente cansado.

— Aidan me fez tomar uma tequila tripla com ele no bar... clac ... — ela estalou a língua. — Quem é que vai ao Copper Face Jack's?

— Eu não! Estou fora! — Shane respondeu, já se levantando. Deu um beijo em Karen e, apesar da dificuldade, conseguiu fazer Gerry se levantar.

Tessa os observou enquanto deixavam o bar e então esfregou as mãos com ar travesso.

— Bem, agora, realmente estou livre. Quem é que me acompanha numa sambuca?** — perguntou ela, parecendo mesmo uma criança solta numa fábrica de chocolates.

Horas mais tarde, Jenny, Karen, Tessa e outros remanescentes do grupo se dirigiram a uma boate.

— Céus, meus pés estão me matando! — Tessa reclamou, depois de deixar o casaco na chapelaria. — Por que não viemos de táxi?

— E quem é que queria olhar vitrinas? — Karen a provocou.

* Pub famoso de Dublin. (N. T.)

** Licor italiano, com alto teor alcoólico. (N. T.)

Depois de algumas doses de sambuca, Tessa, embriagada, teve a ideia de começar a olhar vestidos de casamento e arrastou com ela Jenny, Karen e as amigas Katie e Caroline para olhar a vitrina de uma loja de noivas. Por isso, as garotas foram a pé até a boate e iam se encontrar com Aidan e os outros no Copper Face Jack's.

— Estão vendo algum dos rapazes? — Karen perguntou, esticando o pescoço para espiar a pista de dança, enquanto abria caminho até o bar.

— Se estiverem aqui, não devem estar na pista de dança — Tessa disse, dançando enquanto ouvia uma música do U2. — São homens, se lembra?

— Devem estar no bar do andar de cima — Jenny gritou para que a ouvissem.

— Vamos pegar as bebidas e... oh, obrigada! — disse Tessa num tom meloso para o rapaz que a deixou passar à sua frente no bar.

Karen e Jenny trocaram um olhar enquanto observavam Tessa fazer caras e bocas para o barman, tentando chamar a atenção dele. Era um truque antigo, fazer o garçom ficar com pena dela, como se ela nunca tivesse comprado uma bebida. E funcionou de novo... o jovem barman estava à sua disposição depois de um minuto, ignorando todos os outros.

Assim que foram servidas, as garotas se juntaram a Katie e Caroline, perto da pista de dança.

— Parece que a noite vai ser das meninas aqui — disse Tessa, depois de procurar em vão pelos rapazes. — Uau, adoro esta música! Vamos dançar! — Pegou Jenny e Karen pela mão e, praticamente, as puxou para a pista de dança.

— Não quero dançar, vou ficar aqui com as bebidas — disse Jenny, e as duas amigas se voltaram para ela, espantadas.

— Mas você ama esta música! — Karen exclamou.

— Eu sei, mas vão vocês... é sério.

Jenny observou as duas tentando encontrar um lugar na pista superlotada.

Ela não sabia exatamente por que, mas havia perdido a vontade de estar ali. Aquele monte de gente e o barulho começavam a incomodá-la. Até mesmo a bebida não parecia mais fazer efeito. Talvez a caminhada da cidade até ali fosse a responsável por esse desânimo súbito. O ar fresco da noite devia tê-la deixado sóbria de novo. Ela ergueu a cabeça rapidamente quando uma moça alta, com salto alto, passou por ela e quase a derrubou.

— Ei, olhe por onde anda! — reclamou, começando a se sentir mais aborrecida e indisposta.

Algumas músicas depois, as garotas voltaram da pista de dança, dando risadinhas e transpirando. Jenny se perguntava por que estariam com aquele risinho travesso e por que cochichavam, como se estivessem cheias de segredinhos. De novo, ficou irritada e, quando estava prestes a dizer que ia embora, outra música começou a tocar.

— É a sua música favorita! — Karen exclamou. — Pedimos ao DJ para tocá-la. Ele devia enviar uma mensagem para você, mas deve ter esquecido. Por favor, você tem que vir dançar esta música com a gente — ela tirou o copo das mãos de Jenny que, sem escolha, se deixou levar até a pista de dança.

Na pista, Jenny se soltou e acompanhou cantando a letra da música. Assim tudo parecia bem melhor, pensou ela.

Começava realmente a se divertir quando algo lhe chamou a atenção num dos cantos da pista — algo que partiu seu mundo em milhões de pedaços.

ROAN MAL PODIA ACREDITAR em sua sorte. A Dama de Gelo finalmente começou a derreter, e como! Ele sabia que todos os rapazes estavam morrendo de inveja de ver Carla e ele juntos, principalmente Pete Brennan. Só de ver a expressão do rosto de Brennan já valia a pena! Ele havia convencido todo mundo, inclusive Roan, de que Carla estava louca por ele, e fez uma aposta com Mark Dignan de que ficaria com ela naquela noite. Bom, Pete podia ser bom com as mulheres, mas não era tão bom assim, pensava Roan rindo por dentro.

Todo mundo no escritório ficou surpreso quando ela disse que ia com eles ao pub naquela noite. Em geral, ela nunca saía com os colegas de trabalho... era como se sempre tivesse algo melhor para fazer. As outras garotas do escritório achavam que ela era uma vaca convencida e estavam sempre falando mal dela.

— Essa Carla Stephens, com seu terninho Prada e sapatos Gucci, está achando que é grande coisa — sussurrou Lynne Jenkins, a recepcionista, numa manhã, depois que Carla pegou seus recados sem dizer uma única palavra de agradecimento. E ficou surpresa quando Carla voltou para a recepção e, de testa franzida, jogou um pedaço de papel na frente dela.

— Esse recado é absolutamente ilegível — disse, áspera. — Não adianta nada anotar recados para mim se eu não consigo saber quem o deixou. Ah... a propósito, Lynne, o terninho é da Next e os sapatos da Dunnes, ok?

Lynne empalideceu com o olhar gélido de Carla e não conseguiu pensar em nada para dizer. Carla girou nos calcanhares e se foi.

Carla era da mesma forma fria e nada amistosa com os homens do escritório, embora a notável exceção fosse Pete Brennan, com quem ela muitas vezes trabalhava diretamente. Roan nunca trabalhou com Carla num projeto e tinha pouco contato com ela, mas nunca deixou de apreciar suas pernas longas e seu corpo malhado todas as vezes que ela passava por sua mesa.

Pete vivia contando vantagens de como Carla o provocava, mas Roan não acreditava nisso. Carla não era o tipo de mulher que fica fazendo caras e bocas e flertando no trabalho. Tinha muita classe e parecia que nada a perturbava, nem mesmo quando McNamara a pressionava para terminar um projeto. Carla sempre mantinha a calma e nunca se mostrava incomodada com nada. Por sua constante indiferença, era chamada por todos de “Dama de Gelo”.

Mark Dignan explicou isso tudo a Roan alguns dias depois que ele passou a fazer parte da equipe de projetos. Ela nunca se juntava a eles, contou Mark, nem mesmo nas festas de Natal.

— Ela aparece para o jantar, mas assim que termina cai fora.

Roan ficou intrigado com Cana desde o começo — qualquer homem com sangue correndo nas veias ficaria atraído por ela —, isso sem falar no fato de ela ser fria, distante e completamente indiferente a ele. E Roan não estava acostumado a não ser notado pelas mulheres.

Ela baixou um pouco a guarda naquela noite no pub. A semana tinha sido frenética, todo mundo havia trabalhado muito para que o projeto novo de Seguro Direto fosse finalizado no prazo. Por isso, ficaram entusiasmados quando Ross McNamara anunciou que, para comemorar, convidava a equipe para um drinque após o expediente.

— Você também, Carla. Não vai escapar desta vez, afinal, todos nós merecemos comemorar depois do trabalho que fizemos esta semana.

Para surpresa de Roan, Carla concordou e tomou tantas taças de vinho que parecia que as uvas do mundo todo acabariam naquele ano.

Pete Brennan apostou com Mark e Roan que Carla iria com ele para casa no final da noite. Para Roan, esse foi o melhor desafio. Naquele momento decidiu que era hora de acabar com o sorriso estúpido de Pete.

As preferências de Pete Brennan não eram problema para ele no que dizia respeito a seduzir mulheres. Esse assunto, ele conhecia.

Carla se mostrou cautelosa no início da conversa que Roan engatou com ela no bar. Ele começou usando seus métodos já testados e confiáveis, como felicitá-la pela aparência e fingir que estava profundamente interessado em tudo o que ela dizia. Em geral, a maioria das mulheres caía nessa conversa, mas não Carla. Com ela, estava sendo mais difícil quebrar a barreira inicial.

Foi apenas quando Roan começou a falar sobre trabalho que a conversa realmente deslanchou. Um brilho apareceu nos olhos de Carla enquanto ela falava animadamente sobre seus deveres na Evanston Corporation. Então, pouco a pouco, à medida que a noite avançava e os copos ficavam vazios, os elogios e as observações de Roan começaram finalmente a surtir efeito.

Pete ficou furioso quando percebeu o que Roan estava armando. Tentou diversas vezes fazer parte da conversa deles, mas Roan, com a prática que tinha em monopolizar a atenção de uma mulher, não lhe deu a menor chance.

Até mesmo Roan admitiu que ficou surpreso quando Carla concordou em sair com ele. Mark insistiu que deviam ir ao Copper Face Jack's, que segundo ele era o melhor ponto de encontro de Dublin.

Roan segurou na mão de Carla, e ela não resistiu, enquanto seguiam atrás dos outros pela Stephen's Green.

Antes de chegarem à boate, Cana puxou Roan para o vão de uma porta e, de repente, beijou-o com vontade. Ele ficou totalmente perplexo por ter sido ela a dar o primeiro passo. Na verdade, nem tinha certeza se daria esse passo. Sua decisão era mais uma questão de atrapalhar a aposta de Pete Brennan e acabar com seu ego.

Ele tinha Jenny na cabeça, precisava pensar nela. Já tinha problemas suficientes no momento.

Mesmo assim, debatia-se entre o fato de que Carla era uma tentação para qualquer homem, fosse ele comprometido ou não. E Jenny nem ficaria sabendo de nada. Ultimamente, ela estava mergulhada no trabalho. Nem prestava atenção nele. Se descobrisse que ele procurou um pouco de carinho fora de casa, não poderia culpá-lo por isso.

De qualquer maneira, ela não descobriria.

Provavelmente, Jenny estava em casa, sentada na frente da televisão, exausta pela semana de trabalho. Ela repetiu todas as noites como andava cansada nos últimos tempos. Com certeza, não havia a menor chance de ela sair de casa naquela noite.

A boate estava lotada e, assim que entraram, Roan se deu conta de que seu humor não estava para aquilo.

— Quer ir embora daqui? — ele ouviu Carla perguntar, apesar do som alto. — Está muito cheio, não acha?

Roan a observou por um momento, um pouco inseguro sobre o que queria fazer. Seria a coisa mais fácil do mundo sair dali com Carla, ter o que considerava uma relação de sexo estupenda e voltar para o apartamento que dividia com Jenny. Ela já devia estar dormindo e não suspeitaria de nada. Mas alguma coisa dentro dele o fazia hesitar, embora não soubesse o quê. Afinal, pensou, olhando para os colegas que estavam no bar, ia fazer papel de bobo se não saísse com Carla. Mas isso tinha mesmo importância?

Naquele momento, uma das músicas favoritas de Jenny começou a tocar. Carla, parecendo frustrada com a falta de resposta dele, puxou-o mais para perto e beijou-o com vontade, esperando espantar sua indecisão.

Roan se afastou dela rapidamente. Já bastava dessa história, pensou. Não ia prosseguir com aquilo — ouvir aquela música era, definitivamente, algum tipo de sinal.

Ele estava prestes a dizer a Carla que ia embora sem ela, quando viu Jenny na pista de dança, olhando diretamente para ele com uma expressão desnorreada.

24.

— ELE É A ÚLTIMA PESSOA que quero ver hoje — Jenny sussurrou ao telefone, torcendo para que Barry Ferguson, que estava verificando algumas pastas numa estante no corredor junto à sala dela, não escutasse sua conversa com Jackie, a recepcionista.

Barry, com certeza, não aprovaria sua recusa em receber Robbie Courtney, filho de Dan Courtney, proprietário de uma rede hoteleira local, que mantinha várias contas de investimento no banco. Ele era parceiro de golfe e amigo próximo de Barry.

— Marque outro horário para ele, Jackie, por favor — disse Jenny bem baixo. — Estou atolada de trabalho e, com a ausência de Conor, não tenho um único minuto livre.

— Está bem — Jackie respondeu e desligou.

Jenny sacudiu a cabeça ao desligar o telefone. A recepcionista ficou aborrecida porque, agora que Jenny se recusou a recebê-lo, ela teria de enfrentar a fúria de Robbie Courtney. Mas não havia nada que Jenny pudesse fazer, pensava, enquanto se voltava para a tela do computador. Já tinha problemas suficientes com os quais se preocupar. Conor estava de licença médica havia uma semana e, sem ele, parecia que o trabalho nunca ia acabar.

Ela verificou o relógio do computador. Era quase hora do almoço. Karen estava em Dun Laoghaire naquele dia, visitando um parente no St Michael's Hospital. Elas haviam combinado almoçar juntas num bistrô que ficava de frente para o mar. Jenny estava ansiosa por esse encontro. Não via a amiga com a frequência que gostaria desde que ela se mudou de Rathmines para Dun Laoghaire, quase seis meses atrás.

Karen achou uma loucura da decidir se mudar para tão longe de seus amigos logo depois do rompimento.

— Você vai ficar sozinha a maior parte do tempo, Jen — disse Karen. — Precisa dos amigos por perto para ajudá-la neste momento.

Mas Jenny estava decidida. Não queda ficar sozinha no apartamento que dividiu com Roan; ali havia muitas lembranças.

E logo depois, quando a imobiliária aumentou o aluguel, tomou sua decisão. Não havia a menor chance de pagar um aluguel tão alto por um apartamento de dois quartos, e ela não queria ir para uma quitinete, claro! O apartamento espaçoso de um quarto e com vista para o porto que havia alugado em Dun Laoghaire era perfeito, e ela não lamentava ter saído de Rathmines. Precisava ficar sozinha e ter tempo para acomodar seus pensamentos. Ela não teria conseguido permanecer em Rathmines e sabia que podia acabar se encontrando com Roan de novo. Por isso, e para sua própria sanidade, sabia que tinha que ficar bem longe de Roan Williams.

No início, passou muitas noites na sacada do novo apartamento, olhando para o mar, observando o movimento dos barcos e das balsas no porto, recordando centenas de vezes cada palavra que Roan disse e cada mentira que contou em todo o tempo em que estiveram juntos.

Como pôde ter sido tão estúpida por tanto tempo? Jenny se fazia essa pergunta a todo instante. Lembrava-se de todas as vezes que ele a magoou e das desculpas patéticas que deu.

Mesmo assim, Jenny desejava que Roan a abraçasse e dissesse que tudo não havia passado de um terrível engano —que tudo aquilo eram mentiras horrorosas e que ela era a mulher que ele amava.

Como era de se prever, ele tentou dizer tudo isso depois que ela o surpreendeu em flagra com aquela garota. Jenny a reconheceu, sabia que ela trabalhava com Roan na Evanston. Tinham se encontrado rapidamente numa festa de Natal. Jenny a achou um pouco reservada naquela noite. Talvez fosse essa a razão. Quem sabe ela e Roan estivessem saindo juntos há muito tempo.

Até aquela noite, ela não tinha ideia do quanto podia se magoar. Não sabia que algo pudesse causar tanta dor. A impressão que tinha era que Roan havia cravado um punhal em seu peito. Ao ver os dois juntos, sentiu o mundo girar... Ficou atordoada e perplexa, mas mesmo assim quase não acreditava que fosse mesmo Roan, até que ele ergueu os olhos e a viu olhando para eles,

Foi a última vez que o viu, Jenny pensou, com os olhos começando a se encher de lágrimas enquanto digitava. Naquela noite, ela saiu correndo da boa- te e foi depressa para casa, sem nem parar para respirar.

Karen foi sua fortaleza nos dias seguintes, mantendo Roan a distância de Jenn3 que determinadamente se recusava a vê-lo, apesar de o desejar. Sabia que, se o encontrasse cara a cara, haveria uma possibilidade de cair em suas desculpas esfarrapadas de novo. Para seu próprio bem, não podia permitir que isso voltasse a acontecer. Karen a levou para dormir em sua casa e ficou de olho em Roan quando ele foi ao apartamento pegar suas coisas.

Sem rodeios, Karen disse a ela exatamente o que achava de Roan, pensava Jenny, lembrando-se de uma conversa em que Karen disse, de maneira muito dura, como via aquele relacionamento. Roan havia telefonado muitas vezes para o trabalho dela, tentando “explicar tudo” e dizendo que a amava, mas Jenny se manteve determinada a não falar com ele. Recusava-se a vê-lo ou a ouvir suas explicações. Por fim, pediu à telefonista que não lhe passasse mais as ligações dele.

Foi muito difícil não falar com ele e não permitir que ele se explicasse, mas Jenny sabia que, se não conseguisse manter o controle daquela vez, estaria tudo perdido.

Precisou de meses para se dar conta de como aquele relacionamento seguiu caminhos errados. A mudança de Rathmines e a distância que colocou entre ela e Roan deram o tempo e o espaço necessários para ver com clareza tudo o que aconteceu.

Ainda assim, o tempo não conseguiu diminuir o amor que sentia por ele. Disso, ela não tinha como fugir. Não agora.

Jenny abriu um arquivo e ficou olhando para ele distraidamente. Era um milagre ter conseguido se manter no emprego, considerando a maneira como vinha trabalhando após o rompimento. Depois de algumas semanas perambulando como um zumbi, incapaz de se concentrar em qualquer coisa, Barry a chamou em sua sala.

— Você é uma funcionária excelente, Jenny, mas nos últimos tempos tem cometido uma série de erros, e Marion me disse que você está com dificuldades para se concentrar no treinamento — Barry comentou num tom amistoso e carinhoso. — Se precisar conversar sobre alguma coisa, por favor, não hesite em falar comigo ou com Marion. Não somos estúpidos, é óbvio que alguma coisa a está preocupando seriamente e nós não queremos que isso afete sua carreira no banco — ele sorriu e deu uns tapinhas leves na mão dela, num gesto paternal.

Jenny se sentiu humilhada. Estava decidido: não levaria mais suas preocupações pessoais para o trabalho. Ela havia entendido o que Barry dissera, mas mesmo assim foi muito constrangedor.

Marion apareceu na porta entreaberta da sala de Jenny.

— Jenny, já é uma hora, melhor você ir almoçar.

Ela ergueu a cabeça e levou um pequeno susto. Perdida em seus próprios pensamentos, não havia se dado conta de que o tempo passou e já era hora de ir se encontrar com Karen.

Pegou a bolsa e o casaco, desceu as escadas e saiu para o dia fresco de setembro, apressando o passo, ansiosa para saber as novidades da amiga.

KAREN MURMUROU QUALQUER coisa e afastou o prato de sua frente. Ela e Jenny estavam almoçando no Gino, um restaurante italiano que ficava na orla. Para surpresa das duas, o lugar estava vazio, considerando-se o horário e a qualidade do cardápio. Karen, que havia pedido bruschetta enquanto esperava a amiga, agora se esforçava para comer a imensa salada italiana.

— Comprei um vestido de seda fabuloso para o casamento de Tessa, mas se continuar comendo assim não vou conseguir entrar nele! Você recebeu o convite?

Jenny tomou a água mineral e assentiu.

— Chegou na semana passada. E, a julgar pela extravagância do convite, eu diria que a festa vai ser espetacular.

— Espetacular não é bem a palavra! — disse Karen. — Honestamente? Acho que ela está tentando bater a realza... O vestido de casamento é criação do estilista do momento, e as alianças foram feitas sob medida... Só não sei onde ela vai arrumar os tronos.

Jenny sorriu.

— Você não acredita na quantidade de revistas de noiva que ela tem — Karen continuou. — A esta altura, acho que o Gerry já enlouqueceu. Ela é uma mulher possuída!

— Céus, faltam só dois meses — Jenny levou um tomate cereja à boca. — Estou querendo que chegue logo. Faz um século que não faço um programa decente!

Karen olhou para a amiga com preocupação.

— Você deveria sair conosco mais vezes, sabe disso. Essa história de você ficar completamente sozinha por tanto tempo não é nada bom.

— Não comece, Karen... sei o que você pensa disso, mas estou bem. Já superei tudo, e estou lidando bem com a situação.

Karen não se deixava convencer. Não acreditava na mudança de Jenny nos últimos meses. Ela estava magra e parecia cansada, não se preocupava em disfarçar as olheiras com a maquiagem e a roupa dançava em seu corpo de tanto que havia emagrecido. Na verdade, nos últimos tempos, Jenny parecia e se comportava de maneira completamente diferente da garota alegre e radiante de um ano e meio atrás, quando foi morar com Karen. Depois que se mudou para aquele apartamento grande e vazio, Jenny quase não dava notícias e nem aparecia com a frequência que Karen gostaria. Ela nem se lembrava da última vez que haviam saído juntas para uma balada. Talvez ela devesse organizar alguma coisa.

Como se lesse seus pensamentos, Jenny sorriu.

— Não me olhe desse jeito, Karen. Eu estou bem.

— Eu conheço você, Jen. Só queria que viesse nos ver mais vezes, só isso. Shane está sempre perguntando por você.

— Tem razão, preciso aparecer para ver o que vocês fizeram com a casa. Vocês já terminaram os quartos?

— O que você acha? — Karen parecia constrangida.

— Não me diga que ainda não arrumaram nada. — Jenny arregalou os olhos de espanto.

Karen fez um trejeito engraçado com a boca.

— Você sabe como sou, Jen... No começo de um projeto, fico toda empolgada, mas depois me aborreço...

— Mas é sua casa, Karen! Você não pode deixar os cômodos pela metade! O que Shane pensa disso?

Karen bufou.

— Ele faz cada uma... Enfiou na cabeça que era capaz de mudar o piso do banheiro e comprou um cortador de assoalho de um cara lá do trabalho dele — ela fez uma careta e deu uma risadinha. — Você precisava ouvir como ele praguejava e ver a bagunça que fez.

— E ele terminou o trabalho? — Jenny perguntou, incapaz de conter um sorriso.

— Claro que não! Eu praticamente o obriguei a contratar um profissional para resolver o problema e terminar de uma vez o banheiro. Claro que isso custa uma fortuna, mas também não dava para deixar do jeito que estava, metade azul-escura e a outra metade amarela.

— Vocês dois combinam tanto, Karen, foram feitos um para o outro — disse Jenny com carinho.

— Ah, é? Se não fosse a família dele... — Karen soou sarcástica.

— O que quer dizer com isso? Pensei que você e a senhora Quinn se dessem bem.

Karen sacudiu a cabeça.

— Não, digamos que me dou bem com a Nellie, mas o problema é o irmão. Lembra o irmão mais velho, que mora na Inglaterra e foi o fiador do empréstimo para a hipoteca da casa?

Jenny assentiu com um gesto de cabeça.

— Então, Jack... é o nome dele... bem, ele está agindo de forma muito esquisita desde então. Shane lamentou muito ter pedido isso para ele.

— Não entendi. Pensei que ele é que havia se oferecido para fazer isso.

— Eu também pensei. Mas, aparentemente, foi Nellie que sugeriu isso para o Jack. No início, ele ficou resistente e se opôs a fazer o empréstimo, mas acho que ela o pressionou, afinal, ele tem duas propriedades e todo aquele dinheiro, e aqui estava o pobre Shane, começando a vida sem nada.

Ela chamou o garçom e pediu mais chá.

— Ele veio passar um tempo em Meath algumas semanas atrás e nós fomos visitá-lo. Eu não o via desde aquela primeira reunião de família e queria agradecer pessoalmente. Um grande erro!

— Por quê? O que aconteceu? — Jenny perguntou, inclinando-se para a frente.

— Ele agiu como um calhorda. Fez um monte de comentários maldosos sobre Shane e seu novo trabalho. Disse que teria sido muito melhor se Shane tivesse ido trabalhar na Alemanha, mais ou menos insinuando que o emprego que tem agora não é suficientemente bom para ele e que ele pode ter problemas para fazer os pagamentos do empréstimo. Você precisava ver como ele falava, Jen. A noite, fomos a um pub, e ele olhava para Shane como uma ave de rapina cada vez que ele pedia uma cerveja. Você

juraria que Shane não faz outra coisa na vida a não ser sair para as baladas todos os dias e não está nem um pouco preocupado com o pagamento da hipoteca!

— Que horror! — exclamou Jenny. — Pobre Shane, deve estar se sentindo muito mal. Como se vocês fossem dar o calote... mas os dois têm empregos ótimos!

— Bem, não podemos voltar atrás. Se tivéssemos feito as coisas do meu modo, teria dito para ele se danar com essa maldita garantia e resolveríamos de outro jeito. Mas agora temos a hipoteca e a casa... — ela baixou os olhos e adoçou o chá.

— Você já fez algum plano para o casamento? — Jenny perguntou, mudando de assunto.

— Bom, lembra que eu já havia conversado com Shane sobre isso? Ele ainda não entendeu exatamente como me sinto, mas pelo menos parou de ficar me pressionando para marcar uma data. Vou ver o que acontece depois do casamento de Tessa. Quem sabe acabo entrando na onda! — ela piscou e tomou um gole de chá.

— Aposto que você não vai encomendar seu vestido de noiva a um renomado estilista para o grande dia de sua vida! — Jenny comentou com um falso ar maldoso.

— Sem chance! — Karen explodiu numa gargalhada. — Isso não tem nada a ver comigo! — Olhou para o relógio que ficava sobre o balcão do bistrô. — Acho que vou fazer algumas compras para aproveitar bem o meu dia livre.

— Também preciso logo de um dia de folga para comprar uma roupa para o casamento da Tessa — disse Jenny. — Nem me lembro mais da última vez que saí para comprar roupa.

Karen reparou que ela parecia olhar para o nada, aparentemente perdida em seus pensamentos. Talvez se lembrando da última vez que se permitiu comprar roupas, pensou Karen com certo rancor. Sabia que Jenny havia andado quase sem dinheiro depois de tudo o que emprestou a Roan, que nem cogitava em lhe devolver. Isso sem falar no aluguel que ela pagava sozinha.

Karen suspirou. Ainda precisava dizer algo para a amiga.

— Jen, olhe só, não sei se devia falar disso com você ou não, mas...

— Falar o quê? — Jenny perguntou, sobressaltada.

Karen respirou fundo.

— Não sei se Roan tem mantido contato com você nos últimos tempos, ou se telefonou para seu trabalho, mas... — ela percebeu uma sombra de tristeza nos olhos da amiga. Era evidente que ela não sabia de nada. Talvez aquele idiota tivesse finalmente deixado Jenny em paz. — Bem, parece que ele vai se mudar para os Estados Unidos no final deste mês.

Karen sentiu que Jenny hesitou.

— Entendo... — Jenny murmurou. — Como você soube?

— Shane o encontrou na cidade alguns dias atrás. Eles foram tomar uma cerveja, e Roan contou que ele e outros funcionários do escritório da Evanston de Dublin se ofereceram voluntariamente para trabalhar na filial da empresa em Nova York.

— Com ela? — Jenny perguntou, num tom quase inaudível, sem olhar Karen nos olhos.

— Não. Ele disse a Shane que aquela noite foi um grande erro e que aquilo não voltou a acontecer. Não sei se disse isso de caso pensado, sabendo que Shane me diria e eu contaria a você, claro! Aparentemente, ela tem um filho de dois anos. Talvez ele não quisesse bancar o pai.

Karen se recriminou quando viu Jenny estremecer.

— Ah, Jen, me desculpe. Não queria ser tão insensível, mas não consigo me conter algumas vezes. Não me leve a sério.

Jenny não reagiu.

— Está tudo bem, sei o que pensa dele e você tem bons motivos para isso. É que ainda dói falar sobre ele... Ele disse quanto tempo vai ficar lá?

— Não sei direito, mas acho que Shane disse que Roan vai para ficar alguns meses e, dependendo do que aconteça, talvez fique mais. — Karen olhou para a amiga com preocupação. Jenny parecia muito triste. Apesar do que disse antes sobre estar bem, dava para perceber claramente que não estava. — Jen, eu sinto muito. Tinha que contar porque achava que você devia saber. Acredite, adoraria não ter dito nada até que ele tivesse partido, mas eu não estaria sendo honesta..., e se você quisesse...

— O quê? — Jenny perguntou num tom cortante. — Se eu quisesse me despedir dele? — um brilho de determinação apareceu em seu olhar, e ela se endireitou na cadeira. — Karen, Roan Williams se despediu de mim há muito tempo. Claro que é um choque saber que ele está finalmente saindo da minha vida de uma vez por todas, mas isso não me aborrece tanto quanto você pensa.

— Ótimo, Jen, fico contente de saber, mas você não acha que já é hora de voltar a viver? Você não precisa se esconder desse jeito, ficando sozinha aqui.

— Eu estou bem, Karen. Já disse. Olhe, foi bom você ter me contado, fez a coisa certa, mas estou bem. Levei um susto no começo, mas estou bem. — Jenny se levantou e pegou a bolsa. — Tenho que voltar para o banco, é melhor ir andando.

— Vou com você.

Rapidamente, Karen terminou de tomar o chá, pegou a bolsa e o casaco e se apressou para alcançar Jenny, que praticamente já estava na rua.

— Ei, dá para ir mais devagar? Não posso andar tão rápido com estes saltos.

— Desculpe — Jenny começou a andar mais devagar, mas, quando Karen a alcançou, ela virou o rosto.

Karen percebeu que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Oh, minha querida — disse ela num tom solidário, envolvendo a amiga num abraço. Jenny não se conteve mais e explodiu num choro convulsivo. — Está tudo bem, Jen... tudo vai ficar bem.

25.

AO VOLTAR PARA CASA no final do dia, Karen mal conseguia passar pela porta com todas as compras que tinha feito em Dun Laoghaire.

Mas, assim que entrou, parou subitamente ao ver o estado em que se encontrava a sala. É verdade que ela nunca esteve impecavelmente arrumada, mas naquele dia era como se um furacão houvesse passado por ali. Havia o que parecia ser um rolo inteiro de papel higiênico — molhado e picado — esparramado pela maravilhosa mesa de centro mexicana com a qual Jenny os presenteou quando foram morar juntos. Essa mesa também parecia uma obra excêntrica de um pintor igualmente excêntrico: estava coberta de manchas coloridas de tinta.

Marcas de mãos azuis e verdes cobriam uma das paredes e a tela da televisão. Como eram muito pequenas, só podiam ser de crianças. Estava tentando entender a situação quando, de repente, tudo ficou claro. Só podiam ser Keanu e Pocahontas Byrne!

— Olá, querida — Shane apareceu, sorrindo, na porta da cozinha. — Você voltou cedo!

— Shane... afinal, o que é isso tudo? — ela perguntou, enquanto continuava a observar a devastação ao redor.

— Oi, Karen — ela ouviu Marie, a irmã de Shane, cumprimentá-la da cozinha.

Karen estava com medo de entrar na cozinha e descobrir que os sobrinhos de Shane também haviam atingido essa parte da casa com suas táticas de guerrilha. Mas a devastação se limitava à mesa, coberta de restos de salgadinhos, refrigerante derramado, papel picado e molhado. Isso sem falar que Keanu parecia estar fazendo uma cirurgia com o resto do hambúrguer com ketchup. Já Honty, a garota, feliz, melecava a cabeça de uma boneca no pote de maionese. O bebê, a quem, sabe-se lá por que, deram um nome relativamente comum — Mary —, estava sentado no colo de Marie. Shane e a irmã estavam sentados à mesa da cozinha, papeando, aparentemente indiferentes à destruição que os cercava. Marie ergueu os olhos para ela ao vê-la entrar.

— Karen, espero que não se incomode, mas Shane disse que vocês podiam cuidar das crianças esta noite. Frank e eu vamos a um show em Dublin, e Nellie achou que era uma boa ideia vocês dois terem um pouco mais de contato com elas, para adquirir prática — disse ela, cutucando Shane com o cotovelo. — Vocês sabem, é para quando resolverem me dar o sobrinho que estou esperando.

Oh, meu Deus! Chocada demais para poder falar, Karen repetiu essas palavras mentalmente dezenas de vezes. Cuidar das três crianças? O que Shane estava pensando?

— Shane, quero falar com você — disse ela por fim.

Ele a fitou, surpreso com seu tom mordaz.

— O que foi? — ele perguntou, quando já estavam na sala e não podiam ser ouvidos.

— O que foi? O que quer dizer com “o que foi”? — Karen estava irritada. — Por que disse a ela que cuidaríamos das crianças?

Shane encolheu os ombros.

— Achei que seria legal dar um tempo para Marie e Frank. Eles raramente saem sozinhos, e quando minha mãe me falou do show desta noite no Red Cow Inn e que Marie estava louca de vontade de ir, achei que era uma boa oportunidade de ajudá-los.

Karen olhava para ele completamente perplexa. Abria e fechava a boca, mas nenhum som saía. Shane pensou em tudo!

— E arrumei o quarto de hóspedes, para que Marie e Frank possam passar a noite aqui — disse ele, tomando o silêncio de Karen por aprovação. — Assim, depois do show, eles podem bebericar alguma coisa num pub em vez de voltarem para Rathrigh. Podemos tirar as almofadas do sofá e arrumá-las no chão do nosso quarto para Keanu e Honty dormirem. Marie trouxe a cama de lona para Mary, então não vejo problema... O que foi? Por que está me olhando desse jeito?

Karen estava furiosa.

— Shane, nem passou por sua cabeça procurar saber o que eu pensava disso? Eu também moro aqui e não quero passar a minha noite de sexta correndo atrás de três monstros!

— Céus, Karen, você pode falar baixo, por favor? — ele pediu, falando quase num sussurro para que a irmã não ouvisse. — Eu sei que às vezes fazem um pouco de barulho, mas...

— Fazem um pouco de barulho? Você está brincando comigo? — Karen murmurou entre os dentes. — Veja o estado em que está a sala e a cozinha! Nem passou pela cabeça me perguntar o que eu achava disso?!

Shane parecia ofendido.

— Eles são a minha família, Karen. E, agora que temos um lugar nosso, posso vê-los mais vezes do que quando morava naquele apartamento. Não podia convidá-los para ir naquele lugar de quinta categoria!

— E, então, resolveu convidá-los para vir aqui... a nossa casa? E deixá-los completamente soltos para que fizessem o que quisessem?! Shane, olhe ao redor! Parece que uma bomba explodiu aqui!

— Não faça drama, não é tanto assim — disse ele, seguindo o olhar dela pela sala. — Posso recolher o rolo de papel e tenho certeza de que a tinta é guache, portanto, podemos lavar...

— Shane, esta é... quero dizer, era uma mesa de centro mexicana — Karen o interrompeu. Apesar do que havia dito para Jenny, teve um trabalhão para decorar a casa e se orgulhava do resultado. E era muito ruim voltar do trabalho numa tarde de sexta-feira e encontrar aquela bagunça. — Nós não podemos lavar., ela não é envernizada. As manchas de tinta nunca desaparecerão! Sua irmã devia saber que tem filhos... que são umas pestes!

Shane deu um passo para trás e a olhou seriamente.

— Você está falando de minha família, Karen! — disse ele num tom cortante.

Ao perceber que ele ficou magoado, Karen imediatamente se sentiu culpada.

— Você tem razão. Tem razão — disse ela, suspirando. — Por favor, me desculpe, não estou acostumada a conviver com crianças.

— Eu sei. Mas eu gosto de tê-los por perto. Como já disse, nunca tive muitas oportunidades de curtir-los. E esta noite gostaria de fazer esse favor a Marie.

Karen mordeu os lábios.

— Bem, acho que tudo bem, mas... eu realmente não sei o que fazer... Vou ter de amamentar o bebê?

Shane piscou os olhos se divertindo com o que ouvia.

— Você não entende nada de criança, não é mesmo? Elas não mordem.

Karen sorriu um pouco sem graça.

— Não sei, não... Keanu parece ser perigoso!

Shane colocou o braço em volta do ombro dela.

— Vamos para a cozinha, vou preparar uma xícara de chá para você enquanto conversa um pouco com Marie sobre as crianças. Ela pode lhe dar algumas dicas de como se defender delas — ele acrescentou maliciosamente.

Karen o seguiu, com o coração batendo forte. Sabia que, apavorada ou não, teria de enfrentar aquela experiência. Talvez não fosse tão ruim quanto pensava. Talvez as crianças se cansassem logo de ficar correndo de um lado para outro. Talvez ela não tivesse que fazer nada.

Karen sorriu para Marie, que lhe passou o bebê.

— Diga oi para a tia Karen! — Marie disse cantarolando.

Karen sentiu que suas mãos tremiam ao pegar o bebê. Será que o estava segurando bem? Ele se contorcia todo., talvez ela o estivesse apertando. Sentou-se e, desajeitadamente, colocou a criança no colo.

Karen ergueu os olhos, sentindo que Shane a observava. A expressão do olhar dele era de puro agradecimento, e isso a deixou feliz.

Decidiu, então, que por Shane ela ia dar conta do recado naquela noite.

— ESTAVA MORRENDO DE MEDO — Karen contou para Tessa, na tarde do dia seguinte. — Eu não sabia o que fazer com elas.

Tessa riu.

— Por que você estava morrendo de medo? Por Deus, Karen, são apenas crianças!

As duas estavam sentadas no sofá da casa de Tessa, com uma garrafa de vinho já pela metade e rodeadas de revistas de vestidos de noiva.

— Eu não sei..., é difícil de explicar. É que não sei o que fazer e nem mesmo como falar com elas. Essa voz de bebê que as pessoas usam não funciona comigo, me sinto uma boba... parece que eles sabem que estou fingindo.

Tessa deu uma sonora gargalhada.

— E você não pensa em ter filhos?

— Quer saber mesmo, Tessa? Não posso nem me imaginar com uma criança. Acho que seria uma péssima mãe. Não estou acostumada a lidar com elas nem a tê-las por perto. Os sobrinhos de Shane, bem, tudo isso é novo para mim. Para ser honesta, só a ideia de ter filhos já me assusta.

Tessa sacudiu a mão no ar.

— Não seja boba. Todo mundo é diferente com seus próprios filhos. E, pelo que você me disse, os sobrinhos de Shane não são exatamente uns anjinhos, certo?

— Tessa, você não entendeu..., a ideia de ter filhos me deixa completamente apavorada, e não sei se isso pode mudar — Karen fez uma careta. — A família de Shane vive nos dando indiretas sobre filhos. Não sei o que vou fazer.

— E o que Shane pensa a respeito disso?

— Para dizer a verdade, não sei. Ele sabe que não morro de amores quando as crianças nos visitam, mas...

Tessa a olhou com preocupação.

— Você disse que a família dele vive dando indiretas?

— Sim, principalmente a mãe dele.

— E você se dá bem com ela o suficiente para lhe contar como se sente em relação a isso?

Karen encolheu os ombros.

— Talvez..., com Nellie acho que posso falar. Mas, às vezes, ela me aborrece quando nos visita. Na verdade, todas as vezes que nos visita. Parece que ela sempre encontra algo errado em casa.

— Como assim? O que você quer dizer?

Karen se endireitou no sofá.

— Bom, um dia, ela pegou a vassoura de pelo e começou a passar no teto de todos os cômodos. Disse que tinha visto teias de aranha.

Tessa ergueu as sobrancelhas.

— Em outro, ela saiu do banheiro e disse que as toalhas estavam cheirando mal. Eu não me importaria, só que naquele mesmo dia, mais cedo, eu já havia dito a Shane para trocar as toalhas usadas. Mas, claro, a querida mamãe as encontrou.

— Não é muita ousadia ela ficar dizendo o que você tem que fazer em sua própria casa? — perguntou Tessa com uma careta.

— Eu sei, mas é o que acontece. E, na verdade, acho que ela só está tentando ajudar.

— Talvez, mas eu não acho que aguentaria se a mãe de Gerry viesse me falar o que eu devo fazer em minha casa... isto é, quando finalmente eu tiver uma.

— E falando nisso, como vai a construção? — Karen perguntou.

— Até que está adiantada. Já colocaram o telhado e, agora, meu pai está esperando a colocação do gesso.

Tessa e Gerry haviam decidido que, depois de casados, iam morar numa cidadezinha em West Cork, onde Tessa nasceu. Seu pai estava supervisionando a obra da casa em que iam morar. Gerry, que trabalhava como designer de websites, planejava

montar um escritório e trabalhar por conta própria. E Tessa esperava conseguir uma vaga como enfermeira num hospital da redondeza.

Karen ia sentir saudades dela. Com Jenny se refugiando em Dun Laoghaire e Tessa indo para Cork, parecia que todas as suas amigas estavam se afastando.

— Oh, encontrei Jenny ontem — disse Karen, mudando de assunto.

Tessa juntou as mãos, batendo palmas.

— Eu preciso ir vê-la. Como ela está?

— Muito melhor, mas acho que foi um pouco demais para ela saber que Roan está se mudando para os Estados Unidos.

— Ele não tinha dito nada a ela? Karen sacudiu a cabeça.

— Graças a Deus, não. Quem sabe, por milagre, tenha adquirido consciência e decidido deixá-la em paz. Ou talvez a tenha esquecido completamente. Aquele verme!

Tessa respirou fundo.

— Eu o encontrei um dia desses, e ele me pareceu muito infeliz.

— E devia estar mesmo — Karen retrucou. — Jenny está infeliz há muito tempo e por que ele não deveria estar também? O que há de errado com ele? Sentindo pena de si mesmo por ter sido pego no maior flagrante?

— Você não acha que, às vezes, é dura demais?

— O quê?! Você não pode estar falando sério! Você estava lá naquela noite, viu o que aconteceu, viu o que ele fez. E também viu como Jenny ficou arrasada... Por que acha que sou dura demais com ele?

— Calma, Karen... Eu sei que Roan errou, mas acho que ele sabe disso. E também acho que ele se preocupa com ela.

Karen colocou o copo na mesa e cruzou os braços.

— Parece que você e Shane têm a mesma opinião sobre ele... Shane acha que ele é um grande sujeito. Mas, me diga, Tessa, você seria tão compreensiva assim com Gerry se ele a tratasse da mesma maneira que Roan tratava Jenny?

— Não, mas... — sabendo que aquela era uma batalha perdida, Tessa desistiu. — Pode ser que você tenha razão. É que ele me pareceu verdadeiramente arrependido do que fez e estava ansioso para ter notícias de Jenny.

Karen bufou de indignação.

— Provavelmente para saber se ela se acalmou e se poderia cair nas graças dela de novo.

Tessa não se conteve e riu.

— Karen, pelo amor de Deus... Preciso me lembrar para o resto da minha vida de que eu nunca, jamais, devo ter você como inimiga.

Karen riu.

— Eu sei..., sou um horror. Mas você não viu nem a metade do que eu vi naquele relacionamento. Quando Jenny voltou da Austrália, ela estava feliz e confiante. Quando a vi ontem... — ela sacudiu a cabeça. — Não sei, foi difícil de acreditar que eu estava falando com a mesma pessoa. Ele acabou com ela... Acho que Jenny acreditava muito em Roan e naquela profecia. Foi demais para ela ver que tudo deu errado.

— Você acha que ela vai ficar bem?

Karen assentiu firmemente com um gesto de cabeça.

— Ela ficará bem... desde que aquele imbecil fique longe de sua vida e ela nunca mais volte a vê-lo.

JENNY NÃO PODIA ACREDITAR. Como ela pôde ter sido tão negligente?

Tudo havia acontecido naquele mesmo dia em que Karen contou sobre a partida de Roan para Nova York. Aquela foi a última vez que trabalhou no setor Comercial, disso tinha certeza.

Barry andava de um lado para outro da sala na frente dela.

— Não posso acreditar que você tenha feito uma coisa dessas, Jenny! Que diabos anda acontecendo com você ultimamente? Uma estagiária não cometeria um ato tão estúpido!

— Barry, não sei como isso foi acontecer — disse Jenny, de olhos baixos, incapaz de enfrentar o olhar do chefe. — Eu não percebi!

Ela nunca tinha visto Barry tão aborrecido, e isso não era bom sinal. O rosto dele irradiava toda a fúria que sentia e seus olhos brilhavam perigosa- mente.

— Não percebeu! Céus, que tragédia! E depois disso, Jenny, não desejamos que você fique passando notas falsas para todos os nossos clientes como se fosse uma brincadeira, não é?

Jenny se encolheu na cadeira. Ela ainda não acreditava no que tinha feito. Assim que voltou ao banco, na mesma tarde que havia almoçado com Karen, Marion lhe pediu que fosse ajudar o pessoal do setor Comercial porque um dos funcionários havia passado mal e foi ao médico. E quinta-feira era um dos dias mais movimentados da semana, por isso precisavam de ajuda. Esse trabalho era a última coisa que Jenny queria fazer, pois não conseguia se concentrar em nada. Lembrava-se de como foi difícil fazer algo depois que ficou sabendo que Roan estava deixando o país.

O setor Comercial ficava numa área de segurança, separada dos demais departamentos do banco e, em geral, lidava com altas somas de dinheiro. Costumava atender empresas que sacavam grandes quantias para pagamento semanal de seus funcionários. Jenny recordava-se de que, naquela tarde, todos estavam muito ocupados e de que, com ela, houve mais saques do que depósitos. Ela se esqueceu de reprogramar o cronômetro do cofre de segurança, por isso o cofre estava trancado e ela sabia que teria que esperar alguns minutos para reabastecer sua gaveta com notas.

Um dos diretores de uma empresa local chegou terrivelmente apressado para sacar dinheiro de uma de suas contas corporativas. Ela se atrapalhou com a impaciência dele e, por engano, lhe entregou um maço de notas falsas juntamente com o restante do valor.

As notas falsas funcionavam como uma medida de precaução e ficavam na gaveta para serem usadas num eventual assalto à mão armada. Em geral, os funcionários do banco se referiam a essas notas como “bomba”, porque, depois do assalto, elas explodiam uma tinta colorida nas mãos e na roupa do assaltante e, o que era mais importante para o banco, no resto do dinheiro roubado, impedindo seu uso.

Jenny entregou as notas-bomba para um importante cliente do banco. Ele telefonou para Barry na manhã seguinte absolutamente enfurecido. Só agora ela ficou sabendo disso porque havia passado mal na sexta e não foi trabalhar nesse dia e em dois dias da semana seguinte. A notícia da viagem de Roan fez um grande estrago em sua vida, por isso precisava de um tempo para decidir se entraria ou não em contato com ele antes de sua partida.

— O que você acha que devo fazer, Jenny? — Barry perguntou rispidamente. — De que maneira vou acalmar um homem que teve um terno Armani destruído por causa de sua estupidez? Sem falar nas mãos do sujeito que, mesmo depois de uma semana,

ainda estão azuis! Ele ia viajar para uma reunião importante naquele mesmo dia, mas teve que cancelá-la. Disse que não podia encarar ninguém do jeito que estava! E você sabe que ele é um cliente muito importante para o banco.

— Barry, não sei o que dizer. Foi um erro e sinto muito, muito, muito.

Embora lamentasse de fato, a imagem de um importante empresário coberto com a tinta azul irremovível era engraçada. Ela até podia imaginar a cara dele quando a tinta explodiu! Jenny mordeu os lábios para conter um sorriso traiçoeiro. Barry estava disposto a qualquer coisa, menos a se divertir.

O diretor se sentou novamente, cruzou os braços na frente do corpo e soltou um suspiro sonoro. Jenny reparou que o tom avermelhado de seu rosto começava a ceder.

— Bem, o que está feito está feito — ele disse, já num tom mais normal. — Não há muita coisa que eu ou você possamos fazer, a não ser tentarmos nos desculpar. Ele é um cliente muito bom. A empresa dele tem ótima linha de crédito e Kennedy tem investimentos, fundo de pensão e seguros conosco. Não podemos perder uma pessoa desse porte.

Jenny concordou com a cabeça.

— Vou falar com ele, Barry. Talvez agora ele já esteja um pouco mais calmo. Você disse que ele é o diretor da InTech, não é?

— Michael Kennedy. Eu não o conheço pessoalmente, pois ele sempre fala com meu assistente.

Barry pegou o arquivo da empresa que estava na mesa, observou-o por um momento e, então, o fechou e passou para Jenny.

— Aqui estão as informações de que precisa para falar com ele. Escreva uma carta com um pedido de desculpas, telefone em seguida, mande flores... sei lá, faça alguma coisa para acalmá-lo. Faça que ele saiba que não é nosso hábito distribuir notas falsas para os clientes. — Barry a liberou com um aceno. — Pode ir, volte para sua sala. Sei que você não fez isso de propósito., e veja se consegue não tirar folga nas próximas semanas. — Ele fez uma careta. — Agora, tenho que ver o que fazer com o terno. Infelizmente, nenhum tintureiro é capaz de remover aquela tinta azul!

Jenny não disse mais nada. Levantou-se e foi para a porta, ansiosa para sair do escritório e ficar longe de Barry. Quando ele se zangava, era melhor se distanciar dele, principalmente se fosse a razão de sua fúria.

No entanto, a caminho da porta, Jenny reparou num brilho oculto nos olhos dele quando lhe perguntou:

— A propósito, Jen, você sabe se atualmente a Arnott's faz ternos Armani?

CERTA MANHÃ, QUASE duas semanas depois que ela enviou uma cesta absurdamente cara, Jenny recebeu a visita de Michael Kennedy.

O episódio da “bomba” a tornou famosa em todos os departamentos do Alliance Trust. A história passou de boca em boca como num telefone sem fio e, naturalmente, se modificava de acordo com quem a contava. Alguns lances ficaram até mais engraçados; outros, mais exagerados. Até funcionários de outras filiais ficaram sabendo da história. Desde então, Jenny foi impiedosamente provocada por seus colegas de trabalho de Dun Laoghaire.

— E aí, Jenny, tudo azul hoje? — Brendan lhe perguntou um dia, logo depois do episódio, na sala de café.

Apesar de tudo, ela também achava aquilo muito engraçado.

— Acho que eu nunca teria grana para bancar um terno Armani — acrescentou Brian Keyes, entrando no assunto. — O valor desses ternos é uma bomba.

Todo mundo que estava ali riu. Jenny se divertiu com a brincadeira, pelo menos por alguns minutos se esqueceu da partida de Roan para os Estados Unidos no fim de semana anterior. Karen lhe havia telefonado querendo saber se ele deu notícias antes da viagem. Não, e agora Jenny estava resignada com o fato de que talvez fosse muito improvável voltar a ver ou ter notícias de Roan Williams.

Esse pensamento não a perturbou tanto quanto ela havia imaginado. Isso significava que agora, muitos meses depois do rompimento, ela podia finalmente voltar a viver sua vida em vez de se esconder. Com certeza, ia ser mais fácil, sem correr o risco de trombar com ele pela cidade. Dublin era uma cidade relativamente pequena, e as chances de que viessem a se cruzar no futuro eram grandes. E Jenny achava que não suportaria isso. Mas, agora, a história era outra.

Katrina, a estagiária do térreo, telefonou para a sala de Jenny para avisá-la da chegada de Kennedy.

— Jenny, Jenny, aquele sujeito para quem você deu a bomba... ele queria saber se você estava aí. Expliquei onde é sua sala, ele subiu e...

— Está bem, Katrina. Obrigada por me avisar — Jenny respondeu rapidamente, tentando parecer mais calma do que estava. Sentiu o estômago queimar ao desligar o telefone. Kennedy estava ali! Céus! O que será que ele ia dizer a ela?

Ela lhe havia enviado uma impressionante carta e telefonado várias vezes para se desculpar, mas, para sua frustração, o senhor Pomposo nem se deu ao trabalho de responder a suas tentativas. A assistente dele parecia saber exatamente quem era Jenny Hamilton e a razão de seu telefonema. A garota chegou até a ser arrogante com ela ao telefone. Jenny ficou com a impressão de que uma carta de desculpas e uma cesta de vinhos e chocolates não foram suficientes para apaziguar o respeitado diretor da InTech.

Ela se levantou e foi para a sala de espera. Um senhor forte, nos seus cinquenta e poucos anos, estava sentado num dos sofás, folheando o Banking News. O homem ergueu o olhar do jornal quando Jenny se aproximou. Ela tentou ocultar o seu nervosismo ao falar:

— Senhor Kennedy? Sou Jenny Hamilton, muito prazer em finalmente conhecê-lo — disse, sorrindo nervosamente, e estendeu-lhe a mão.

Ele hesitou por um momento e então apertou a mão dela com uma expressão levemente confusa. Jenny ficou surpresa com a aparência dele. Com aquela blusa de lã marrom, não parecia o tipo de executivo que ela esperava. Onde estava o famoso terno Armani?

E ela, de fato, não se lembrava de tê-lo atendido naquele dia. Mas, como havia sido um dia muito movimentado, ela podia até ter atendido George Clooney que também não se lembraria.

— Você já pegou minha caixa? — ele perguntou, com um sotaque forte do condado de Wicklow. — Estou esperando a caixa.

Jenny o olhou sem entender. Do que Kennedy estava falando? Naquele momento, Marion subiu as escadas correndo na direção dos dois, com uma caixa do cofre de segurança nas mãos.

— Senhor Kenny, por favor, o senhor pode usar esta sala, se desejar — ela indicou uma sala ao lado. — Feche a porta e fique à vontade. Estarei de volta em dez minutos para guardar a caixa no cofre, está bem?

O homem olhou de Marion para Jenny, então entrou na sala indicada e fechou a porta.

— Oh, graças aos céus! — Jenny levantou os braços e deu um sorriso de alívio. — Katrina deve ter se confundido. Ela disse que Kennedy, da InTech, estava me

procurando. Deve ter entendido mal o nome! Eu não consigo nem pensar em encontrar esse homem cara a cara!

— A recepcionista não se enganou — ela ouviu uma voz forte soar às costas de Marion.

As duas se viraram e deram com um homem jovem, alto, loiro e bastante atraente surgindo da escada. Ele continuou andando e estendeu a mão para Jenny.

— Mike Kennedy. Eu me lembro de você agora, senhorita Hamilton — disse ele com um leve sorriso. Inclinou a cabeça para Marion, que sorriu e retribuiu o gesto.

— Oh... certo. Prazer em conhecê-lo — Jenny gaguejou. — Minha sala fica logo ali, por favor...

Ela o conduziu pelo corredor e fez uma careta para Marion antes de fechar a porta. Podia ser pior? Kennedy a surpreendeu falando sobre ele.

— Antes de mais nada, senhorita Hamilton, quero agradecer pela fantástica cesta que nos enviou. Foi um gesto muito amável e ficamos todos encantados.

— Não precisa me agradecer — Jenny respondeu, sem saber direito o que fazer. Lembrava-se de tê-lo atendido naquele dia, mas não sabia quem ele era. Além do mais, era tão jovem! Barry a surpreendeu quando disse que ele era o diretor da InTech. Ela imaginou que se tratasse de um homem bem mais velho.

Kennedy sentou-se e colocou a pasta no chão ao seu lado.

— Você me telefonou algumas vezes e lamento muito não ter respondido mas só cheguei dos Estados Unidos ontem de manhã.

— Oh! — A assistente dele não se preocupou em dizer isso. Ela queria ter falado com ele antes para acabar logo com aquele pedido de desculpas, mas, agora que ele estava ali, na sua frente, não sabia o que dizer. Do outro lado da mesa, Kennedy sorria, e ela ficou pensando em como ele era atraente. Mas então se repreendeu ao se lembrar que aquele sujeito podia ter pedido sua demissão.

— Senhorita Hamilton... — ele começou.

— Por favor, me chame de Jenny.

— Está bem. Veja, vim procurá-la porque gostaria de tranquilizá-la completamente sobre aquela “situação”. Entendo muito bem que foi um engano e sei que essas coisas acontecem.

— Mas não devia ter acontecido — Jenny deixou escapar, embaraçada. — Um engano como esse não pode acontecer. Sou uma funcionária experiente, mas não estava concentrada no que fazia. Se alguém menos experiente tivesse cometido esse erro, já seria bastante ruim...

— Olhe só, vamos esquecer isso — ele a interrompeu suavemente. — Eu acabei explodindo com seu diretor, mas porque tive que cancelar uma reunião muito importante. Devo ter colocado você numa situação bem difícil.

Jenny se esforçava para sorrir enquanto balançava a cabeça.

— Bom, a situação não foi das mais agradáveis.

— E também não foi agradável comigo, posso lhe garantir — disse ele, rindo. — Aquela droga se espalhou por todos os cantos. Fiz de tudo para tirar aquilo. Só água solucionou uma semana depois.

Jenny fez uma careta.

— Deve ter sido horrível. Eu sinto muito, senhor Kennedy. Se há alguma coisa que eu possa dizer ou fazer a esse respeito, por favor, me diga.

— Honestamente, Jenny, está tudo bem. Acabou. Existem coisas muito piores na vida, nós sabemos disso — ele sorriu de novo, e seus olhos azuis brilhavam, divertidos.

Jenny mal acreditava em como ele estava sendo gentil. Entendia seu pavor de encontrá-lo porque Barry o havia transformado num monstro. Será que ele havia falado com seu diretor desde então? Kennedy pareceu ler seus pensamentos e pegou sua pasta.

— Olhe só, passei aqui porque estava na região e queria me desculpar por não ter respondido a suas ligações. Sei que você deve estar ocupada e eu também estou com pressa, mas será que seu diretor não tem alguns minutos para me receber agora? Gostaria de tranquilizá-lo, de dizer-lhe que não vou mudar de banco nem transferir nossas aplicações como ameacei — ele sorriu e passou a mão pelo cabelo, afastando-o dos olhos.

Jenny também sorriu e se levantou para acompanhá-lo. Ele lhe estendeu a mão novamente.

— Jenny, foi um prazer conhecê-la pessoalmente. Ah, e no que me diz respeito, também devo me assegurar de que o senhor Ferguson não descontará de seu salário o meu terno.

Jenny pareceu preocupada por um momento. Não unha pensado nisso. Será que Barry esperava que ela pagasse?

Ela apertou a mão dele e se desculpou de novo. Kennedy fez um gesto com a mão no ar.

— Por favor, esqueça tudo isso. Já é passado — ele se apressou em direção à porta.

Barry devia estar por perto, tentando ouvir a conversa deles, pois estava próximo quando Jenny abriu a porta. E, assim que viu Mike, já exibiu um sorriso.

— Michael Kennedy, como vai? Venha comigo, vamos conversar. Espero que Jenny tenha lhe explicado tudo! Jenny, por que você não vai pegar um café para o senhor Kennedy? — disse, enquanto apertava a mão de Mike jovialmente.

— Oh, não, não, infelizmente não tenho tempo para o café — disse Kennedy, sorrindo para Jenny.

Eles entraram no escritório de Barry.

Jenny fechou a porta de sua sala, sentou-se e soltou um longo suspiro. Felizmente tudo estava encerrado. E ele tratou a situação de maneira tão tranquila, até mesmo se desculpou por não ter ligado para ela!

Ainda estava surpresa por saber que ele era tão jovem. Não devia ter mais de trinta e cinco anos. Bom para ele. E era óbvio que devia ser muito bom no que fazia; afinal, a InTech era uma das mais dinâmicas e empreendedoras companhias na área de softwares. Ela havia lido uma matéria sobre eles na semana anterior na revista Business and Finance.

Jenny achou divertido vê-lo piscar de maneira conspiratória para ela antes de entrar na sala de Barry. Mike Kennedy, naturalmente, sabia muito bem como conduzir os desejos de Barry Ferguson.

27.

ERA UM BRILHANTE, agradável e surpreendentemente ensolarado dia de novembro. Como o outono foi muito brando, diversas árvores em torno da igreja ainda mantinham a maior parte de suas folhas douradas, acrescentando uma sensação particularmente outonal ao singular cenário campestre.

— Que sorte ela teve com o tempo — disse Karen, esforçando-se para parecer uma dama, ao sair do carro de Shane com seus sapatos de saltos altos. Ela se endireitou,

arrumou o chapéu e olhou para o céu, admirada. — Não costuma fazer um tempo tão bom quanto este nem em junho!

— É lindo aqui, não é? — disse Jenny, olhando em volta. A igreja da cidadezinha era a menor que ela já havia visto e parecia ainda menor sob o carvalho e as faias que se elevavam acima dela. Era um lindo lugar para se casar, pensou.

Karen, Shane e Jenny haviam vindo de Dublin para West Cork naquela manhã. O rústico cenário montanhoso pelo qual passaram na viagem havia surpreendido Shane, que cresce nas terras relativamente planas, de Conty Meath e nunca viajou para o sul além de Kildare.

Sobre a viagem, Jenny não sabia o que era pior — se Shane dirigindo sem atenção, ou Karen, de um jeito que só ela sabia como. Ela fazia pelo menos cem quilômetros por hora em estradas cheias de curvas, como uma maluca, buzinando para cada trator ou motorista lento que via pela frente. Jenny estava certa de que as laterais do carro deviam estar arranhadas, de tão perto que andavam da margem da estrada. Ela passou boa parte da viagem de olhos fechados, sabendo que sem dúvida vomitaria se ficasse vendo a paisagem do campo passar zunindo pela janela.

Mais tarde, os três entraram rapidamente na igreja para ocupar seu lugar. Em poucos minutos, o organista começou a tocar a marcha nupcial. Logo depois, as damas de honra entraram em direção ao altar, sorrindo para todo mundo e (muito obviamente, Jenny pensou) tentando não cair na gargalhada.

As irmãs gêmeas de Tessa, de dezesseis anos, usavam vestido vermelho-ferrugem, que contrastava com o tom moreno de sua pele. As roupas, iguais, não tinham faixas nem laços, a saia de cetim caía levemente até o chão na parte de trás, e o corpo, bordado de dourado, era justo na cintura até o quadril. Usavam o cabelo preto preso, enfeitado com folhas douradas e cereja. Jenny achou o efeito muito bonito, considerando a época do ano e o cenário campestre.

Tessa vinha logo atrás, uma visão maravilhosa em cetim marfim, com o pai caminhando orgulhoso ao seu lado.

— Que lindo, não? — Karen comentou meio alto, acima da música, na verdade tão alto que algumas pessoas sentadas duas ou três fileiras na frente deles se viraram para encará-la. Ela deu uma risadinha quando Shane a cutucou.

Jenny achou Tessa linda em seu vestido de casamento Vera Wang. Seu cabelo estava mais longo, desde a última vez que Jenny a viu, e ela o arrumou em cachos e preso no alto da cabeça, com uns poucos fios cacheados emoldurando seu rosto. Uma tiara dourada completava todo o efeito de “princesa”. Seus olhos brilharam mais quando o pai murmurou algo em seu ouvido, enquanto caminhavam em direção ao altar.

O senhor Sullivan olhava para a filha com tal orgulho e amor que Jenny sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Olhando para eles, ela entendeu, pela primeira vez, por que tantas pessoas choram em casamento. A atmosfera de conto de fadas na pequenina igreja era quase etérea. Até Karen estava mais meiga, pensou, vendo a amiga de mãos dadas com Shane, olhando-o apaixonadamente, enquanto os noivos faziam seus votos.

A recepção aconteceu num hotel não muito distante da cidade. Quando chegaram, Aidan já estava sentado no bar com seu par — uma velha amiga da escola. Jenny não os viu na igreja e, pelos copos vazios à sua frente, eles haviam perdido a cerimônia.

— Não conseguimos achar o bendito lugar — disse ele, levantando as mãos, irritado. — Devo ter perguntado para umas dez pessoas, mas não conseguia entender uma palavra do que diziam. Aliás, o que é “boreen”?*

— Bela tentativa — disse Shane, rindo. — Não foi tão mau, só uma hora de estrada. Acho que essas coisas acontecem hoje em dia.

— Mas foi suficientemente longe para mim — disse Gerry que vinha atrás deles, muito elegante em seu traje.

— Gerry parabéns! — Aidan se levantou e o cumprimentou com uns tapas nas costas. — Onde está a esposa?

— Circulando por aí, tagarelando com todo mundo. — Gerry ficou radiante quando o barman deu a ele uma cerveja. — Estava ansiando por isso. Saúde, rapazes! — Todos levantaram o copo num brinde.

— Foi uma cerimônia realmente linda, não foi? — Jenny disse, sentando-se numa mesa perto da janela, ao lado de Karen. — Deve ter feito você pensar em seu próprio casamento, não?

Karen encolheu os ombros e acrescentou um pouco de coca à sua vodka.

— Acho que sim. Mas achei aquela coisa de carruagem e cavalo um pouco demais — disse, rindo. — Imagine Shane e eu passando pela rua de carruagem! Seríamos motivo de piada durante meses!

— Pobre Nora Cronin — disse Jenny, rindo. — Tessa parecia excitada com tudo, mas não creio que Gerry curtiu muito. Ele parecia um tanto sem graça quando chegou aqui.

— É mesmo. E você viu como de bebeu aquela cerveja depois? Nunca vi um homem que precisasse tanto de uma bebida!

As duas riam tanto que nem notaram que alguém se aproximou de sua mesa.

— Oi, Jenny!

Ela olhou para cima e, quando viu quem era, sentiu que seu rosto ficou enrubescido. Mike Kennedy estava ali, muito elegante num smoking O que ele estaria fazendo no casamento de Tessa e Gerry? E por que sua presença a emudeceu de repente?

— Mike... como vai? — conseguiu dizer. Pelo canto do olho, Jenny conseguiu ver Karen olhando, curiosa.

— Muito bem, obrigado. Que surpresa! Não esperava encontrar ninguém conhecido aqui. Olá! — Ele acenou para Karen.

— Oh, desculpe-me pelos meus modos. Karen, este é Mike Kennedy. É um cliente do banco. Mike, esta é Karen Cassidy.

— Oi — disse Karen, recatadamente, estendendo a mão. — Prazer em conhecê-lo. Como você conhece Gerry e Tessa? — disse ela toda sorridente.

Justamente nesse momento, uma ruiva alta, com o vestido mais curto e as Pernas mais longas que Jenny já vira, apareceu ao lado de Mike. Ela o puxava impacientemente pelo braço.

— Mike, preciso de uma bebida, rápido! Acabo de encontrar Sandra Thompson, e ela me jogou na cara os hábitos alimentares do recém-nascido. Acho que não devia ter fugido dela. — Ela se virou e abriu caminho entre a multidão até o bar, quase derrubando Aidan de seu banco. Jenny notou como ele admirava essa mulher enquanto ela pedia ao barman as bebidas. Era uma garota muito atraente.

* Termo irlandês para denominar uma pequena estrada rural. (N.T.)

— É melhor eu ir — disse Mike, acenando com a cabeça na direção de sua Companhia. Vocês querem que eu pegue algo no bar para vocês?

Jenny balançou a cabeça e sorriu.

— Estamos bem, mas obrigada.

Karen esperou que ele estivesse longe o bastante para comentar:

— O que era aquilo? — perguntou, de olhos arregalados de tão interessada. — Que pedaço de mau caminho! Não admira você ter corado tanto.

— Oh, não, estava tão evidente? — Jenny perguntou, de novo vermelha. — Não consegui pensar em nada para dizer. Ele é o cara sobre quem lhe falei, aquele que cobri de azul.

— Esse é o cara! — disse Karen, incrédula. — Tinha a impressão de que ele era um desses almofadinhas, não um Adônis com um físico maravilhoso!

Jenny riu.

— Bem, sua mulher, ou namorada, ou o que quer que seja, está mais do que à altura dele; parece inteligente, de qualquer modo. — Ela viu a moça cruzar as longas pernas ao se sentar à mesa, no outro lado do salão. Karen notou que quase todos os homens babaram quando a garota se inclinou para a frente, para que Mike lhe acendesse o cigarro, exibindo seu enorme decote.

— Ela é muito bonita, é verdade — disse Karen, acompanhando o olhar de Jenny. — No entanto, um pouco inapropriada com essa roupa, não? Ela torceu o nariz para o fino vestido de chiffon rosa-shocking que se colava a cada curva de seu corpo.

Após uma hora ou mais, elas se sentaram na sala de jantar.

Jenny olhava admirada em volta. Tessa tinha realmente caprichado em tudo. Um buquê de balões vermelhos e dourados em forma de coração decorava o centro de cada mesa, e um enorme casal de bonecos inflados, representando o noivo e a noiva, pairava atrás de Tessa e Gerry acima da mesa principal.

— Tenho que admitir que realmente gosto de balões — Karen disse, sentando-se de frente para Jenny. — Tenho que me lembrar disso para nosso casamento. O que você acha? — disse, dando um cutucão em Shane. — Eles tiram a visão de tudo o que não interessa, não é?

Shane assentiu rápido e, de imediato, virou-se de novo para Aidan, com quem estava conversando animadamente.

— Vocês se importam se nos sentarmos? — soou uma voz atrás de Jenny. — É que realmente não conhecemos ninguém por aqui, e vi Mike conversando com vocês. — A garota parecia assustada e murmurou de modo conspiratório para Karen: — Não quero ficar novamente presa numa conversa sobre bebês.

— Claro — disse Karen automaticamente, puxando uma cadeira ao lado dela para a companhia de Mike Kennedy.

A garota sorriu e se sentou, aliviada.

— Obrigada. Meu nome é Rachel.

Ela abriu a bolsa e começou a aplicar uma camada de brilho vermelho nos lábios.

Karen a apresentou aos outros que estavam na mesa.

— Onde está Mike? — ela perguntou.

— Ele está no bar, conversando com alguém que conheceu há pouco — Rachel revirou os olhos. — Estou meio arrependida. Ele não é bom para essas coisas. Pedi que ele me ajudasse a encontrar o homem perfeito, e o que ele faz? Fica conversando com aposentados. — Baixou a voz e olhou em volta. — Alguma chance de haver algum homem decente e solteiro nesta mesa?

— Receio que dentro desse padrão não — disse Karen, rindo. — Bem, há Aidan, mas não desejaria que ele ficasse nem com minha pior inimiga. Quer dizer que você não está com Mike?

Rachel olhou-a como se ela estivesse louca.

— Mike? Não, ele é meu irmão. Você realmente não achou que eu estivesse com ele, achou?

Poucos minutos mais tarde, Mike apareceu.

— Me desculpem — disse ele, de testa franzida, olhando para Rachel. — Ela costuma ser meio... despachada.

— De jeito nenhum — disse Jenny, sorrindo, enquanto ele se sentava ao lado dela. — Vocês são mais do que bem-vindos.

— Como você conhece os noivos? — Karen perguntou a Mike. — São parentes? Ele balançou a cabeça.

— Na verdade, não os conheço. Rachel estudou enfermagem com Tessa e me pediu para vir com ela hoje. Está determinada a achar um homem e me induziu a ajudá-la. — Olhou para a irmã com um sorriso maroto.

— Não via Tessa há uns três anos, mas mantínhamos contato. Depois que nos formamos, fui trabalhar em Londres — Rachel explicou, pondo o cabelo para trás da orelha enquanto passava manteiga num pãozinho. — Não posso acreditar que ela esteja casada. Isso me faz sentir uma anciã.

Jenny pegou seu guardanapo, quando colocaram um prato com ovos e maionese à sua frente.

— Anciã? — perguntou Jenny. — Com certeza você não tem mais de vinte e quatro ou vinte e cinco anos.

— Vinte e sete — respondeu Rachel, com uma careta — e infelizmente ainda solteira — disse, balançando a cabeça, desanimada. Depois sorriu. — Aquele homem lá é bem interessante. Um pouco velho, mas estou certa de que vamos saber lidar com isso — disse, apontando na direção da mesa principal.

Jenny acompanhou seu olhar e caiu na risada.

— Aquele é o pai de Tessa!

— Oh, não o reconheci da igreja! — Rachel parecia levemente constrangida. — Acho que a senhora Sullivan não ficaria muito contente se eu tentasse seduzir seu marido no casamento da filha.

Todos riram.

— Somos amigas de Tessa em Dublin — Karen contou. — Eu dividia um apartamento com Gerry antes de ele e Tessa irem morar juntos. Este é meu noivo, Shane — acrescentou, cutucando-o. Shane fez um aceno, com a boca cheia de salada.

— Bom, uma concorrente a menos. E quanto a você? Você está com alguém? — Rachel perguntou, apontando na direção de Jenny.

Sentindo-se desconfortável, Jenny mexeu-se na cadeira.

— Na verdade, acabo de sair de um relacionamento — disse ela, desejando que Rachel não continuasse com as perguntas. — Ele se mudou para os Estados Unidos não faz muito tempo.

— Rachel, não seja tão indiscreta! — Mike a repreendeu, percebendo o evidente desconforto de Jenny. — Você não pode sair por aí fazendo perguntas íntimas para gente que acabou de conhecer.

— Não, Rachel, está tudo bem, realmente — disse Jenny sorrindo, procurando amenizar a tensão. — Acontece que não acabou bem e, às vezes, acho difícil falar disso.

— Sinto muito — Rachel parecia embaraçada. — Mike está certo. Eu não devia ser tão curiosa. É que às vezes acho que sou a única garota da minha idade que está

sobrando ultimamente. É um alívio encontrar alguém que não esteja noiva, ou casada ou planejando uma coisa ou outra — disse, rindo. — Talvez nós duas devêssemos procurar juntas um caçador de homem.

— Tenho certeza de que Jenny não está tão desesperada quanto você, Rachel — disse Mike, com certa irritação. — Não dá para deixar a garota em paz?

Rachel fez uma careta para ele.

— Não sei por que peço a ele para sair comigo — disse ela, virando-se para Karen. — Ele é tão insensível! Espere até eu contar...

Mike olhou para o alto, como que se desculpando com Jenny, quando Rachel começou a conversar com Karen.

— Sinto muito, de verdade, se ela a deixou sem jeito. De vez em quando ela age como uma menina de dez anos.

Jenny fez um gesto para dizer que aquilo não tinha importância e bebeu um gole do vinho.

— Está tudo bem, sério. Ela é uma garota encantadora. Estou feliz por vocês terem se juntado a nós. Lá no bar, achamos que vocês estavam juntos.

— Por favor! — disse ele, sorrindo. — Ela é minha irmã, eu a amo, mas alguém como Rachel seria o oposto de meu tipo.

Jenny se sentiu à vontade para perguntar qual seria o tipo dele, mas de repente se calou. Estaria louca? Mike era um cliente, e ela já havia ficado suficientemente constrangida com ele.

— E então? Barry Ferguson ainda não providenciou um novo terno para você? — perguntou ela, ansiosa para se livrar do assunto de seu primeiro encontro.

— Terno? — perguntou Mike, de testa franzida. Então se lembrou. — Ah, o famoso terno Armani. — Ele caiu na risada ao se lembrar de uma coisa. — Prometa que você não vai dizer nada, mas... — Mike fez um sinal para que ela se aproximasse, e sua nuca começou a formigar assim que ela sentiu a respiração quente dele próximo de sua orelha. — Meu “terno de grife” custa cento e cinquenta libras na Next — sussurrou, voltando a se sentar direito, enquanto ria da expressão chocada de Jenny. — Bem, eu tinha que manter as aparências com o gerente do banco, não é? Mas não se preocupe, vou acabar contando a ele a verdade — acrescentou com um sorriso. — Naquele momento, não resisti a deixar as coisas daquele jeito. Foi muito divertido, realmente. Achei que o pobre homem fosse explodir.

— Não foi divertido para mim — disse Jenny, rindo. — Nunca consegui esquecer aquilo, e continuo sendo motivo de piada no banco.

Jenny notou que Karen os observava atentamente do outro lado da mesa, enquanto ela e Mike riam juntos. Quando ela foi ao toalete, assim que terminaram o segundo prato, Jenny sabia que seria uma questão de segundos Karen vir atrás dela. E estava certa.

— Ele é o máximo! — Karen exclamou, rindo, já sob o efeito da vodca com tônica. — E parece louco por você.

— Ele não conhece ninguém mais aqui, é só isso — disse Jenny, descartando a ideia, enquanto retocava a maquiagem no espelho.

— Nã... nã... não — ao falar, Karen mal articulava as palavras. — Rachel disse que ele não parou de falar sobre você depois de seu encontro no bar.

— Foi por causa do que aconteceu no banco. Não estou surpresa por ele ter comentado o assunto com ela. Deve ter dito: “Lá está aquela idiota do banco”, só isso.

— Hum... isso é o que você diz. Mas você também gosta dele, não? — Karen a desafiava.

— Karen, ele é um cliente!

— Jen, vamos! Há normas sobre encontros com clientes fora do horário de trabalho?

Jenny balançou os ombros.

— Não concordo — disse Karen com firmeza. — Vá lá e se divirta um pouco, Jenny. Você merece. Está claro para todo mundo que ele gosta de você. Sinto dizer, mas ele não conseguiu tirar os olhos de você o dia todo — disse, olhando-se no espelho. — Eu mesma o acho bem atraente... Veja isso! O maldito chapéu achatou meu cabelo. — Pegou uma escova na bolsa e começou a pentear o cabelo.

— Karen Cassidy! Você está noiva!

— Estou só brincando. Não trocaria meu Shane por nada. Agora, falando sério — disse ela —, talvez esteja na hora de começar a se divertir de novo. Você se fechou para tudo há meses. Isso pode ser bom, você sabe disso. E ele está... bem, Roan está fora de cena agora, não está?

Jenny assentiu. A combinação de vinho e o suposto interesse de Mike Kennedy por ela a havia deixado eufórica.

— Você está certa. E o dia, até agora, tem sido ótimo — ela deu uma piscadela maliciosa diante do reflexo de Karen no espelho. — Ok, você me convenceu. Flertar um pouco vai me fazer bem.

— Boa menina! — disse Karen, batendo palmas. — Essa é a Jenny que conhecemos e amamos.

— Estou bem, então?

— Você está ótima — Karen respondeu, entusiasmada, não querendo desanimá-la revelando que aquele vestido verde de alça que ela estava usando não combinava nada com seu tom de pele. Apesar disso, Jenny parecia mais radiante e confiante, de um jeito que não a via há muito tempo. Obviamente, sair e se divertir fez-lhe um bem enorme. — Seu cabelo parece um pouco mais cheio também, desde que você o cortou.

Karen havia indicado a Jenny aquele cabelo mais curto, que seu novo cabeleireiro havia cortado e tingido alguns dias atrás.

— De todo modo, não vamos nos empolgar. Mike pode já estar envolvido com alguém, pelo que sabemos — Jenny ponderou.

Karen balançou a cabeça e disse:

— Rachel teria dito alguma coisa. Honestamente, não consegui falar com ela! Ela é engraçada, não é?

— Pobre Aidan, não parou de encará-la desde que ela se sentou em nossa mesa.

— É mesmo? Não notei. Terei de apresentá-los. Como seria bom para Aidan ter de novo uma mulher em sua vida! Pobrezinho, faz muito tempo que teve um relacionamento decente.

— Bem, a julgar pela conversa dela há pouco, estou certa de que ficaria bem contente.

— Então, vou tirar os dois de sua tristeza e deixá-los conversando. Quem sabe?! — disse Karen, voltando para o salão. — O casamento de Gerry e Tessa poderia gerar um monte de romances!

Logo depois de terminado o prato principal, começaram os discursos. O pai de Tessa, visivelmente nervoso, disse poucas, mas lindas palavras sobre como estava orgulhoso e feliz pela filha mais velha e seu marido.

Passados alguns minutos, Gerry, com o rosto ruborizado, se levantou e foi saudado com “hip, hip, hurras” vindos de todo o salão. O discurso de casamento foi, durante muito tempo, motivo de brincadeira entre Gerry e seus companheiros, e todos eles sabiam que ele estava apavorado só de pensar em ficar de pé diante de todo mundo. Sua mão tremia quando ele agarrou o microfone.

— Hum... obrigado a todos vocês por estarem aqui hoje — iniciou, com as mãos ainda tremendo enquanto tentava ler o que havia escrito.

Quando Gerry terminou, todas as mulheres solteiras que estavam na saia, inclusive Tessa, estavam em lágrimas. Até alguns dos homens pareciam ter sido tocados por suas palavras. Foi o mais romântico e comovente discurso que Jenny já ouviu e, ao ver Gerry se sentar e tomar a mão de Tessa, teve uma inveja enorme de sua amiga.

— Não pensei que Burkie tivesse essa qualidade — disse Shane, com os olhos lacrimejando suspeitosamente. Virou-se e fingiu que estava assoando o nariz. — Depois disso, cada mulher aqui presente vai desejar que fosse ela que tivesse se casado com ele.

— Foi incrível! — Jenny secava cuidadosamente os olhos com um guardanapo. — As coisas que ele disse sobre Tessa... e o modo como olhava para ela... para eles, mesmo que o salão estivesse vazio, isso não faria diferença.

E foi em poucas palavras, pensou. Durante todo o tempo em que ela e Roan estiveram juntos, ele nunca a olhou daquele jeito e, ela se deu conta, provavelmente nunca o faria. Ela se surpreendeu estudando Tessa na mesa principal. A noiva havia sorrido durante todo o dia e qualquer um podia ver como ela estava delirantemente feliz. Com toda a excitação de antes, Jenny e Karen esperavam que o casamento fosse ser mais um show para Tessa, mas agora Jenny entendia que não era nada disso. Sua amiga estava simplesmente tentando tornar o dia mais memorável de sua vida tão especial para todo mundo como era para ela. Ao ver Tessa brilhar com indisfarçável felicidade, Jenny só conseguia sentir inveja de sua amiga. Devia ser maravilhoso ser tão feliz assim, sabendo que a pessoa amada retribuía aquele amor facilmente e sem questionar. Devia ser a melhor sensação do mundo, pensou, sentindo-se de repente triste e receosa de que nunca pudesse vivenciar aquilo.

— Uma moeda por seus pensamentos! — ouviu Mike dizer, ao voltar do bar.

Olhou para ele e sorriu, pegando o copo de vinho que ele oferecia.

— Estava pensando em tudo o que Gerry disse, que ele sabia desde o início que Tessa era única para ele e como sabia, sem hesitação, que queria estar com ela pelo resto da vida. Mas como ele pôde afirmar isso? — ela ponderou. — Como é possível que alguém faça isso?

— Não acho que alguém possa fazer, de verdade. — Mike se sentou e puxou sua cadeira mais para perto. — As emoções ficam sempre mais acentuadas num dia como este, especialmente durante os discursos. As pessoas costumam dizer muitas coisas e fazer um bocado de promessas que elas poderiam não conseguir cumprir. — Mike ergueu os ombros, displicente.

— O que você quer dizer?

— Bem, é impossível saber como algumas coisas vão se desenrolar, é isso — disse ele e bebeu um gole de sua cerveja.

— Parece que você tem uma visão pobre do casamento — disse Jenny, um tanto surpresa por sua atitude cínica. — Tenho toda a certeza de que Gerry foi sincero em relação a cada palavra que disse hoje.

— É claro que sim, ele quis dizer isso tudo hoje — disse Mike calmamente. — É normal que se façam promessas neste dia. É o que acontece depois que conta e, acredite em mim, as palavras podem ser esquecidas facilmente.

Pelo tom de irritação de sua voz, Jenny resolveu mudar de assunto. Ela bebeu um pouco de vinho e olhou para Karen e Rachel, que conversavam tranquilamente, no outro lado da mesa.

— Rachel ainda trabalha em Londres? — perguntou ela, de modo casual.

— Não — disse Mike, balançando a cabeça —, ela se mudou para cá há alguns meses. Agora trabalha no Mater e está morando comigo até arranjar um lugar só dela —

respondeu, levantando os olhos. — Tomara que seja logo, porque vou lhe dizer: Rachel é uma das pessoas mais desorganizadas e bagunceiras do mundo. Às vezes acho difícil acreditar que tenhamos nascido dos mesmos pais — ele riu. — Ainda não consigo acreditar que Rachel se tornou enfermeira. Ela é tão descuidada que nunca vou entender por que alguém, com sã consciência, empregou minha irmãzinha num hospital. Imagine confiar em pessoas como ela para dar remédios.

— Isso é bem coisa de irmão mais velho! — disse Jenny, rindo. — Provavelmente você ainda a vê como sua tola irmãzinha, incapaz de fazer “coisas de adulto”. Sou assim também com meus irmãos mais novos. Mas Rachel não conseguiria passar por todos aqueles anos de treinamento se fosse tão ruim. Aposto que ela é brilhante no trabalho. Olhou para ela, e Rachel estava movimentando os braços animadamente enquanto conversava com Karen e Shane. — Ela parece ser excelente com pacientes; muito amiga e gosta de conversar. Provavelmente todos a adoram.

— Talvez. Mas posso dizer uma coisa: você nunca vai me pegar perto do Hospital Mater se Rachel estiver trabalhando. Prefiro sofrer a deixar que ela se aproxime de mim.

Riram. Depois permaneceram em silêncio, enquanto a garçonete retirava a mesa.

Jenny pôs as mãos no estômago e afundou na cadeira.

— Graças a Deus! A visão de toda aquela comida já estava me deixando enjoada.

— Você quer sair para dar uma volta? — Mike perguntou, encostando na cadeira e sufocando um bocejo. — Acho que exagerei na comida, e os jardins são lindos aqui.

— Boa ideia! — Jenny pegou sua bolsa e a echarpe. — Vai ser bom esticar as pernas.

O ar estava mais frio com a aproximação da noite. Jenny enrolou a echarpe fina nos braços e apertou-a junto ao peito. Ela tremia.

— Está um pouco frio — disse ele. — Você quer entrar?

— De jeito nenhum. Vou me aquecer assim que começar a andar — respondeu, espantando a preocupação de Mike. Para sua surpresa, frio ou não, ela queria ficar sozinha com ele.

Caminharam por algum tempo, conversando cordialmente sobre os acontecimentos do dia, e Jenny não sabia bem por que, mas, depois de algum tempo, percebeu que estava dirigindo a conversa para o assunto anterior: o discurso de Gerry.

— Estou curiosa sobre o que você disse sobre casamento. O que você tem contra? — perguntou simplesmente.

Percebeu que Mike ficou tenso e suspeitou que fora muito precipitada. Ela deveria ter se contido.

— Sinto muito, Mike. Esqueça o que eu disse. — Então, lembrando aqueles comentários e sua reticência em falar deles, veio uma súbita compreensão. Você é casado, não é? — perguntou, olhando diretamente para ele.

Mike nada disse por um momento, e Jenny, inexplicavelmente, sentiu uma onda de decepção fluir através dela, ante a suspeita de que ela estava certa.

— Eu fui casado — ele confirmou —, porém não sou mais.

— Ah! — exclamou. Ela queria saber mais, no entanto, ao mesmo tempo não desejava perguntar. Era viúvo, separado? O que teria acontecido?

— Sou divorciado — disse ele, respondendo a sua pergunta não formulada — há dois anos.

— Ah! — fez Jenny de novo.

— Não tem importância — disse ele, ao perceber seu constrangimento. — Isso foi há muito tempo. Mas a experiência me tornou um tanto cético sobre os votos do casamento.

Jenny assentiu. A mulher devia tê-lo abandonado ou enganado, pensou.

— Posso imaginar. Sinto muito. Agora estou me sentindo muito mal. Não pretendia ser indiscreta, pois mal conheço você...

— Esqueça isso, Jenny. Sinceramente.

Ela se sentia péssima. Por que teve que ser tão abusada? Provavelmente ele devia estar pensando que ela era uma intrometida.

— E então? — perguntou Mike com um sorriso. — Olho por olho, dente por dente. Você disse que acabou de sair de um relacionamento sério. Qual é sua história?

Jenny estava satisfeita por ele não ter ficado aborrecido com sua curiosidade.

— Não há uma história, e ela nem foi tão séria, pelo menos não para ele — acrescentou com um riso nervoso. — Eu o peguei me traindo, mas tenho quase certeza de que ele vinha fazendo isso desde o começo e durante todo o tempo em que estivemos juntos. Eu não acreditava nisso, simples assim. — Para sua surpresa, ela se sentiu libertada por suas próprias palavras. Inacreditavelmente, ela conseguiu admitir isso em voz alta, não apenas para si, mas também para um completo estranho, que seu relacionamento havia sido uma fraude.

— Sei que isso talvez soe clichê — Mike disse, olhando-a meio de lado —, mas ele é um perfeito idiota, seja ele quem for. Não consigo imaginar por que alguém sentiria necessidade de ser infiel se estivesse mantendo um relacionamento com uma pessoa como você.

— Você tem razão — disse ela, rindo —, é de fato clichê! Mas obrigada. De todo modo, é ótimo ouvir.

Ficaram conversando mais um pouco, e Jenny constatou que ela estava certa quando pensou que a mulher o abandonou.

— Vivemos juntos durante alguns anos antes de nos casarmos. Eu estudava em Londres, e nos conhecemos na faculdade — contou Mike. — Rebecca era na verdade minha professora, acredite ou não. Moramos em Londres durante os primeiros anos. Criei a InTech logo depois que nos casamos. Foi muito difícil no início, pois ficava pouco em casa e vivia sob forte pressão por causa dos negócios. Acho que Becky se entediava. Desistiu de trabalhar depois do casamento e parecia alimentar o desejo de começar imediatamente uma família. Na verdade, isso era uma tolice. Imagine algo assim ser resolvido sem planejamento! E nós nunca havíamos conversado sobre isso. Achava que ela sabia que a empresa seria minha prioridade, pelo menos por algum tempo. Discutimos muito, principalmente sobre...

— Você não queria filhos até que o negócio estivesse desenvolvido e funcionado bem, não é? — Jenny concluiu. — Isso parece bastante razoável.

Mike assentiu e continuou:

— Também penso assim, mas Rebecca é um pouco mais velha que eu e seu relógio biológico estava indicando que aquela era a hora. — Por um momento, ele ficou olhando tristemente para longe e, então, continuou: — Ela estava determinada a engravidar, gostasse eu ou não. Um dia, casualmente, descobri que ela havia parado de tomar pílula. Entrei em parafuso, Jenny! Eu não estava pronto para ter uma família. Uma criança iria me deixar sob o dobro de pressão para fazer a empresa dar certo, mas Becky não conseguia entender isso. Falamos sobre Isso tantas vezes que no final ela concordou em esperar mais uns poucos anos ou pelo menos até que eu estivesse seguro de que a InTech seria viável. Quando disse “concordou”, quis dizer “muito relutante” —

acrescentou. — E então... não demorou muito para que as coisas ficassem muito desgastadas ente nós.

Jenny pensou que podia adivinhar o fim da história.

— Ela se ressentiu por ter que esperar, e você ficou de lado?

— Foi algo parecido — disse ele com voz rouca. — De todo modo, para encurtar a história, ela acabou me deixando por outra pessoa.

Ele disse isso de um modo que Jenny entendeu que Mike, apesar de seus protestos de antes, ainda estava muito magoado.

— Seu casamento durou muito?

— Quatro anos — disse ele. — É estranho, não? Ficamos juntos muito tempo antes de casar, e de repente tudo acabou, exatamente assim.

— Sinto muito, Mike — disse Jenny notando sua mágoa. — Imagino como deve ter sido difícil para você.

Ele nada disse, e seguiram andando em silêncio, perdidos em seus próprios pensamentos.

— Acho que é melhor voltarmos — disse ele, finalmente. — A banda vai começar a tocar logo.

— Até havia me esquecido! — comentou Jenny, olhando as horas. — A grande surpresa!

— Que surpresa? — Mike perguntou, já meio sem ar, enquanto ela o arrastava até o hotel.

— Você não adivinha quem Gerry chamou para tocar no casamento — disse, excitada. — Mal posso esperar para ver a cara de Tessa! Rápido, rápido, antes que cheguemos tarde!

Quando entraram no salão de baile, o gerente do hotel já anunciava no microfone:

— Senhoras e senhores, temos um grande presente para todos vocês esta noite. Fugindo do habitual, Gerry Burke moveu céus e terra para proporcionar esta grande festa como presente de casamento para a senhora Burke!

Jenny viu quando Tessa, surpresa, suspendeu a conversa que estava tendo com um dos convidados e passou o olhar pelo salão, para saber do que se tratava. Quando viu Gerry, que estava no outro lado, ele deu uma piscadela para ela.

— Espere até que ela ouça o resto! — disse Jenny, toda alegre, voltando para sua mesa.

— Sem mais estardalhaço e atendendo a um pedido especial da senhora Burke, uma de suas maiores fãs, tenho o enorme prazer de apresentar-lhes o grande, o único, senhor Joe Dolan!

28.

SHANE ESBARROU NO pé de Karen com o aspirador, enquanto tentava sem sucesso limpar o carpete abaixo dela.

— Você não quer se mexer, não? Eles logo vão estar aqui.

Karen virou a página da revista que estava lendo e levantou o olhar para ele, estreitando os olhos.

— Shane Quinn, se eu soubesse que era reclamão assim, nunca teria vindo morar com você e, muito menos, me casaria com você. Sinceramente — disse para provocá-lo —, você parece uma galinha, andando de lá para cá, limpando e lustrando tudo. Se não

o conhecesse bem, juraria que você é gay — brincando, ela deu um tapinha em sua coxa.

— Vamos lá, Karen. Faça um esforço, pode ser? Temos visitas, estou tentando fazer que isto aqui fique com uma aparência ao menos respeitável, e tudo o que você faz é ficar sentada aí me atrapalhando. — Fingindo severidade, entregou-lhe uma toalha e uma garrafa térmica. — Pegue, tire o traseiro daí, largue essas revistas e arrume a mesa do café.

— Está bem, mamãe. — Karen, com alguma relutância, se levantou do sofá. Olhando para o relógio acima da lareira, disse: — Shane, ainda são duas horas! Mike e Jenny vão levar pelo menos uma hora para chegar, e você sabe como Tessa e Gerry são com horário. Relaxe.

Exatamente nesse momento soou a campainha.

— Droga! — Shane a tirou do caminho com o pé e foi atender à porta. O trânsito não deve estar tão ruim como eles pensavam.

Karen balançou a cabeça, rindo. Shane parecia ansioso com a visita de Mike e Jenny. Estava obviamente tentando causar boa impressão a Mike Kennedy. Shane gostou dele no dia do casamento e, embora não quisesse admitir, Karen achava que sabia por quê. Mike era um torcedor fanático do Liverpool Futebol Clube, e Shane, um fã de muitos anos do Manchester United, estava ansioso para encontrar alguém que gostasse de futebol como ele. E Mike ainda tinha duas cadeiras cativas no estádio Anfield.

Karen ouviu um grito vindo da porta.

— Oi, pessoal!

Foi até lá e viu uma Tessa bronzeada e radiante envolvendo Shane num grande abraço, enquanto Gerry os olhava.

— Senhor e senhora Burke! — disse Karen, beijando Gerry no rosto. — Bem-vindos ao lar! Como estava Bali?

— Oh, Karen — disse Tessa, exultante —, você não vai acreditar! É o lugar mais fantástico que já vi. O hotel, fabuloso, e o tempo... achei que fosse sair de lá assada!

— Bem, você tomou um bocado de sol mesmo. Achava que as pessoas em lua de mel não ficavam expostas ao sol tempo suficiente para ficar bronzeada assim!

— Não se preocupe, pois também houve muito mais do que isso — disse Tessa rindo, enquanto caminhava para a cozinha. — Fizemos quase de tudo lá, não foi, Gerry? — acrescentou com uma piscadela. Gerry, ruborizado ao máximo, sentou-se à mesa da cozinha.

— Depois eu conto — murmurou Tessa, enquanto Karen a olhava com ar inquisitivo.

— Então, há novidades? O que perdemos enquanto estávamos longe? — perguntou Tessa, olhando ansiosamente de Karen para Shane.

— Bem, você já sabe sobre Jenny e o delicioso Mike Kennedy. Conteí por telefone.

— Sim, mas você não me disse mais nada. Só me encontrei com ele por um ou dois segundos no casamento. Nem sabia que ele é irmão de Rachel. Como ele é?

— Lá vamos nós... — disse Shane, suspirando — hora da fofoca! Vamos, Gerry — pegando duas cervejas da geladeira —, vamos para a sala e deixar essas duas fofocando.

— Gostei da ideia — respondeu Gerry, seguindo-o.

Karen abriu uma garrafa de vinho e pegou duas taças do armário, estendendo uma na direção de Tessa.

— Pelo que estou vendo, ele é o máximo. E também está louco por ela.

— E isso é bom ou ruim? — perguntou Tessa, franzindo a testa. — Sei que já faz tempo, mas será que nossa Jenny está preparada para se envolver com alguém?

— Para ser franca, também tenho dúvidas — respondeu Karen. — Mas seu casamento foi ótimo para ela, era o bom motivo de que ela precisava para sair de casa e recomeçar a vida.

— E aí? Qual é a história dele? Ele é mais velho que nós, não?

— Tem trinta e cinco anos. É divorciado, parece que a mulher o deixou por outro. Gostaria de ver o sujeito com quem ela está agora, para ter abandonado um homem como aquele.

— Na certa não é bom de cama! — disse Tessa, rindo.

— Bem, comparado com aquela insignificância do Roan Williams, diria que ele é um demônio nos lençóis — disse Karen, com amargura. — Recentemente Jenny me contou que ela e Roan já não faziam sexo muito antes de terminado o relacionamento.

— O quê? — Tessa até tirou os óculos. — Do modo como se exibia, eu diria que ele era uma dádiva divina.

— Pode ter sido, sim, mas para qualquer uma, menos para Jenny.

Fiquei com tanta pena dela naquela noite — disse Tessa, balançando a cabeça.

— Achei que ela não ia superar. Como ela conseguiu aguentá-lo por tanto tempo?

— Suponho que para ela foi mais difícil enxergar do que para nós. A realidade simples é que ela o amava e, quem sabe, ainda o ame, a seu modo. Mas o principal é que agora ele está fora de sua vida e esse encontro com Mike talvez seja a melhor coisa para ela.

— Bem, suponho que até seja bom ele ter tido alguma experiência com relacionamentos ruins, com o divórcio e tudo o mais — disse Tessa. — Você acha que pode se tornar um namoro sério?

— Não sei se há alguma coisa entre eles. Sei que desde seu casamento eles têm passado bastante tempo juntos, e parece que estão se dando muito bem. — Karen tomou um gole de vinho. — Devo admitir, não conseguia ver Jenny com ninguém até muito tempo depois de Roan, mas conhecendo Mike posso entender por que ela gosta dele. Ele é um homem encantador, exatamente o oposto de Roan, o Rato.

— Você o odeia, não? — perguntou Tessa, rindo.

— Desde o primeiro dia — disse Karen, com firmeza. — Tentei fazer o que pude quanto a isso, por causa de Jenny, mas sempre havia alguma coisa sobre ele que realmente... não sei... que me tirava do eixo. Ele é bonito, não há como negar, mas ao que me parece é um tipo traiçoeiro. Ainda não consigo imaginar como ele e Shane se davam tão bem.

— Parece que Gerry também não se dava com ele — disse Tessa —, e quando ele fez aquela sujeira com Jenny, quando contei, ele queria ir atrás de Roan.

— Gerry é um amor! Pois não queria fazer a mesma coisa aquela vez, com Shane e Lydia?

Tessa torceu o nariz ao se lembrar disso.

— É, mas foi diferente. Nesse caso, Lydia foi a culpada. Vagabunda!

— Concordo — disse Karen com veemência, levantando o copo e brindando com Tessa. E riu. Ouvi dizer que ela ficou mal por não ter conseguido um convite para o casamento.

— Como se fôssemos convidar aquela zinha! Provavelmente acabaria fazendo uma cena ou qualquer coisa para me tirar dos holofotes.

Karen quase derramou seu vinho.

— Deus não permita que alguém possa tirar seu brilho, Tessa Sullivan! — disse ela, rindo.

— Agora, senhora Tessa Burke, muito obrigada — disse Tessa, num tom afetado, de nariz empinado, ao estender o anel de casamento na direção de Karen.

— Isso é estranho! — disse Karen. — Vai ser difícil me acostumar.

— Não tão estranho quanto Karen Quinn vai soar quando quer que seja. — Tessa parou de rir quando viu o rosto de Karen ficar sério de repente. — Ei, está tudo bem? — perguntou, tocando de leve o braço da amiga.

— Oh, Tessa, não sei — disse Karen num suspiro, olhando para o fundo do copo. — Parece que as coisas com a família de Shane ultimamente estão indo de mal a pior.

— Você se refere às crianças? Ainda estão deixando você maluca?

— Não é apenas isso e, acredite em mim, que isso já é suficientemente ruim — disse, revirando os olhos. — Marie esteve aqui com sua ninhada no último fim de semana e não parou um minuto de falar para marcarmos a data e “fazer a coisa decente”. E seguiu dizendo como era bom ser jovem e desfrutar seus filhos quando pequenos, e como Shane e eu íamos querer “ter os nossos” logo. Argh! Tive vontade de estrangulá-la — percebeu então que Tessa a olhava com ar divertido. — Sei que pode soar engraçado, mas na realidade não é nem um pouco divertido. Se você estivesse no meu lugar, estaria sentindo exatamente a mesma coisa.

— O que não entendo é como permite que eles continuem com isso — disse Tessa. — Não consigo imaginar você com medo de colocá-los no seu devido lugar. Se for esse o caso, é a primeira vez, desde que a conheço.

— É, mas eles são a família de Shane, não são? Eu não posso simplesmente dizer a eles para onde ir.

— Mesmo assim — disse Tessa — tenho que admitir que estou surpresa por você deixar acontecer.

— Não é só isso, Tessa — e Karen suspirou de novo —, lembra-se do que disse sobre Jack, o irmão da Inglaterra? Bem, ele tem passado um bocadinho de tempo aqui ultimamente. Ele é arquiteto e está trabalhando em algum projeto em Sandymount.

— Certo, e você não gosta muito dele, não é?

— Acho ele um metido, para dizer pouco — Karen respondeu. — De todo modo, sempre que está em Dublin, ele simplesmente aparece para ficar aqui, quer a gente queira ou não.

— Entendo — disse Tessa — ‘e você não está nada feliz com esse acordo, não é?

— Esse é o problema — lamentou-se Karen com irritação. — Não há acordo nenhum. Ele simplesmente aparece na porta com uma mala, quando dá na telha. Nunca telefona antes, apenas tem certeza de que vamos ficar felizes em hospedá-lo.

— E o que Shane pensa disso?

Karen olhou para a porta da cozinha e com voz baixa disse:

— E aí que piora. Shane nunca vai dizer nada a ele, porque Jack tem sido “tão bom para nós!”. Ele pensa que devemos dar casa e comida por ter-nos ajudado com a hipoteca. Você pode acreditar? — Seu rosto estava vermelho de raiva. — Tudo isso está me deixando maluca! Gosto de ter minha privacidade, Tessa, e não me passa pela cabeça ter a família de Shane batendo a nossa porta quando bem entendem. A mãe dele fez a mesma coisa na semana passada. Nellie resolveu tomar um chá depois de suas compras no shopping e apareceu sem nos avisar ou procurar saber se íamos estar em casa ou não! Isso me deixa tão frustrada, porque a casa é nossa e somos nós que

pagamos a hipoteca, só nós, todo mês! Meu Deus! É como estar na máfia ou coisa parecida!

— Calma, calma — disse Tessa suavemente. — Não quer que Shane a escute, não é?

— Quer saber? A esta altura, nem me importaria se escutasse ou não — Karen se serviu de mais vinho, dando em seguida um grande gole. — Sabe, ele também tem sangue de barata!

— E vocês já conversaram? Você disse a ele que não se sente à vontade de ter que receber Jack quando lhe convém?

— Não importa — disse Karen. — Não faria a menor diferença. Para Shane, Jack é o Grande Irmão Maravilhoso. O que penso não importa.

— Karen, você precisa tentar resolver o quanto antes. Se você está se sentindo infeliz agora, como vai estar quando estiverem casados? Sei que podem dizer que você vai se casar com ele e não com a família, mas no seu caso não me parece que isso seja verdade.

— Sei disso — disse Karen, levantando-se. — Ameaço me sentar com ele e dizer tudo, com calma. Mas você sabe como somos. Qualquer problema que temos só é resolvido depois de um enorme arranca-rabo — ela suspirou. — Se acabarmos brigando, tenho medo de dizer algumas coisas de que poderia me arrepender, como insultar aquela corja Quinn.

— Bem, tome cuidado para que não ocorra isso. Saiam para jantar uma noite dessas e conversem — sugeriu Tessa, sorrindo. — Nem mesmo alguém como você vai querer fazer uma cena num lugar público, não é? O que acha da ideia?

— Pode ser — Karen não parecia convencida. — Fico doente de falar de todas as minhas desgraças. Só estou deprimindo a mim e a você.

— É verdade — disse Tessa, fingindo bocejar. Então sorriu. — Falando sério, Karen, resolva isso. Não vai Lazer nenhum bem ficar remoendo e pode ficar pior se você deixar que a coisa a envenene.

— Ok, senhora Burke, prometo — disse Karen, levantando o copo. — Vou tentar marcar uma noitada no próximo fim de semana ou algo assim. — Olhou para o relógio e pegou seu copo, dizendo: — Vamos entrar e nos juntar aos rapazes. Jenny e Mike devem chegar logo, e então você e Gerry poderão nos contar tudo sobre Bali.

— HÁ UM COISA que estou morrendo de vontade de descobrir desde seu casamento — disse Mike, virando-se para Gerry, sentado na poltrona à sua frente. — Como raios você conseguiu trazer Joe Dolan para tocar?

— Você não quer dizer por que raios? — comentou Karen, rindo, com o vinho já fazendo efeito.

Ela e Tessa — na verdade, mais ela — haviam quase terminado uma segunda garrafa de vinho na hora em que Jenny e Mike chegaram. Jenny estava absolutamente radiante aquela noite, pensou Karen. Obviamente, aquele tempo ao lado de Mike tornou seu mundo melhor. Não havia parado de sorrir desde que entrou ali.

— Por que... exatamente o que pensei — foi a resposta de Shane, que piscou para Tessa.

— Mas o que é isso? — Tessa deu um cutucão em Shane e continuou: — Vocês têm que admitir que ele estava totalmente brilhante aquela noite. Todo mundo dançava na pista.

— Minha tia Molly é uma grande fã dele - disse Gerry respondendo à pergunta de Mike. — Ela o conhece bem e resolveu tudo para mim.

— Deve ter custado uma fortuna — comentou Mike, admirado, balançando a cabeça.

— Nada disso, porque a data coincidiu com uma apresentação dele na cidade na mesma noite e ele concordou em dar uma escapada por uma hora, como um favor a Molly. Dei a ele então uns trocados... e um pedaço do bolo de casamento — acrescentou com uma piscadela.

— Achei que ele foi brilhante — disse Jenny, que estava confortavelmente sentada no sofá ao lado de Mike. — Você precisava ter visto sua cara, Tessa. Parecia uma verdadeira pintura! Nunca a havia visto tão surpresa!

Tessa olhou para Gerry amorosamente:

— E tudo graças ao meu marido. Ele fez tudo certo aquele dia.

— Fale da lua de mel, Tessa — pediu Jenny — Foi fantástica?

Se foi! — respondeu Tessa com uma maliciosa piscadela. — Foi absolutamente fantástica!

— Oh! Não estou me referindo àquilo! — disse Jenny, levemente ruborizada, ao perceber sua não intencional pergunta de duplo sentido. — Quis dizer o local em si. O que você achou?

— Realmente maravilhoso, não é, Gerry? Tenho que admitir que, quando desci do avião, depois de dez horas de voo até Bangcoc e outras quatro horas para chegar a Bali, não me importava nada com o lugar, só queria dormir durante uma semana. E então...

— Então fomos para o hotel — concluiu Gerry.

— Meninas, era o lugar mais fantástico que já havia visto! — exclamou Tessa. — Disse a mim mesma: “Meu Deus! É assim que as estrelas devem viver”. Nunca vou me esquecer da nossa primeira vista ao entrar ali.

— Onde vocês ficaram? — Mike perguntou, pegando um punhado de amendoins de uma tigelinha na mesa de centro.

— No Hilton — Gerry disse. — Era tudo tão exótico; estátuas orientais e fontes por toda parte. E o interior do edifício era simplesmente maravilhoso: muito dourado e detalhes em portas, paredes, todo lugar.

— Era o Paraíso Encontrado, não Perdido — acrescentou Tessa. — E o hotel tem praia particular — não havia quase nada mais por ali.

— Soa como um paraíso, é verdade — disse Shane, pensativamente. E, virando-se para Karen: — E para onde iremos em nossa lua de mel, amor?

Jenny deixou escapar um gritinho de alegria.

— Isso quer dizer o que estou pensando? Vocês finalmente marcaram a data?

Karen balançou a cabeça e captou um relance de olhar de Tessa.

— Não, Jenny — disse calmamente —, não marcamos. Shane está apenas pensando alto, não está?

— Acho que ela está mesmo com segundas intenções comigo. — Shane gracejou, mas seu sorriso não combinava bem com os olhos.

— Que pena! Mas a data não importa. A verdade é que gostei muito do casamento de vocês.

Rindo, Tessa fez um comentário jocoso, na esperança de mudar de assunto, para bem de Karen.

Jenny percebeu sua intenção e deu um sorriso leve.

— Foi tudo bem — disse Jenny, olhando para Mike —, até encontrei este rapaz, que não me larga desde então. Simplesmente fica me seguindo aonde quer que eu vá e não me deixa sozinha um minuto. — Mike deu um leve beliscão em sua perna, e ela respondeu com uma careta.

Karen foi até a cozinha em busca de mais bebida, e Tessa a seguiu.

— E aqueles dois, hein? — disse, enquanto pegava outra garrafa de vinho da geladeira. — Eu disse, não disse? Eles estão completamente encantados um pelo outro.

— Mas isso é ótimo! — disse Tessa. — Isso significa que ela finalmente superou a crise com Roan, não é? Que coisa boa, e Mike é um amor! Tenho que admitir que realmente não acreditei quando você me disse que ela havia voltado a si.

— Você notou que ela não parou de rir desde que chegou aqui? — disse Karen, brigando com o abridor de garrafa.

— Quem não parou de rir? — Jenny perguntou, entrando na cozinha.

— Você... e o delicioso senhor Kennedy. — Karen lhe entregou uma garrafa de vinho recém-aberta. — Pegue outra taça no armário e sente-se aqui um instante. Tessa está louca para saber todas as novidades.

— Não há novidades — disse Jenny, acanhada. — Somos apenas amigos, isso é tudo.

— Jenny Hamilton, a senhora está mentindo! — disse Tessa, rindo. — Vi os olhares que vocês dois trocavam. Não me venha com essa bobagem de “apenas amigos”.

— Sinceramente... é só isso. Ele é divertido, e realmente gosto de estar com ele, mas não estou interessada em Mike desse jeito.

— Não está interessada.., você está maluca, garota! O que há nele para não gostar, pelo amor de Deus? Ele é deslumbrante!

— Mas simplesmente não há nada entre nós, apenas amizade.

— Tem certeza de que ele também pensa assim? — perguntou Karen. — Porque me parece que ele está mais do que um pouco interessado em você.

— Definitivamente não — disse Jenny, balançando a cabeça. — Nós nos damos muito bem, mas é só. Ele ainda ama Rebecca, sua mulher, ou melhor, ex-mulher. Acho que é por isso que nos damos bem, pois não há expectativa, pressão, nada disso.

— E o que você ainda sente por Roan? — Tessa perguntou.

— Para ser franca, quase nem tenho pensado nele nos últimos dias. Não me olhe desse jeito. É verdade! — disse, com um sorriso. — Relembrando tudo agora, Roan nada tinha a ver comigo, estou finalmente começando a perceber.

— Bem, acho isso ótimo — disse Tessa, dando-lhe uns tapinhas no ombro.

— Estes últimos meses não devem ter sido nada fáceis para você.

— Também acho — disse Karen. — Bom para você, Jenny Hamilton. Como era de esperar, não fica muito tempo sem um homem bonito por perto.

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse, Karen? — disse Jenny, arregalando os olhos. — As coisas não são assim com Mike.

— Está bem, acreditamos em você — disse Tessa com ironia.

— Meninas, acho que isso pede um brinde — dizendo isso, Karen levantou seu copo de vinho.

— A que brindamos? — perguntou Jenny.

— A nós — respondeu. — Em primeiro lugar a Tessa, a nova senhora Burke!

E os três copos se tocaram.

— E a Jenny e seu senhor Maravilha!

Jenny sorriu, enquanto faziam o novo brinde. Ela e Tessa ainda mantinham seu copo no alto, mas Karen já estava dando um grande gole no seu.

— E quanto a você? — perguntou Jenny, surpresa, esperando que Karen brindasse seu futuro casamento.

— Sim — disse Karen, olhando para elas muito séria, enquanto colocava seu copo firmemente na mesa. — O que está acontecendo comigo?

JENNY VERIFICACA A LISTA de nomes do relatório que Marion lhe entregou. O documento informava as contas que haviam ultrapassado o limite de crédito, e Jenny tremeu ao perceber que a maioria desses clientes haviam tido o limite autorizado por ela.

Ótimo, pensou, vendo uma pilha de cartas de “conta em débito” para cobrar, assim como tudo o mais que tinha que fazer naquele dia. Teria que ser dura com alguns desses sujeitos, pensou, fazendo careta, ao olhar a lista de novo. Não era a primeira vez que esses nomes apareciam nesse relatório.

Jenny se assustou ao ouvir o toque do telefone.

— Jenny, linha dois.

— Obrigada, Jackie. Quem é... — ela se calou ao notar que a recepcionista já havia desligado. Balançou a cabeça ao pegar o fone. A garota foi tão brusca! Não deu a Jenny nem sequer tempo para pensar em quem estaria ligando. Conhecendo Jackie, essa ligação poderia até nem ser para ela.

— Alô, aqui fala Jenny Hamilton — disse ela com cordialidade.

Uma voz bastante agitada chegou a seu ouvido:

— Gostaria que alguém aí, por favor, me explicasse por que meu cartão de crédito foi recusado em Brown Thomas exatamente agora. Sou cliente desse banco há trinta anos e simplesmente não estou disposta a suportar esse tipo de desconsideração. Eu estava com meu vizinho e, honestamente, nunca fiquei tão constrangida diante de alguém...

Jenny fez uma careta, enquanto a cliente continuava falando. Ela estava certa. Aquela ligação não devia ter sido passada para ela. Autorização de cartão de crédito era atribuição do setor de Serviços de Cartão de Crédito, e Jackie devia ter encaminhado a chamada da cliente para lá. Ela não teve alternativa senão interromper a falação da mulher.

— Sinto muito, senhora, sua ligação foi passada para a pessoa errada. Pode esperar um momento, por favor?

— Esperar? Esperar? Estive esperando durante os últimos de minutos! — a voz já descontrolada da mulher ficou histérica. — Agora, ouça aqui você, senhorita. Não vou ser descartada por você e encaminhada para outra pessoa, que não sabe o que está acontecendo. Quero que você ligue para Brown Thomas agora mesmo para explicar a situação e exijo que me seja enviada, até o final do dia, uma carta de desculpas assinada pessoalmente pelo gerente do banco. É um absurdo! Talvez eu tenha passado um pouco do limite, mas...

Jenny gemia por dentro enquanto a mulher falava sem parar. Pelo que ouvia, ela devia tentar resolver o problema imediatamente — a mulher ameaçava processar o banco. Uma ligação rápida para o Serviço de Cartões deixou claro que ela passou consideravelmente mais do que “um pouco do limite” e, por um acaso, nem era cliente da sucursal de Jenny. Depois de ouvir aquele sermão sobre política bancária e como “os cachorros na rua conseguiam crédito naqueles dias”, Jenny finalmente conseguiu pacificar a mulher, assegurando-lhe que o banco iria “reavaliar suas exigências de crédito”. Ela suspirou ao pôr o fone na base. Honestamente! Precisava pedir a Marion que tivesse uma conversa com Jackie. Deus sabia onde suas próprias ligações teriam ido parar. Segundos depois sua extensão soou de novo.

—Jenny, a linha três estava esperando que você atendesse há anos! Ele não podia esperar mais, por isso tive que pegar o número dele. Você pode retornar a ligação?

Jenny resistiu à vontade de mandar Jackie para aquele lugar. Não adiantaria nada. Assim que Jackie lhe passou o número, ela imediatamente reconheceu que era o telefone direto de Mike, na InTech. Ele atendeu ao segundo toque e, ao ouvir sua voz, Jenny sentiu um calor percorrer todo o seu corpo.

— Oi, Mike, sou eu — disse ela.

— Olá! Já era tempo! — Jenny sabia que ele estava sorrindo enquanto falava.

— Desculpe, mas não tive culpa — disse ela, se acomodando na cadeira, pronta para bater papo. — Jackie Supertroca ataca novamente.

— Achei que podia ter sido ela — comentou ele, rindo. Já havia ouvido casos sobre a recepcionista do banco. — Onde você acabou indo parar?

— Nem queira saber — disse secamente. — E então, o que aconteceu? Está ligando só para bater papo ou o alto e poderoso diretor da empresa de software mais dinâmica da Irlanda teve um problema de fluxo de caixa?

— Muito engraçado. Mas pode bem ser o caso depois de hoje. Ouça, não posso me alongar, mas preciso lhe pedir um favor.

— Pode falar. — Enquanto ela ouvia, começou a rabiscar num bloquinho de anotações amarelo.

— Vou ver algumas casas em Blackrock esta tarde e gostaria de saber se você quer ir comigo para dar uma olhada e depois me dizer o que achou.

Desde que se mudou para a Irlanda depois do divórcio, Mike estava vivendo no que ele chamava de seu “apartamento de solteiro”, um duplex alugado em Shankill. Ele estava ansioso para se mudar para mais perto da cidade e dos escritórios empresariais, que estavam localizados no Sandyford Industrial Estate. Com os preços das casas subindo a níveis alarmantes por todo o país, mas especialmente em Dublin, e com o sucesso crescente da empresa, Mike sentiu que era hora de comprar um lugar para ele. Até o momento, ele havia visto casas nas redondezas de Cabinteely e Dun Laoghaire, mas Jenny sabia que ele estava especialmente interessado em Blackrock, por sua proximidade da cidade e dos escritórios da InTech.

— Ótimo! Adoraria ver como a outra metade vive — provocou Jenny, por ser Blackrock um dos subúrbios mais prestigiados e valorizados do mercado. — Vou terminar aqui por volta das cinco. A que horas vou me encontrar com você?

— Por que não a pego depois do trabalho e vamos direto daí? Podemos comer alguma coisa mais tarde. Ou você prefere passar antes em seu apartamento?

— Não, está ótimo. Vejo você daqui a pouco então.

— Beleza! — Mike estava contente. — Você sabe como valorizo seu fino gosto e sua opinião, Jennifer — prosseguiu ele, forçando um sotaque pedante do sul do condado de Dublin, que para Jenny não combinava nada com sua personalidade despretensiosa e sensível e sua formação exatamente do outro lado, da região norte.

— Está certo, está certo — guarde isso para mais tarde — disse ela, rindo, ao desligar o telefone, já ansiosa pelo passeio. Depois de um dia como aquele, pensou, olhando a pilha de arquivos em sua mesa que exigiria muita atenção, ela merecia se divertir um pouco. E Mike era sempre garantia de diversão. Jenny pegou um arquivo e ligou o ditafone, a fim de ditar a primeira das cartas que ela precisava enviar naquele mesmo dia.

Pouco depois das cinco, Jenny já estava fora do banco e olhava a rua para cima e para baixo. Sorriu ao ver o carro de Mike do outro lado. Nunca deixava de se admirar do fato de Mike dirigir um daqueles carros Smart pequenos, quando poderia facilmente

comprar um Audi ou um Mercedes. Mas esse era Mike, pensou, enquanto ele manobrava para apanhá-la. Ele lhe disse que não tinha interesse em possuir um carro enorme, que só precisava de “lugar suficiente para ele e seu laptop”. Jenny em vão se perguntava se o mesmo critério se aplicaria à compra de uma casa.

Ela abriu a porta do carro e, ao se sentar, sentiu o cheiro de loção pós-barba.

— Puxa! Você tem um encontro esta noite ou algo assim? — provocou-o, acomodando-se no assento de passageiro. — Qual é a história do frasco cheio de Brut?

— Você não gosta? — perguntou, fingindo estar ofendido. — A vendedora me disse que as mulheres se atirariam a meus pés se eu a usasse. Mas a loção não é Brut. Não consigo me lembrar do nome, mas começa com algo parecido com Packie.

— Só se usasse todo o frasco, talvez — disse rindo —, e acho que você quis dizer Paco Rabanne, não?

— Hum! Nunca confie numa mulher apontando um frasco de perfume para você experimentar — retorquiu, mergulhando no tráfego.

— Onde ficam as casas mesmo? — quis saber Jenny para ter uma ideia da extensão do trânsito que teriam pela frente. — Você disse Blackrock, mas não exatamente onde.

— O corretor vai nos mostrar duas casas — uma na Newtownpark Avenue e outra perto da beira-mar.

— A da Newtownpark Avenue ficaria mais próximo do escritório — disse Jenny, que tinha familiaridade com a área.

— É verdade, mas a que fica à beira-mar parece linda. Olhei-a na Internet e acho que me apaixonei por ela.

— Mas você nem a viu por dentro! Pode ser uma decepção.

— É por isso que estou trazendo você — disse ele simplesmente. — Preciso que você me mantenha frio e objetivo. Vou fazer de conta que você é minha mulher, pois, se ficar muito excitado por uma ou outra, você pode fingir que não está interessada. Desse jeito, o corretor poderia negociar o preço para mim. Senão ele provavelmente me convenceria a assinar imediatamente, e eu não poderia ter certeza de que não faria isso. Sou uma negação quando tenho que fazer essas coisas. Rebecca acabou negociando a venda de nossa casa naquela época, porque eu aceitaria a primeira oferta.

— Mike Kennedy. Não acredito numa única palavra que disse! Alguém como você pode comprar e vender qualquer coisa, e você não confia em si para dizer não a um insistente corretor!

— Não estou brincando, é verdade. Sou péssimo nisso — afirmou, entrando na Rock Road. — Fico completamente sem ação quando estou sob pressão. E por isso que Frank cuida de venda e marketing na InTech. Posso criar qualquer software, mas, quando se trata de divulgação e venda, não sou bom. Frank não me deixa ficar na sala quando ele está tentando negociar algum contrato decente para nós.

Jenny assentiu, notando que ele estava realmente sério. Quem imaginaria isso? Mike queria-a junto dele para ajudá-lo, caso o corretor o forçasse a fazer negócio.

— Você toma as coisas pelo lado pessoal, por estar muito envolvido, creio.

— Exatamente. Aposto que você nunca me viu como um tipo emocional, não?

— Não. Sempre suspeitei que você fosse um menino grande, muito preocupado em manter seu terno alinhado.

— Que garotinha insolente! — disse Mike, simulando uma expressão ofendida. — Que tal deixar você aqui na estrada agora e arranjar outra loura de lindas pernas para vir comigo?

— Obrigada, nunca fui chamada de loura de lindas pernas — respondeu Jenny, agitando os cabelos exageradamente e rindo.

— Era para soar como um insulto — disse ele, batendo no volante do carro com fingida frustração.

Finalmente pararam diante de uma casa de tijolos vermelhos de dois andares com uma grande placa de “Vende-se” na frente.

— É esta? — perguntou Jenny, descendo do carro.

À primeira vista, a casa não era muito atraente. O jardim estava descuidado e o mato crescia ao longo de um caminho de piso quebrado. Obviamente não recebia cuidados havia anos, e isso fazia Jenny se lembrar das casas de Rathmines transformadas em apartamentos, nos quais a prioridade dos proprietários era a coleta do aluguel toda semana.

Poucos minutos depois, o corretor confirmou suas suspeitas, dizendo a Mike que a casa era aquela. Ela fora dividida em quatro estúdios, e o proprietário se descuidara da conservação do local. Havia muita coisa a ser feita ali, mas ele dizia enfaticamente que o local apresentava grande potencial para reforma.

Potencial, quem sabe, para demolição, pensava Jenny, reparando nas manchas de mofo ao longo do sujo rodapé cinza, as paredes da cozinha de um amarelo-diarreia. O local ia precisar de anos de trabalho para ficar de algum modo habitável. A madeira das janelas estava podre, e as paredes divisórias teriam que ser derrubadas. Ela não conseguia entender por que alguém iria sequer discutir o absurdo preço. Mike estava procurando um lugar para viver, não um passatempo para toda a vida.

Parecia que Mike estava igualmente mal impressionado com o lugar e, depois de visitar a segunda casa em Blackrock, com o mesmo corretor, já não estava animado para procurar uma nova casa.

— Foram minhas impressões do que vi na Internet... — lamentou-se Mike.

Depois, com muita fome, foram jantar em Stillorgan.

— E então, o que acha? — perguntou Mike, depois de pedir o maior filé que havia no cardápio.

— Hummm... é muita coisa para mim, acho que vou comer carne de porco — disse Jenny, dando o cardápio para o garçom e se acomodando na cadeira.

— Não foi da comida que quis saber, mas das casas, O que achou delas?

— Para ser honesta, nenhuma delas me impressionou — respondeu Jenny, Sorriu para o garçom, que lhe trouxe um copo de vinho e para Mike, uma cerveja. — As duas vão precisar de um bocado de trabalho, e é preciso também pesar o preço pedido.

Ela quase desmaiou quando Mike lhe contou o preço da primeira. Jenny se perguntava como ele ia conseguir pagar a cada mês o valor da hipoteca, que sem dúvida seria enorme. Mas com o dinheiro e a bem-sucedida empresa que tinha, Mike provavelmente não teria problema.

Sei o que quer dizer — disse ele, rindo. A sala de estar, numa segunda vista, parecia um daqueles péssimos filmes pornô dos anos 1960.— Ele riu, quando Jenny levantou as sobrancelhas. — Falando sério, não quero comprar algo que demande muito trabalho, porque não tenho tempo e, mais importante, nem inclinação para derrubar lareiras e pintar paredes — falava e passava o dedo pela garrafa de cerveja, pegando as gotículas que se condensavam e caíam.

— Você não gostou de nada que viu até agora?

— Não — disse ele, balançando a cabeça. — Eram ou muito grandes ou muito pequenas.

— Nada “apenas correto”? — Jenny brincou. — Pensei que a menininha enjoada aqui fosse só eu.

— Ei, alto lá! Veja bem o que diz ou você vai pagar seu próprio mingau esta noite — disse ele, brandindo um garfo para ela.

— Oh, prometo que vou me comportar, paizinho — continuou, percebendo que estava se divertindo. De fato, pensou Jenny, era difícil não se divertir na companhia de Mike. Toda vez que se encontravam, o que ela admitia que vinha ocorrendo com bastante frequência ultimamente, sempre tinham algo para conversar, e quase sempre do que rir. Estava comendo salada e tentava sem sucesso espetar pedaços de alface.

— Algum plano para o fim de semana? — perguntou ele de modo desinteressado.

Com a boca cheia de salada, Jenny balançou a cabeça.

— Na verdade não. Estive pensando em ir para casa, em Kilkenny, para visitar minha família, mas meus pais estão viajando e meus irmãos mais novos querem ficar sozinhos em casa. — Revirou os olhos e disse: — Provavelmente estão planejando alguma festa louca e não iam querer a irmã mais velha por perto para atrapalhá-los.

— Bem, se você não tiver nada para fazer... — antes que ele tivesse a chance de terminar, seu celular começou a tocar alto. Ciente dos olhares de desaprovação dos ocupantes de outras mesas, ele respondeu no segundo toque. — Alô! Oi, Becky — disse com tranquilidade, com um sorriso largo no rosto, ao perceber quem era.

Jenny sentiu um mal-estar no estômago. Becky? Ela sabia que eles mantinham boas relações, mas não tão boas! Mike parecia deliciado com a ligação da ex-mulher. Ela fez uma encenação com a comida, tentando não prestar atenção, enquanto Mike ria com prazer do que Rebecca estava dizendo.

— Posso imaginar, Becky. Isso é algo típico de você. Pobrezinha... — Mike continuou falando por mais alguns minutos, prometendo que “ia resolver” e falaria com ela no dia seguinte.

Jenny queria ter ouvido o final da conversa. O que havia para resolver? Mais do que isso, por que, se estavam divorciados, havia algo a ser resolvido? Jenny ardia de curiosidade.

— Desculpe — disse, pondo o telefone de volta na mesa. — Normalmente eu o desligo após o expediente. Mas... de que estávamos falando?

— Você estava perguntando sobre meu fim de semana — disse ela calmamente.

— Ah, sim, certo. Bem, tenho mais algumas casas para ver no sábado, e então, se você não tiver nada para fazer, gostaria de sair novamente à caça comigo?

Jenny sorriu para ele, infantilmente feliz por ser de novo objeto de sua atenção.

— Ok, mas só se prometer ir às compras comigo depois. Preciso comprar alguma coisa para Karen. O aniversário dela está se aproximando, e ela me deu um lindo abajur para o apartamento quando me mudei. Na verdade — disse, e só em pensar em outra saída com Mike a deixava mais contente do que ela queria admitir —, você poderia me ser muito útil, agora que estou pensando nisso.

— Útil? — disse Mike sem rodeio, segurando o queixo, enquanto olhava para ela, sentada do outro lado da mesa. — Tenho sido descrito de muitas maneiras em minha vida: inteligente, divertido, sexy, elegante, mas útil?

— Sinto muito... — disse Jenny — não, é sério. Só pensei que poderia dar a ela um aparelho de DVD. Karen gosta muito de colecionar filmes e shows. Uma coisa assim seria um presente perfeito para ela. E você, sendo um garoto perito nessas coisas, poderia me ajudar a escolher... o DVD...

Jenny sentiu que estava ficando vermelha quando começou a se atrapalhar ao falar com ele. Mike estava sorrindo, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo. Ela devia estar flertando com ele abertamente, com aquela história de menininha enjoada e tudo o mais. Ela normalmente não se comportava assim, e não era como se estivesse certa de que gostava dele apenas como amigo, mas...

Ela olhou timidamente para Mike, que agora estava terminando de comer. Pôs os talheres no prato e por um instante olhou para Jenny como se fosse esclarecer algo, mas, pensando melhor, ficou calado.

— Veja só! — disse Mike, indicando a conta — É absolutamente fantástico! Estava muito boa, eu poderia comer a mesma coisa de novo e ainda voltar para comer mais.

— Você é sempre tão entusiasmado com comida? — perguntou Jenny, incapaz de evitar de imaginar que, se ele era assim animado com comida, como seria na cama? As revistas femininas que costumava comprar sempre faziam referência à relação entre as duas coisas. Pensando nisso, Jenny continuava sorrindo enquanto se dirigiam ao estacionamento.

Poucos minutos depois, Mike parou o carro na frente do prédio de Jenny. Ela mal desceu do veículo e já se sentia praticamente sozinha por voltar ao seu apartamento vazio. Não sabia exatamente o que era, mas aquela noite algo mudou na dinâmica de seu relacionamento. Ela ainda se lembrava claramente da súbita pontada de ciúme que sentiu quando ele falava amigavelmente ao telefone com a ex-mulher. De repente, Jenny foi tomada por uma sensação de posse em relação a Mike e não queria que a noite acabasse ali. Passou-lhe rapidamente pela cabeça se ela devia convidá-lo para entrar, mas, como já haviam combinado se encontrar no sábado seguinte, não havia razão para o convite. Sentindo-se uma tola e um tanto desanimada por sua indecisão, Jenny abriu a porta do carro e desceu.

— Até sábado, então — disse.

— Vou ficar aguardando — respondeu Mike com um sorriso e se foi, e ela ficou ali, vendo-o se afastar, sorridente.

30.

CHOVIA, E KAREN IA APRESSADA pela rua, protegendo-se do vento com seu guarda-chuva, enquanto o ônibus se afastava do ponto em que havia parado. Pôs a chave na fechadura da porta de sua casa, precipitou-se para dentro e fechou a porta, aliviada por já estar em casa. Tirou o casaco encharcado e limpou os respingos de chuva de trás de suas pernas. Um banho — era do que precisava depois do dia que teve. Um belo banho quente com um pouco de óleo de lavanda e muitas bolhas, decidiu, e só de pensar nisso já se aqueceu.

Mas primeiro precisava comer alguma coisa. “Tomara que haja alguma coisa decente no freezer”, disse alto. Por sorte, havia lasanha congelada bem lá no fundo. Perfeito! Só levaria dez minutos para descongelar no micro-ondas. Estava realmente faminta e não tinha a menor disposição para preparar um grande jantar às oito da noite numa sexta-feira. Como Shane saiu com alguns colegas aquela noite para uma despedida ou algo assim, ela não precisava fazer nada. Ligou o micro-ondas e subiu rápido as escadas para verificar a água da banheira. Pegou uma toalha e foi para o quarto, vestiu uma camiseta e uma calça de moletom, com muita vontade de pôr seu confortável roupão, mas decidiu só fazer isso depois do banho.

Alguns minutos depois, desceu novamente para ver como estava sua lasanha. Passou um pouco do ponto e estava meio emborrachada nas bordas, mas que diabos, resmungou, tirando-a da embalagem e colocando-a no prato de qualquer jeito, com molho de tomate e massa se espalhando por todo lado.

Foi para a sala de estar, que estava desarrumada, mesmo para seus padrões. Jornais já lidos se espalhavam por todo o sofá, e a mesa do café estava coberta de

cinzeiros transbordando, copos vazios e pacotes de salgadinhos. Um prato de macarrão instantâneo estava no chão ao lado da poltrona de Shane, junto com um par de tênis, uma camiseta e um exemplar da revista mensal New Woman.

Karen balançou a cabeça, empurrando para o lado os jornais a fim de se sentar. Shane normalmente era ótimo para arrumar, mas nos últimos dias estava trabalhando muito além do horário normal e, quando chegava em casa, não conseguia fazer nada além de desabar no sofá por uma hora ou mais e ir para a cama. Ela não podia culpá-lo.

De qualquer modo, decidiu, ia limpar tudo mais tarde, ou talvez isso pudesse esperar até o dia seguinte. Essa noite, tudo o que Karen queria fazer depois do banho era enfiar-se num macio roupão e meter-se no sofá com uma garrafa de vinho, um saco grande de salgadinhos e Graham Norton* na telinha. Tudo menos Late Late Show.

Acabou de comer a lasanha e, deixando o prato sujo na mesa do café, junto com todos os que haviam ficado lá desde a noite anterior, subiu para tomar banho.

Pouco depois, sentiu que a fadiga ia se diluindo, assim que fechou os olhos e mergulhou nas bolhas de espuma.

Estava sorrindo, feliz consigo mesma, quando ouviu o toque do telefone. Não mexeu nem um fio de cabelo. Que tocasse, pensou. De jeito nenhum desistiria de seu banho, por ninguém. Não depois de, numa sexta-feira, ter trabalhado duas horas após o expediente, tentando dar um jeito na confusão que sua assistente fez com os salários e ficando ensopada ao tentar ir para casa debaixo de chuva e vento, fazendo toda a viagem de ônibus em pé. De jeito nenhum. Ela mergulhou mais e mais na água, até cobrir suas orelhas, para não ouvir mais o toque do telefone.

Vinte minutos depois, sentindo-se rejuvenescida e meio enrugada, Karen se enxugou e se enfiou em seu precioso e macio roupão de chenile, com estrelas amarelas e luas azuis. Shane deu para ela num Natal, e Karen simplesmente o adorava. Ela se perguntava se ele ia chegar tarde. Não importava, pensou, envolvendo a cabeça numa toalha e aplicando hidratante no rosto. Poderiam ficar na cama quanto quisessem na manhã seguinte. Karen gostava das manhãs de sábado tanto quanto das noites tranquilas de sexta-feira. Ela e Shane podiam acordar à hora que quisessem, talvez ter uns momentos de sexo sonolento e relaxado antes de se levantar e ficar sem fazer nada o resto do dia, só lendo jornais e vendo os resultados dos jogos de futebol na TV.

Antes de descer, Karen voltou ao quarto e calçou os chinelos. Pensou ter ouvido sussurros e ruídos lá embaixo. Olhou a hora no despertador. Eram dez e meia, e isso queria dizer que... Karen fez um cálculo rápido, pois era uma dessas pessoas que adiantam o relógio acreditando que vão se levantar mais cedo. Pelas suas contas, ainda não eram dez horas. Shane devia ter resolvido vir para casa cedo.

Voltando ao banheiro, viu a pilha de toalhas molhadas e roupas íntimas que deixara no chão. Deu um longo suspiro. Mais bagunça! Bem, isso também teria que ser feito no dia seguinte, decidiu, sem hesitar. Essa roupa ia ser lavada mesmo, portanto, a essa altura tanto fazia que ficassem umedecendo ali no chão ou no cesto de roupa suja, que ficava Já embaixo, na cozinha, atrás da máquina de lavar.

Pôs os chinelos, enfiou um pente no bolso do roupão e desceu as escadas. Esperava que Shane tivesse tido a esperteza de comprar uma pizza ou um saco de salgadinhos ao sair do pub para casa. Com certeza ela não ia cozinhar nada para ele àquela hora da noite, e ele quase sempre pegava as guloseimas que serviam com a bebida.

* Ator, comediante e apresentador de televisão irlandês. (N. T.)

Então teve uma grande surpresa.

Não era Shane, mas sim Nellie Quinn, que circulava alegremente pela sala recolhendo jornais e esvaziando cinzeiros dentro de um saco de lixo.

— Nellie! O que está fazendo aqui? — perguntou, quase sem acreditar. — Shane está com você?

— Oi, Karen — disse Nellie aereamente, jogando os restos de comida de Shane no saco de lixo. — Achei que não havia ninguém aqui. Telefonei há cerca de meia hora para dizer que eu estava a caminho. Estava na cidade fazendo compras e, como a noite estava muito ruim, pensei em dormir aqui.

Ela pensou em passar a noite... Que cara de pau! Então Karen pensou em outra coisa.

— Nellie, como você entrou? — perguntou, com a voz se elevando de irritação, imaginando Nellie escalando sem a menor cerimônia a janela dos fundos.

— Tenho uma chave — disse Nellie, tirando-a do bolso e segurando-a no alto, como se Karen nunca tivesse visto uma chave. — Shane providenciou uma para mim, para o caso de que um de nós precisasse entrar quando vocês estivessem fora, como esta noite. E isso foi muito conveniente, pois de outro modo eu teria que ficar lá fora, na chuva.

Imperturbável diante da evidente contrariedade de Karen, Nellie voltou alegremente a limpar a sala de seu filho.

— Você realmente não devia deixar esses restos de macarrão no prato durante a noite, sabe? — disse, aparentemente sem notar que Karen estava intimamente a ponto de ferver. — É quase impossível limpar o prato agora. Vou ter que deixá-lo de molho à noite.

— Nellie — disse Karen, entre os dentes. — Eu mesma vou limpar tudo amanhã. Não precisa se incomodar com isso.

— Mas por que fazer isso amanhã, querida, quando pode fazer hoje? — Nellie disse isso de modo suave, mas com um tom levemente cortante na voz.

Karen atravessou a sala e, antes que pudesse refletir e parar, arrancou agressivamente o saco de lixo da mão da futura sogra.

— Nellie, não leve isso a mal — disse ela, tentando não alterar a voz —, mas não é absolutamente de sua conta quando e se limpo minha própria casa. Se eu a quiser limpa, eu a limparei, e se quiser deixá-la bagunçada, então vou deixá-la assim.

Nellie olhou para ela como se tivesse sido esbofeteada.

— Bem — disse ela, ressentida —, se eu soubesse que você reage dessa maneira com quem tenta ajudar você, Karen, não teria me incomodado. — Ela se sentou na beira do sofá, como se receasse acomodar-se nele, com medo de que restos do jantar da noite anterior se grudassem em sua roupa.

Karen ficou trincando os dentes, enquanto Nellie seguiu falando.

— Há uma pilha de louça na pia que precisa ser lavada, e achei que poderia lhe poupar esse trabalho. Afinal, você obviamente tem algum tipo de aversão a trabalho doméstico. Mas — prosseguiu ela — não sou eu que vou decidir como você quer manter sua casa... ou viver sua vida. — Ela então fixou de propósito os olhos na revista que estava no chão, à sua frente.

Karen se deu conta, horrorizada, de que a revista estava aberta num artigo que Shane leu, com grande divertimento, na noite anterior, cujo título era “Ejaculação feminina — podemos tê-la também?”.

— No entanto — Nellie disse rispidamente, obviamente deixando claro que ainda não disse tudo a Karen —, meu filho, por coincidência, também mora aqui, e não estou contente com a vida dele no meio de uma imundície.

— Imundície? Imundície? Você devia ter feito uma visita ao antigo apartamento de Shane, para saber tudo sobre imundície, Nellie Quinn — disse Karen, com os olhos faiscando. — Como se atreve a me chamar de imunda? Não há absolutamente nada errado com o modo como mantenho esta casa, considerando que trabalho o dia inteiro, todos os dias, e não tenho tempo para ficar pegando cada migalha de pão que cai ao chão. E estou muito aborrecida por você vir aqui e tentar me dizer o que tenho que fazer. Que atrevimento?

— Não fosse por mim, querida, você nem teria uma casa para limpar — retrucou Nellie com uma voz surpreendentemente calma que aumentou a irritação de Karen. — Não se esqueça que fui eu que pedi a Jack para os ajudar na hipoteca para a compra desta casa.

Karen fechou os punhos de raiva. Ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Tentava se acalmar antes que dissesse a Nellie algo de que pudesse realmente se arrepender. Quase podia ouvir mentalmente a voz de seu pai dizendo-lhe “conte até dez”, como sempre fazia quando percebia que ela estava perdendo a calma, quando era criança. Sentia seu coração bater forte pela raiva e tentava ao máximo não dar uns berros com aquela mulher. Essa não era a primeira vez que Nellie tentava criticar o modo como Karen cuidava de sua casa.

Durante uma de suas visitas, surpreendeu Nellie varrendo o chão da cozinha, reclamando que, “com aquela cor de piso, ele precisava ser varrido todos os dias e não apenas uma vez por semana”. Em outra visita, Nellie retirou a cortina do quarto de hóspedes, dizendo a Karen que ela nunca a iria “lavar nem passar”. Karen ficou morta de raiva naquele momento, mas por alguma razão não comentou o incidente com Shane.

Dessa vez, no entanto, ela se deu conta de que as duas sabiam que o confronto era inevitável. Imagine se ela ia admitir que tomassem conta de sua casa! Ia matar Shane por ter dado à mãe uma chave. Não podia permitir que a família de Shane ficasse circulando pela casa quando bem entendesse. Karen não aguentaria nem que sua própria família fizesse isso.

Imagine se um deles entrasse ali quando ela e Shane estivessem se amassando no chão num sábado à tarde, pensou. Na verdade, fazia algum tempo que não faziam isso, mas a questão não era essa, não é mesmo? Ela nunca mais ia poder ficar sossegada se achasse que aquela gente podia chegar ali de um momento para outro. Era uma situação maluca, e ela seria doida se aguentasse aquilo nem que fosse por mais um só minuto. Ia falar com Shane mais tarde, quando ele chegasse.

Até lá, achou que tinha que acalmar Nellie, do contrário, uma ia agarrar a garganta da outra.

— Nellie, escute, sinto muito — ela estava tentando ser amistosa. — Sei que você só está querendo ajudar. E não é sempre que a casa fica suja assim. É que tive uma semana difícil no trabalho. Cheguei há pouco e, para ser franca, a última coisa que queria esta noite era receber visitas. Você sabe o que quero dizer — acrescentou rapidamente, enquanto Nellie a olhava ressentida ao ser considerada uma visita. — Olhe, tudo o que quero fazer é relaxar e não me meter num frenesi de limpeza. Apenas fiquei surpresa de encontrar você aqui, só isso — sua voz ficou mais suave. — Esqueça os pratos e a lavagem da louça. Vou me livrar desses jornais, e vamos tomar uma xícara de chá, está bem?

Nellie assentiu, mas nada disse. Karen começou a juntar as revistas e jornais, colocando-os dentro do saco de lixo. Então foi para a cozinha a fim de pôr água para

ferver, notando que todos os armários estavam abertos e que Nellie havia posto tudo — pratos, travessas, talheres, todos os utensílios de cozinha que possuíam — de molho na pia. Um novo acesso de fúria brotou em seu íntimo. A sujeita obviamente pensou que faria uma bela limpeza na “imundície” da cozinha enquanto estava sozinha. Karen estava enfurecida ao encher a chaleira com água. Sua cozinha não estava suja ou imunda. Ela já vivia fora de casa por tempo suficiente para ser capaz de cuidar de si. Se isso não bastava para a senhora Quinn ou para seu querido filho, azar deles. Só teriam de dar meia-volta e ir embora.

De repente, ela sentiu uma espantosa onda de desgosto em relação a Shane. Por que ele não podia simplesmente dizer a sua família que se arranjasse e os deixasse em paz? Sentiu que seus olhos marejavam enquanto pegava a caixa de saquinhos de chá que ela guardava (na própria caixa e não em algum pote decorativo) no armário. Pensou que comprar com Shane uma casa própria e planejar o futuro fosse fantástico, mas até agora isso estava se mostrando um total desastre. O envolvimento da arrogante família Quinn em seu relacionamento com Shane, a chegada de qualquer um deles à sua porta na hora que bem entendessem e as constantes observações sobre a data do casamento e criação de filhos, tudo isso foi provocando um afastamento entre ela e Shane.

Karen tinha certeza de que não queria se casar com Shane se isso significasse compartilhar a vida deles com a família. Tinham que resolver isso antes de sonhar em marcar uma data para o casamento. Jenny e Tessa estavam absolutamente certas. Ela precisava se sentar com Shane e conversar com ele sobre isso, dizer-lhe exatamente como estava se sentindo, do contrário seu relacionamento não duraria muito.

Karen voltou para a sala com uma xícara de chá para Nellie e uma garrafa de vinho para ela, pensando que, se a outra dissesse qualquer coisa sobre a bebida, ela a estrangularia. No entanto, parecia que haviam chegado a um impasse, porque a futura sogra estava sentada diante da TV bem feliz, vendo o Late Late Show.

Karen entregou-lhe a xícara de chá e pregou um sorriso no rosto. Aquilo punha fim em seus planos para mais tarde, pensou. Não havia como ver Graham Norton com Nellie por perto. Como se soubesse do destino de Karen, naquela noite, ele ia apresentar mulheres urinando em copos de conhaque e fumando cigarros pela vagina, ou pior. Ela não achava que Nellie fosse ficar muito impressionada com aquilo. Karen olhou as horas. Felizmente Shane não ficaria fora até muito tarde, e ela não teria que aguentar a mulher sozinha por muito tempo.

— Você tem aqueles deliciosos biscoitos para acompanhar o chá, querida? — Nellie perguntou, sorrindo angelicalmente. — É de boa educação oferecer alguns biscoitos com uma xícara de chá.

Maldita mulher!, disse consigo mesma Karen, levantando-se novamente do sofá. Será que ela não ia ter a chance de relaxar essa noite?

Bem, era isso. Ela levaria para Nellie seus preciosos biscoitos e então iria para a cama. Falaria com Shane de manhã. Dessa vez ela ia resolver tudo com ele. Definitivamente.

Sem merda de dúvida nenhuma.

NA MANHÃ SEGUINTE, Karen acordou com um barulho. O que Shane estava martelando na cozinha tão cedo e em pleno sábado de manhã? Ainda zozza de sono, olhou o despertador. Eram oito e meia! O que na verdade significava que eram oito horas — da manhã!

Nisso, Karen sentiu um movimento ao seu lado na cama. Obviamente não era Shane que fazia todo aquele barulho, pois ainda estava dormindo. Ela não o ouviu chegar na noite anterior.

Então, sentou-se na cama e lembrou-se: Nellie!

— Shane, acorde! — disse, cutucando-o não muito gentilmente.

— Hã... Que horas são? — Shane perguntou, sonolento, com os olhos mal entreabertos.

— São só malditas oito horas, é isso — Karen soltou. Era inacreditável! Não contente de arruinar sua noite, agora Nellie estava tentando invadir suas preciosas manhãs de sábado. Por que a mulher simplesmente não ia embora?

— Hum... ótimo, pelo cheiro, ela está fazendo uma fritada — disse Shane, já acordado, sentando-se na cama e cheirando o ar.

— Bem, por que, em nome de Deus, ela está fazendo uma fritada em nossa casa a esta hora numa manhã de sábado? — Karen perguntou, sem acreditar naquele comportamento de Nellie. Não lhe havia dito na noite anterior que ela parasse de se intrometer?

— Calma, Karen, qual o problema? Sei que a manhã mal começou, mas mamãe sempre se levanta cedo, não importa o dia — jogou a coberta para o lado e saiu da cama. — Ah, isso é muito bom! — vestiu jeans e camiseta. — Há anos que não como a fritada de mamãe e estou faminto! — Esfregava as mãos de contentamento. Saiu do quarto e desceu as escadas, ignorando completamente a indignação de Karen.

Ela voltou para a cama e puxou a coberta sobre a cabeça. Que Shane tomasse quanto quisesse de café da manhã com sua mamãezinha. Mas não havia como ela se levantar àquela hora absurda. Fechou os olhos e tentou pegar de novo no sono.

Minutos mais tarde, ouviu Nellie gritar do pé da escada:

— Karen querida, deixe de preguiça e saia da cama. E se apresse, porque seu café da manhã está quase pronto!

Num movimento rápido, Karen sentou-se na cama. Que atrevimento de Nellie Quinn, ficar lhe dando ordens como se ela tivesse dez anos de idade — e ainda em sua própria casa! Bem, que chamasse à vontade, porque ela ia ficar na cama o tempo que quisesse. Então ouviu passos nas escadas, e Shane pôs a cabeça na porta do quarto.

— Karen — disse ele, encantado —, você precisa ver como está lá embaixo. Parece um palácio. Ela deve ter se levantado às seis da manhã, passou o aspirador e deu brilho em tudo. Agora nenhum de nós precisa mexer um dedo durante todo o fim de semana. Não é maravilhoso?

Ela resistiu à vontade de atirar um travesseiro naquela cara idiota, risonha. Por que o comportamento de Nellie não o incomodava? Ou por que ele não conseguia perceber que quem estava realmente ficando perturbada era ela? Será que Shane não se sentia dono de sua própria casa? Ou será que ele achava razoável que sua mãe chegasse ali e começasse a mudar tudo como bem entendesse?

— Shane, não vou me levantar enquanto ela não for embora, entendeu? — disse ela, irritada, deixando a cabeça cair abruptamente de volta no travesseiro.

— O quê? — Shane perguntou, olhando confuso para ela. — Mas você já está acordada, e ela preparou o café da manhã para nós.

— Não me importo — Karen virou de costas para ele, com a cabeça voltada para a parede. — Não acho certo que sua mãe fique perambulando por nossa casa como se fosse dela, como também não acho certo você ter-lhe dado uma chave sem antes me consultar.

— O quê? Mas de que outro modo ela entraria quando nenhum de nós dois estivesse em casa? — perguntou Shane, desviando-se completamente do assunto

Karen se sentou e voltou a ficar de frente para ele, com os olhos faiscando.

— Por que ela deveria entrar se nenhum de nós estivesse aqui, Shane? Esta é nossa casa e não um ponto de parada para as pequenas visitas de sua família a Dublin! — sua voz tremia de fúria.

— Não sei o que está aborrecendo você — disse Shane, baixando a voz e olhando para a porta, temendo que Nellie pudesse ouvi-los. — Ultimamente parece que tudo a irrita, você está sempre implicando com alguma coisa. Que raios há de errado com você?

Karen estava pálida. Não conseguia acreditar que ele estava tentando inverter as coisas e fazendo parecer que ela era a única irracional.

— Caia fora, Shane! — foi tudo o que ela pôde responder. — Caia fora e vá ficar lá embaixo com sua mãe!

— Ótimo! É isso que vou fazer — disse ele, virando-se e indo em direção a porta. — Mas, qualquer que seja seu problema, Karen, é melhor que o resolva logo. Não sei o que está havendo com você estes dias!

Ele não podia nem se permitir bater a porta, pensou Karen mordazmente. Ele estava com muito receio de aborrecer a queridíssima mamãe. Dando-se conta de que ela estava precisando desesperadamente ir ao toalete, Karen saiu da cama, abriu a porta e nas pontas dos pés foi até o banheiro. Ela podia ouvir Nellie dizendo a Shane que precisou sair naquela manhã para comprar salsichas e bacon, porque não havia nada na geladeira.

— Havia só um restinho de leite! Não entendo como vocês jovens conseguem viver assim, Shane!

Karen fechou a porta do banheiro, tentando abafar a irritante e alta risada de Nellie. Assim que entrou, notou que as roupas e toalhas usadas na noite anterior já não estavam ali. A pia parecia ter sido recentemente lavada, e as torneiras estavam brilhando. Nellie esteve em toda parte! O que ela fez?, Karen se perguntava. Esperou eu dormir para ir a cada cômodo da casa com uma flanela e um frasco de detergente?

Mas o que ela podia fazer? Não podia ir lá para baixo e enfrentar Nellie na frente de Shane. Isso só o forçaria a tomar partido, e Karen não estava certa, a essa altura, de que ele ficaria do seu lado. Não que fosse justo fazê-lo escolher, ela considerou, voltando para o quarto. Afinal, ele era muito próximo à mãe, como já disse muitas vezes.

Então, o que se esperava que ela fizesse? Ela não podia permitir que Nellie tomasse posse da vida deles daquele jeito. De mau humor, Karen vestiu um jeans e uma malha. Não havia por que ficar escondida em seu quarto; tinha que ir lá para baixo e tentar ser amigável — ao menos por causa de Shane.

— Bom dia, Karen! — cumprimentou-a Nellie vivamente, com sua voz esganiçada. — Ou devo dizer boa tarde, a essa altura?

Shane olhou para ela e piscou, obviamente contente por ver que ela se levantou e estava se esforçando. Nellie pegou um prato de comida que havia preparado e mantinha aquecido e o colocou na mesa diante de Karen, insistindo que comesse.

Isso é ridículo, pensou Karen, tentando dissimular seu aborrecimento. Estava recebendo ordens em sua própria casa e não havia absolutamente nada que pudesse fazer sobre isso. Olhou desanimada para Shane, sentado do outro lado da mesa, torcendo para que ele notasse que alguma coisa estava fora de lugar, mas não, o bebê da mamãe estava feliz, mastigando ruidosamente sua terceira torrada. Ele estava completamente imperturbável diante da estranheza de toda a situação, ela pensou, empurrando a comida para a beirada do prato.

Quando Nellie insistiu novamente que comesse antes que esfriasse, Karen teve a sensação de que estava numa espécie de terceira dimensão.

31.

JENNY OLHOU SEU REFLEXO no espelho e achou que estava bonita. No dia anterior foi ao cabeleireiro para fazer luzes, e seu cabelo estava brilhante e com uma aparência saudável. Usava camiseta preta com um símbolo dourado meio oriental, uma calça skinny, que comprou na semana anterior, e um par de botas pretas, que completava o traje. As botas também eram novas. Só nas últimas semanas Jenny redescobriu sua paixão pelas compras.

Na verdade, pensou, borrifando perfume nos pulsos, redescobriu sua paixão por muito mais coisas além das compras. Embora não se desse conta disso até poucos meses atrás, Jenny descobriu que realmente gostava de sua independência. Tinha seu próprio apartamento, um bom emprego e ótimos amigos. Tudo de que precisava agora era um homem, pensou, rindo sozinha, enquanto colocava os brincos de argola. Havia anos não se sentia assim, e estava ansiosa para sair com Mike naquele dia. Esperou por isso toda a semana.

Como se previsse, soou a campainha do interfone, e ela se apressou para atender.

— Só eu! — disse Mike, em sua perfeita imitação de Harry Enfield, um comediante famoso.

— Você está adiantado! Ainda não estou pronta, por isso você precisa subir e esperar.

Assim que entrou, Mike a olhou e assoviou.

— Veja só você, parece uma roqueira sensual! Tem algum encontro ou algo assim? — disse, brincando.

Jenny fez uma careta para ele. Voltou para o quarto e continuou se arrumando, intimamente deliciada com o cumprimento. Mike também não estava nada mau, pensou. Era a primeira vez que o via sem terno, e a roupa casual que estava usando lhe dava uma aparência mais afável, à vontade e, Jenny tinha que admitir, muito atraente.

— Estes apartamentos, por fora, dão a impressão de que são pequenos — disse ele.

Pelo espelho, Jenny o via observando a sala de estar com interesse. Ela se lembrou então de que era a primeira vez que ele entrava em seu apartamento.

— Sim, é bem maior do que os outros lugares onde já morei e, por isso, custa um bocado mais — disse ela, se perguntando se devia lhe mostrar o resto da casa, mas na mesma hora decidiu não fazê-lo. Isso significaria entrar em seu quarto, e, assim que ele visse a quantidade de roupa sobre a cama, ia pensar que ela havia se esforçado muito para causar-lhe boa impressão.

Não era bem o caso, Jenny garantiu a si mesma, enquanto passava brilho nos lábios. Poucos minutos depois, ela seguia Mike pelas escadas em direção à manhã ensolarada. Ainda estava muito frio, até para o mês de março, mas qualquer um podia ver que a primavera já estava se aproximando. Os narcisos e tulipas brotavam nos canteiros ao longo da entrada do bloco de apartamentos, fazendo Jenny se lembrar daqueles que os pais tinham em sua casa e de que ela não visitava a família havia semanas.

— Que dia maravilhoso! — disse, acompanhando o olhar de Mike na direção do píer. A água brilhava com o reflexo do sol, enquanto os iates e barcos atracavam no porto.

— É mesmo! — concordou Mike, virando-se e olhando para ela com uma expressão pensativa. — Sabe de uma coisa? Acho que o dia está muito bonito para ser gasto com visitas lúgubres a casas de segunda mão.

— O que você quer dizer? — perguntou Jenny, sentindo-se vagamente desapontada diante da perspectiva de cancelamento do programa. — Você quer cancelar a procura por imóveis?

— Absolutamente! — disse ele com firmeza, tomando-a pelo braço. — Isso eu posso fazer a qualquer hora. Em vez disso, vamos fazer alguma coisa interessante, como tomar um expresso para Howth ou caminhar ao longo de Killiney Hill. O que você acha?

— Bem... sim, ótimo, mas você já agendou a visita a alguma casa? — disse Jenny, com duas coisas em mente: a primeira a entusiasmava, só de pensar em fazer algo “interessante” com Mike, e a segunda, a incerteza quanto a se devia ou não demonstrar isso a ele. Em relação ao presente de aniversário para Karen, bem, ela poderia fazer isso à noite, em qualquer dia da semana.

Mike já estava falando ao celular, antes que ela tivesse tido tempo de pensar um pouco mais no assunto.

— Alô, senhor Peters? Como vai? Aqui fala Mike Kennedy. Não, creio que não vou poder confirmar nosso compromisso de hoje, pois tive um contratempo. Vou tentar agendar outra data com o senhor... sim, logo voltaremos a nos falar — guardou o telefone no bolso e sorriu para ela, — Tudo certo. Está resolvido. E acabei de ter uma ideia brilhante enquanto estava ao telefone. Você já foi a Brittas Bay?

Jenny respondeu negativamente, e eles entraram no pequeno Smart amarelo de Mike e seguiram para o litoral de Wicklow, com a ideia da procura de casas deixada para trás. Como ainda era muito cedo para o café da manhã, pararam numa cafeteria em Ashford para comer uma boa fritada. Mike admitiu que raramente cozinhava em seu apartamento.

— Leva muito tempo e dá trabalho cozinhar só para mim — disse —, embora às vezes eu coma por dois ou três.

— Notei — disse Jenny, séria, vendo-o enfiar na boca, de uma só vez, duas salsichas e um pedaço de manjar branco.

— Rebecca costumava ficar louca — comentou ele, tomando um gole de chá logo em seguida. — Ela percebeu que sempre fazia enormes jantares para mim, mas por causa disso também acabava comendo muito mais.

Vendo-o sorrir com a lembrança, Jenny sentiu uma ponta de ciúme. Ultimamente, Mike andava falando sempre de Rebecca, comentando coisas que ela fazia e de que gostava. Era bem óbvio, por esse comportamento, que ele ainda sentia alguma coisa por sua ex-mulher. E não deve ser fácil esquecer alguém com quem se esteve casado, pensou. Ela, ao contrário, raramente falava de Roan para Mike, a não ser na noite em que o conheceu, no casamento de Tessa. Ele sabia que Jenny foi magoada por alguém, e isso parecia ser tudo o que ele precisava saber. Nunca a pressionou para obter mais informações, e Jenny gostou disso. Embora mais fraca com a passagem do tempo, a dor continuava lá; na verdade, não tão aguda, mas de todo modo ainda estava lá.

Mike pagou a conta e continuaram a viagem, chegando a Brittas Bay depois de vinte minutos. Jenny quase ficou sem fôlego ao ver as espetacularmente imensas dunas de areia na praia de areia branca e fina como pó.

— Que maravilha! Isto é fantástico! — disse, admirada, com a brisa fresca penetrando em seus cachos dourados. — Não esperava algo assim, Mike. A praia parece ter saído de um folheto de férias no Mediterrâneo. — Jenny, mais familiarizada com as

escuras praias rochosas do sudeste, não conseguia acreditar que a costa leste pudesse ser tão diferente.

— Pena que a temperatura não caiba nessa comparação. — Mike riu e, pegando-a pela mão, disse: — Venha, vamos dar um passeio.

Encantada, Jenny segurou a mão dele e foram caminhando pela areia quase deserta. Mike não conseguiu resistir à tentação de experimentar a temperatura da água com os dedos dos pés. Jenny não se aventurou a tanto, mas se arrependeu por estar usando as botas novas de saltos altos e grossos.

Olhou para Mike e viu que ele havia dobrado a barra da calça até os joelhos e entrou na água, insistindo para que ela se juntasse a ele. Jenny recusou o convite, dizendo:

— De jeito nenhum vou molhar meus pés! Está muito fria! — exclamou, fazendo careta ao sentir o contato da água inesperadamente fria com os dedos da mão. Mike riu e voltou para o lado dela. Caminhando feliz com ele, Jenny pensava que aquela era uma das melhores manhãs de sábado que já havia passado. Embora o tempo estivesse gelado, o céu estava completamente claro, e ela conseguia sentir nas costas o leve calor do sol da manhã.

— Não posso acreditar que nunca estive aqui — disse, olhando admirada à sua volta. — Nunca fui muito chegada ao litoral, mesmo quando era mais nova, mas isto é realmente fantástico.

— Fico contente de que tenha gostado — disse Mike, com um sorriso.

Jenny estava bem consciente que ele ainda segurava sua mão.

— Mas há outras praias maravilhosas na direção de Wexford, e estou certo de que você iria gostar delas também — acrescentou Mike. — Devíamos seguir em frente nessa rota e estender nosso passeio. O que acha?

Jenny concordou, animada. A ideia de uma aventura não planejada a deliciava enormemente.

Mais tarde, naquela noite, depois de visitarem muitas praias e lugares interessantes ao longo da costa leste, Mike sugeriu que jantassem na cidade de Wexford.

— Há nas redondezas um hotel encantador onde costumo me hospedar quando venho para cá a negócios — disse —, mas também podemos procurar um bom restaurante na cidade, se você preferir.

Jenny respondeu que não se importava com o local aonde fossem, desde que comessem logo. Ela não sabia se foi a excitação do dia ou o ar marinho que a estavam fazendo sentir tanta fome.

Mike optou pelo hotel e logo estavam confortavelmente sentados, desfrutando as entradas.

— Você deveria experimentar um pouco disto também — disse Jenny, empurrando o prato de pão de alho na direção de Mike, que havia escolhido um bolinho frito de queijo brie. — Senão não vai querer que eu volte para casa com você no mesmo carro.

— De acordo — disse, pegando uma fatia e levando-a à boca, francamente satisfeito com a sugestão.

— Comilão! — brincou ela, divertindo-se com o que se poderia descrever como a paixão que Mike Kennedy tinha pela comida. — Diga-me, Mike — perguntou Jenny, tomando um gole do que ela pensava ser um especialmente delicioso sauvignon californiano —, você sempre come assim rápido?

— Sim — ele respondeu, pegando outro pedaço como para ilustrar o fato. — Em casa somos cinco, e quando se trata de comer é cada um por si. Se não comer depressa, não come. É simples.

— Você faz isso soar como algo saído de um romance de Dickens — disse Jenny, rindo.

— Deus, não! Não estava querendo dizer que somos miseráveis, mas só que não passamos de selvagens quando se trata de comida. Mesmo agora, quando nos reunimos todos no Natal ou em qualquer data, é sempre a mesma coisa, e Rachel é igual a qualquer um de nós. — Ele se encostou na cadeira. — Um dia você ainda vai presenciar isso, então verá exatamente o que estou dizendo.

— Ah, não, obrigada — disse Jenny. — Pelo que já vi, um Kennedy me basta! — disse isso indicando os pratos vazios diante deles. Ele havia limpado o prato de salada.

Mike deu de ombros, dizendo:

— Amo a comida e não peço desculpas por isso.

— O que não entendo é que não aparenta isso, pois você está muito bem.

— Acho que toda essa correria e preocupação no trabalho me mantêm em forma, pelo menos por enquanto. Provavelmente isso vai acabar me pegando. Ah, mas falando de selvagens — disse apontando para a garrafa de vinho quase vazia —, você está gostando disso, não?

Jenny deu outro gole no vinho e lambeu os lábios.

— É um grande vinho. Pena que você tenha que dirigir de volta, senão poderia beber mais um pouco — conferiu as horas e então, surpresa, olhou para ele. — Mike, nem me dei conta da hora! Não admira que estivesse com tanta fome!

— Difícil de acreditar, não? — disse ele, concordando. — Vamos chegar bem tarde em Dublin.

Talvez fosse por causa do vinho que as palavras lhe escaparam antes que pudesse controlá-las.

— Bem, por que não ficamos? Quero dizer, poderíamos relaxar e tomar um pouco mais, e você não teria que se preocupar em dirigir — sentia as faces corando enquanto falava. Por favor, não permita que ele leve isso para o lado errado, rezava Jenny em silêncio.

— Grande ideia! — concordou Mike com alegria. — Quando terminarmos, vou pedir dois quartos na recepção.

Jenny espalhou molho de menta sobre a costela de cordeiro, contente com sua sugestão e com o fato de Mike não haver interpretado errado. Aquele havia sido um dia muito longo, e ela estava cansada. A ideia de passar o resto da noite relaxando com alguns drinques no bar do hotel em vez de enfrentar a viagem de volta a Dublin lhe agradava muito.

Como se para demonstrar a redescoberta de sua liberdade, Mike serviu-se de uma dose de vinho e pediu outra garrafa. O garçom estava para abri-la, quando o telefone de Mike tocou.

— Ah, uma mensagem de texto. Alguém me ama! — disse ele, procurando o aparelho nos bolsos da jaqueta.

— Nunca consegui entender essas coisas — disse Jenny. — Todas aquelas abreviações. Isso não pode ser bom para a língua. Tenho certeza de que vamos acabar não sendo capazes de soletrar nenhuma palavra corretamente. — Percebendo que Mike não respondeu, olhou para ele, que sorria lendo a mensagem — O que é tão engraçado? — perguntou, um tanto perturbada pelo fato de seu tranquilo jantar ter sido interrompido.

É de Becky — disse, rindo, à medida que ativava novamente a mensagem. — Ela está me mandando a mais estúpida das piadas... aqui, dê uma olhada — disse e lhe passou o telefone.

Jenny leu a mensagem, esforçando-se para manter um fraco sorriso no rosto, depois devolveu o aparelho.

— E então? — Mike perguntou, divertido. — Você entendeu?

Não, ela não entendeu a piada e, claro, também não entendia o relacionamento aparentemente próximo que Mike obviamente mantinha com a ex-mulher. Empurrou a comida até a borda do prato, e tanto seu apetite quanto o bom humor haviam sumido de repente.

— Não sabia que você e Rebecca continuavam se dando tão bem, considerando... — disse, incapaz de olhar para ele.

— Considerando... o quê?

— Considerando as razões de seu rompimento, quero dizer... — respondeu Jenny, gaguejando — quero dizer, a maneira como ela o deixou, por causa de outro e... — ao ver a expressão sombria no rosto dele, Jenny desmontou.

— Jenny — Mike disse, com um tom de advertência na voz —, você e eu nos tornamos amigos nestes últimos meses, mas você não tem ideia do que está dizendo. As razões que levaram ao fim de meu casamento não foram exatamente as que você está imaginando.

Mike deu um gole em sua bebida.

— Nós dois passamos por um bocado de sofrimento antes da separação. Acredite, também não fui nenhum santo. Atirando-me pesadamente no trabalho, de certo modo eu a abandonava também.

— Mike — Jenny o interrompeu, aborrecida consigo mesma por ter feito o comentário. — Sinto muitíssimo, simplesmente saiu, e realmente não tinha intenção de me intrometer.

— Provavelmente a culpa é minha — disse ele, balançando a cabeça — por ter do a impressão de que o único que saiu magoado fui eu. Mas você não tem ideia do quanto significa para mim o fato de Rebecca e eu sermos adultos o suficiente para permanecer amigos depois de tudo o que passamos juntos. Não guardo nenhum ressentimento em relação a ela, que sempre foi e continuará sendo uma grande amiga entre meus amigos mais próximos. Eu até me dou bem com Graham, o atual marido — ele estava rindo. — Sei o que você deve estar pensando — prosseguiu ele, enquanto Jenny se esforçava para não deixar à mostra o choque em seu rosto —, mas não há razão para ficar esquisita e mudar por causa disso. Realmente estou contente por ela ter encontrado a felicidade com outra pessoa. Ainda a amo, mas não do jeito de antes, não mais.

Jenny achou que seus olhos exibiam um brilho suspeito e resolveu mudar de assunto. Como ela pôde ter sido tão inconveniente? É provável que Mike e a ex-mulher tenham ido até o inferno e voltado juntos, e mesmo assim conseguiram manter a amizade que os unia. Era uma coisa nobre e uma atitude muito madura, de pessoas adultas. Jenny achou que podia ter agido como uma adolescente mimada, por ter se comportado daquela maneira. Então, balançando a cabeça, disse:

— Mike, você não imagina como estou arrependida. Realmente não quis dizer...

— Jenny, está tudo bem, mesmo — disse, piscando um olho com bom humor e empurrando o prato com um sorriso. — Vamos pedir a sobremesa?

Impossível — ao dizer isso, Jenny pôs a mão no estômago, contente por aquele momento desconfortável ter sido superado —, se comer mais alguma coisa vou explodir.

— Imagine! Quando muito, poderia ficar com um pouco mais de carne nos ossos. Ela riu, seu bom humor de antes estava voltando.

— Não tente justificar sua voracidade querendo me fazer comer! — dispensou o garçom, que esperava seu pedido. — Realmente não consigo pôr mais nada na boca.

— Está bem, está bem. Também não quero mais nada — disse ele, levantando-se da mesa. — Por que você não vai para o bar enquanto vejo se consigo os quartos?

Ao vê-lo andando confiantemente para a recepção, Jenny se recriminou de novo por seu comportamento. Será que estava com ciúme do relacionamento de Mike e Rebecca? Não era como se ela e Mike fossem mais do que amigos? Então, qual era o problema?

— Certo, está tudo resolvido — disse ele, voltando para junto dela no bar. — Vamos ficar no terceiro andar, atravessando o corredor, um de frente para o outro. — Olhando para o relógio e bocejando, comentou: — Estou exausto, depois de hoje e de tanta comida. Não acho que a noite vá se estender para mim.

— Sei o que está dizendo — comentou Jenny. — Sinto como se tivesse comido o suficiente para uma semana.

Mike se sentou ao lado dela num confortável sofá. Para uma noite de sábado, o lugar parecia muito calmo. Exceto por um pequeno grupo sentado no bar vendo o jornal na TV e alguns casais sentados em mesas espalhadas pela sala, o local estava praticamente vazio. Jenny estava quase deitada no sofá. A combinação de comida e vinho, além do passeio do dia, faziam-na se sentir muito sonolenta. Mike estava tão perto dela que Jenny teve apenas que levantar levemente a cabeça para encostá-la em seu peito. Ela ansiava por uma cama.

Mike sorriu preguiçosamente para ela e disse:

— Você está pensando na mesma coisa que eu?

Jenny assentiu, de pálpebras pesadas, respondendo:

— Se isso envolve uma cama, definitivamente, sim.

Mike se mexeu no sofá, ao dizer:

— Jenny Hamilton! Isso é uma proposta?

Levantando os olhos, Jenny viu sua expressão bem-humorada. De repente, ela mudou e ficou muito séria. Ele deve ter visto nos olhos dela algo que ela não conseguiu deixar de fazer em seguida. Pondo um braço no pescoço dele, Jenny puxou a cabeça de Mike para perto da sua e beijou-o delicadamente na boca. Ele se afastou ligeiramente, olhando de modo inquisitivo por um instante, mas ela se preparou para um novo beijo, respondendo à pergunta não formulada dele. Dessa vez o beijo não foi tão unilateral e, à medida que se intensificava, um enorme desejo perpassou Jenny como um raio. Então ela se lembrou de onde estavam.

— Mike — murmurou ela, embaraçada, passando os olhos pela sala.

— Você está certa — disse ele, quase sem ar, endireitando-se —, sinto muito, foi culpa minha. Não devia ter...

— Bobagem — respondeu ela com um sorriso, estreitando os braços em volta dele. — Quero dizer que não tenho a intenção de oferecer uma diversão inesperada neste lugar.

Em poucos minutos, já estavam lá em cima, no quarto dele.

Jenny não sabia exatamente por que fez aquilo no bar, mas sabia, sem hesitar, que queria Mike Kennedy. Não havia problema em tentar se divertir mais um pouco. Ela admitia que de fato existia entre eles, e provavelmente desde o começo, muito mais do que amizade.

Mike estava excitado e era extremamente habilidoso. Fizeram amor pela primeira vez com uma ferocidade que surpreendeu a ambos, e com Jenny ligeiramente dominada pelo profundo desejo que sentia por ele. A segunda vez foi mais suave, com mais carinho e, Jenny pensou pela primeira vez muito mais divertida. Com Mike, tudo

era toque e brincadeira, e riso, e não uma corrida para atingir a linha de chegada, como sempre foi com Roan.

Depois, ela se aninhou calmamente na curva de seu braço e logo adormeceu, acordando apenas na manhã seguinte, ao sentir o beijo dele na ponta do nariz.

Ela o olhou e sorriu.

— Bom dia — disse, timidamente.

— Olá — disse ele, sorrindo, beijando-a delicadamente nos lábios e continuando a fazer amor com ela devagar e com muita sensualidade.

Permaneceram na cama pelo resto da manhã, até lá pelas onze horas, quando Mike declarou que estava com fome e não aguentaria esperar nem mais um minuto pelo café da manhã, principalmente se tivessem que ir até a cidade para tomá-lo.

— Bem característico! — disse Jenny, sentando-se na cama e cruzando os braços em pose petulante. — Você e seu estômago!

Mike riu e cutucou-a com o pé sob o lençol.

— Vamos lá! Você acha que um homem possa gastar tanta energia a noite toda e na manhã seguinte não precisar repô-la com alguma comida?

— Bem, acho que você merece realmente algo por sua performance — brincou ela.

— É bom que ache isso. — Mike puxou-a para mais perto dele e beijou-a demoradamente, acrescentando com uma expressão séria no olhar: — E é bom que se acostume.

Jenny olhou para ele insegura sobre o que acabava de ouvir. Ela esperava que ele estivesse falando sério. Com certeza, aquilo poderia ser o início de algo bom entre os dois, mas ela não sabia bem como Mike se sentia sobre envolver-se com alguém. Esperava que as coisas não se tornassem estranhas entre eles, se ele não quisesse continuar. Embora, pensou Jenny, ela estivesse certa sobre o que queria. Todo o tempo ela afirmou, a qualquer um que perguntasse, que ela não tinha nenhum interesse em Mike, mas ultimamente seus sentimentos haviam mudado. No entanto, se ele estivesse querendo, ela com certeza não se importaria de tentar. Parecia que Mike estava lendo seus pensamentos.

— Estou realmente feliz de que isso tenha acontecido, Jenny — disse ele, procurando sua roupa nos pés da cama. — Deve saber que desejo você há muito tempo.

Jenny ria por dentro. Visto sob esse ângulo, Mike parecia um garoto de colégio e não um homem de trinta e cinco anos, divorciado. Ela se deu conta então de que a honestidade inocente e a natureza firme eram as coisas que ela mais apreciava nele. Não precisava se preocupar com o fato de que depois pudesse haver algum mal-estar entre eles. No que dizia respeito a Mike, não havia nenhum jogo.

— Também estou feliz — disse ela —, mas com certeza foi algo inesperado. Não sei o que deu em mim lá no bar ontem à noite.

— Mulher libertina! Puxando e me arrastando na frente de uma sala cheia de gente! — Ele se abaixou quando ela tentou atingi-lo com um travesseiro.

— Vou lhe mostrar quem é mulher libertina — disse Jenny, levando-o de volta para a cama e beijando-o impetuosamente.

32.

KAREN SE SENTOU para encarar o monitor à sua frente. Tentava de tudo para se concentrar em alguma coisa, mas não conseguia. Seu fim de semana foi desastroso, e

ela e Shane mal estavam se falando. Nellie Quinn só foi embora na noite de sábado, e até então Karen já teve o suficiente.

Mal Nellie saiu pela porta, ela começou a reclamar com Shane, não se importando que ela ouvisse ou não. Mas ele simplesmente parecia não entendê-la.

— Qual é o problema de ela ter uma chave? É minha mãe, pelo amor de Deus! Não posso deixá-la lá fora, no vento e na chuva.

— Shane, esta é a nossa casa! Quero privacidade e não consigo lidar com toda essa interferência e críticas sobre a maneira como cuido da casa, como a decoro e como fui criada.

— Em nome de Deus, do que você está falando agora? — perguntou Shane, com voz deliberadamente arrastada.

— Ora, vamos! — Karen gritou. — Não venha me dizer que não notou nada. Todas as perguntas: “Quando você vai marcar uma data, Karen?”. Jesus Cristo! Estes dias, eu me senti como uma espécie de égua em reprodução. — Ela se sentou à mesa da cozinha, com o rosto vermelho de raiva.

— Bem, talvez eles tenham razão — disse ele, com certo cuidado. — Quando vamos marcar a data? Já falei sobre isso um milhão de vezes desde que nos mudamos para cá, e você continua evitando o assunto. O que está acontecendo?

Karen nada disse.

— Eu fiz uma pergunta — disse Shane, com voz já meio zangada. — O que está havendo com você?

Ela não conseguia olhar para ele. Não sabia o que dizer. Shane não entendia, não podia entender quanto Karen se ressentia com o envolvimento de sua família na vida deles. Eles tentavam controlar tudo, desde a hipoteca até a casa e o casamento. Tudo. É lógico que ela pensava no futuro, queria fazer planos, mas só entre os dois — apenas Shane e ela. Ninguém mais tinha o direito de interferir.

— Sinto muito, Shane — foi tudo o que conseguiu dizer. — Não tenho mais certeza....

Ela se arrependeu do que disse, assim que as palavras saíram de sua boca. A expressão que ele exibía no rosto era de puro sofrimento. Karen achou que nunca o viu tão magoado.

Shane saiu da cozinha e poucos minutos depois ela ouviu bater a porta da frente.

Karen saltou quando de repente o telefone em sua mesa tocou. Era Mark King, da matriz, querendo saber se ela já encontrou alguém capacitado para trabalhar com ela. Melanie, sua assistente, ia sair de licença maternidade no mês seguinte. A garota tinha apenas vinte e três anos, pensou Karen, retirando o arquivo de pessoal de uma gaveta lateral da mesa. Será que tinha ideia de quanto sua vida ia mudar depois que tivesse o bebê? Karen achava que era altamente improvável que Melanie voltasse a trabalhar depois, e ela entrevistou várias candidatas com isso em mente. Se Melanie acabasse mudando de ideia e decidindo que não ia mais voltar, isso pouparia muito trabalho extra, pois contrataria alguém em regime permanente. Era só suposição, Karen sabia, mas viu isso acontecer várias vezes na empresa. Descobriu que muitas carreiras e ambições eram precipitadamente descartadas depois que uma criança entrava em cena. É verdade que diversas mulheres voltavam ao trabalho, mas Karen não conseguia imaginar como era possível que elas mantivessem o mesmo impulso e energia para progredir. O trabalho se tornava apenas uma necessidade, um meio para atingir um fim — um modo de pagar a hipoteca, sem falar da babá. Anos de esforço e sacrifício jogados pela janela ou para a coisinha jovem e brilhante que chega para tomar seu lugar.

Karen não ia deixar que isso acontecesse com ela. Amava seu trabalho, havia trabalhado duro para chegar onde estava e não ia deixar que Shane e sua família

intrometida a pressionassem para começar uma família, jogando tudo fora. Talvez eles acabassem tendo filhos, mas não antes de estarem prontos. Afinal, o dinheiro ficaria mais do que apertado se um deles deixasse de trabalhar por qualquer período que fosse. Nellie Quinn teria simplesmente que esperar um pouco mais por seu precioso neto Quinn. Que pena Jack não ter encontrado uma mulher e vivesse querendo resolver os assuntos dela e de Shane.

Karen suspirou. Estava cansada de ficar mal-humorada e deprimida. Nem se lembrava da última vez que conseguiu realmente relaxar e se divertir um pouco. A situação com a família de Shane consumia seus pensamentos desde a hora em que acordava a cada manhã até a hora em que ia dormir à noite. Deitada no escuro, ao lado de um Shane roncador, ela simplesmente não conseguia descansar, imaginando conversas e discussões com Nellie por horas a fio. Podia sentir um nó de ansiedade e frustração se formando dentro dela. Não ia conseguir continuar com isso. Pegou o telefone e digitou o número do trabalho de Jenny.

NA NOITE DA QUINTA-FEIRA seguinte, depois do trabalho, Karen tomou um ônibus até a Dawson Street e caminhou até a estação Pearse Street. Quando se aproximava do edifício do outro lado da rua, viu Jenny já esperando por ela.

— Ora, ora, você está ótima! — disse Karen, quando Jenny atravessou a faixa de pedestres e se aproximou dela. — Você engordou um pouco, não?

— Karen, honestamente, você acha que isso é cumprimento? — reagiu Jenny, fingindo-se insultada, mas o brilho em seus olhos sugeria que ela não havia dado a mínima para o comentário.

— Você precisava. Emagreceu um bocado nos últimos meses, e é muito bom ver você normal e de novo com o rosto corado.

Jenny fez uma careta, e em seguida perguntou, olhando para a amiga com certa preocupação:

— E então, o que há? — disse, olhando para a amiga com preocupação. Karen devia ter notado a mudança em Jenny, mas não dava para esconder a expressão nervosa em seu próprio rosto. A pesada maquiagem que usava não conseguia disfarçar as olheiras e as manchas em sua pele. Parecia que não dormia há uma semana.

— Mais tarde lhe contarei — disse Karen muito séria, não querendo entrar em detalhes sobre o assunto enquanto estavam na rua. — Vamos comer em algum lugar legal. Almocei cedo hoje e estou faminta.

Decidiram ir a uma pequena pizzaria italiana perto da Grafron Street.

— Então, conte-me as novidades — pediu Karen, ansiosa, assim que se acomodaram confortavelmente numa pequena mesa, com uma jarra de vinho entre elas. — Você me disse ao telefone que tinha um babado e não consegue parar de sorrir desde que nos encontramos na estação.

Jenny ria francamente, como se estivesse à espera de que Karen lhe fizesse aquela pergunta.

— Bem — disse, esfregando os dedos —, é Mike, bem, na verdade, Mike e eu...

Karen sorriu, compreendendo com perfeição.

— Você e Mike Kennedy finalmente estão namorando? Esta é uma novidade e tanto, Jenny! Diga-me como, quando, onde, tudo!

— Bem, eu o estava ajudando a procurar uma nova casa nesse fim de semana e...

Karen se aproximou mais, enquanto Jenny relembrava os acontecimentos da semana anterior. Ela estava entusiasmada pela amiga ao mesmo tempo que se sentia desanimada sobre sua própria situação com Shane. Por que, no tempo em que ela estava

na maior felicidade, Jenny enfrentava o inferno com Roan, e, agora que Jenny encontrou a felicidade com alguém, ela é que estava com problema? Isso parecia cruel.

Enquanto Jenny teve o que parecia um fantástico fim de semana com Mike, Karen e Shane estavam, desde então, dormindo em quartos separados. Na noite anterior, Shane só voltou do trabalho depois das dez horas. Mal disse uma palavra, foi direto para a cozinha preparar um chá e um sanduíche e logo em seguida foi para a cama, no quarto de hóspedes. Karen esperava que pudessem discutir a situação antes que virasse uma briga mais séria, mas até o momento não houve oportunidade. Eles já haviam tido algumas brigas tolas durante o relacionamento, pensou, mas essa era sem dúvida a pior de todas. Shane nunca conseguia ficar brigado com ela por muito tempo e geralmente era o primeiro a quebrar o gelo. Dessa vez, no entanto, ele parecia decidido a não amenizar a situação. Dessa vez, o esforço deveria partir dela.

— Estou muito contente por você, Jen — disse ela. — Sempre achei Mike um rapaz encantador. Desde a primeira vez que o vi, no casamento, percebi que ele havia sentido algo por você.

— Foi o que ele disse também — afirmou Jenny, como se isso nunca lhe tivesse ocorrido. — Porém, estou tentando não ficar muito animada, caso não dê certo, sabe? Ontem ele me mandou, no trabalho, duas dúzias de rosas — disse, rindo. Depois, seu rosto mudou e estremeceu: — A única coisa é...

— O quê?

— Bem, é que parei de tomar pílula há muito tempo. Você sabe como as odeio, e ela sempre me deixa com a sensação de estar inchada.

— Por favor! Você usou algum anticoncepcional aquela noite, não? — perguntou Karen, encarando-a.

— Simplesmente não pensei que...

— Oh, Jenny!

— Sei que sou uma tonta. Mas tomei a pílula do dia seguinte assim que pude comprá-la, portanto, tudo deve estar bem — disse com uma careta. — Vou ficar louca se estragar tudo antes mesmo de começar. Quero dizer... não sei bem como ele está se sentindo a respeito de tudo isso.

— Jen, Mike é um cara legal. Pelo que sei dele até agora, ele não parece ser o tipo de pessoa que se envolve sem estar seguro, não depois de ter-se divorciado. E não é, de jeito nenhum, como aquele outro sujeito... se é esse seu receio.

Jenny olhou para longe, à simples lembrança de Roan.

— Não é isso, embora ache que tal coisa já me passou pela cabeça. Hoje sei que Roan era um sujeito imaturo que provavelmente nunca se importou comigo, mas no início eu não sabia disso, não é mesmo?

— Mas todos nós tínhamos uma boa ideia disso — disse Karen calmamente.

— Você está certa — Jenny assentiu. — Algo me diz que Mike é um bom rapaz e que não é de maneira nenhuma como Roan. Mas, ao mesmo tempo, também não se pode perder o controle.

— Claro, mas, Jen, não deixe que isso a atrapalhe. Parece que Mike é totalmente louco por você. Aproveite enquanto durar.

Ela voltou a se sentar, quando a garçonete trouxe um prato de espaguete à bolonhesa para Jenny e uma pizza para ela.

— Farei isso — disse Jenny, enquanto tentava enrolar fios de espaguete em seu garfo. — Não via a hora de lhe contar tudo isso. Parece que estou flutuando desde o fim de semana.

— Você já o viu desde então?

— Não, mas ele sempre me telefona e vai jantar em meu apartamento amanhã. Deve ser o destino, sabe? Já havia me convencido de que não o via senão como amigo. E, de repente, naquela noite, tudo mudou.

Karen sorriu um tanto indiferente. Ela queria estar se sentindo mais entusiasmada, mas a cada palavra de Jenny se sentia mais desanimada em relação a Shane.

Jenny descansou o garfo no prato e comentou:

— Karen, me desculpe. Estou falando sem parar sobre Mike e eu e como tudo está maravilhoso, e nem sequer perguntei de Shane. Vocês já resolveram tudo? — Karen disse ao telefone que ela e Shane estavam com um problema.

— Na verdade, não — as lágrimas começaram a rolar de seus olhos antes mesmo de Karen perceber que estava lacrimejando. Furiosa consigo mesma, apressou-se a secá-las com um guardanapo.

— Oh, Karen, o que foi? — Jenny perguntou, recriminando-se por não haver notado há mais tempo a aflição da amiga.

— Não sei o que está acontecendo entre nós — Karen suspirou e tomou um gole de vinho. — Não nos falamos há dias. Ele está louco comigo porque me atrevi a perguntar por que ele havia dado a sua mãe a chave de casa. Ela chegou na sexta-feira enquanto eu estava no banho e começou a limpar tudo, a me criticar e... oh!, estou tão aborrecida com eles todos, Jenny! — As lágrimas corriam livremente. Karen agarrava seu guardanapo com tanta força que os nós de seus dedos estavam esbranquiçados.

— Calma! — disse Jenny, confortando-a. — Por que, depois que sairmos daqui, não vamos a um lugar tranquilo para tomar um drinque e você me conta tudo?

Karen concordou. Pouco depois, sentadas num canto sossegado de um pub próximo, Karen começou a falar do fim de semana, incluindo todas as interferências de Nellie Quinn.

— O fato, Jen, é que às vezes não tenho certeza se estou só fazendo tempestade em copo d'água. Shane certamente acha isso, mas sei que estou magoada, que me magoarei de novo, e realmente não vou conseguir suportar isso.

— Mas não se trata apenas de você — disse Jenny. — Não há mulher no mundo que fosse capaz de aguentar isso. Shane errou muito achando que podia dar à mãe uma chave sem consultar você. Ela podia visitá-los a qualquer hora.

— É exatamente o que acho — concordou Karen —, mas Shane parece pensar que tudo isso é perfeitamente razoável. O que penso não tem a menor importância.

— Não acho que Shane não se importe com seus sentimentos — disse Jenny, balançando a cabeça. — Vocês não discutiram bastante o assunto?

— Não como devíamos ter feito — disse Karen secamente. — Mas é sempre a mesma coisa... Sua maldita família! Eu realmente gostaria, em primeiro lugar, que eles nunca tivessem se metido entre nós. Eu já havia dito como Jack é, e agora os outros parecem ter entrado em ação também.

— Bem, percebi que alguma coisa já estava errada no outro dia, com Tessa e Gerry. Difícil não notar.

— E há mais — continuou Karen. — Ele continua me pressionando para marcar a data do casamento. Já disse, Jenny, não tenho intenção de me casar, por isso aqueles Quinn todos podem parar de me aborrecer com a história de ter filhos. Nellie está determinada a extrair de mim um neto — riu com amargura. — Você consegue acreditar nisso? Nessa situação e com essa idade? Bem, eu disse a Shane que só nos casaríamos quando estivéssemos bem e prontos para isso, e não antes, não para satisfazer os Quinn.

Jenny olhava para ela, perplexa.

— Karen, posso fazer uma pergunta?
— Claro, o quê?
— Bem, você continua falando sobre o que querem os Quinn e o que você definitivamente não quer. Mas já perguntou a Shane como ele se sente em relação a tudo isso?

— O que você quer dizer?

— Bem, corrija-me se eu estiver errada. No ano passado, Shane a pediu em casamento. Ele disse: “Quer se casar comigo?” e não “Quer se casar comigo e instantaneamente tornar-se minha máquina de fazer bebê?”, não foi?

— Mas as duas coisas estão ligadas, Jenny. Para Nellie Quinn, eu deveria dar à luz exatamente nove meses depois de minha noite de núpcias.

— É exatamente isso que estou falando. Você continua dizendo que Nellie Quinn diz isso, Nellie Quinn pensa assim... Shane disse que espera que você desista de sua carreira e tenha uma ninhada de filhos assim que vocês se casarem?

— Não, mas...

— Mas nada, Karen. Você não pode pensar assim, pois isso confunde os dois. Conheço um pouco o Shane e sei que ele é um rapaz sensível. Não consigo imaginar que ele espere que você desista do emprego e tenha um filho assim que se casarem. Para começar, vocês dificilmente poderiam arcar com outra despesa além da hipoteca — Jenny se sentou e olhou Karen diretamente nos olhos. — Sou capaz de apostar que você nunca perguntou a ele nada sobre isso.

— É claro que perguntei — disse Karen com indignação. — Disse que não haveria nada que me fizesse desistir de meu emprego e tudo o que já consegui para ficar em casa trocando fraldas sujas e vendo TV. Ele sabe disso!

— Karen, ouça o que está dizendo! — disse Jenny, meio irritada. — Você fica repetindo o que não vai fazer, do que não vai desistir. Já pensou, por um segundo que seja, que Shane pode estar simplesmente querendo se casar com você? Ele realmente já disse que “quer que você dê à família um neto Quinn” como você eloquentemente afirma? Seja honesta. Ele disse isso?

Karen ficou pensando antes de responder:

— Não, de fato ele não disse nada tão direto. Mas eu sei que é isso que ele quer, Jenny. Ele ama crianças. Vive fazendo brincadeiras com seus sobrinhos e...

— Karen, sei que não sou ninguém para falar sobre relacionamentos, mas você não vai conseguir muito de um casamento se não conseguir falar sobre essas coisas. Veja como penso. Shane não pode entender seu ressentimento com sua família porque não sabe da pressão a que você está submetida. Sim — acrescentou com veemência, vendo a expressão da amiga se fechar —, você é seu pior inimigo. Se simplesmente se sentar calmamente e explicar a ele como está se sentindo, garanto que ele vai ficar totalmente chocado.

— Não acho isso, Jenny. Ele sabe como me sinto...

— Karen — Jenny calmamente a interrompeu —, prometa-me.

— O quê?

— Apenas prometa-me. Prometa-me que vai para casa agora e conversará com Shane sobre isso. Esqueça Nellie e os Quinn, apenas descubra exatamente o que ele pensa a respeito disso.

Karen fez um lento movimento afirmativo com a cabeça. De certo modo, ela conseguia entender aonde Jenny queria chegar. Afinal, ela e Shane nunca haviam discutido se ou quando teriam filhos depois do casamento. Jenny estava certa. Seus sentimentos sobre o assunto sempre pareciam ficar perdidos nas discussões sobre sua família. Talvez, como Jenny havia dito, ela devesse descobrir de uma vez por todas o

que ele pensava sobre o assunto. E se ele dissesse sim, que queria de fato começar uma família imediatamente? O que ela faria então? Isso seria o fim de seu relacionamento?

SHANE ESTAVA MEIO ADORMECIDO no sofá quando ela voltou para casa, depois de deixar Jenny em segurança na estação Pearse Street e tomar um táxi.

Os olhos dele se recusavam a desviar-se da TV quando ela entrou. Karen tirou a jaqueta e pendurou-a no cabide da entrada. Sentou-se ao lado dele no sofá.

— Shane, precisamos conversar.

— Eu sei — disse ele, de olhos grudados na tela.

Karen voltou o rosto para ele, incerta sobre como começa.

— Olhe, Shane, andei preocupada com um bocado de coisas ultimamente e, para ser honesta, sem levar você em conta.

— Pode dizer isso de novo — Shane continuava sem olhar para ela.

Tudo bem, Karen, disse consigo mesma. Fique calma, não se altere.

— Sei e sinto muito. Não é culpa sua, e você não deveria ter que lidar com isso. A questão é a seguinte: quando você começou a falar a toda hora em marcar uma data para o casamento, bem, eu congelei.

— Não tem importância — disse ele, pegando um jornal da mesa de centro e pondo-se a folheá-lo displicentemente. — Acabou, Karen.

Karen sentiu como se tivesse levado um forte pontapé no estômago.

— O que você quer dizer?

— O que estou dizendo — disse ele, imitando o tom de voz dela — é que estamos terminados, acabou, fim, escolha o termo que quiser.

— Shane — Karen se aproximou para tocá-lo.

— Esqueça. — Ele se levantou, com o rosto alterado. — Para mim chega disso, Karen. Quando ficamos noivos e compramos esta casa, eu era o homem mais feliz do mundo. Mas você mudou! Nunca mais se sentiu feliz com nada. Ultimamente tenho me matado de trabalhar sempre que consigo fazer umas horas extras. Estava planejando fazer uma surpresa, levá-la a algum lugar num fim de semana, qualquer coisa que pudesse alegrá-la. Mas estou perdendo meu tempo, não é? Você não pretende se casar comigo. Você achou que eu não notava que toda vez que eu, ou qualquer outra pessoa, trazia à tona o assunto, você reagia como se tivesse se queimado?

— Shane, sinto muito — disse Karen, com muito medo —, mas, se você me deixasse explicar...

— Olhe, ao que me parece, pode haver somente uma explicação: você obviamente não me ama mais, Karen. Sem mencionar o fato de que parece alimentar uma espécie de ódio contra minha família.

— Oh, pelo amor de Deus, Shane, o que você esperava? — ela não podia segurar aquilo por mais tempo. — Como você se sentiria se meu pai ficasse o tempo todo falando da pintura das portas de sua casa ou da colocação de carpete neste lugar? Nada do que faço é suficientemente bom para sua mãe. Não sei o que ela tem contra mim, mas...

— Você não consegue ouvir a si mesma? — disse Shane, levando exasperado as mãos à cabeça. — O que minha mãe tem a ver com isso?

Karen respirou fundo, sentou-se novamente e juntou as mãos.

— Olhe, sei que você está zangado comigo e até entendo por quê. Mas você não sabe o que está se passando em minha cabeça ultimamente. Andei preocupada e...

— Tudo bem, não sei o que está se passando em sua cabeça. Então, vamos lá, diga-me exatamente o que está acontecendo, porque o que sei é que não consigo

aguentar mais isso. As brigas, os silêncios, e dormir em quartos separados, tudo isso está me deixando louco!

— Você quer se sentar, por favor? — disse, apontando para o espaço a seu lado. Shane se acalmou.

Ela de novo respirou fundo e disse:

— Você talvez não vá gostar do que vou lhe dizer, mas, por favor, Shane, não me interrompa. Se não fizer isso agora, jamais farei.

— Ok, atire!

Ela notou que ele ainda estava muito zangado, mas parecia um pouco mais calmo.

— Está bem. Quando ficamos noivos e depois que fomos para a casa de sua mãe, acho que foi algumas semanas depois, tive uma conversa com Marie. Não pensei muito nisso na época, mas o assunto simplesmente me voltava à mente de tempos em tempos.

Shane olhava para ela, intrigado, mas nada disse.

— Marie me disse o quanto todos estavam ansiosos por outro neto, que sua mãe vivia dizendo que achava que nem você nem Jack iam se casar. Também me perguntou quando pretendíamos casar e começar uma família. Conteí que estávamos esperando resolver o problema da casa para pensar no casamento. — Ela encolheu os ombros e continuou: — Depois disso, quase imediatamente Jack anunciou que nos ajudaria como fiador da hipoteca desta casa. Parecia que sua família estava tentando ajeitar as coisas para que pudéssemos nos apressar e casar.

— Mas não foi nada disso! — disse Shane, incapaz de manter sua promessa de não interrompê-la. — Jack nos fez um enorme favor. Como você não consegue perceber isso?

— Por favor, Shane, deixe-me falar, sim?

— Está bem, continue — disse, parecendo cansado.

— De todo modo, logo depois que mudamos para cá, passamos a ver muito mais sua mãe e o resto da família. Parecia que eles estavam sempre entrando e saindo por uma razão ou outra. E para mim era como se me dissessem: “Bem, o problema de sua casa está resolvido. Agora, mexa-se e me dê um neto”. Não me olhe assim, Shane, só estou dizendo como me sentia. — Ela o viu balançar a cabeça de um lado a outro, mas sem dizer nada. — Então você continuou a falar sobre marcar uma data, e eu pensava que não ia desistir de meu emprego, que eu amo, só para manter abastecida de netos a família Quinn. Para mim, casar se tornou uma equivalência de desistir de uma vida que adoro e começar uma nova.

— Desculpe, Karen, mas tenho que interromper — Shane disse de maneira firme. — Por que você nunca me perguntou o que eu achava disso tudo? Ok, sei que Marie pode ser um bocado difícil quando se trata de seus filhos, afinal, ela tem três, mas o que a fez pensar que eu ia querer que você desistisse de seu emprego depois do casamento?

Karen ficou ligeiramente contente. Será que Jenny estava certa?

— Eu já trabalho muito para que possamos manter as coisas como elas estão, querida. Talvez nem conseguíssemos manter um teto sobre nossa cabeça se apenas um de nós trabalhasse, não é mesmo?

Ele se chegou mais para perto e pôs um braço em volta dela.

— Karen, eu realmente queria que você tivesse dito isso antes. Não fazia ideia de que você estava se sentindo assim. Pensei que havia mudado de ideia sobre o casamento e não quisesse me dizer.

— Bem, suponho que de certo modo mudei de ideia — disse ela, enquanto uma onda de alívio percorria seu corpo, ao sentir seu braço em torno de seu corpo.

— Karen, ter uma família não é prioridade em minha vida, posso lhe garantir isso. Antes de mais nada, quero só que nos casemos e aproveitemos a vida juntos. Se, e quando, decidirmos ter um filho, isso será uma decisão nossa, de ninguém mais.

— Tem certeza? — perguntou Karen, mal se atrevendo a acreditar nele.

— Definitivamente — disse ele, dando um beijo no alto de sua testa. — Não ligue para minha mãe e Marie. — Elas nunca souberam fazer outra coisa senão casar e ter um filho atrás do outro. Marie nem mamãe nunca trabalharam fora da fazenda. Você não devia ter permitido que elas a deixassem desse jeito.

— Suponho que não — disse Karen, mordendo o lábio. — E sinto muito por todas as discussões sobre sua família, Shane. Não quero que pense que eu tenho algo contra elas, porque não tenho. Mas sempre senti que elas de algum modo me desaprovavam.

— Olhe, vou conversar com mamãe, dizer a ela que faça Marie parar com esse papo de bebê, ok?

Aliviada, Karen concordou. Ela não podia acreditar que havia deixado aquilo continuar por tanto tempo, a ponto de criar um fosso entre ela e Shane. Sem nem descobrir como ele se sentia a respeito.

Shane estreitou-a num abraço apertado.

— Eu a amo, e nada nem ninguém vai mudar isso. Acredita em mim?

Ela assentiu, com a cabeça apoiada em seu ombro.

— Tá certo. Assim, vou perguntar de novo, pela terceira vez: Karen Cassidy, quer se casar comigo?

33.

Excitada, Tessa gritava ao telefone:

— Então você já organizou tudo? Igreja, flores, vestido, tudo?

— Tudo, exceto o vestido — respondeu Karen orgulhosamente. Estava começando a ansiar por esse casamento, agora que tudo estava arranjado. Passou a última meia hora ao telefone com Tessa, contando-lhe o que aconteceu e que ela e Shane já haviam marcado a data.

— Dia 15 de junho. Marque em sua agenda. E não vai ser na igreja, mas no cartório.

OH — Tessa fora pega de surpresa. — E o vestido, as flores, as damas de honra, tudo aquilo?

— Tessa — disse Karen, rindo —, o cartório também pode ser decorado com flores, você sabe, não estamos nos casando numa casa noturna!

— Ah, está certo — Tessa concordou. — É que nunca vi um casamento em cartório. Não tenho a menor ideia do que esperar, é isso.

— Vai ser ótimo! Posso lhe garantir que Shane e eu não vamos dançar em volta de uma fogueira, com o rosto pintado com sangue pagão. E não se preocupe, pode se vestir com algo lindo, um vestido colado ao corpo, se é com isso que está preocupada.

— A esta altura — disse Tessa com uma risadinha —, não vou achar nem um vestido comum que me sirva, quanto mais um justo!

Karen balançou a cabeça e perguntou:

— Por quê? Você engordou? Não notei quando você esteve aqui da última vez.
— Porém, sabia que Tessa sem dúvida apareceria no casamento usando um modelito supersexy de tirar o fôlego que faria Liz Hurley parecer fora de moda.

— Não é bem isso — Tessa parecia acanhada.

— Como “não é bem isso”? O que você quer dizer. — Então se tocou. — Deus meu! Tessa, não está me dizendo o que acho que está...

— Já estou de quase cinco meses—disse Tessa, rindo.

— Cinco meses! Mas você já devia estar sabendo disso quando estive aqui com Gerry, depois da lua de mel! Por que não me disse?

Karen pressentiu que Tessa erguia os ombros do outro lado da linha.

— Você deve se lembrar que naquela época estava aborrecida com toda a conversa sobre bebês que tinha de ouvir dos Quinn. Você explodiria se eu lançasse a novidade, além do que não achava justo lhe contar naquele momento. Foi por isso que pedi a Gerry que também ficasse de boca calada.

— Oh, não! Sinto-me terrível, agora! Você devia estar louca de vontade de nos contar. — Agora que sabia, Karen se lembrou de que ela bebeu muito vinho naquele dia.

— Bem, como sabe, nunca fui boa para guardar segredos. Fizemos as contas e parece que a concepção se deu apenas poucas semanas antes do casamento. Pode acreditar nisso?

— Então, não foi algo planejado?

— Absolutamente! Fui ao médico não muito depois da lua de mel, sem suspeitar de nada. Levei um choque, confesso. Mas estamos emocionados, agora que já tivemos a chance de refletir sobre o assunto.

— Oh, estou tão feliz por você! Espere até eu contar a Jenny... ela vai adorar!

— E como vai ela? O grande romance continua indo bem, espero.

— Parece que sim — disse Karen. — Você devia vê-la. Nestas últimas semanas, tem andado radiante.

— E também deve estar vibrando por ser sua dama de honra no casamento, suponho.

Karen ficou calada, imaginando se Tessa não ficaria chateada por ela ter apenas uma dama de honra. Como não tinha irmãs, sua amiga mais antiga, Jenny, era a escolha óbvia.

— Claro! Espero que você não se importe por tê-la convidado, Tessa. O fato é que somos amigas desde crianças e...

— Pare com isso, garota! — Tessa não se importou com isso. — Nem esperava que você fosse convidar outra pessoa — disse ela, com um suspiro. — De toda maneira, em junho vou estar enorme e pronta para dar à luz a qualquer hora.

— E para quando você está esperando? — Karen perguntou, receando que Tessa pudesse entrar em trabalho de parto no dia de seu casamento com Shane.

— Não será antes de julho, portanto, teremos tempo.

— Que bom! Tenho que admitir que por um minuto fiquei um tanto preocupada.

— Terei prazer em comparecer — disse Tessa, e as duas riram. — Estou contente por ter ligado. Deus sabe como eu precisava ouvir boas notícias. Fomos para casa na semana passada e há mais um atraso com a construção, por isso ainda não vamos nos mudar.

— Parece que está levando mais tempo do que vocês esperavam, não? — disse Karen, lembrando que ela e Gerry haviam dito que sua nova casa estaria pronta no começo do ano, e já era fim de março.

— Nem me diga! — lamentou-se Tessa. — Estamos tendo sérias dificuldades com a documentação, e acho que vamos ter que mudar o projeto da casa. Estou com muita raiva, porque queria usar na fachada uma pedra linda, para deixá-la com aparência rústica, mas agora parece que o material não tem permissão de uso. A recomendação oficial é que seja utilizado material “existente nas redondezas” ou outras bobagens como essa.

— É uma pena — disse Karen. — Mesmo assim, estou certa de que ficará linda quando estiver pronta e decorada.

— Não sei, não. O dinheiro ficará mais apertado quando o bebê chegar e eu deixar de trabalhar.

— Você vai abandonar o trabalho quando vocês se mudarem? — perguntou Karen, imaginando como era possível que Tessa quisesse ficar em casa só na companhia de um bebê.

— De jeito nenhum! Está louca? Alguns meses de fraldas e mamadeiras já serão suficientes para mim. Depois disso, ele pode ir para um berçário ou uma escola maternal. Felizmente não vou ter que me preocupar em encontrar uma babá.

— Suponho que sua mãe vai querer ajudar, não?

— Hum... tomar posse, melhor dizendo. Mas, por falar em parentes, como estão as coisas entre você e Nellie?

Karen revirou os olhos, dizendo:

— Desde que Shane e eu tivemos aquela conversa, eu a tenho visto muito menos ultimamente. — Graças a Deus, disse consigo mesma. — Jack, no entanto, continua circulando em volta de nós.

— Pensei que ele morasse em Londres — disse Tessa. — Por que ele tem passado tanto tempo por aqui?

— Boa pergunta. Sei que ele tem negócios na cidade, mas, honestamente, ele fica indo e vindo quase toda segunda semana do mês.

— Quem sabe ele está se encontrando com alguém e não quer que ninguém saiba, por enquanto — Tessa conjecturou. — Você disse que ele não tinha namorada.

Surpresa, Karen mexeu-se na poltrona.

— Jack pode ter alguém. Isso explicaria por que ele não fica em Meath com Nellie.

— Ele tem quantos anos? Trinta e três ou algo parecido? — Tessa perguntou. Com certeza está um tanto velho para esconder da mamãe as namoradas.

— Depende se é ou não uma namorada.

— Oh! — Tessa imediatamente entendeu. — Você acha que ele joga no outro time?

— Isso me passou pela cabeça, embora não saiba bem por quê. É só alguma coisa com ele. E também há o fato de nunca ter tido um relacionamento sério, até onde Shane sabe. Parece que a família desistiu de esperar que Jack produza o herdeiro do império Quinn.

— Império?

— Bem, a fazenda tem 40.000 m² — disse Karen, rindo. — Não creio que Nellie gostaria se fosse revelado que um de seus queridinhos é gay.

— Não nos dias atuais... — comentou Tessa, receosa quanto a essa ideia.

— Estamos falando de uma esquisita mulher de sessenta anos, esposa de um velho fazendeiro das terras selvagens de Meath, Tessa. Ela não é frequentadora assídua do George's, você sabe. — Karen riu alto só de pensar em Nellie Quinn tomando um drinque num dos mais conhecidos bares gays de Dublin.

— Pobre Jack — disse Tessa.

— Pobre coisa nenhuma! Se ele quiser manter um caso escondido, que faça em outro lugar.

— Você não acredita que ele levaria alguém a sua casa, não é?

— Espero mesmo que não, homem ou mulher — afirmou Karen —, mas, obviamente, se estiver saindo com alguém, virá a Dublin com mais frequência. De todo modo, não vou piorar as coisas falando disso com Shane. Nós estamos muito bem agora, por isso só vou me preocupar com minhas coisas.

— Para variar! — disse Tessa, rindo.

Mas aquilo era verdade, pensou Karen, depois que desligaram o telefone. Quanto a Jack, ele podia fazer o que bem entendesse, contanto que não se metesse com ela e Shane. Mal desligou o telefone, ele tocou de novo.

— Karen, aqui é Nellie Quinn — disse a voz do outro lado da linha.

Karen blasfemou consigo mesma. Falando do maldito diabo...

— Alô, Nellie, como vai? — disse com voz amável, tentando ao máximo ser educada — Shane ainda não voltou do trabalho, se é que está querendo falar com ele.

— Na verdade, era com você que queria falar — disse com voz queixosa.

Karen resmungou intimamente: O que será desta vez?

— Shane me disse no fim de semana que você marcou a data do casamento, e eu gostaria de conversar com você sobre isso. Ele disse que a cerimônia será realizada numa espécie de... de cartório em Kilkenny. É isso mesmo?

— Exatamente, Nellie. — Ela esperava que Nelly fosse desaprovar o casamento num cartório, mas pelo tom de sua voz era mais que certo que o lugar era igual a um clube de striptease ou um bordel.

— Karen — disse Nellie, fungando —, longe de mim querer interferir, mas não acho esse lugar próprio para um casamento. Por que você não faz um casamento normal, numa igreja, como todo mundo? Não sei se você foi criada segundo os preceitos do Senhor, mas Shane foi e...

— É mesmo? — Karen interrompeu-a, sentindo uma alfinetada pela observação sobre sua educação. — E quando foi a última vez que Shane entrou numa igreja, Nellie?

— Mas você poderia perguntar a qualquer casal de sua idade, querida — argumentava ela —, e nada impediria nenhum deles de se casar na casa do Senhor. Afinal, onde você encontraria um cenário mais lindo? E, por outro lado, num cartório as fotografias não ficariam boas.

— Nellie, com todo o respeito, Shane e eu não vamos nos casar para ficar lindos nas fotos de nosso casamento. — A voz de Karen estava fria como aço. — Também não temos interesse em acender uma fileira de velas no altar e aguentar um monte de gente murmurando preces — ela já falou isso com uma dúzia de colegas de trabalho, depois com Tessa e até com Jenny. Todas, com exceção de seus parentes, se mostraram quase apavoradas com a ideia de uma cerimônia de casamento apenas no cartório. Não conseguiam entender que ela e Shane não tinham interesse em se casar na igreja. Karen quase podia ver a expressão irritada de Nellie ao telefone.

— Bem, eu não quero isso! — Nellie bradou, a calma já a havia abandonado. — Não quero ser parada na rua por gente perguntando por que meu caçula não se casou na igreja. Você pode, por favor, dizer para Shane me telefonar quando chegar do trabalho?

— Está bem — respondeu Karen secamente e, sem mais palavra, dispensou a futura sogra.

Mais tarde, quando Shane chegou, ela transmitiu o recado de Nellie, sem dar nenhuma dica sobre a conversa que teve com ela. Filho obediente que ele ligou para a mãe depois do jantar.

Surpresa, Karen levantou o olhar dos pratos que estava lavando, a fim de olhar para Shane, que voltava para a cozinha rindo alto.

— Mamãe está muito zangada — disse com um sorriso. — Algum devoto da Legião de Maria parou-a na rua hoje e perguntou se era verdade que seu filho mais novo ia se casar num refúgio ou algo parecido por não poder se casar na igreja. Quase me molhei todo quando ela disse isso.

— Oh, querido — disse Karen, com um sorriso largo, enquanto enchia de água a chaleira. — Eu me pergunto o que ela quis dizer sobre gente parando-a na rua para dizer isso. O que você respondeu?

— Bem — disse Shane, aproximando-se de Karen pelas costas e abraçando-a —, que ela devia dizer às pessoas que isso não é da conta delas, mas, se quisessem realmente saber, que lhes dissesse que vou me casar com uma americana rica que teve tantos maridos que não a deixariam ficar sob o teto de uma igreja. Uma mulher que faria Liz Taylor corar. Isso deve dar-lhes um bom motivo para comentar.

— Shane, você está mesmo de acordo com tudo isso? Quero dizer, você está seguro de que estamos fazendo a coisa certa? — De repente, Karen se sentiu culpada. Talvez eles devessem seguir a corrente e fazer o que todo mundo esperava que fizessem, em vez de ter que aguentar toda essa confusão.

E Shane estava tendo que tolerar isso

— O que foi que você já disse, amor? É nosso casamento e, enquanto estivermos felizes, mamãe pode dizer o que quiser. Isso nada tem a ver com ela.

— E se ela, em protesto, acabar nos boicotando ou coisa parecida? Nenhum de nós ia querer isso.

— Deixe-a para lá — disse Shane com firmeza. — Se ela está mais preocupada com o que pensam os vizinhos do que se sentir feliz por nós, então o problema é dela. — Ele a beijou suavemente na testa. — Olhe, levei um bom tempo convencendo-a a marcar uma data e não tenho intenção de mudar nada apenas para fazer minha mãe feliz.

— Tem certeza? — disse Karen, um tanto insegura. Ela só esperava que Nellie os deixasse em paz para prosseguir com os planos do casamento, sem desaprovar e reclamar de cada detalhe. Conhecendo Nellie, ela iria desenvolver séria alergia a orquídeas (flores que Karen escolheu para os arranjos) ou ter alguma aversão pela carne de cordeiro do banquete. Ela já expressou sua opinião sobre o local do evento. Só Deus sabia como já era bem difícil organizar tudo, sem o peso adicional de uma sogra enjoada. Ela e Shane tinham acabado de chegar a uma difícil reconciliação e certamente aquela não era hora de sua mãe tentar e conseguir arruinar tudo.

Mas, infelizmente, Karen, por experiência, já sabia que Nellie Quinn podia ser muito persuasiva quando tentava fazer as coisas do seu jeito.

34.

— SAÚDE! — JENNY SORRIA para Mike enquanto brindavam. Ela preparou um jantar em seu apartamento, para comemorar a aprovação da oferta que ele fez para a compra de uma casa em Blackrock na manhã daquele dia. Pouco antes, Jenny foi ver a casa com ele e concordou que o bangalô dos anos 1930 combinava perfeitamente com Mike. A casa só foi reformada recentemente, com uma mudança e acréscimo de um sótão. Os proprietários mantiveram as linhas originais na parte externa, mas, para alegria de Mike, elas favoreciam o interior moderno e elegante. A casa estava localizada fora da movimentada estrada e não distante de Blackrock. A propriedade apresentava privacidade extra, já que era circundada por um jardim e ficava escondida atrás de

velhos olmos e faias. Mike caiu de amores por ela imediatamente. Por tudo isso, ele se envolveu numa guerra de lances com outros interessados e ofereceu um preço bem acima do pedido. Estava na expectativa de que tudo fosse concluído em poucas semanas.

—Mal posso esperar para me mudar — disse ele, sonhadoramente, sentando-se de novo no sofá, com as mãos atrás da cabeça. — Eu tinha certeza de que o casal inglês ia oferecer o lance mais alto de novo. Graças a Deus não fizeram. Eu ia ter que conseguir um segundo trabalho para arcar com aquela casa.

— Para com isso! Lembre onde você tem suas contas bancárias — disse Jenny, rindo.

— Esqueci que você conhece minha fortuna — contestou Mike, rindo também. — Talvez devesse mudar para outro banco.

— Não se atreva! — Jenny exclamou. — Já estou sentindo algumas estranhas vibrações vindas de Barry. Tenho a sensação de que ele acha que o fato de eu estar saindo com você pode ser uma espécie de conflito de interesses.

— E é? — Mike olhou para ela, por um momento preocupado.

— Imagine! — Ela colocou mais vinho nos copos. — Até onde sei, não há nada em meu contrato que diga que não posso sair com clientes ricos e poderosos. De todo modo — acrescentou com um sorriso malicioso, isso nunca foi impedimento para mim até agora. — Ela se abaixou bem a tempo de se desviar da almofada que ele atirou nela. — Ei, você quase derrubou meu copo.

— Sinto muito — Mike fingiu estar envergonhado. De repente, sentou-se. — Você vai fazer alguma coisa neste fim de semana?

Jenny fez que não com a cabeça.

— Por quê? Está pensando em me carregar para longe, para algum lugar romântico?

— Não exatamente — disse Mike, enquanto sua expressão ficava séria. — É só... — ele hesitou. — Bem, Rebecca está na cidade, e falei-lhe de nós e... bem, ela gostaria muito de conhecer você.

— Oh! — Jenny não conseguiu pensar em nada mais para dizer. Rebecca. Por mais curiosidade que tivesse sobre a ex de Mike, a última coisa que Jenny queria fazer era se encontrar com ela face a face. O que raios elas teriam a dizer uma à outra? E por que Rebecca estava ansiosa para conhecê-la? Será que queria examiná-la?

Desde aquela vez em Wexford, ela e Mike raramente passaram uma noite separados. Só recentemente haviam saído com o pessoal da InTech, e ele a apresentou aos colegas e à equipe como sua “parceira”. Jenny ficou surpresa no começo, mas gradualmente foi descobrindo que ela estava muito excitada diante da perspectiva de um relacionamento real com Mike e de ser considerada uma pessoa importante em sua vida. E era maravilhoso não ter que se preocupar se ele realmente estava ou não interessado nela ou se ia ou não se aborrecer com ela e ir embora, como sempre se sentiu com Roan. Com Mike, tudo, inclusive os sentimentos, era transparente, e ele esperava a mesma coisa dela.

E agora ele queria que ela conhecesse sua ex-esposa. Que civilizado! Jenny não sabia bem por que, mas já antipatizava com aquela mulher. Afinal, para ela, Rebecca abandonou Mike quando ele não havia concordado com suas exigências para formar uma família, em vez de apoiá-lo na consolidação de sua empresa. E então depois, para esfregar sal nos ferimentos, ela ainda teve dois filhos com o tal de Graham.

De novo, Jenny se perguntava por que, cargas d’água, Mike ainda continuou amigo daquela mulher, depois de tudo o que ela havia feito. Assim era ele. Ela não conseguia imaginar Mike ficando zangado com ninguém, pelo menos não por muito

tempo, embora tivesse ouvido de Ken, que cuidava de suas contas no banco, que ele era frio quando se tratava de negócios.

— Bem, o que você acha? — perguntou Mike, trazendo-a de volta ao presente. — Graham é galês, e eles estão vindo para cá para o jogo de rúgbi em Lansdowne. Rebecca achou que seria uma ótima oportunidade de nos encontrarmos.

— Em uma partida de rúgbi? Não seria um lugar muito barulhento?

— Não — disse Mike, rindo —, poderemos encontrá-los em algum lugar na cidade, mais tarde.

— Está bem. — Jenny achou melhor concordar, antes que Mike percebesse sua hesitação.

— Ótimo! Você vai gostar dela, Jenny. Creio que vocês duas vão se dar bem, de verdade. Becky é muito bacana.

Jenny forçou um sorriso enquanto dava um gole no restinho de champanhe, já morno, lembrando-se de um artigo sobre modos de se comportar com ex que leu recentemente numa revista. A moral da história parecia ser que não há nenhuma — para a maioria das mulheres era unhas de fora, independentemente das personalidades envolvidas. Jenny queria ter prestado mais atenção, porque logo ia ter que experimentar alguma “etiqueta com ex” por conta própria.

JENNY FICOU A MAIOR parte do sábado diante do espelho do quarto, tentando decidir que roupa usaria naquela noite. Não tinha a mínima ideia do que vestir para a ocasião. Queria parecer elegante, mas ao mesmo tempo não muito chamativa. Não queria usar nada muito fashion, porque isso sem dúvida chamaria a atenção para o fato de que ela era uns bons dez anos mais nova que a ex-mulher de Mike e ela não pretendia se comportar como uma adolescente tola. Também não queria usar saltos altos porque Mike não sabia se iam ou não sair pela cidade, e ela não ia ser capaz de esperar em pé numa fila, por duas horas ou mais, até que conseguissem um táxi para voltar para casa. Jenny nunca se sentiu assim — nunca perdeu tanto tempo escolhendo uma roupa. Estava completamente insegura quanto à imagem que devia passar. Em geral, ela sabia instintivamente o que usar — terninhos bem cortados para o escritório, uma roupa casual, simples, para ir a um pub à noite, um traje de festa elegante e na moda para ocasiões especiais. E havia o problema do que fazer com o cabelo. Deixou-o crescer e agora ele estava abaixo dos ombros.

Se usasse o cabelo solto, a primeira impressão de Rebecca seria que ela era uma loura burra querendo agarrar um divorciado rico. Se o prendesse, poderia parecer muito séria ou muito extravagante, dependendo da roupa. O que levou Jenny de volta ao início.

Ela precisava de algum conselho, pensou, descartando uma saia de chiffon de corte diagonal que estava por cima de pelo menos vinte outros prováveis trajes em sua cama. Descalça e sem sutiã, Jenny foi até o quarto da frente, em direção ao telefone.

— Tessa, aqui é Jenny. Preciso de um conselho seu e rápido!

Pouco depois, naquela noite, quando Mike foi buscá-la de táxi, Jenny estava se sentindo mais confiante. Aceitando o conselho de Tessa, vestiu sua blusa preta de caxemira de gola olímpica, a jaqueta vermelha forrada de pelo de ovelha e calça preta de pernas largas e sandálias pretas, de tiras. Tessa foi inflexível — ela não devia ter menos que 7,5 cm de salto.

— Eu lhe farei uma confidência — ela insistiu. — Não há nada melhor do que o som de saltos altos no chão para fazer você se sentir ótima em relação àquilo que está usando. Mas com o preto você não pode errar, e também não há mal nenhum em mostrar um pouco de carne.

Jenny se sentiu muito melhor depois do telefonema e, como se confirmou, Tessa estava certa. Com aquela roupa, ninguém poderia criticá-la. Seu cabelo louro sobressaía ainda mais com roupa preta. Ela o deixou solto, mas, conforme sugestão de Tessa, pôs as mechas da frente atrás da orelha.

De qualquer modo, Mike parecia bem feliz com ela, Jenny pensou, lembrando o assobio que deu quando ela entrou no táxi. Mas essa era só meia batalha. Apesar das garantias de Tessa de que ela surpreenderia a todos, Jenny não estava inteiramente confiante. E se Rebecca fosse aquele tipo afetado de intelectual e todos comessem a discutir política? Jenny não era tola, mas o tema não lhe interessava nem um pouco, além de não ter opinião formada sobre a coalizão governamental ou os partidos de oposição. Ela podia se virar bem numa discussão sobre economia ou negócios, mas de política...

— Você está bem? Está tão calada — disse Mike, tocando em seu braço.

— Acho que estou um pouco nervosa. Não sei exatamente o que esperar.

— Honestamente, Jenny, será ótimo. Rebecca e Graham são pessoas simples. Sei que vocês vão se dar bem.

— Espero que sim. Onde vamos nos encontrar com eles?

— Eles estão nos esperando no Jury's, em Christchurch. Disse que nos esperassem no bar, e lá decidiremos para onde ir.

— Provavelmente vamos acabar em algum lugar no Temple Bar, já que ele é logo ali abaixo, na mesma rua.

— Talvez, mas devo avisá-la que Becky e Graham não gostam muito de pubs.

— Oh! — Obviamente ele estava se referindo à diferença de idade entre ela e os outros. De repente, Jenny se sentiu muito tola. Ela se acomodou no banco e pouco falou pelo resto da viagem. Notou que Mike, estranhamente, também estava calado. Talvez estivesse nervoso por estar exibindo sua nova mulher, mais jovem.

Pouco depois, o táxi estacionou diante do hotel. Enquanto Mike atravessava a porta automática na frente dela, Jenny respirou fundo. Olhou para a esquerda na direção do bar e viu uma mulher de formas levemente arredondadas, sorridente, indo na direção deles. Seria Rebecca? Jenny respirou fundo de novo, soltando o ar com um suspiro de alívio. Essa mulher não parecia absolutamente nada ameaçadora. Mas Mike passou direto por ela, entrando no bar e indo na direção de uma mesa onde estava sentada uma ruiva elegante.

— Olá, Becky, você está ótima! — Mike deu um passo à frente, abraçou-a, beijando-a de leve nas faces.

Rebecca retribuiu o abraço.

— E você deve ser Jenny — disse ela com voz rouca. — Sou Rebecca. Que bom conhecê-la, finalmente! — disse, sorrindo, enquanto apertava a mão dela.

— Onde está Graham? — Mike perguntou, olhando em volta.

— Nunca longe — disse uma voz agradável, com sotaque galês, às costas deles. Ele se aproximou e cumprimentou Mike com fortes tapas nas costas. — E como vão as coisas, homem?

— Ótimas! Você está excelente. Todas aquelas horas no curso de golfe fizeram muito bem.

— Como você sabe, qualquer desculpa para ficar longe de Becky é boa!

— Muitíssimo obrigada — disse Rebecca, incrédula. — Você está passando para Jenny uma péssima impressão sobre mim.

— Era só brincadeira. — Graham pôs um braço em volta da cintura dela e, sorrindo para Jenny, disse: — Olá, minha linda! Sou Graham. Prazer em conhecê-la.

Jenny apertou sua mão, gostando dele instantaneamente. Talvez fosse por causa do sotaque, pensou, ou pelo fato de que a fazia lembrar-se um pouco de Kevin Keegan.* Ela não devia esquecer, no entanto, que foi esse o rapaz que havia fugido com a mulher de Mike. Embora parecesse que Mike já se esquecera disso. Os dois estavam conversando como se fossem velhos amigos.

Mike pediu a bebida, e os quatro se sentaram a uma mesa tranquila no pequeno mas confortável bar do hotel. Enquanto os três conversavam entre si, Jenny notou que, embora Rebecca não fosse convencionalmente bonita, era naturalmente sensual. Em outras palavras, Jenny percebeu por que Mike caiu de amores por ela.

Pelo menos Jenny estava confiante com sua aparência, pensou, olhando para a roupa de Rebecca com uma leve sensação de triunfo. A ex usava uma saia preta, longa, e uma camiseta polo, cuja cor contrastava com a do cabelo. Além disso, exibia um ar de quem não dava a mínima para o que estava usando. Jenny decidiu que ia fazer algum esforço para participar da conversa.

— Então, vocês vivem em Gales, é? — Jenny perguntou.

— Oh, não, moramos no centro de Londres — disse Rebecca, rindo. — Eu não conseguiria viver longe do país.

— Ela faz parecer que o lugar é o fim do mundo — disse Graham, levantando as sobrancelhas. — A coitadinha não conseguiria viver se não tivesse a área de compras da Chelsea High St a poucos passos de sua porta. Não é mesmo, querida?

— Bem, ao menos para compras de mercearia — disse Rebecca, rindo. — Infelizmente, Jenny, sou péssima na cozinha.

— Com certeza posso confirmar isso — Mike gracejou, e todos riram.

— Socorro! Estão todos contra mim agora! — comentou Rebecca, olhando aflita para Jenny.

Jenny riu, ainda um pouco admirada do relacionamento espontâneo dos três, mas sentindo, para sua surpresa, que ela estava ficando cada vez mais à vontade. Certamente, não esperava que fossem tão simpáticos. Rebecca e Graham tinham tanto assunto que era difícil para Jenny participar da conversa.

Parecia que Graham também trabalhava na indústria de software, e não demorou muito para que ele e Mike comesçassem a falar de negócios. Rebecca levantou os olhos e inclinou-se na direção de Jenny de modo conspiratório, dizendo:

— Estão na deles! Jenny, é só comigo ou essa conversa sobre computador a aborrece também? De qualquer modo, chega de trabalho! — disse, antes que Jenny pudesse responder, esfregando as mãos de alegria. — Você não vai acreditar no que achei na cidade hoje. Tenho que levar você até o quarto, lá em cima, para mostrar. Tinha me esquecido de como são ótimas as compras em Dublin!

MAIS TARDE, DEITADA no escuro ao lado de Mike, Jenny repassou mentalmente os acontecimentos daquela noite. Estava muito contente por tudo ter corrido bem no encontro com Rebecca. Mike estava certo. Ela e Graham eram muito agradáveis. Rebecca, percebendo o nervosismo de Jenny, fez de tudo para deixá-la à vontade.

— Você deve achar estranho que Mike e eu mantenhamos um relacionamento tão bom — disse ela, quando os dois não podiam ouvi-las —, mas nós nos conhecemos há anos e vivemos juntos durante muito tempo. — Ela sorriu, pondo a mão no braço de Jenny. — Foi bastante difícil, mas felizmente resolvemos tudo muito bem e acabamos nos transformando em amigos após o divórcio. No entanto, isso levou um bom tempo!

* Ex jogador inglês de futebol. (N. T.)

Jenny assentiu, insegura quanto ao que responder.

— Acho que estou tentando dizer, e por favor não interprete isso de modo errado... — ela olhou para Jenny com doçura. — Posso imaginar como deve ter sido difícil para você vir aqui esta noite. Eu me sentiria assim também, se estivesse no seu lugar.

Olhou para Mike e Graham, sentados do outro lado da mesa, concentrados na TV nas melhores jogadas de uma partida de rúgbi.

— As coisas não deram muito certo para nós no início do casamento. Já bem no final, embora não possa dizer que tenha sido fácil, éramos mais como irmãos do que marido e mulher, e tenho certeza de que Mike concordaria com isso. Então conheci Graham e...

— Está bem — Jenny a interrompeu —, por favor, não se sinta obrigada a explicar, Rebecca. Afinal, isso não é da minha conta.

— Acho que é, sim — respondeu com firmeza. — Sei que Mike está gostando muito de você e receio que minha amizade com ele poderia lhe causar certo desconforto. Apenas quero que saiba que não sou uma ameaça para você, e nunca serei. Continuo amando Mike, mas apenas como amigo, e sei que ele sente a mesma coisa por mim. Hoje cada um tem sua vida... sabe que Graham e eu temos duas filhas pequenas? — Seu rosto se iluminou quando mencionou as filhas, e Jenny percebeu então como devia ser importante para Rebecca ter uma família, tão importante que arruinou seu casamento.

— Sim, Mike me contou.

— E esperamos nos casar no próximo ano, quer dizer, se encontrarmos tempo para isso. É tão difícil organizar um casamento quando se tem duas pequenas senhoritas! Rosie e Robyn ainda são muito pequenas, mas, de repente... — disse, levantando as sobrancelhas. — De todo modo, vibrei quando Mike me disse que vocês finalmente ficaram juntos. — Tocando Jenny de leve, continuou: — Espero que não se importe, mas ele me contou tudo sobre você muito antes que tivessem começado a se relacionar.

Jenny sorriu ao ouvir isso.

— De qualquer modo, vocês precisam ir a Londres para nos visitar um dia desses. Vou levá-la a cada lugar! Há fantásticos locais de compras por lá e...

No escuro, Jenny sorria consigo mesma. Rebecca era uma mulher e tanto. Ela mesma não sabia como reagiria ao conhecer a nova namorada de um ex-marido. Raramente ficava amiga de seus ex-namorados. Afinal, bastava ver o que acontecera com ela e Roan.

Já fazia um ano que ela não o via. Era difícil acreditar que durante esse tempo ela ficou arrasada, sofrendo por causa daquele canalha. Não sabia como iria reagir se o encontrasse agora. Certamente ia ser algo meio assustador, para não dizer extremamente desconfortável.

Ainda, ela pensou, virando-se para o lado e aconchegando-se a Mike. Ela estava em Dublin e Roan, em Nova York. Não precisa se preocupar em trombar com ele na rua tão cedo.

35.

HORRORIZADA, KAREN OLHAVA fixamente para seu reflexo no espelho. Virou-se de testa franzida para Jenny, que ria fora do provador.

— É medonho! — disse ela, tentando com dificuldade fazer o vestido passar pela cabeça. Elas estavam comprando roupa para o casamento de Karen, e Jenny a convenceu a experimentar aquilo que só poderia ser descrito como o maior, mais fofo e cheio de babados que Karen já havia visto.

— Você está linda! — Jenny insistia. Karen não estava convencida, mas experimentava o vestido só para tranquilizar a amiga, do contrário ela ia continuar com aquilo o dia inteiro. Odiava circular pelas lojas em busca do “vestido perfeito”. Achou que era só ir a uma loja de roupas para noivas e escolher um dos modelos pendurados na arara. Uma atendente levou um susto quando ela disse a data do casamento.

— Junho? Você quer dizer junho do próximo ano? — perguntou, surpresa, de olhos arregalados.

— Não, quis dizer daqui a seis semanas.

— Mas... mas — disse a moça, gaguejando — nossos vestidos precisam ser pedidos no mínimo com um ano de antecedência! Primeiro, você escolhe o modelo, e isso naturalmente leva certo tempo, para garantir que o vestido seja o modelo perfeito para você — acrescentou ela reverentemente, como se a decisão se comparasse à escolha do marido. — Então você vai ter que experimentar o vestido, encomendá-lo e naturalmente alguns ajustes terão que ser feitos e...

Karen não ficou ali para ouvir o resto do falatório. A vendedora saiu do provador e deixou as duas amigas sozinhas por um momento.

— Pelo amor de Deus! É só um vestido! Eles fazem tudo de um jeito que você poderia jurar que se trata de uma obra de arte. O que vou fazer? Nunca vou conseguir encontrar um vestido decente a esta altura, Jen.

Foi só por desespero que Karen se deixou convencer a desistir de sua ideia de um vestido de noiva comum, simples.

— Você está certa. É horrível! — disse Jenny, com a mão tampando a boca, na tentativa de parar de rir. Com seus seios grandes, aquele vestido ia fazê-la parecer um anúncio de uma nova marca de marshmallow. — Você parece um... um...

— Ela parece uma princesa! Minha querida, tem que ser este! Está maravilhoso em você! Ah, espere, vou buscar uma grinalda. Agora fique exatamente onde está. Não se mexa! — ansiosa, a vendedora saiu a passos largos.

— Jenny! — sussurrou Karen. — Tire-me desta coisa... rápido!

Jenny ria tanto que mal conseguia abrir o zíper. Karen, desajeitadamente arrancou o vestido pela cabeça, vestiu suas próprias roupas e saiu do provador quase se chocando com outra futura noiva que estava se enfeitando diante de um espelho e que usava um vestido igualmente horrível. Uma mulher mais velha, que devia ser a mãe, estava colocando cuidadosamente uma tiara na cabeça da filha, e ambas tinham os olhos marejados de lágrimas, obviamente tocadas pela gloriosa visão de laços e cetim.

— Eu choraria também, se tivesse que usar um vestido daqueles em meu casamento — disse Karen em voz baixa, enquanto ela e Jenny passavam rápido por elas e saíam da loja, rindo abertamente.

Quase duas horas depois, exausta de enfrentar as multidões de sábado e ainda sem o vestido perfeito de Karen, as duas encontraram uma preciosa mesa livre numa cafeteria lotada de gente.

— Karen, não se preocupe — disse Jenny, espalhando chantili em seu chocolate quente. — Você ainda tem muito tempo para encontrar um.

— Jen, é impossível. Não tenho nada em vista e ainda nem começamos a procurar o vestido de dama de honra para você. O que farei se não achar nada a tempo?

— Claro que você vai achar. E vou ajudá-la no que puder. — Depositou a caneca na mesa e olhou pensativamente para Karen. — Acabo de ter uma grande ideia.

Estivemos o tempo todo circulando pelos mesmos lugares e lojas. Por que não vamos para um lugar diferente, por exemplo, Belfast?

— Belfast? Você quer dizer Belfast, na Irlanda do Norte?

— Por que não — Jenny concordou, ansiosa. — As lojas de lá são consideradas excelentes, tão boas quanto as de qualquer cidade inglesa. Rebecca disse...

— Rebecca? A famosa ex? — perguntou Karen, parecendo surpresa.

— Ah, eu não lhe contei? — disse Jenny, rindo. — Nós nos encontramos no fim de semana passado. Ela é ótima!

— Ela é ótima? O que você quer dizer com “ela é ótima”? Pelo amor de Deus, ela é a ex dele!

— Eu sei, era isso que eu pensava também — Jenny disse, apoiando os cotovelos na mesa —, mas ela é realmente muito legal, na verdade, não poderia ser mais legal.

— Isso é incrível, Jen — disse Karen, balançando a cabeça, maravilhada. — Para ser honesta, eu estava um pouco preocupada. Não sei se eu seria capaz de lidar com isso, se estivesse no seu lugar.

— Devo admitir que no início eu estava mais do que um pouco preocupada, mas, depois de conhecê-la, ficou muito claro que ela e Mike estão completamente desligados. Realmente nos demos muito bem.

— Sabe de uma coisa? Tenho que lhe dizer. Estou muito orgulhosa de você, Jen. Você de fato mudou muito do ano passado para cá.

Jenny sacudiu os ombros, e seu rosto estava levemente ruborizado.

— Acho que sim, não é mesmo?

— Sem dúvida — disse Karen, bebendo seu chocolate quente. — E, voltando ao assunto, acho Belfast uma bela ideia. Que tal irmos no próximo fim de semana? Eu poderia dirigir. — Ela não percebeu o ar petrificado de Jenny. — Oh, não, na verdade, não posso. Shane tem que levar o carro para a revisão, e você não tem experiência suficiente para dirigir o Punto. Acho que vamos ter que ir de trem.

— De trem está ótimo — concordou Jenny, procurando evitar que ela notasse alívio em seu rosto. Felizmente se livrou de fazer uma viagem de carro de quase três horas com Karen, embora provavelmente a fizessem até em duas, considerando o modo como a amiga dirigia. Jenny comprou recentemente um carro, um Fiat Punto de três anos e estava tendo aulas de direção nele. Estava feliz dirigindo pelos arredores de Dun Laoghaire, indo de vez em quando até o centro, mas sabia que ainda não era capaz de fazer uma viagem mais longa. Que sorte Shane ter que levar o carro para a revisão, pensou, abrindo caminho no meio da multidão.

36.

KAREN OLHOU O RELÓGIO. Não via a hora de sair do escritório. Parecia que aquele havia sido o dia de trabalho mais longo que já teve. Faltavam poucas semanas para o casamento, e depois ela e Shane iam tomar um voo para a Tailândia, onde ficariam por duas abençoadas semanas sob o inclemente (tomara!) sol. Na verdade, os dois estavam precisando dessa pausa. Shane vinha realmente trabalhando além da conta nesses últimos dias. Algumas vezes só voltava para casa depois que ela já havia ido para a cama. Em consequência andava muito irritado. O casamento ia ser bem simples, mas Shane insistiu para que eles próprios arcassem com todas as despesas: hotel, flores, lua de mel, sem ter de recorrer a um empréstimo. Era por essa razão que ele estava fazendo tantas horas extras.

Karen olhou novamente o relógio, na esperança de que já fossem cinco horas. Mas nada! Ela estava ansiosa para ir fazer compras com Jenny, em Belfast, no fim de semana. Esperava ter a sorte de encontrar alguma coisa decente para o casamento. Será que ia achar algo? Seu receio era que, se não encontrasse nada, teria que usar um terninho no cartório. Ela não queria isso. Odiaria não estar deslumbrante nas fotografias. Além do mais, com seu corpo, estava ficando cada vez mais difícil encontrar um vestido que fizesse a mágica. Onde estava o prazer de ter peitos grandes? Karen não conseguia entender por que havia tantas mulheres obcecadas por seios grandes. Por sua experiência, isso só causava dificuldade. Dos agasalhos de escola à busca de um vestido branco básico, seus seios estavam, literalmente, bloqueando seu caminho.

De qualquer modo, Shane parecia amá-la do jeito que ela era, e essa era a coisa mais importante. Embora, com sua constante ausência, não estivessem se amando tanto ultimamente. Karen se perguntava se o casamento não iria influenciar muito sua vida sexual. Devia perguntar isso para Tessa, embora talvez ela não fosse a pessoa mais indicada para responder no momento. Tessa estava ficando cada vez maior, e a última vez que Karen falou com ela, a amiga estava terrivelmente deprimida.

— E o que vai acontecer se eu não perder todo este peso depois? — tinha dito, chorosa. — Nunca mais vou conseguir sair de casa pela porta da frente.

Karen não foi capaz de convencê-la do contrário. Sorriu consigo mesma, tentando com dificuldade imaginar como seria a Tessa mãe. Provavelmente ia ser brilhante e, nem é preciso dizer, sua experiência como enfermeira seria de grande ajuda. Karen imaginava se ela seria capaz de pensar seriamente em ter um filho. Isso não a atraía, e ouvir as histórias de Tessa sobre as doenças de “todos os dias e todas as noites” não a fazia nem pensar nessa possibilidade. De forma alguma ela agiria como Jenny na sua primeira vez com Mike. Ela havia sido absolutamente louca por ter feito sexo sem proteção, em Wexford, e teve muita sorte de não ter arranjado um belo problema.

Antes de sair do escritório, decidiu dar um telefonema rápido para Shane. Certamente ainda estaria em sua sala, trabalhando nos projetos da nova ponte de pedágio ou algo semelhante. Ficou tamborilando na mesa enquanto esperava que lhe passassem a ligação.

— Sinto muito, Karen, ele saiu há meia hora. Vai deixar uma mensagem ou... — perguntou a recepcionista.

Karen franziu a testa. Tinha certeza de que Shane disse que ia trabalhar até tarde aquela noite. Encolheu os ombros, pensando que devia ter mudado de ideia.

— Não, obrigada, Stephanie. Vou falar com ele em casa. Obrigada, até logo. Um bônus inesperado!, pensou Karen, sorrindo sozinha enquanto fechava o computador. Uma noite calma e relaxante diante da TV, só os dois — era exatamente do que ela e Shane precisavam. Fazia tempo que não tinham um tempo para eles.

POUCO DEPOIS DAS cinco e meia, Aidan ouviu tocar o alarme. Deu um salto rápido, juntando as cartas que estava usando num jogo de pôquer com Donal Ryan, seu companheiro de corporação.

Noel Flanagan entrou correndo na sala, sacudindo uma folha branca nas mãos.

— Acidente de carro na estrada, na M50, direção sul — gritava acima da cabeça de outros cinco oficiais bombeiros, que corriam para se vestir. — Pessoas presas, pessoas mencionadas, dois veículos. Mexam-se, rapazes!

Um ATE, disse Aidan a si mesmo, enquanto vestia o uniforme. Acidentes de tráfego em estradas eram os piores. E, pelo que dizia o relatório, esse era um dos sérios. Pegou o capacete, que estava pendurado na parede, e seguiu os outros até os caminhões.

— Aidan, pegue o segundo veículo, sim? — disse John Cullinane. — Já temos seis homens aqui.

Aidan fez um aceno positivo e, diligentemente correu na direção do segundo caminhão, passando pela lateral da unidade, ele viu a serra elétrica e seu estômago revirou. Ele odiava a simples visão daquela máquina e tudo o que ela significava. Odiava os sons do metal quase perfurando seus tímpanos ao ser ligada toda vez que a usavam para abrir espaço suficiente, e seguro para remover uma vítima esmagada. Era essa parte de seu trabalho que Aidan mais odiava.

Os dois veículos deixaram ruidosamente a estação, com as sirenes soando alto, deixando atrás o tráfego já pesado, enquanto corriam para a cena do acidente na M50. O oficial da estação, de sua posição no alto do veículo, transmitia pelo rádio as instruções para a unidade de Aidan.

— Colin e Tony, defendam a posição! Aidan e Donal, airbags!

Conforme as ordens, Colin e Tony seriam responsáveis pelo corte das ferragens, para permitir que a equipe de resgate e os paramédicos tivessem espaço suficiente para realizar suas tarefas. Assim que ele e Donal foram encarregados do airbag, Aidan soube que um dos carros havia tombado para o lado do motorista, durante ou depois da colisão. Os airbags seriam usados para levantar o carro, a fim de que a equipe de resgate tivesse acesso a vítima. A ambulância e a polícia já haviam chegado ao local. Quando o caminhão parou, Aidan e Donal saltaram e imediatamente pegaram os airbags, levando-os para o primeiro veículo, de acordo com as instruções. Aidan correu até o carro destrocado e, como ele mesmo dizia, sua respiração ficou presa na garganta.

— Jesus Cristo! — sussurrou com voz rouca para Donal. — Conheço este carro.

TESSA RESOLVEU VER a senhora Cleary mais uma vez antes de sair do trabalho.

— Como a senhora está se sentindo agora? — perguntou à mulher, que passou o dia todo se queixando de fortíssima dor de cabeça.

— Não muito mal — disse a senhora Cleary com voz rouca. — Acho que foram aqueles comprimidos que você me deu que fizeram a mágica.

Tessa deu uns tapinhas na mão dela.

— Oh, que flores lindas! Quem as mandou?

— Minha filha, seria demais e muito difícil para ela ligar e ver como eu estava — disse a senhora Cleary, respirando fundo.

Tessa, solidária, concordou. Ela já encontrou uma vez essa tal filha, mas uma vez foi suficiente. A mulher tratou a equipe do hospital como seus empregados, contratados só para cuidar da mãe. A senhora Cleary havia quebrado a bacia depois de cair de uma cadeira quando tentava trocar uma lâmpada. Se a filha não estivesse tão preocupada consigo mesma e visitasse a mãe regularmente, isso não teria acontecido. Também tratava as enfermeiras como se elas é que tivessem quebrado a lâmpada.

— Vou sentir sua falta quando você se for — disse a senhora Cleary. — Quando vai se mudar para Cork?

Na próxima semana — Tessa respondeu. Ela estava ansiosa por isso. Casa nova, emprego novo e bebê novo! E um novo começo para ela e Gerry.

Tessa se despediu do pessoal e ligou seu rádio portátil ao sair do hospital, Indo para o ponto de ônibus na Donnybrook Road. Ficou por alguns momentos tentando sintonizar uma estação de rádio. A noite estava muito fria, por isso ela tremia, fechando o leve cardigã no peito, para se proteger. Pensou em voltar para casa a pé, mas ia congelar se ficasse mais tempo naquele frio. Um verão tipicamente irlandês! Enquanto esperava, ficou ouvindo o noticiário das cinco e meia. Parecia que havia ocorrido, pouco

tempo atrás, uma séria colisão de carros na via expressa. Tessa sentiu um novo tremor, só que dessa vez não de frio. Odiava ouvir coisas como essa e sempre se perguntava se alguma pessoa conhecida estaria envolvida.

E Gerry tinha que passar pela M50 na volta para casa.

Tessa pegou o celular da bolsa e digitou o número do marido.

JENNY VIU QUANDO Barry apagou a luz de seu escritório. Olhou o relógio. Eram 17h45. Ela teria tempo de terminar o que estava fazendo e depois iria para casa.

Pensando nisso, se lembrou de uma conversa recente que teve com Mike sobre o aluguel de seu apartamento. O locatário comunicou que iria aumentar o aluguel e perguntou se ela queria renovar o contrato.

Tudo estava indo bem para ela no banco. Dentro de poucas semanas haveria uma promoção, e Marion já havia sugerido seu nome a Barry como a candidata ideal. Às vezes, Jenny achava que Marion tinha mais interesse em fazê-la crescer profissionalmente do que ela própria. Mas a Gerência Administrativa achava que ela merecia. Jenny sabia que, se fosse promovida de novo, não ia sentir muito o aumento do aluguel. Na verdade, estava pensando em comprar um apartamento. Mas gostava de morar ali em Dun Laoghaire. De jeito nenhum compraria algo fora dali, como fez Mike. Mesmo com seu emprego no banco, ela não teria condições de pagar a hipoteca. Quando discutiu tudo isso com Mike, Jenny teve a impressão — embora ele não tivesse dito nada — de que gostaria que ela fosse morar com ele.

Só de pensar nisso já sentia muito medo. Jenny ainda relutava em abrir mão de sua independência e do recém descoberto sentido de liberdade que acabou de conquistar. Será que estava pronta para comprometer-se de novo, e fazer isso livremente, sem levar nenhuma bagagem de seu relacionamento anterior, ou mesmo de outros relacionamentos?

Será que Mike seria o mencionado Único?

Jenny riu sozinha ao se lembrar da profecia da senhora Crowley muito tempo atrás. Naquela época isso tinha sentido.

Talvez ela e Mike deversem falar seriamente sobre como estava indo o relacionamento. Telefonaria para ele e veria se podia ligar para a casa dele mais tarde. Não o via desde o meio da semana anterior. Jenny lhe pediu para ficar longe até que ela melhorasse de um problema de estômago, mas agora já estava bem. Receava não sarar a tempo de fazer a viagem com Karen. Ligou para o telefone direto no escritório, deixou tocar por um momento e, em seguida, a chamada foi transferida para a recepção.

— Oi, Ciara, aqui é Jenny Hamilton. Estou procurando Mike — disse, quando a ligação foi atendida.

— O senhor Kennedy não está trabalhando aqui hoje — informou a recepcionista secamente. — Achei que ele a havia avisado.

— Bem, não avisou — disse Jenny simplesmente. — E onde ele está trabalhando, então?

— No escritório de um cliente — respondeu Alison —, numa das áreas de estacionamento, em algum lugar perto da M50.

37.

KAREN SE LARGOU diante da TV e, sem grande interesse, ficou procurando algo para ver. Ela não estava acompanhando nenhuma série, e nessa noite não via razão para

começar a fazer isso. A maioria dos personagens parecia passar todo o tempo no pub local, lançando olhares obscenos para quem quer que fosse.

Sentiu um ronco no estômago e se perguntou onde Shane estaria. Ele deixou uma mensagem em seu celular dizendo que compraria comida chinesa para o jantar no caminho de volta para casa. Karen queria que ele se apressasse, pois estava com tanta fome que achava que não ia ser capaz de aguentar por muito tempo. Só de pensar em frango com pimentão vermelho e molho de soja já ficava com água na boca. Esperava que ele tivesse visto a mensagem que ela deixou pedindo que levasse alguns rolinhos primavera e bolinhos de camarão.

EastEnders, um seriado de TV terminou do modo costumeiro, com um suspense até o capítulo seguinte.

Droga!, pensou, ela devia ter comprado algo para comer. Uma fatia de pão talvez servisse para amenizar a fome até Shane voltar. Foi para a cozinha e, ao ver o pão, se assustou. O pão fatiado estava ali havia tanto tempo que o que restou dele era apenas algo indistinguível sob o mofo.

Minutos mais tarde, Karen ainda estava procurando algo para comer no fundo de seu freezer nunca descongelado, quando ouviu a campainha da porta. Que ótimo!, pensou fazendo careta. Só um dos malditos Quinn chegaria a sua porta sem avisar numa noite de fim de semana. Era isso ou alguém procurando um endereço, mais uma vez. Morar na esquina de um cruzamento movimentado tinha lá seus problemas, e ela perdeu a conta do número de vezes que haviam sido perturbados à noite por alguma alma perdida tentando encontrar seu caminho. Karen, só de meias, foi andando até a porta.

Aidan, pálido, estava parado à porta.

— Aidan, oi! — disse ela, bem-humorada. — Não tenho visto você. Se está procurando Shane, ele ainda não chegou.

— Karen... querida — Aidan a interrompeu. Ele entrou, tomou suas mãos nas dele e disse: — Karen... houve um acidente.

— Um acidente? Onde? Na via expressa? — disse, olhando para a rua além dele.

— Por favor, querida, sente-se um momento — disse Aidan, e Karen sentiu uma onda de pânico tomar conta dela, ao mesmo tempo que notou que havia outra pessoa parada à porta, também de uniforme.

O carro da corporação estava parado um pouco abaixo em sua rua, com as luzes azuis do capô piscando sem cessar e iluminando os rostos curiosos da pequena multidão que se juntava na calçada, na expectativa de testemunhar algum drama. O pânico começou a percorrer seu corpo, dos pés à garganta, voltando depois ao ponto de partida. Seu estômago se contraiu de medo, e o coração começou a bater forte em seu peito.

— Um acidente? Bem, não sei o que posso fazer por você, Aidan. Está ferido? Não tenho bandagens ou qualquer coisa que queira, mas...

— Karen...

— Quero dizer... não sou enfermeira nem nada, não conheço nem os primeiros socorros. Tessa é a única que poderia ajudá-lo, realmente, mas ela não está aqui, está? Claro que não, provavelmente está no trabalho... oh, bem, suponho que seria melhor chamar uma ambulância.

— Karen, por favor... sente-se. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Aidan quando ele estendeu os braços para ela.

Ela deu um passo para trás, como se tivesse sido eletrocutada.

— Aidan, pare, por favor! Não sei por que está fazendo isso! Se essa é sua ideia de brincadeira, ela não é nada engraçada, tá? Por que está tentando me assustar assim? Oh, Deus! — De repente, louca de pânico, Karen perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente contra a porta da frente.

Ela sabia que ele estava ali para lhe contar. Sabia disso antes mesmo que ele abrisse a boca. Sua expressão dizia tudo — ele nem precisou falar. Karen esperava que não o fizesse, porque ela não achava que poderia suportar ouvir aquilo.

— Ele não sofreu, querida — Aidan disse, com a voz embargada pela dor. Aidan estendeu os braços para ela novamente, e dessa vez Karen deixou que ele a conduzisse até o sofá. Ele se sentou perto dela, tomando-a suavemente nos braços. — Foi uma colisão frontal. Ele voltava de uma inspeção, e um motorista que ia para o norte na via expressa, a 150 quilômetros por hora, teve um pneu estourado. O carro derrapou, atravessou a pista e se chocou direto com Shane. Ele morreu na hora, não sentiu dor.

Karen nada disse.

— Sinto tanto, mas tanto, querida — disse Aidan, descansando levemente sua cabeça na de Karen, e suas lágrimas caíam em seu cabelo, enquanto ela se sacudia em seus braços, com o olhar fixo no ar.

— Não — disse ela, finalmente, com o rosto fixo numa máscara de rebeldia —, não, Aidan, você está errado. Você tem que estar errado... não pode ser ele... não deve ter sido Shane.

— Karen — disse Aidan, virando-se para olhá-la.

— Não, sério, pense — disse ela, levantando a voz e balançando a cabeça de um lado para outro. — Ele foi buscar comida chinesa... provavelmente está no Jasmine Palace agora! Não era Shane, estou lhe dizendo.

— Karen...

— Aidan, não acha que devia ter confirmado isso antes de vir até aqui para me assustar? Pelo menos você poderia ter descoberto se era ou não verdade.

Aidan balançou a cabeça e as lágrimas rolavam por seu rosto uma atrás da outra, ao olhar para o colega em busca de alguma ajuda.

Ele se aproximou de Karen e pôs a mão em seu ombro.

— Sinto muito, senhorita Cassidy. Sei como isso é difícil para a senhorita, mas seu noivo já foi identificado pelo bombeiro Reilly.

— O que está querendo dizer? — Karen implorou com a voz sumindo. — O que ele quer dizer com “identificado”, Aidan, o quê?

Aidan enxugou os olhos e disse:

— Minha unidade foi chamada ao local do acidente... eu o vi, Karen. É Shane, e ele se foi. Sinto muito, muito mesmo, mas ele se foi. — Depois disso, mergulhou em lágrimas de novo.

ELE SE FOI... ele se foi... ele se foi... As palavras de Aidan ficaram ecoando na cabeça de Karen durante horas, como um louco mantra. Ela mal conseguia se lembrar do que aconteceu a seguir — lembrou-se vagamente que pegou o telefone e calmamente disse a Nellie que seu filho caçula morreu numa batida de carro na M50, no mesmo momento em que ela e o resto do país estavam jantando felizes. Não conseguiu se lembrar dos soluços torturantes do outro lado da linha e das acusações histéricas que lhe fez, dizendo que ela o forçava a fazer muitas horas extras, que Shane estava tão cansado que não teve condições de se concentrar na direção. Também não se lembrava de Jenny e Mike chegando lá, não entendia por que eles não a deixavam em paz.

Ele se foi.

Shane se foi.

Seu Shane.

Por que ele? Por que não ela? Ela era a única que merecia ter morrido naquela batida, não Shane. Ele não fazia mal a uma mosca. Todo aquele tempo que haviam

passado discutindo sobre o casamento, tanto tempo gasto falando de coisas tolas, tanto tempo gasto se ressentindo com sua família. Karen daria qualquer coisa no mundo para ter todo esse tempo de volta. Daria qualquer coisa para que alguém, com uma mágica, trouxesse tudo isso de volta, levasse o pesadelo para longe.

Por quê? Por que alguém deixou isso acontecer?

Estaria Deus punindo-a por ela não ter ido à missa por cerca de doze anos? Estaria ele punindo-a por ela estar tão determinada a não se casar na igreja? Ou era simplesmente porque ela era uma pessoa estúpida, amarga, ressentida, que não queria dividir Shane com ninguém mais? Ela não escondeu seu ressentimento com relação à família dele. Essa era sua punição por tentar mantê-lo pata si?

Karen não conseguia achar nenhuma resposta. Tudo o que sabia agora era que nunca mais sentiria os braços de Shane em volta dela, nunca mais acordaria ao lado dele na cama e nem sentiria nos lábios seus beijos. Nunca mais ririam juntos, nem compartilhariam momentos de felicidade ou um momento de tristeza. Eles nunca mais poderiam fazer todas aquelas coisas que haviam planejado para depois do casamento, como visitar Las Vegas ou Nova York como Shane sempre quis, ou Roma e Paris, como queria Karen.

Não haveria casamento, nem nova vida juntos, nem nada. Nada.

Ele se foi.

38.

Do OUTRO LADO da sala, Jenny cada vez mais preocupada, observava Karen. Afundada na poltrona bem em frente à TV muito só, era de dar pena. Mal proferira uma ou duas palavras desde que o bombeiro deixou a casa e nem parecia notar a chegada de um número cada vez maior de pessoas à medida que a noite avançava.

Aidan, sentado na cozinha com Gerry, continuava arrasado e profundamente afetado pelo que aconteceu. Jenny sabia que Karen estava sem dúvida nenhuma em choque, mas se sentia cada vez mais assustada com o modo como ela estava isolada e mergulhada em si mesma. Pegou um lenço de papel de uma caixa que estava na mesa e assoou o nariz, sempre olhando para Karen, que continuava de olhos fixos na TV, aparentemente ignorando todo mundo à sua volta.

Jenny esperava que Nellie Quinn ficasse longe pelo menos por uma noite, dando a Karen algum tempo antes do funeral. Ela teve que tirar o telefone da mão de Karen, quando Nellie começou a soluçar e vociferar do outro lado da linha. Jenny sabia que aquela era apenas uma reação de choque à notícia da morte do filho, mas a última coisa de que Karen precisava agora era de recriminação e conflito com a família de Shane. Karen nada disse depois; simplesmente se refugiou na poltrona — a poltrona de Shane — e se envolveu no cardigã, que mantinha estreitamente fechado em volta do corpo. Café, chá e conversas eram rejeitados com um lento movimento de cabeça.

Jenny nunca se sentiu tão perdida em toda a sua vida. Ela não conseguia nem sequer imaginar como Karen devia estar se sentindo naquele momento. A incrível magnitude do ocorrido devia tê-la dominado completamente, e a maneira de Karen enfrentá-los, pelo menos naquele momento, era fechar-se em si mesma e fingir que nada daquilo havia acontecido, que não era real.

Karen se levantou da poltrona.

— Vou para a cama — disse suavemente, dirigindo-se para as escadas.

— Você quer que eu... — as palavras de Jenny foram morrendo, quando Mike balançou a cabeça.

— Deixe-a, Jen. Ela provavelmente precisa ficar um tempo sozinha.
Jenny sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas.
— Não sei o que dizer a ela, Mike. Não sei o que fazer. Como posso ajudá-la?
— Não pode — disse Mike simplesmente. — Apenas deixe-a, deixe que ela sofra em paz.

Jenny fez que sim, acrescentando:

— Simplesmente não consigo acreditar que tudo isso tenha acontecido. Eles iam se casar no mês que vem. Como isso foi acontecer? Não é justo.

— Não sei. Em nenhuma circunstância é justo, querida — disse Mike, tomando a mão dela entre as suas. — Tudo o que você pode fazer agora é ficar perto dela e ser sua amiga, como sempre foi.

— Meu coração está em pedaços por ela e por Aidan. Imagine ele ser chamado para o acidente que matou seu melhor amigo...

Depois de ter constatado a morte de Shane, Aidan insistiu em acompanhar o oficial da corporação e um colega à casa da Harold's Cross. Embora com o coração machucado, ele sabia que não queria que ninguém, senão ele, desse a notícia a Karen. Mesmo com o protocolo ordenando que era um oficial superior ou um membro da guarda quem devia informar os membros da família, o colega de Aidan quebrou as regras diante das circunstâncias. O motorista do carro que causou o acidente também havia morrido. Jenny sabia que, não havia dúvida, outra casa em algum lugar estava tão abalada quanto aquela.

— Sei que foi muito forte para Aidan, mas pelo menos Karen teve alguém próximo a ela naquela hora — disse Mike. — Não teria sido pior se o oficial tivesse dado a notícia e pedisse a Karen para identificar o corpo?

— Talvez — disse Jenny respirando fundo. — Mike, isto é um pesadelo, e tão de repente! Como ela vai conseguir superar?

— Não será fácil, e ela vai precisar ter gente ao lado dela. E seus parentes? Você me disse que eles vivem no exterior, não é?

— Sim, em Tenerife. Será que ninguém os avisou ainda? Eles têm que vir para cá para o funeral. — Até onde Jenny tinha conhecimento, as únicas pessoas com quem Karen falou à noite foram os Quinn. Aidan telefonou para ela logo depois que deu a notícia a Karen. Jenny resolveu que a primeira coisa que faria na manhã seguinte seria entrarem em contato com Jonathan e Clara Cassidy, já que eles precisariam tomar as providências sobre a viagem, para conseguir chegar a tempo para o funeral de Shane.

— Olhe, sei que este talvez não seja o melhor momento para pensar nisso mas o que acontecerá com Karen agora... quero dizer, em relação a esta casa? — perguntou Mike.

— Bem, é sua casa agora, não é?

— Acho que não, Jenny. Ela e Shane não eram casados. Lembra que eles costumavam brincar com a questão de a hipoteca estar apenas no nome dele? E como seu irmão era o fiador do empréstimo e tudo foi providenciado por intermédio dele e Shane, até onde sei, Karen tem pouco ou nenhum direito sobre a casa com a morte de Shane.

— O quê? Então quem tem? — Jenny perguntou, confusa.

— O parente mais próximo de Shane — respondeu Mike, respirando fundo.

NAQUELA MESMA NOITE, eles se sentaram com Aidan e Tony, seu colega, e Aidan tentava achar algum sentido na morte súbita de seu melhor amigo. Jenny ficou na casa

de Karen até a manhã seguinte, para fazer companhia à amiga, que devia estar precisando dela.

Karen não saíra do quarto desde a noite anterior, e Jenny esperava que tivesse conseguido dormir um pouco. Ela se ajeitou no sofá por algumas horas depois que Aidan e os outros foram embora. Mike foi para o escritório, apesar de ter insistido em ficar com ela. Para Jenny aquilo não parecia verdade, pelo menos até Tessa aparecer e exibir uma cópia do jornal da manhã. Uma enorme manchete dizia que Shane e o outro motorista eram a 86ª e 87ª vítimas de acidentes rodoviários na Irlanda naquele ano. Abaixo da manchete estava uma enorme fotografia do carro em que Shane morreu, com o chassis do Astra prateado dobrado e retorcido de tal maneira que estava irreconhecível.

— Como ela está? — perguntou Tessa, abraçando Jenny.

— Estou preocupada — respondeu Jenny, balançando a cabeça. — Não saiu do quarto nem disse uma palavra desde ontem à noite.

— Deus a proteja. Provavelmente ainda está em choque.

— Eu sei, mas gostaria que ela fizesse alguma coisa. Chorassem, gritassem, chutassem as paredes, alguma coisa!

— Provavelmente está fazendo isso, pelo menos mentalmente — disse suavemente Gerry, que vinha logo atrás de Tessa. — Cada pessoa, diante de notícias como essa, enfrenta o problema de maneira diferente. Alguns de nós sofremos abertamente, gritando e chorando, como é de esperar; e outros, como Karen, apenas querem ficar longe de tudo e de todos. E quem poderia culpá-la?

— Eu sei, eu sei, só queria poder fazer alguma coisa por ela — disse Jenny, enchendo de água a chaleira. — Não sei quantas vezes fui até seu quarto, mas ela ainda não quer falar.

A campainha do telefone soou, e ela foi até a entrada para atender, deixando Tessa e Gerry sentados em silêncio à mesa da cozinha. Era Nellie Quinn dizendo que as providências para a remoção do corpo do hospital haviam sido tomadas naquela mesma noite e que ele seria enterrado em Rathrigh na manhã seguinte. Pareceu que Jack é que organizou tudo. Jenny intuiu que eles não haviam consultado nem incluído Karen nessas providências, mas considerando o que ela já ouviu sobre os Quinns isso não a surpreendeu. E talvez Karen não quisesse ser incluída. Jenny telefonou para todas as pessoas e passou-lhes as informações, subindo em seguida para dar a notícia a Karen.

Bateu levemente à porta, e como não houve resposta e não ouviu nenhum barulho lá dentro, ela a abriu e encontrou o quarto escuro. Karen estava estendida na cama, de olhos completamente abertos e fixos no teto.

— Não vou ao enterro — foi tudo o que disse.

— Karen, querida...

— Não vou, Jenny — repetiu, num fio de voz. — Ouvi você falando ao telefone. Sei que é amanhã e não vou. Não tente me fazer mudar de ideia porque vai estar perdendo seu tempo. — Com isso, virou de lado, ficando de costas para Jenny.

Jenny se sentou e pôs a mão no ombro da amiga.

— Não tenho nenhuma ideia de como você está se sentindo, Karen. Não consigo nem imaginar isso, e é você quem vai decidir o que quer fazer. Mas não acredita que Shane acharia importante você estar lá?

— Não — respondeu, simplesmente.

— Sei que foi um choque terrível, mas...

— Não, você não sabe! — Karen gritou, virando de novo para encará-la, com os olhos faiscando de raiva. — Você não pode entender, Jenny! Sabe o que eu disse ontem de manhã, quando Shane estava saindo para o trabalho? Eu ainda estava na cama, e ele

entrou e me chamou para me dar um beijo e se despedir. Resmunguei e virei de costas para ele, aborrecida porque ele me acordou. Imagine! Essa era a última vez que ele me beijaria e eu lhe dei as costas porque estava com muita preguiça para me importar com ele! A última vez!

— Mas você não podia imaginar... — Jenny sabia que era perda de tempo tentar acalmá-la. — Karen estava fora do ar.

— E então, ontem à noite, deixei uma mensagem em seu celular dizendo: “Apreste-se, estou faminta, não esqueça os rolinhos primavera!”. Esta foi, de fato, a última coisa que disse a ele. Não disse que o amava, ou que sentia sua falta, ou que ele era a coisa mais importante do mundo. Só disse malditas coisas tão triviais! — Karen se agitava, batendo com os punhos na cama.

— Karen, você não sabia o que ia acontecer...

— E enquanto ele estava esmagado naquela colisão, talvez ainda vivo e gritando por socorro, eu estava sentada aqui, zangada com ele por estar demorando e preocupada com o maldito jantar! Que tipo de pessoa faz isso, Jenny? Por que fui eu que fiquei aqui e foi ele que morreu? Qual a lógica disso?

— Não é assim que as coisas são, querida — disse Jenny

Karen começou a chorar. Agora as lágrimas escorriam sem parar por seu rosto.

— E pensar que fiquei todo aquele tempo tentando adiar nosso casamento, me ressentindo com sua família e deixando-o infeliz. Bem, consegui o que queria, não foi? Agora não haverá casamento, porque fui uma maldita egoísta.

— Você nunca o fez infeliz, Karen; está sendo muito dura consigo mesma. O que aconteceu com você poderia simplesmente ter acontecido tanto comigo como com qualquer outra pessoa. Não fique se consumindo pela culpa. Você tem muita coisa a fazer. Se você começar a se culpar pelo que aconteceu, é como se você tivesse morrido com ele naquele acidente.

— Gostaria que tivesse! — Karen afundou pesadamente nos travesseiros e de novo se virou, secando os olhos com o cobertor. — Não tenho nada agora, Jenny. Nada nem ninguém. Shane era minha vida, todo o meu futuro. Para onde irei daqui em diante?

— A primeira coisa que pode fazer é ir ao funeral. Acho... não, estou certa de que Shane não ia querer que você ficasse sentada aqui, triste e sozinha. Você precisa de gente à sua volta. É isso. Essa é a coisa certa a fazer.

Ao ouvir as próprias palavras, no suposto conselho, Jenny se perguntava se ela mesma acreditava nelas. Não conseguia nem imaginar como ela se sentiria se alguém que ela amasse tivesse sido tirado de sua vida desse modo. Talvez Karen estivesse certa em se fechar, ficando longe dessas coisas triviais e frases de consolo batidas que sem dúvida seriam repetidas no funeral. Quem poderia saber se ir ao funeral e encarar todo mundo era a coisa certa a fazer?

— Olhe — disse suavemente —, se você realmente não quiser ir, ficarei aqui com você. Não discuta — disse, vendo que ela se mexia —, não vou deixar você sozinha. Ficarei lá embaixo e, se você quiser falar, então vai falar, mas ninguém vai forçá-la a fazer o que não quiser.

Karen assentiu, com os olhos se enchendo de lágrimas.

— Obrigada. Eu simplesmente não consigo me vestir e encarar todas aquelas pessoas, a maioria das quais nem conheço. Não quero ver os Quinn. Eles me odeiam, e não me diga o contrário, pois ouvi cada palavra de Nellie ontem à noite.

— Não se esqueça de que ela também está em choque, Karen. Ele era seu filho.

— Talvez ela tivesse razão em algumas coisas. Eu o fiz passar um mau bocado, você sabe.

— Karen, você e Shane eram duas pessoas distintas. Discutiam mais do que qualquer casal que já conheci, mas era evidente para todo mundo que vocês se amavam profundamente. Sinto muito, mas você não deve se transformar em mártir. Você não forçava Shane a trabalhar até tarde ou a fazer nada que ele não tivesse vontade de fazer. De todo modo, ele estava voltando para casa, não estava?

Karen se encolheu.

— Veja, se tivesse acontecido na estrada que vai para Kilrigh, você acha que Nellie Quinn culparia a si mesma porque Shane estava indo visitá-la? Não leve em conta o que ela disse ontem, Karen. Ela estava perturbada, como você está agora. Provavelmente ela deve estar arrependida de algumas coisas também, você sabe. Todo mundo se culpa quando não teve oportunidade de se despedir da pessoa que se foi.

Karen sentou-se e encostou no travesseiro, com o rosto vermelho e marcado pelas lágrimas.

— Você fica comigo amanhã, Jenny? — perguntou com uma voz que parecia a de uma criança.

Jenny pôs a mão na cabeça de Karen e disse:

— Ficarei aqui durante o tempo que você precisar.

39.

EM QUINZE ANOS, na Irlanda, aquele era o dia de maio mais quente, e a temperatura no meio do dia prenunciava que ela ia subir acima dos 25 graus.

Isso também estava sendo dito no noticiário de rádio, mas, como dizia o motorista do táxi para seu passageiro, as previsões meteorológicas nem sempre eram confiáveis.

O sol ainda não começou a aparecer através da camada de névoa que obstruía a primeira visão que Roan tinha de sua terra natal. Ele achou que o piloto fez uma excelente aterrissagem, tendo em vista o fato de que, para ele, do alto, o Aeroporto de Dublin parecia completamente invisível.

Uma velha placa da estrada dizia a Roan que Rathmines estava a 20 milhas dali. Era curioso, mas estranhamente confortador para ele, que as velhas placas de sinalização em preto e branco, que mostravam as distâncias em milhas e não em quilômetros, ainda continuassem em uso por todo o interior da Irlanda. Ele não viu nenhuma placa de quilômetro verde e branca desde que haviam se afastado da N3. Não que tivesse viajado por muitas estradas ou vias expressas como eram chamadas nos Estados Unidos, mas a verdade é que ele mal se aventurava a deixar a cidade desde que lá chegou, um ano atrás. Tão excitante quanto tinha sido a cidade, ao ver pela primeira vez a famosa linha do horizonte de Manhattan, vindo do Aeroporto JFK, Roan logo chegou à conclusão de que viver em Nova York com uma multidão de rapazes irlandeses em Yonkers não era muito diferente de viver em Rathmines. Seu objetivo era ganhar bastante dinheiro para ter um lugar só seu para morar em Manhattan, Chinatown, no Village — em qualquer lugar.

Ele estava trabalhando para atingir esse objetivo. Eram 21h30, ele ainda estava no escritório quando abriu um e-mail de Aidan, no qual ele lhe falava sobre o acidente de Shane.

Ele estava trabalhando para eliminar problemas da programação de um sistema de arquivos que a empresa havia criado para uma agência de publicidade de Nova York. Era uma tarefa enorme, e Roan havia sido originalmente transferido do escritório de Dublin para supervisionar o projeto em suas etapas finais e garantir que o sistema

estivesse completo dentro do prazo. Surgiram alguns tropeços ao longo do caminho, mas Roan sabia que um trabalho bem feito seria quase um trampolim garantido para coisas maiores. Estava determinado a permanecer no escritório de Nova York depois de concluído o projeto e, se tudo saísse de acordo com os planos, ele seria o primeiro da lista de promoções. Pela primeira vez na vida, Roan sabia o que queria.

Apesar disso, a notícia da morte de Shane o abalou. Não que ambos fossem extremamente próximos. Roan nunca foi muito chegado a ninguém em sua vida, mas, para sua surpresa, Shane e Aidan sempre haviam se esforçado para se manter em constante contato com ele desde que deixou Dublin. Nunca passava uma semana sem que chegasse um e-mail ou alguma piada de um deles. Nenhum de seus assim chamados colegas jamais se preocupou em telefonar para saber como ele estava indo. Por alguma razão, ele alimentou certa expectativa de que todos fossem morrer de inveja de seu emprego na cidade grande, bombardeando-o com pedidos para ir visitá-lo. Honestamente, ele estava ansioso para se exibir. Mas nenhuma visita se concretizou. Roan nunca havia pensado que algo assim fosse incomodá-lo e, francamente, ele próprio não era dado a manter contato, mas, depois de algum tempo, se deu conta de que apreciava o interesse e o esforço de Aidan e Shane. Para ele, era importante que alguém de seu país se importasse com o que acontecia em sua vida.

E agora o pobre Shane morreu.

Chocado depois de abrir a mensagem de Aidan, ele lhe telefonou para saber do funeral. Percebeu que Aidan ficou um tanto surpreso com o fato de ele voltar para lá para a cerimônia fúnebre, mas, quando Roan soube da notícia, não havia como deixar de ir. Aidan sempre teve o maior respeito por Shane, devia estar completamente arrasado. O mínimo que ele podia fazer era voltar e apresentar seus respeitos à família. Sentia muito por Karen também. Embora os dois nunca tivessem se dado muito bem, sabia que devia estar sendo muito difícil para a garota perder o noivo daquele leito.

— Alguma ideia de para onde seguimos daqui, amigo? — perguntou o motorista, interrompendo a sequência de ideias de Roan. Eles pararam na T-Junction e não havia nenhuma placa indicando a direção de Kilrigh ou de qualquer outro lugar. Como Roan, o motorista não tinha familiaridade com as estradas de County Meath.

— Eu mesmo não tenho certeza — Roan mudou de lugar e se aproximou mais da janela, para ter uma visão melhor lá de fora.

A estrada asfaltada em que viajavam parecia levar à esquerda a uma estrada estreita, coberta de vegetação, que a Roan mais parecia uma trilha de gado. A alternativa era tomar outra estrada igualmente estreita, esta com grama alta bem no meio dela, com cascalho de ambos os lados. As duas estradas eram particularmente assustadoras e pareciam não levar a nenhum lugar próximo da civilização.

O sol estava bem alto no céu, e Roan achava que já eram umas dez horas ou mais. Aidan disse que a missa fúnebre seria às onze horas. A essa altura, talvez ele fosse se atrasar.

TESSA PEGOU NA MÃO de Gerry e a apertou bastante, enquanto o incenso enchia o ar, um sinal de que era hora de levarem o caixão da pequena igreja para o cemitério. Esperaram que a família de Shane saísse dos bancos, então o pequeno grupo de amigos seguiu o padre, os coroinhas e outras pessoas de luto andaram pelo corredor, saindo para a luz brilhante do sol.

Estava um dia glorioso, Tessa observou. O tempo nas últimas semanas havia sido moderado, mas considerando que o país havia sido batido por ventos e chuva durante toda a semana anterior e no fim de semana, o sol brilhando intensamente num

céu sem nuvens contrariava isso. De fato, quase tudo parecia zombar das trágicas circunstâncias que os havia levado até lá. Então, de novo, ela pensou, provavelmente devia haver, em alguma parte do país, uma noiva que passou toda a semana esperando e rezando por aquele mesmo céu. Caminhando lentamente pelo corredor da igreja, deu com o olhar de Mike e sorriu para ele. Foi ao funeral sem Jenny e parecia meio perdido no meio daquilo tudo. Tessa achou que podia entender por que Karen não quis ir ao funeral, mas não tinha certeza de que a amiga estava fazendo a coisa certa. Deixar a pessoa amada no lugar onde ela repousará é parte importante do processo de lamentar a perda; isso ela entendia por experiência própria, vendo a perda de parentes no hospital. Ao tentar evitar encarar o fato, Karen estava simplesmente retardando o inevitável. Ela sabia que a decisão da amiga não foi bem recebida na família Quinn. Depois de ouvir que Karen não compareceria ao funeral, Barbara Quinn, a irmã mais velha de Shane, ficou escandalizada. Deixando de lado seu luto, lançou um forte ataque a Karen.

— Não sei por que fiquei surpresa — disse ela, quando Jenny telefonou para a casa dos Quinn para comunicar a decisão de Karen. — Isso é bem próprio daquela garota, egoísta até o fim. Deus me perdoe, mas a única coisa boa disso tudo é que ela nunca fará parte desta família!

Essa era uma mulher odiosa, pensou Tessa. Durante a remoção do corpo na noite anterior, Barbara havia chegado perto do desrespeito com seu irmão pela maneira como se comportava — conversando e fofocando com outras mulheres como se estivessem numa feira no campo. Agora, assim que o padre chegou para abençoar o corpo, ela caiu em lágrimas e começou a se lamentar como uma carpireira. Tessa não duvidava que ela amasse o irmão, mas o funeral parecia mais uma desculpa para um evento social, no qual ela era o centro da atenção, do que uma trágica e dolorosa ocasião. Que pensamento terrível, especialmente naquelas circunstâncias, mas Tessa achava que Karen havia se livrado dos Quinn.

A procissão do enterro parou e a multidão começou a se juntar em pequenos grupos ao lado da sepultura. Nellie, parecendo profundamente triste, estava amparada de um lado pelas irmãs de Shane e de outro por um homem alto, magro e de bigode, que Tessa reconheceu como sendo Jack, o irmão mais velho. As coroas de flores haviam sido postas ao longo do caixão e o padre apenas havia começado a rezar o rosário quando Tessa percebeu uma movimentação entre a multidão. Tendo Jenny dois passos atrás dela, ali vinha Karen, com uma aparência terrivelmente abatida. Com o rosto pálido e coberto de lágrimas, que não paravam de cair, ela abria caminho no meio da multidão. Então, agachada junto à sepultura, de cabeça baixa, Karen começou a soluçar baixinho. Era uma visão de cortar o coração, e as lágrimas de Tessa desciam livremente, enquanto ela sentia a dor de sua amiga.

40.

DEPOIS DO SERVIÇO FÚNEBRE, as pessoas se reuniram no único pub de Rathrigh, onde foram servidos drinques e refrescos.

— Gostei muito de você ter conseguido convencê-la — disse Aidan a Jenny. — Estávamos todos certos de que ela não viria.

— Na verdade, não fui eu — disse Jenny. — Ontem à noite, nada teria arrastado Karen até aqui, mas de manhã, quando se levantou, alguma coisa havia mudado. Ela me disse que passou toda a noite pensando em tudo e que dessa vez ela diria adeus a ele da maneira correta. — Relanceou os olhos na direção de Karen, sentada em outro canto do pub, conversando com Gerry.

— Então Mike já foi — disse Tessa, dando um gole na água mineral, ao mesmo tempo que tentava esquivar-se da fumaça do cigarro de Aidan. — Soube que ele viajou cedo.

— Ele se sentiu muito culpado por ter tido de voltar às pressas para Londres. Mas não havia razão para ele ficar aqui, agora está tudo acabado — respondeu Jenny.

Tessa acompanhou o olhar de Jenny até o outro lado da sala, onde estava seu marido.

— Ele foi incrível com Gerry, você sabe. Não sei como ele faz isso, mas Mike tem essa habilidade para dizer a coisa certa para as pessoas, especialmente em ocasiões como esta.

Isso era verdade, pensou Jenny. Mike tinha uma maravilhosa qualidade. A maioria das pessoas fora do círculo de amigos próximos não tem nenhuma ideia sobre como reagir diante de uma tragédia assim e, geralmente, para confortar alguém, recorre a clichês sem sentido, que não consolam ninguém.

Mike, no entanto, não era uma pessoa assim. Ele havia se mostrado uma rocha durante todos aqueles dias, mas em particular com os homens; passava horas conversando com Aidan, que continuava tentando achar algum sentido na morte de seu melhor amigo. Jenny esperava que ele tivesse conseguido dormir um pouco antes da reunião.

Desde que decidiu comparecer ao funeral naquela manhã, Karen havia se reanimado um pouco, mas Jenny podia ver, pelo rosto da amiga, que a tensão daquilo tudo estava começando a afetá-la. Jenny ia dirigir de volta a Dublin assim que houvesse oportunidade, mas nesse meio tempo achava bom Karen ficar fora da cama e compartilhar sua dor com os amigos — especialmente porque não poderia deixá-la aos cuidados da família de Shane ou dela própria. Jenny ainda estava aborrecida por causa de sua conversa com a senhora Cassidy no dia anterior.

— Sinto muito, querida, mas será simplesmente impossível estarmos aí a tempo para o funeral. Jonathan tem um enorme torneio americano esta semana e, bem, ele já reservou junho para o casamento. Não teríamos possibilidade de reorganizar tudo tão rapidamente. Karen vai entender. Ela sabe como são essas coisas. Diga-lhe que a amamos muitíssimo e vamos mandar algumas flores.

Mandar algumas flores... claro! Agora ela entendia por que sua própria mãe nunca gostou de Clara e Jonathan Cassidy. Jenny sabia que os pais de Karen eram pessoas ocupadas, mas que espécie de pais não se importariam com sua filha única numa hora como essa?

— Vou buscar outra coca-cola. Alguém quer alguma coisa? — perguntou Jenny. Tessa e Aidan fizeram não com a cabeça.

A caminho do bar, alguém a fez parar. Ela olhou para cima e viu que era Jack Quinn.

— Você é Jenny não? — disse ele. — Eu queria me desculpar pelo comportamento de minha irmã ao telefone ontem. Ela estava perturbada, aliás, todos estávamos.

Jenny fez que sim e disse:

— Compreendo. Estou certa de que Karen também vai entender.

— Barbara pode ser um pouco... — ele procurava a palavra certa — difícil às vezes. Mas não é nada pessoal.

— Está tudo bem, honestamente. Estou certo de que Karen não vai levar a mal — disse Jenny, com um sorriso conciliador. Pelo menos Jack teve a decência de se desculpar, sabendo muito bem que sua irmã estava fora de si ao reagir tão

explosivamente por Karen haver decidido não ir ao funeral. Pelo canto do olho ela viu Nellie Quinn se aproximar da mesa onde estava Karen.

— Bem, obrigado por ter vindo, Jenny — continuou Jack. — Shane falava sempre de você, sei que você era uma boa amiga dele.

Jack se afastou e, assim que ele se virou, Jenny ficou ali parada, sem ar. Sua cabeça dava voltas, enquanto o mundo todo permanecia igual.

Roan Willians estava inclinado à vontade no balcão do bar, à sua esquerda, conversando com um homem de terno escuro que Jenny não reconheceu. Seu estômago apertou e o coração disparou, parecia estar a mil pulsações por minuto. O que ele estava fazendo ali? Não, não podia ser ele. Devia ser alguém muito parecido com Roan. Ela estava cansada, e sua mente apenas pregava uma peça. Jenny olhou, balançou a cabeça de leve e voltou a olhar. Não, definitivamente, era ele!

Ela ouviu o barman perguntar o que ia pedir, e Jenny não teve outra escolha senão voltar a si, embora ainda estivesse sob o efeito do choque.

Oh, pare de ser tão boba, disse a si mesma. E se Roan estivesse mesmo ali? Isso não tinha nada de mais, não é? Mas era tão inesperado vê-lo depois de tanto tempo. Pagou a bebida e, zozna, voltou para a mesa, tomando um grande gole de seu copo, que ela encheu de gelo.

— Você viu Roan, eu percebi — Tessa sussurrou ao seu ouvido, para que ninguém ouvisse.

Jenny fez que sim, procurando ao máximo parecer indiferente.

— Não sabia que ele havia voltado dos Estados Unidos, você sabia?

— Não — Tessa respondeu —, mas já o havia visto de manhã, de pé no fundo da igreja, quando estávamos saindo de lá. — Ela se inclinou para a frente e suspirou. — Como está se sentindo?

— Eu? Oh, estou ótima, absolutamente ótima. Isso foi um pouco inesperado, mas...

Ela parou de repente quando Roan se aproximou da mesa, com um aceno breve dirigido aos outros. Aidan, que estava sentado de costas para o bar virou-se surpreso quando Roan tocou seu ombro. Ele se levantou, e os dois se cumprimentaram com tapas nas costas.

— E aí, companheiro como vai? Obrigado por ter vindo — disse Aidan calorosamente.

Jenny tentou desviar os olhos, mas não conseguiu. Por cima do ombro de Aidan, Roan a encarava com aqueles olhos profundos e escuros que ela conhecia tão bem.

— Ei, rapazes, como vão todos? — ele puxou uma cadeira e se sentou entre Jenny e Aidan. Ela se mexia desconfortavelmente. — Jenny, há quanto tempo! Como tem passado? — perguntou, sorrindo, enquanto bebia um pouco de sua cerveja.

Jenny se irritou com o pouco caso dele. Como podia falar assim, como se ela fosse simplesmente mais um membro da turma, como se nada tivesse acontecido entre eles? Tinha vontade de gritar com ele. Como tenho passado? Oh, tenho estado simplesmente ótima, Roan! Aliás, você partiu meu coração e praticamente arruinou minha vida, mas agora estou ótima. Obrigada por perguntar.

— Muito bem, obrigada. E você? — foi tudo o que ela disse, com voz normal, embora seu coração estivesse batendo a mil por hora.

— Ótimo, ótimo! Não me queixo.

Bom para você!

Percebendo o óbvio desconforto de Jenny, Tessa imediatamente mudou o rumo da conversa, perguntando a Roan quanto tempo fazia que não vinha à Irlanda. Jenny tentava parecer desinteressada quando ele contou que chegou a Dublin naquela manhã

para o funeral e que no dia seguinte já ia voltar para os Estados Unidos. Tratava-se de uma visita breve, explicou, e provavelmente nem mesmo teria chance de visitar sua família.

Jenny digeriu essa informação com uma mistura de alívio e desapontamento.

Durante tanto tempo ela tentou fingir que não se importava, disse a si mesma que não se importava, mas ver Roan ali, agora, e depois de um longo período, trouxe tudo de volta. Todos aqueles meses solitários de coração partido e de dúvidas, imaginando por que ele achou necessário iludi-la por tanto tempo, por que ela não foi suficiente para ele. Jenny precisava saber. Precisava saber por quê.

Sabia que não deveria estar se sentindo assim, não depois de pôr sua vida de novo nos trilhos. E então surgiu Mike, que, como Jenny, sabia faria qualquer coisa por ela, que confiava implicitamente nela e jamais a trataria do mesmo modo que Roan.

De toda maneira, pensou, vendo Karen indo em direção a eles, aquele não era dia de revisitar o passado.

— Jen, espero que não se importe, mas os Quinn me pediram para voltar para a casa deles. Há algumas coisas de Shane que Nellie quer deixar comigo.

— Está bem. Quer que eu vá com você?

Ela se sentou na cadeira ao lado de Jenny.

— Não, pode ir embora, se quiser. Na verdade, não tenho vontade de ir, mas provavelmente não terei outra chance. Afinal, não tenho mais laços com eles agora, não é? — De olhos brilhando, ela ficou uns instantes olhando ao longe. — Eu poderia acabar passando a noite aqui, mas, se não ficar, estou certa de que Jack ou algum deles me levará para casa. Depois disso, você volta para Dublin. Não volta para casa há dias, e sei que dormiu até menos do que eu.

Jenny sorriu e acariciou a mão da amiga.

— Você tem certeza? — Jenny perguntou, não muito satisfeita de deixá-la sozinha com os Quinn. Ela esperava que Barbara Quinn se comportasse, porque a pobre Karen já havia sofrido o suficiente. Mas talvez essa fosse uma oportunidade que ela e Nellie precisavam para deixar o passado para trás.

— Estou. Acho que todo mundo vai voltar para casa logo, embora pareça que Gerry está gostando de suas cervejinhas — disse ela para Tessa.

Tessa olhou para o outro lado da sala, onde seu marido estava sentado, com uma cerveja pela metade na mão e outra cheia na mesa, à sua frente.

— Não me importo — disse Tessa. — Acho que todos merecemos relaxar depois disso tudo. Você sabe como detesto essa mania que todo mundo neste país tem de sempre ir direto para um pub depois de um enterro. Sempre achei desrespeitoso. Mas, depois de tudo o que aconteceu, entendo por que as pessoas precisam se sentir de algum modo próximas do normal de novo. — Percebeu que Karen estremeceu e que ela não devia ter dito aquilo. — Minha querida, desculpe. Sei que vai levar muito tempo para você se sentir de algum modo recuperada novamente. Simplesmente falei sem refletir.

— Não, está tudo bem — disse Karen, levantando-se. — Para ser honesta, hoje tem sido um pouco mais fácil do que eu esperava. Sei que parece estranho, mas estou sentindo uma espécie de alívio por ter vindo. Obrigada a vocês duas. Gostei de vocês estarem lá para me apoiar.

— Karen, você sabe que estaremos sempre por perto, seja lá quando for que precise de nós — disse Tessa, abraçando-a com ternura. — Pelo jeito vamos ficar aqui por um bom tempo. Verei você amanhã. — Tessa e Gerry haviam planejado passar a noite na Harold's Cross, para que Karen não ficasse sozinha.

— Você tem a chave? — Karen perguntou.

— Sim, mas não se preocupe conosco. Nellie está fazendo sinal para você. Deve estar indo embora.

— Acho melhor eu ir então.

Karen abraçou Jenny e Tessa novamente e foi juntar-se aos Quinn, que a esperavam à porta. — Estou indo também— disse Jenny com um bocejo. — Karen estava certa. Quase não dormi e estou absolutamente exausta.

— E você acha que está bem para dirigir? — perguntou Tessa.

— Estou bem, sim. Não se preocupe. Despeça-se de Gerry por mim, tá? — Olhou à volta para dizer adeus aos outros, mas nesse meio-tempo todo mundo parecia ter ido embora. E ela não viu Roan em lugar nenhum.

Sentindo-se estranhamente vazia, Jenny deixou o pequeno pub e se dirigiu ao minúsculo estacionamento nos fundos do edifício. Por alguma razão, ela esperava que, quando voltasse a ficar face a face com Roan, ocorreria algo diferente do que se passou. Quantas noites ficou sem dormir, imaginando repetidamente uma variedade de coisas para dizer.

Numa delas, Roan estava cheio de remorso, talvez implorando para que ela o aceitasse de volta, reconhecendo o quanto a amava e tudo o que perdeu. Em outra, gritava com ele, perguntando por que a magoou daquele jeito. E então caíam um nos braços do outro ou talvez partiam por caminhos diferentes. Mas naquele dia não havia acontecido nada disso. Roan mal a reconheceu. Jenny ligou o carro; sua visão estava borrada e os olhos, cheios de lágrimas no momento em que ela saía do estacionamento e partia para Rathrigh.

Já estava quase na saída quando percebeu uma figura alta correndo atrás do carro.

— O que você quer? — ela desceu o vidro da janela, mas sem conseguir olhar para ele.

Roan começou a dizer algo, então parou, pondo as mãos nos bolsos. Então disse:

— Vi você saindo e só queria... — nesse momento, Aidan saiu do pub e estava indo em direção do estacionamento.

— Pelo amor de Deus, entre, sim? — disse Jenny impaciente.

Ela não sabia bem por que, mas não queria que ninguém os visse juntos. Roan agradeceu, e Jenny pôs o carro em movimento e seguiu pela rua principal, com os pensamentos se movendo mais rápido do que o velocímetro do carro.

Até deixarem para trás a cidade, nenhum dos dois disse nada.

— Onde você está hospedado? Posso levá-lo até lá — disse Jenny, ansiosa para romper o silêncio e incomodada pela excessiva proximidade.

— Estou hospedado no Skylon, perto do aeroporto. Agradeceria se me levasse até lá. Ia precisar de um táxi para sair daqui.

— Sem problema. — Parecia que estavam no carro havia séculos, sem dizer uma palavra, pressionada pela irritação e ansiedade, Jenny dirigia muito mais rápido do que se permitiria normalmente, especialmente naquelas ruas estreitas e cheias de curvas.

Concentrada em Roan, sentindo seu cheiro familiar, Jenny achava que ele parecia estar muito bem.

Chegando à estrada principal de Dublin, Roan finalmente disse:

— Como você tem passado? — perguntou, quando já entravam em Rathrigh, dessa vez um pouco mais amável e com um pouco mais de sentimento.

— Bem — disse Jenny, tentando não alterar sua voz. — Não esperava vê-lo aqui hoje. Sabia que você e Shane mantinham certo contato, mas não achava que fossem próximos.

— Shane era um bom rapaz — disse Roan, com um leve sotaque americano. — Antes que eu fosse embora, ele me deu seu e-mail e acabamos nos escrevendo um pouco, e com Aidan também. No início, foi muito solitário lá, e Nova York é uma cidade enorme. Não conhecia muita gente no escritório e a empresa me hospedou num hotel nas primeiras semanas, até eu conseguir um lugar para morar.

— Carla Stephens também foi para lá? — Jenny perguntou, num tom amargo, antes que pudesse se interromper. — Estava certa de que ela iria junto. — Droga! Por que disse aquilo? Agora ele ia saber que ela ainda se importava.

Roan respirou fundo e disse:

— Não aconteceu, Jenny. Nunca houve nada entre mim e Carla.

— Ah, sim, eu apenas imaginei aquela noite, não foi? Eu apenas imaginei você enroscado nela num canto de urna casa noturna. — Jenny notou, ao mudar a marcha do carro, que suas mãos suavam muito.

— Jen, tudo aquilo aconteceu porque pouco antes havíamos tido um problema. Sei que ainda está zangada comigo, e você tem toda a razão de estar. Olhe, estacione e vamos a algum lugar onde possamos conversar direito, não assim. Por favor, do contrário você vai matar nós dois — acrescentou, tentando tornar mais clara a situação e instantaneamente se dando conta de que, depois de tudo o que havia acontecido, o comentário foi de péssimo gosto.

Satisfeita por ver que depois de todo aquele tempo foi ela a fazê-lo se sentir desconfortável, Jenny tirou o pé do acelerador do carro e passou a dirigir mais devagar. Roan estava certo. Eles precisavam conversar. Apropriadamente. Talvez então, Jenny pensou, ela pudesse obter algumas respostas. Contudo, parte dela não estava bem certa se queria ou não ouvi-las.

Poucos quilômetros adiante, perto de Balbriggan, Jenny parou e estacionou o carro numa pequena área de piquenique situada bem próxima à margem da rodovia principal. Embora fosse quase hora do chá, algumas famílias continuavam por ali, entre as pequenas mesas de madeira, sem dúvida aproveitando o ótimo tempo que inesperadamente fazia naquele dia e a linda vista da Dublin Bay.

Jenny e Roan sentaram-se um ao lado do outro no banco vazio mais próximo.

— Agora que estou aqui na sua frente, não estou seguro sobre o que dizer — disse ele com calma. — Ensaiei, na minha cabeça, esta conversa mil vezes, mas simplesmente não sei por onde começar.

Pela primeira vez Roan parecia de verdade um pouco inseguro, pensou Jenny. Mas ela não ia se deixar levar por essa atitude de pobre garoto perdido. Não dessa vez.

— Que tal “Jenny, sinto muito ter mentido para você, sinto ter enganado você e sinto ter tratado você como merda durante todo o nosso relacionamento”? Esse seria um bom começo, Roan — ela percebeu que sua voz soou amarga, mais até do que ela teria imaginado.

— Você está certa, como sabe. Não vou discutir isso. — Ele se virou para ela, mas Jenny olhava na direção do mar. — Sinto muito, Jenny, sinto muito por tudo. Você merecia o melhor.

— Sim — disse ela simplesmente. — Merecia. Você disse que me amava. Vivíamos juntos, pelo amor de Deus! E mesmo assim você me enganava e mentia para mim o tempo todo. Por quê? Se não me amava, por que não terminou?

Ele balançou a cabeça:

— Jenny, honestamente não sei. Quando dizia que a amava, achava que amava. No momento eu queria dizer aquilo, mas hoje acho que não tinha absolutamente nenhuma ideia do que estava dizendo.

— Oh! — Então, afinal, ele não a amava. Pelo menos agora Jenny tinha certeza.

— Olhe, Jen, você estava certa quando disse que eu menti e enganava você durante nosso relacionamento. E até hoje não sei por que fazia aquilo. É que aquelas garotas sempre pareciam gostar de mim com sinceridade e, às vezes, eu não conseguia resistir. Sei que isso soa patético, mas é verdade.

— Como Carla, suponho — disse Jenny, sentindo um entorpecimento se espalhar pelo corpo. Mesmo depois que ela se deu conta de tudo isso, muito tempo atrás, e até chegou a entender um pouco os fatos, era muito difícil ouvir dele essa afirmação. Roan realmente nunca a amou.

— Sim, como Carla. Mas naquela noite as coisas não aconteceram como você pensa. Sei que você não vai acreditar em mim, mas naquela noite eu realmente tive uma crise de consciência. Sabia que Carla estava a fim, e eu pensava: “Por que estou fazendo isto? Por que razão?”. Eu, na verdade, não me importava com Carla. Não me importava com nenhuma delas. Tudo o que fazia era magoar a mim mesmo e a você, sem mencionar o fato de que com isso arruinava qualquer chance de termos um relacionamento pelo menos decente.

Jenny podia sentir as lágrimas começando a brotar em seus olhos, e ela não queria chorar. Tudo aquilo estava de volta — todas as antigas mágoas, as traições, as humilhações. Jenny enganou a si mesma ao pensar que eles haviam tido mais do que um relacionamento meio decente. Enquanto ela havia posto todo o coração e a alma em fazer que desse certo, Roan fez tudo para acabar com ele, enquanto deixava Jenny de lado.

— Sinto muito, Jenny — disse ele, finalmente. — Sinceramente. Sei que você fez o melhor que podia, e eu não sabia, naquela época, como eu era um felizardo por ter alguém como você. Só depois que fui embora percebi como havia poucas pessoas que se preocupavam comigo. Logo descobri que não tinha ninguém em quem confiar, que foi meu egoísmo que afastou todos de mim. Achava que todo mundo, todos os meus “amigos” daqui ficariam realmente impressionados com meu grande estilo de vida em Manhattan. Achei que todos iam querer me visitar e estava ansioso para me exhibir. Mas, depois de alguns meses, percebi que ninguém dava a mínima. Telefone para minha mãe uma vez por mês e, muito raramente, alguma vez mais; por isso, quando ela quer alguma coisa, precisa me ligar. É só. Eu precisaria cair morto em algum lugar no Bronx para que se importassem.

— E as pessoas com quem você trabalha? — perguntou Jenny. — Com certeza você fez alguns amigos na Evanston, não?

Roan balançou a cabeça, dizendo:

— Eu trabalho com eles, Jenny mas na verdade não os conheço. Os americanos são diferentes de nós; eles são muito mais independentes. Não acham necessário conhecer tudo sobre todo mundo. Eles têm sua própria vida fora do trabalho e a levam bem. Olhe, não estou tentando fazer você sentir pena de mim. Acontece que, como tinha um bocado de tempo, comecei a pensar em meu comportamento, não só em relação a você, mas com todo mundo. E logo percebi que não tinha ninguém para quem pudesse voltar. Não havia uma única pessoa em quem eu pudesse confiar. Eu não podia admitir a quem quer que fosse que eu estava encontrando dificuldades para viver lá. Então, um dia, encontrei em minha carteira o e-mail de Shane e lhe mandei uma mensagem curta, perguntando como estavam as coisas. Ele me respondeu no dia seguinte — ele olhava triste na direção do mar. — Sempre passei bons momentos com Aidan, e depois de um tempo escrevi a ele também. Difícilmente passava uma semana sem que trocássemos mensagem. E com eles era mais fácil admitir que eu estava passando por um momento difícil, embora soubesse que Shane já havia lido isso nas entrelinhas, por assim dizer.

— E foi por isso que você veio para o funeral?

— Tinha que estar em seu sepultamento — disse Roan. — Nós nos tornamos muito próximos, mais do que você poderia esperar. Eu confiava nele, tanto quanto ele em mim. Sabia que ele passou por um bocado de tensão durante um período, antes de ele e Karen decidirem marcar a data do casamento. Acho que ele sentiu que ela estava ficando com medo e que podia acabar desistindo.

Jenny ficou chocada ao ouvir aquilo. Ela tinha certeza de que Karen não tinha ideia de que Roan e Shane se escreviam assim. Ela sabia que a amiga teria contado.

— Você estava realmente tão mal? — Jenny perguntou, indagando a si mesma por que ele permaneceu em Nova York se as coisas iam assim tão ruins.

— No início, sim, mas depois de algum tempo consegui um lugar para morar. Bem, era uma casa em Yonkers compartilhada por uma turma de rapazes de Dublin — ele balançava a cabeça, admirado. — Falo de viver em casa longe de casa, Jen. Lá é como viver em Rathmines. É em Yonkers que vive a maioria dos irlandeses que estão em Nova York, e numa loja perto de casa podem-se comprar salsichas e bolachas cream-craker irlandesas. Eles até recebem todos os jornais irlandeses regionais. Compro o Leinster Post toda semana — ele riu, relaxando um pouco. — Acho que tudo isso contribuiu para que me estabelecesse lá. Então encontrei alguém.

Jenny nada disse. Tinha a sensação de que isso chegaria.

— Seu nome é Kelly — Roan continuou. — Ela é americana, mas diz a todo mundo que é irlandesa-americana, mesmo não tendo nunca deixado a cidade. Ela trabalha como comunicadora de rádio para a Polícia de Nova York. — Ele Sorriu diante da expressão de Jenny depois continuou: — Sei no que você está pensando, mas não foi aí que nos conhecemos. Não estive metido em nenhum problema, aliás, bem ao contrário. Estou indo muito bem no trabalho e a caminho de ser promovido.

Jenny o ouvia em silêncio. Era incrível, pensou. Roan tinha agora uma nova vida, completamente diferente daquela que eles haviam compartilhado. E parecia feliz com ela e o novo amor. Ele mudou.

E agora estava ali, se desculpando, tentando se explicar e pedindo perdão, pois assim poderia voltar com a consciência tranquila para sua bela vida nova, com sua bela namorada nova.

— Também encontrei alguém — disse Jenny, de repente consciente de que estava usando suas palavras como um escudo contra seus próprios sentimentos e como uma arma contra ele. Ela queria atingi-lo, talvez até despertando seu ciúme.

— Estou contente. Você merece, Jen — disse ele, dando aquele sorriso admirável, único, que deixava à mostra as minúsculas covinhas de cada lado de sua boca. Havia muito tempo que não via aquele sorriso. Já no final, Roan raramente sorria para ela, ou para qualquer coisa. Jenny se perguntava se teria sido ela que o havia tornado infeliz.

Ele deu uma risada e prosseguiu:

— Você não vai acreditar, mas, pouco antes de ir embora, falei com Shane e pedi a ele que ficasse de olho em você. — Ergueu os ombros e disse: — Que arrogância a minha, não? Eu sei. Mas eu devia ter percebido que você superaria aquele problema sem a ajuda de ninguém.

— Não foi tão fácil assim, Roan.

— Não acho isso nem por um segundo — disse ele. — Tentei lhe dizer que estava indo numa boa, mas na ocasião, creio que cinco, seis meses depois que nos vimos, Shane me aconselhou a não fazer isso, disse que você ia se mudar e que seria melhor que eu simplesmente a deixasse em paz.

— Ele estava certo, foi o que aconteceu — disse ela com um sorriso.

— Quis ligar para você tantas vezes, Jenny! Fui um canalha. Sei disso agora. Mas quero que acredite em mim. Meu comportamento estúpido no passado não foi só com você. Sempre fiz exatamente a mesma coisa com Siobhan, com todo mundo.

— Fale-me sobre Siobhan — disse Jenny corajosamente, mesmo pensando que, na verdade, não queria ouvir o que sabia que Roan ia contar.

— Suponho — disse com um suspiro — que para ser honesto devo contar tudo. Aquela noite no pub, Lydia Reilly não estava mentindo quando disse que Siobhan e eu estávamos noivos.

O coração de Jenny quase parou. Ela achava que não podia sentir nada pior, mas, diante do que acabava de ouvir, parecia que Roan lhe arrancou o coração do peito. Deixou que ele continuasse.

— Nós estávamos juntos há bastante tempo, exatamente até depois da viagem a Veneza. Ela é filha de um rico proprietário de um haras enorme, namorávamos desde a escola — disse ele, olhando para baixo, envergonhado. — Eu achava que era com Siobhan que eu ia acabar me casando, mas, depois de Veneza, creio que ela começou a ver que eu a enganava em Dublin, que eu fazia isso o tempo todo.

— E você fazia a mesma coisa comigo. Por quê? Qual era o motivo? Foi uma crueldade. Com nós duas!

Jenny se lembrou com muita clareza da profunda dor que sentiu quando descobriu que ele havia viajado com Siobhan. Na época, suspeitou que eles ainda estavam juntos, que nunca haviam rompido como Roan disse. No fundo do coração, ela sabia a verdade.

— Sei disso e sinto muito. Siobhan ia participar de uma sessão de fotos naquele fim de semana e não podia viajar. Assim, convidei você. Então, ela soube que eu havia vencido o concurso e cancelou o trabalho para ir comigo. Eu não sabia o que fazer. Então você e eu brigamos e...

— Concurso? Você ganhou a viagem num maldito concurso? — Jenny gritou. Com raiva, levantou-se de um salto, não se importando com o que as pessoas pudessem pensar. Essa revelação foi demais para ela. Ele próprio admitiu que era um mentiroso dissimulado, trapaceiro, mas isso! Como podia alguém ser tão traiçoeiro?

— Jenny...

— Esqueça! — disse ela, remexendo na bolsa em busca das chaves do carro. — Para mim chega, Roan! Não quero ouvir nem mais uma palavra — disse, furiosa, ao passar por um grupo de adolescentes que estavam sentados num banco ao lado, observando a cena com interesse, divertindo-se com o show inesperado que aquela mulher enlouquecida e seu pobre namorado estavam proporcionando. — Vou embora! E não pense em vir comigo! Você pode ir rastejando até Dublin. É isso o que você merece, seu verme!

Em choque, Roan ficou de pé. Não se lembrava de alguma vez ter ouvido Jenny usar aquela linguagem. Ele a seguiu enquanto ela voltava para o carro, junto ao qual estava parada, em lágrimas, lutando para enfiar a chave na porta.

— Jenny sinto muito, muito mesmo — dizia ele suavemente, aproximando-se dela, abraçando-a.

Ela se virou para encará-lo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Você sabe o que, diabos, passei no último ano, lembrando tudo, tentando imaginar o que eu havia feito de errado? Pensando que eu é que estava errada, que não era bastante atraente para você, que era muito gorda, que era ruim de cama, que não era suficientemente boa para você! Não era suficientemente boa! Tem alguma ideia do que estou falando?

— Shhh, Jenny, está tudo bem.

— E todo aquele tempo, depois de ficar me perguntando se você me enganava ou não, após tentar ao máximo fazê-lo feliz, você aparece e me diz que eu não era a única que estava sendo traída por você. Eu não era nem a número um! Era apenas a outra. Ela o jogou fora, por isso você teve de arranjar uma segunda melhor!

— Não foi assim, Jenny. Eu me preocupava muito com você, e ainda me preocupo. — Claramente perturbado, Roan passou a mão pelo cabelo. — Veja, quando Siobhan e eu nos separamos, eu estava decidido a acertar as coisas com você, e durante um tempo ficamos bem e éramos felizes. Mas não sei o que houve, acho que entramos na rotina. Eu caí na rotina. Eu não estava feliz com minha vida, Jen, e não sabia por quê. Mas agora sei. Agora percebo que passei a maior parte dela usando outras pessoas, esperando que elas me fizessem feliz, enquanto eu nada dava em troca. — Roan se aproximou dela e disse: — Venha cá, por favor.

Estendeu os braços para ela e a manteve junto dele.

Intimamente, Jenny sentia que seu coração se quebrava de novo.

—Você tem alguma ideia, Roan — disse ela, soluçando de modo incontrolável em seu peito —, já teve alguma ideia do quanto amei você?

41.

BEM MAIS TARDE, Jenny levou Roan de volta ao hotel. Ficaram em silêncio a maior parte da viagem, e o ar estava pesado entre eles. Ele mudou, pensou Jenny, olhando-o de lado, ao se aproximarem da entrada do hotel.

Sucumbir diante dele daquele jeito foi incrivelmente embaraçoso. Parecendo entender, ele a tomou nos braços por um bom tempo e nada disse enquanto ela chorava. Roan aceitou com sinceridade a completa responsabilidade pelo fracasso de seu relacionamento e admitiu que foi insensível com seus sentimentos, sem mencionar sua saúde. E estava verdadeiramente sentido por causa disso.

Havia sido um novo começo para Jenny. Nunca antes, ao longo de seu relacionamento, ele assumiu a culpa por nada. Ela apreciou sua sinceridade, mas ainda não estava segura sobre como se sentia sobre esse novo, melhorado e obviamente muito mais maduro Roan Williams.

Houve um momento, quando estavam na área de piquenique, que Jenny estava achando difícil tirar da cabeça, agora que se dirigia para o hotel: quando ele colocou-lhe os braços em volta enquanto ela chorava, Jenny sentiu a quase irreal sensação de estar novamente em seus braços, mergulhada em seu cheiro familiar. Então Roan fixou nela os olhos com uma expressão tão estranha, que Jenny teve quase certeza de que ia beijá-la. Eles ficaram assim, de olhos nos olhos, por um tempo que pareceu séculos. Então Jenny desviou o olhar para longe, o momento passou e pouco depois os dois voltaram ao carro.

Agora ela não sabia o que pensar.

Tudo o que sabia era que nunca se sentiu tão exausta em sua vida. As horas de conversa pesada e cheia de emoção a haviam esgotado, ainda mais porque havia dias que não tinha uma noite de sono decente. Estacionou na entrada do hotel, mantendo o carro ligado. Roan desceu.

— São quase sete horas — disse ele, olhando para o relógio, que Jenny notou ser um Tag Heuer caro. Ele não havia mentido sobre estar se dando bem em Nova York. — Quer entrar um pouco? Poderíamos comer alguma coisa, não? Depois de tudo, estou com muita fome e com certeza você também.

Roan pigarreou. Jenny percebeu que ele estava nervoso.

Jenny olhou para os intensos olhos castanhos e de novo viu algo neles, uma coisa que não estava certa se queria ver. Seria só nostalgia essa estranha sensação entre eles? Jenny não tinha mais certeza. Acabado o dia, as coisas mudaram. Ela achava que saber e entender os motivos de Roan para magoá-la naquele tempo teriam sido suficientes. Depois ela poderia seguir sua vida e deixar pata trás o desejo e tudo aquilo que a magoou. Mas ela percebeu então que havia algo inacabado pairando no ar entre eles. Podia sentir isso e estava certa de que ele também sentia. O coração de Jenny disparou, e ela percebeu que gotas de suor se formavam em sua testa.

— Estou... estou muito cansada — disse ela rapidamente, receando olhá-los nos olhos.

— Sim... suponho que você esteja querendo voltar para casa. Você ainda mora em Dun Laoghaire?

Ela fez que sim, incapaz de tirar os olhos do painel do carro, mas querendo olhar para ele, tocá-lo, embora não se atrevesse a fazer isso.

Fez-se uma pausa longa.

— Hum... obrigado pela carona — disse Roan. Pelo canto do olho Jenny via que ele estava olhando para ela, como se quisesse que ela levantasse os olhos. Mas, se o olhasse nos olhos de novo, não sabia o que poderia acontecer. Sentiu então que uma onda de pânico a envolvia.

— Não há de quê — ela se agarrava ao volante tão forte quanto podia.

— Bem, acho que a verei por aí, então — disse Roan, com um nó na garganta.

Ela assentiu, ainda temerosa de olhar para ele, de dizer qualquer outra coisa. Podia sentir que a tensão entre eles aumentava. Pôs o carro na primeira marcha, como se para se convencer de que já estava indo, precisava ir logo. Roan hesitou por um momento que parecia não acabar, mas que na verdade durou apenas alguns segundos, e então fechou suavemente a porta do passageiro.

Jenny saiu, sem nem olhar pelo espelho retrovisor, temendo que, se o fizesse e visse seu rosto, ela quase certamente vacilaria. Tinha que sair dali rápido.

Tum, tum, tum... o coração de Jenny batia forte. Não olhe para trás. Não olhe para trás, ela repetia para si mesma. Mas, quando parou o carro na saída do hotel, na Drumcondra Road, não conseguiu evitar. Era como se alguma força estranha, invisível, tivesse tomado conta de sua vontade. Olhou para trás e viu que Roan continuava ali em pé, olhando-a sair do hotel, com uma expressão estranha.

Era isso, pensou, ela não podia aguentar por mais tempo.

Jenny deu marcha a ré e acelerou de volta. Por pouco não se chocou com um carro estacionado numa esquina próxima. Então viu Roan correr na sua direção. Estacionou o carro numa área que provavelmente era reservada, mas não se importou. Estava longe de se importar. Saiu do carro, bateu a porta e atirou-se nos braços dele, como se sua vida dependesse disso.

Beijaram-se com sofreguidão, sem se importar que alguém os visse ou com as consequências disso. Jenny sabia que ela queria, não, que precisava estar com ele mais uma vez, só mais uma vez.

Por um momento, Roan se afastou. Segurou seu rosto com ambas as mãos e olhou-a diretamente nos olhos. Neles, Jenny podia ver espelhada sua própria paixão. Então perguntou:

— Tem certeza?

Ela assentiu, sem dizer uma única palavra, não querendo quebrar o encanto.

Só mais uma vez.

Cozinha de Karen — No presente

— Então você esteve com Roan de novo! Faz muito tempo, e você não me disse nada! — Karen exclamou.

Depois de terminar a história, Jenny olhou ansiosa para a amiga, suplicando que Karen a entendesse. Ela retirou a cobertura de chocolate de seu bolinho.

— Pelo amor de Deus, Jenny! Por que não me contou? Jenny deixou cair as mãos no colo.

— Tentei contar, mas nunca havia um momento apropriado. Você havia acabado de enterrar Shane; e eu estava com vergonha de mim mesma. Foi um dia de muita emoção e, para ser honesta, naquele momento eu sentia que estava traindo você. Tinha medo de que você pensasse que só me preocupava comigo. Mas não foi assim, Karen. Eu não esperava que ele voltasse.

— Não importa que dia era, Jenny. Só estou aborrecida por você ter deixado que ele se saísse bem, mais uma vez. E pensar no jeito que ele tratava você...

— Essa é outra razão por que não disse nada. Não queria ter que passar por tudo aquilo de novo com você ou Tessa. E tinha medo que Mike descobrisse. Mas dessa vez é diferente. Conversamos muito, depois Roan voltou para Nova York, e eu finalmente estava pronta para seguir adiante com minha vida. Pensávamos que era improvável que voltássemos a nos ver de novo.

— Então você resolveu ter uma sessão de amor em honra aos velhos tempos? — disse Karen sarcasticamente. Vendo que a observação machucou, ela se arrependeu. — Sinto muito, Jen, mas é que foi um choque ouvir tudo isso, quando nenhum de nós tinha a menor ideia de que vocês haviam ficado a sós de novo.

— Mas de certo modo você está certa — disse Jenny. — Depois daquele dia, não tive mais nenhuma dúvida. Percebi que Mike era o único que eu queria, o único que eu realmente amava. Até então, eu não tinha certeza. Ainda estava presa no passado. Depois que vi Roan de novo, consegui finalmente colocar um ponto final. Antes não fui capaz disso, não completamente. — Mordendo o lábio, continuou. — Sei que é difícil para você entender, mas só depois tive certeza de que queria passar o resto de minha vida com Mike. E ainda quero.

— Foi por isso que vocês dois logo em seguida ficaram noivos — disse Karen.

— Em parte, sim. Havia outras coisas, mas depois de tudo empenhei meu coração e minha alma em fazer nosso relacionamento dar certo. Acho que Mike percebeu que alguma coisa havia mudado. Ele sabia que Roan tinha ido ao funeral aquele dia, embora, obviamente, não tenha se inteirado de toda a história. Talvez tenha percebido que eu finalmente estava pronta para seguir em frente com minha vida e deixar Roan no passado.

Karen ficou em silêncio por um momento e depois perguntou:

— Mas as coisas não ficaram daquele jeito, ficaram? Há algo mais, não há? Do contrário você não estaria perturbada, não estaria aqui — ela olhou para Jenny com firmeza em busca de uma reação, e a expressão assustada da amiga disse tudo o que ela precisava saber. — Estou certa, não estou?

Jenny assentiu, com os olhos traindo seus sentimentos, enquanto lutava arduamente para conter as lágrimas.

— Oh, Jenny! Existe alguma dúvida? perguntou Karen suavemente.

— Não, pelo menos acho que não.

— Você vai contar a ele?

— Não tenho certeza. Mas agora Roan está de volta e vai trabalhar na empresa de Mike, e um deles pode fazer a ligação. E você sabe que a turma da InTech está sempre se reunindo fora do trabalho. Tenho quase certeza de que vamos acabar nos encontrando.

— Jenny — disse Karen balançando a cabeça —, você percebe o que fez? Você devia ter dito alguma coisa na época, se não para Mike, pelo menos para mim.

— Eu sei, e acredite em mim, pensei em contar, mas, com tudo o que estava acontecendo, nunca tive oportunidade. Você já estava carregando um peso suficientemente grande para que eu a sobrecarregasse com meus problemas.

Karen respirou fundo. Não podia acreditar que, depois de tudo aquilo, Jenny tivesse caído de novo na lábia de Roan Williams, exatamente quando ela já estava retomando sua vida. Mike era uma boa pessoa e não merecia nada disso, e obviamente Jenny não lhe disse nada, do contrário não estaria tão preocupada com a volta de Roan a Dublin. Ela própria jamais suspeitou de nada, nunca soube nem que Jenny e Roan haviam se falado naquele dia.

Ela estava tão fora de si que nem viu Roan no funeral; não sabia sequer que ele havia estado lá e, depois, Tessa não lhe contou. E Roan não ficou lá muito tempo antes de voltar para passar a noite em Dublin. Obviamente, ela também não teve nem ideia disso.

Karen estava muito abalada com a reviravolta em sua vida naquele momento. Jenny estava certa ao afirmar que não havia como ter dito, porque, poucas semanas depois do enterro de Shane, exatamente quando Karen estava tentando pôr a vida em ordem de novo, aconteceu algo que outra vez virou sua vida de cabeça para baixo.

Ela havia recebido um telefonema do advogado que cuidava dos assuntos de Shane, pedindo que ela fosse ao seu escritório para “discutir” as propriedades dele. Karen pretendia fazer uma visita aos Quinn em seu caminho até o escritório da Kearney & Associados em Navan, mas, quando bateu à porta da casa da fazenda, ninguém atendeu. Ela logo descobriu por quê.

Ao chegar ao escritório do advogado, Karen foi surpreendida pela presença de Jack e Nellie Quinn, sentados na sala de espera. Enquanto esperavam, Nellie ficou tagarelando — uma conversa fiada tola, sem graça nem sentido — e Jack, impassível, aparentava nem ter notado a presença de Karen. Ela devia ter suspeitado, devia ter sabido que alguma coisa estava errada.

Mas Karen não poderia imaginar, nem em seus sonhos mais estranhos, o que ia ouvir naquele dia. Ela quase não conseguia ouvir a voz de Jim Kearney explicando que, como Shane não deixou testamento e ele e Karen não eram casados, a parte dele na casa da Harold's Cross agora pertencia legalmente ao seu parente mais próximo, sua mãe. Sem acreditar, ela ouviu o advogado dizer com benevolência que a propriedade que foi registrada no nome de Shane agora seria passada para o nome de Nellie Quinn. Como Jack foi o fiador da hipoteca, ele também tinha interesse legal na propriedade. Será que Karen gostaria de tomar as providências para vender sua parte para os Quinn?

Aquilo tudo foi surreal. Nellie acariciava sua mão e lhe dizia que esperava que ela tomasse uma decisão o quanto antes, que ela devia ir para casa e pensar no assunto. Casa? Mas não haviam acabado de lhe dizer que ela não tinha mais casa?

Ela nunca nem sequer havia considerado as implicações legais da morte de Shane, nunca pensou senão em superar o vazio emocional em sua vida depois do acidente. Ela, de vez em quando, pensava em como ia continuar pagando sozinha a hipoteca, mas achava que qualquer seguro de vida que Shane tivesse cobriria parte dos pagamentos. Lembrou-se então de que Aidan a havia aconselhado a procurar um

advogado para se informar sobre essas coisas, mas Karen estava tão ocupada em tentar sobreviver a cada dia sem Shane que não pensou mais nisso nem por um segundo.

Tudo desabou sobre sua cabeça, do mesmo jeito que uma enorme pilha de roupas de Shane caíra de seu armário um dia, quando Karen se sentiu bem o suficiente para lidar com elas. O cheiro dele ainda penosamente perceptível nos suéteres e camisetas que caíram ao chão despertou nela uma nova onda de tristeza. Naquele momento sentiu raiva, assim como a sentiu sentada naquele escritório, querendo gritar com todos eles, querendo que ele não tivesse morrido, que ainda estivesse ali e que ela não tivesse que sofrer novamente toda aquela dor.

Mas o sofrimento mal havia começado. Algum tempo depois, Jack Quinn disse em termos não muito claros que eles tinham a firme intenção de vender a casa na Harold's Cross. Ele daria a Karen uns dois meses para se mudar e que suas parcelas da hipoteca deveriam ser pagas integralmente. Ele não propôs um acordo nem considerou a recuperação de Karen. Isso foi o proverbial pontapé no traseiro de que ela precisava. Desde então, Karen temporariamente deixou de lado sua tristeza e se engajou numa verdadeira missão para salvar sua casa. De repente tinha algo por que lutar. Ela não ia, de jeito nenhum, empacotar as coisas e simplesmente se levantar e ir embora de sua casa, do lar que compartilhou com Shane. Não sem lutar. Depois de um mau começo, seu pai a pôs em contato com um bom advogado de Dublin e, como ela ficou sabendo apenas naquela manhã, ela e Jack Quinn iam brigar na justiça.

Não, pensou Karen, trazendo seus pensamentos de volta para o presente, não houve mesmo oportunidade para Jenny contar sobre seu encontro com Roan, como ela queria fazer.

— Você vai ter que contar para Mike, Jen. Seria muito ruim para ele se descobrisse de outro modo. Você foi uma tola de achar que poderia fugir disso, não dizer nada.

— Eu sei. Mas, Karen, simplesmente não pensei nisso. Tentava convencer a mim mesma de que não teria importância. E, de todo modo, com tudo o que aconteceu... não houve oportunidade. Mike e eu estávamos felizes, estávamos caminhando com nossa vida e não havia razão para falar. E eu tinha quase certeza de que não ia ver Roan novamente. Mike não entenderia se eu tivesse contado.

— E o que a faz pensar que ele entenderia agora?

Jenny enterrou o rosto nas mãos, depois disse:

— Eu só teria que aproveitar aquela chance, não teria?

MUITO MAIS TARDE, Jenny ia de carro para Blackrock, mal percebendo a agitação e o tráfego a sua volta. O dia ficou muito mais melancólico do que sugeria o céu brilhante da manhã, o que combinava com seu humor, pensou.

Ao passar por Booterstown, olhou na direção da Dublin Bay e se lembrou da noite em que Mike a pediu em casamento. Isso foi bem depois do funeral de Shane. Eles haviam saído para dar uma volta por Sandymount Strand. Mike sempre a provocava, lembrando o dia que eles passaram em Brittas Bay, quando ela não queria molhar os pés, o dia em que se beijaram pela primeira vez. Jenny então tirou os sapatos e as meias e correu direto para a água, para provar que ele estava errado e mostrar, dessa vez, que ela não tinha medo de molhar os pés.

Mike a seguiu, e os dois ficaram ali durante muito tempo, pulando e jogando água um no outro, até ficarem ensopados. Depois, exaustos e rindo, desabaram na praia. Mike se sentou, olhou sério para Jenny, que continuava estendida ali, e de repente

perguntou se ela queria se casar com ele. Isso foi muito inesperado, mas mesmo assim bem recebido. Jenny disse sim sem hesitar, de forma enfática.

Mike era o único homem que ela queria, puro e simples. Havia muito tempo que ela sabia que o amor dele estava implícito. Ele nada tinha a temer quanto ao passado dela, e Jenny sabia, sem reserva, que nada temia do dele.

Quando telefonaram para Rebecca, alguns dias depois, para anunciar que iam se casar, ela e Graham ficaram entusiasmados. Assim se sentiram também os pais de Jenny e de Mike, todos os amigos, inclusive Tessa e Gerry, que tiveram suas próprias razões para comemorar, poucas semanas depois, quando Tessa deu à luz um menino.

Jenny hesitou antes de contar a Karen, ciente de que as notícias sem dúvida iriam despertar as lembranças de seu próprio noivado. Mas Karen ficou igualmente contente por eles, certa de que a morte de Shane teve um efeito profundo sobre o relacionamento de Jenny e Mike, embora não pelo motivo que ela pensava.

Mike admitiu mais do que isso para Jenny, no dia em que ficaram noivos.

— Eu sabia que acabaria me casando de novo — disse ele mais tarde, durante o jantar, com sua expressão habitualmente séria —, mas pretendia fazer tudo com calma, sem pressa. Depois do acidente, porém, tudo mudou. De repente me coloquei no lugar de Karen e imaginei como me sentiria se perdesse você. E decidi que não ia desperdiçar mais tempo, Jenny, decidi que, se quero que você faça parte da minha vida, agora é uma hora tão boa quanto outra qualquer para começar. Porque nenhum de nós sabe quanto ela pode durar. O resto de nossa vida... isso poderia significar nada. Você entende?

Jenny entendia. Pouco depois do noivado, ela desistiu de seu apartamento e se mudou para a casa de Mike em Blackrock.

Nesse meio-tempo, saiu sua promoção no banco, e ela e Mike empregaram a maior parte de seu tempo e dinheiro redecorando a casa. Começaram a fazer planos para o casamento, cuja data seria, em princípio, na primavera seguinte. A vida estava indo tão bem como jamais fora para ela, e Jenny achava que nada poderia estragar essa felicidade. Ela estava bem e realmente mudada.

Sinalizando para a direita, Jenny atravessou a rua principal e fez a conversão para a entrada da garagem. Saiu do carro e fez uma pausa antes de enfiar a chave na porta de entrada.

O que é que mesmo que diziam sobre os planos perfeitos?

43.

— VOLTAMOS! — disse Mike alegremente ao entrar na cozinha, onde Jenny ficou sentada na última hora, esperando nervosamente sua volta. Ela olhou para cima quando ele apareceu à porta e, apesar do coração pesado, não conseguiu senão sorrir.

— Olhe, Holly, lá está mamãe! — disse Mike para a criança que tinha nos braços. O rosto da pequena se iluminou ao ver a mãe e ela estendeu os braços para que Jenny a pegasse.

— Oi, querida! — disse Jenny, pegando a filha nos braços. — Foi legal a noite na casa da tia Rachel? Espero que ela não tenha dado muito trabalho, Mike. Rachel disse alguma coisa?

— Ela estava ótima — Mike respondeu, acalmando-a. — Rachel disse que ela dormiu hoje até a hora do almoço e passou o resto da tarde vendo os Teletubbies. Não sei se é bom para Holly, ainda tão novinha, ficar vendo TV, mas não disse nada para Rachel. Talvez ela se ofendesse e nunca mais se oferecesse para tomar conta dela de novo.

Mike tirou de um ombro a sacola de Holly e do outro a maleta com o laptop, depois se abaixou para beijar Jenny.

— Você fez tudo o que queria fazer hoje? — ele perguntou.

Por um breve momento, Jenny não entendeu a que ele estava se referindo. Então se lembrou — o exame! Ela devia ter passado o dia estudando para o exame de Prática em Hipoteca. A irmã de Mike, Rachel, se ofereceu para ficar com a sobrinha e tomar conta de Holly naquela manhã, para que Jenny tivesse o dia todo só para ela.

— Fiz o que pude — Jenny respondeu. Pelo menos isso se aproximava da verdade. Desde cedo ela não conseguiu fazer nada, incapaz de se concentrar em qualquer coisa que não fosse o que Mike havia dito no café da manhã.

— Você deve estar exausta, pobrezinha — disse Mike. — Eu tinha ódio de estudar. Ficava sempre tão esgotado depois de horas tentando memorizar tudo. Por que não vê um pouco de televisão? Tomarei conta de Holly e prepararei alguma coisa para o jantar. — Ele tirou o casaco da filha e a colocou em sua cadeirinha, puxando o ursinho de pelúcia, seu preferido, da sacola e dando-o para ela. A pequena começou a se divertir feliz com o brinquedo, golpeando com ele a mesinha de plástico à sua frente.

— Não, está tudo bem, realmente. Eu ia justamente começar o jantar — disse Jenny. Ela se levantou da mesa e pegou algumas cenouras da gaveta onde guardava legumes ao lado da pia. — Pode ir tomar banho.

— Tem certeza? — Mike disse, agradecido, pegando uma caixinha de suco de laranja da geladeira e tomando-o diretamente da embalagem. — Para ser franco, foi um dia duro. E enfrentar o trânsito desde o outro lado da cidade também não foi muito divertido. Não sei como as pessoas aguentam fazer isso mesmo uma vez por semana, quanto mais todo santo dia.

Rachel vivia em Phibsboro, perto do Mater Hospital, onde ela trabalhava como enfermeira. Mike teve que fazer a viagem de seu escritório em Sandyford e atravessar o centro da cidade para buscar Holly no apartamento de Rachel e depois voltar para sua casa em Blackrock. Saiu do escritório cedo, mas, devido ao congestionamento do trânsito na cidade, a viagem durou quase duas horas.

— De todo modo — continuou Mike —, tentei ligar para cá mais cedo para saber como estava indo, mas você devia estar tão mergulhada nos livros que nem se levantou para atender.

Jenny pensou rapidamente. Não podia dizer a ele que havia passado o dia na casa de Karen.

— Eu sei — mentiu, — Ouvi o telefone, mas, quando me levantei para atender, ele parou de tocar. — Jenny odiava mentir para ele e mais ainda enganá-lo.

Mike no entanto não notou nada. Fazia cócegas em Holly, e ela da feliz, desfrutando a atenção do pai.

— Ah! — disse ele, olhando para cima, como se tivesse se lembrado de alguma coisa. — Fiz uma reserva para quatro no novo restaurante oriental em Killiney, para amanhã à noite. Perguntei a Rachel se ela poderia ficar com sua sobrinha favorita de novo, e ela ficou muito contente. Lembra-se de que lhe disse que estava pensando em convidar o novo rapaz, Roan Williams, para jantar?

Jenny fez que sim, perguntando-se por que ele não lhe perguntava o que havia de errado, certa de que ele podia ouvir o sangue correndo rapidamente por suas veias.

— Acho que ele vai levar sua namorada... ou seria esposa? — Mike ponderou. — Não estou bem certo. Deverá ser uma noite legal, Jen. Ainda não tive oportunidade de conhecê-lo desde que ele foi trabalhar conosco. Estou ansioso para que todos nós comecemos com o pé direito. Afinal, é ele que tomará conta de tudo quando eu estiver fora depois do casamento. De qualquer modo — disse ele sorrindo —, acho que

podemos começar a nos conhecer amanhã à noite. Sei que você tem estado sob um bocado de pressão por causa dos exames, por isso devemos aproveitar bastante.

Jenny tentou relaxar quando ele se aproximou e pôs os braços em volta dela, aninhando-se em seu pescoço.

— Você devia usar aquele traje lindo que vestiu no batizado. Estou certo de que vai arrasar com ele. — interpretando seu silêncio como cansaço pelo dia difícil com os livros, Mike beijou Jenny rapidamente no rosto e cantarolou o trequinho de uma melodia ao subir as escadas.

Ela estremeceu. Não podia fazer aquilo, não podia fingir por mais tempo. Tinha que contar para Mike... naquela noite.

JENNY ENGOLIU EM SECO e tomou as mãos dele nas suas.

— Antes de mais nada, quero que você saiba que nunca planejei isso... Nunca planejei mentir para você, jamais quis enganá-lo. Foi simplesmente assim que as coisas aconteceram.

— Me enganar? — Mike riu nervosamente. — Jen, o que está dizendo? Ei, você está tremendo como se estivesse com frio, o que há de errado?

Mais tarde naquela noite, depois que puseram Holly na cama, Jenny decidiu que aquele seria um momento tão bom quanto outro qualquer para dizer tudo a Mike. Não podia continuar evitando o contato com Roan, e agora sabia que não ia conseguir viver por mais tempo com aquela culpa.

— Mike, o que vou dizer vai magoá-lo muito e, provavelmente, significará o fim de qualquer respeito que você tenha por mim, mas apesar disso é algo que você precisa saber. — Jenny apertava as mãos dele com força, querendo contar, esperando ter força para fazer isso, desejando não ter mentido para ele antes. — Sabe o novo rapaz que você contratou na InTech, Roan Williams? Ele foi... ele é meu ex, Mike, aquele que se mudou para os Estados Unidos, aquele com quem eu já havia terminado quando conheci você. — Ela esperou ansiosamente pela resposta de Mike.

— Ok — disse ele, cauteloso. — E o que isso significa? Já se passou muito tempo, Jen. Seguramente você não continua apaixonada por ele, não?

Ela engoliu em seco de novo.

— Há mais. Eu disse que havíamos nos encontramos de novo, quando Roan chegou inesperadamente para o funeral de Shane. Não nos víamos desde... bem, desde antes de ele viajar para os Estados Unidos.

— Eu me lembro — disse ele, esperando que ela continuasse.

— Como você pode imaginar, foi difícil vê-lo novamente e aquilo me deixou em pânico — disse ela, fixando os olhos em Mike, esperando sua reação. — Tanta coisa havia ficado por dizer desde a última vez que nos vimos. — Mike continuou calado, e Jenny continuou. — Eu deixei o pub logo depois que Karen foi embora com os Quinn, porque estava exausta. Havia passado por um desgaste emocional e me sentia como se não dormisse há dias. E admito que estava muito magoada por Roan não parecer tão perturbado por me ver de novo como eu estava ao vê-lo.

Mike fez que sim com um movimento de cabeça lento e disse:

— Bem, posso entender. Deve ter sido uma espécie de anticlímax encontrar-se com ele outra vez e não sentir nenhuma reação, enquanto você passou muito tempo se recuperando do sofrimento causado por ele. Pensei nisso quando você me contou que ele estava lá.

— Exatamente — disse Jenny, aliviada por ele poder entender o que ela sentiu naquele momento. — Não sei muito bem o que eu esperava, mas acho que achei que ele poderia ao menos tentar falar sobre o que se passou, em vez de se comportar como se nada tivesse acontecido entre nós. Eu estava zangada com ele, porém ainda mais comigo mesma por esperar que ele tivesse mudado ou mesmo arrependido pelo que fez comigo. Mas eu estava errada. Não lhe contei isso, mas, depois que saí do pub, Roan me seguiu, vindo até o carro — ela contou então a Mike o que aconteceu a seguir, falou sobre as desculpas e explicações de Roan e como ela ficou perturbada depois.

— Mas eu já sabia da maior parte disso — disse Mike. — Quero dizer, sabia que havia falado com ele, e você me disse que ia deixar o fantasma para trás, como fez. Admito que não me dei conta de como tudo isso a havia afetado, e você não me disse que havia dado carona para ele até Dublin, mas o que importa isso agora? Não sou o tipo de pessoa que guardaria ressentimento de Roan, se é o que está pensando. Está bem, admito que pode ser um tanto embaraçoso, mas vamos superar isso, não? — Quando Jenny não o olhou, Mike percebeu que a história não havia acabado. — O quê? Ah, por favor, não me diga que você ainda está apaixonada por ele, Jenny. É isso?

Ela não disse nada, incapaz de encontrar as palavras certas.

Mike parecia totalmente confuso.

— Jesus, Jenny! Vamos nos casar em breve... e temos uma filha. Somos felizes, não somos? Não somos?

Jenny viu sua expressão mudar da preocupação, no início, para confusão, perturbação e, finalmente, pura dor. Ela queria muito tocá-lo, mas tinha medo de perder o controle.

— Por que você não me disse? — Mike continuou, com voz embargada. — Não tinha ideia de que você ainda o amava. — Ele balançava a cabeça, na tentativa de conter as lágrimas, que já enchiam seus olhos. — Se era ele que você sempre quis, por que não voltou com ele, por que cargas d'água aceitou se casar comigo? Diga alguma coisa, pelo amor de Deus!

A voz de Jenny tremia. Ela tentava lutar contra as lágrimas, enquanto elas escorriam mais rápido que as palavras, mas ao mesmo tempo se resignava pelo fato de que haveria mais lágrimas, muitas mais depois daquela noite.

— Não se trata disso, Mike. Não estou... não estou apaixonada por ele. É você que eu amo, mais que tudo, e você tem que acreditar nisso. Só que... eu nunca devia... oh, Mike, eu arruinei tudo! — Jenny segurava a cabeça e soluçava, tinha medo de continuar, temia contar o resto, pois sabia que a verdade destruiria os dois.

— O quê? O que você arruinou? Por favor, Jenny, me diga — a voz de Mike denunciava pânico, ele queria saber, mas ao mesmo tempo não queria.

Jenny não conseguia olhar para o rosto dele, pois sabia que seus olhos refletiriam sua própria dor.

— Mike, sinto muito, muito mesmo — disse suave. — Eu cometi um terrível erro e jamais devia ter feito aquilo com você, conosco. Mas, quando descobri, na época, não suspeitava de nada, era muito tarde. De todo modo, nunca pensei que fosse vê-lo de novo. Mas, agora que ele voltou e faz parte de nossa vida de novo, você precisa saber a verdade... você merece saber a verdade.

Mike entrelaçou os dedos dela nos seus.

— Jen, o que quer que seja, vamos resolver. Já passamos juntos por tanta coisa, não passamos? Talvez seja só medo, afinal o casamento não está muito longe e...

— Pare, você não entende! — A voz de Jenny se elevava quando ela ficava frustrada. Estava desesperada para revelar tudo, como se, ao falar em voz alta, fosse aliviar a culpa. — Sinto muito, Mike — Jenny olhava em seus olhos pela primeira vez

desde que haviam começado a conversar. — Queria ter contado antes, e você não sabe quantas vezes tentei dizer primeiro a você, mas... Oh, meu Deus! — Jenny fez uma pausa e respirou fundo. Sua voz tremia ao pronunciar as palavras. — Holly não é sua filha, Mike... é de Roan.

44.

HOLLY ESTAVA TODA FELIZ em sua cadeirinha, enquanto a mãe preparava seu café da manhã preferido: leite com sucrilhos.

Felizmente, pensou Jenny olhando para a filha que fazia barulhos toda feliz, Holly não tinha consciência do que estava ocorrendo à sua volta nem de que aquele a quem durante toda a sua curta vida chamou de pai havia arrumado as malas e saído da vida delas.

— Se fosse pelo amor que tenho por nossa filha, quero dizer sua filha — disse ele com lágrimas nos olhos —, seria você que estaria fazendo as malas esta noite. Vocês podem ficar aqui até encontrar um local decente para você e Holly morarem. É o mínimo que pode fazer, depois de mentir para ela desde que nasceu.

— Mike, por favor—disse Jenny, apavorada ao se dar conta de que ele não ia dar-lhe oportunidade de explicar —, você não pode simplesmente ir embora assim.

— E por que não? Posso fazer o que bem quiser. Você sabe o que fez? — disse ele, com os olhos faiscando de raiva.

— Temos que conversar — insistia ela. — Você precisa saber que o que eu fiz aquela noite não teve nada a ver com o amor que sinto por você. Foi só algo que eu precisava tirar de mim.

Mike olhou para ela de um jeito que revelava como se sentiu ultrajado pelo que ela acabou de dizer.

— Que bom para você, Jenny! Estou contente por ter conseguido tirar aquilo de você. Talvez da próxima vez que fizer isso, quem sabe virá um lindo menino!

O comentário a atingiu como uma facada, e Jenny sentiu vergonha de si mesma. Ela estava tão consumida pela culpa e tão ansiosa para desabafar que nem pensou direito em como Mike reagiria e o que aconteceria a seguir.

— Mike, por favor, tente compreender...

— Compreender? — disse, quase gritando, e então se lembrou de que Holly estava dormindo num quarto próximo. — Compreender? — repetiu, quase sussurrando. — O que não compreendo é a razão por que, depois de todo esse tempo, você decidiu me dizer a verdade.

— Eu tinha que fazer isso — disse ela simplesmente. — A culpa estava me corroendo por dentro desde que descobri que ela não era sua filha. Eu o amo demais para continuar mentindo por mais tempo.

Mike estremeceu ao ouvir isso. Parecia velho e cansado, sentado na cama, de costas para Jenny, incapaz de olhar para ela.

— Como pôde fazer aquilo? Como pôde mentir daquele jeito, fingindo que estava feliz, que estava tão encantada como eu quando Holly nasceu? Como pôde fazer aquilo, sabendo o tempo todo que estava vivendo uma mentira?

— Não foi assim. Eu não sabia. Essa ideia nunca me passou pela cabeça no início. Quando soube, era muito tarde. Estávamos nós dois no consultório do doutor Clohessy quando ele disse que eu estava grávida, se lembra? — disse ela, tentando fazê-lo entender, saber que ela nunca planejou enganá-lo, que não teve alternativa.

Mike assentiu de leve. Naquele dia ele estava em êxtase, mais feliz até que ela. Como ela podia estar grávida?, Jenny perguntou ao médico logo após que ela e Mike haviam anunciado seu noivado. Tomava pílula com regularidade desde que começaram a ter relações sexuais. O médico falou da eficácia da pílula, e depois Mike se lembrou de que ela teve um problema no estômago pouco antes do acidente de Shane. O doutor Clohessy confirmou que o fato podia ter interferido na ação da pílula, especialmente se ela vomitou.

Foi apenas naquele momento, sentada na sala do médico com Mike, que ocorreu a Jenny que havia uma forte possibilidade de ele não ser o pai do bebê. Ela foi então tomada pelo pânico e se lembrou de que nunca ficou tão petrificada como naquele instante.

— Eu juro, Mike, que nunca me passou pela cabeça que o bebê poderia não ser seu. Lembra que você comentou que eu havia ficado calada e eu disse que só estava deixando que as coisas se acomodassem? Era verdade. Eu estava tentando ver como resolver aquilo. Mas o que eu poderia fazer? Nunca o havia visto tão excitado com alguma coisa. Não havia como eu contar a você.

— Você poderia ter dito alguma coisa — disse Mike, de modo áspero.

— Mike, não tive chance! E de repente todos sabiam: sua mãe, meus pais, todo mundo. Você contou a eles antes que eu tivesse tempo de pensar. Como eu ia então dizer qualquer coisa a eles? — Os pais dela estavam emocionados; a mãe de Mike ficou assustada, no começo, ao ouvir que seu filho iria ser pai tão logo após anunciar o noivado, mesmo assim ficou feliz. — Eu juro que não tinha ideia, absolutamente nenhuma ideia. Entrei em pânico ao ouvir que estava grávida, quando isso nem me passava pela mente. Está certo, eu não estava passando muito bem, mas nem mesmo considerava essa possibilidade. E, como meu ciclo menstrual sempre foi irregular, nem me dei conta.

Contudo, ela devia ter percebido. É natural que devia saber. Mas havia tanta coisa acontecendo naquele momento. Ela e Mike haviam começado a planejar o casamento, em seguida ela foi promovida e estava se esforçando para mostrar que a mereceu. Jenny achou que não havia nada sério, e ela apenas estava cansada. Mike andava preocupado com suas frequentes dores de cabeça, palidez e falta de energia, sintomas semelhantes aos de seu pai, que havia morrido com câncer no cérebro. Ele insistiu para que ela fizesse um checkup e fosse para o doutor Clohessy.

Se houvesse descoberto a gravidez sozinha, Jenny achava que sem dúvida teria admitido sua infidelidade a Mike e o faria saber da possibilidade de ele não ser o pai. Ironicamente, ela nunca tinha se saído bem enganando, nunca fora capaz de ficar à vontade com a mentira. Sem dúvida, pensou Jenny, teria dito a verdade a Mike e enfrentado as acusações e recriminações. O mínimo que poderia ter feito seria deixar que ele decidisse se ia querer ou não continuar com ela. E, se ele a deixasse, ela teria criado Holly sozinha.

Teria ficado muito triste se agisse assim, mas depois ela foi se convencendo aos poucos de que teria feito exatamente isso, se tivesse tido chance.

— De qualquer modo — disse ela a Mike —, tinha grande possibilidade de que você fosse o pai. Fui para a cama com Roan uma vez, somente uma vez, enquanto nós dois dormíamos juntos havia muito tempo — ela falava suavemente, consciente do efeito de suas palavras sobre ele. — Mike, era altamente improvável que uma noite tivesse resultado em gravidez. Qual era a probabilidade de isso acontecer? — Embora não pudesse ver seu rosto, Jenny o ouvia soluçar baixinho. Ela se sentou ao lado dele na cama. — Sinto muito, Mike. Tomei algumas decisões estúpidas, e não é possível voltar atrás. Você não sabe como eu queria que fosse. Mas acredite em mim quando digo que

nada disso foi intencional. Tente se colocar no meu lugar naquele momento. Não havia nada que eu pudesse ter feito. Eu nunca, jamais quis magoar você ou tive intenção de enganá-lo sobre Holly. Você tem que acreditar em mim.

Mike nada disse, apenas tinha os olhos fixos no chão. Depois sussurrou:

— Eu estava tão feliz!

— Eu sei.

— Não, você não sabe, Jenny. Não sabe nada! — levantou a voz, e todo o seu corpo tremia enquanto falava. — Você me fez passar por um idiota retardado e tudo o que consegue dizer é que nunca teve intenção de fazer isso! Responda: por que, depois de todo esse tempo, você decidiu me contar? Por que decidiu virar de cabeça para baixo o que eu achava que era nosso pequeno mundo feliz? Por que complicar a situação?

Jenny ficou olhando ao longe e finalmente respondeu:

— Porque ele está de volta e acho que eu sempre soube, bem no fundo, que a verdade apareceria. Quando você me disse esta manhã que ele ia trabalhar com você, percebi que não havia mais como fugir. Foi muito mais que coincidência. Pense nisso: deve ser a espécie de destino doentio ou algo assim. É meu castigo, Mike. Alguém em algum lugar, está me fazendo pagar pelo que fiz a você e a Holly.

Mike enxugou os olhos e depois ironizou:

— Então, suponho que o plano agora seja partir e brincar de família feliz com ele, não é?

— De jeito nenhum! Não sei se vou dizer ou não a ele.

— Ah, entendi — disse ele, cerrando os punhos. — Por alguma razão você se sentiu forçada a contar a verdade para mim, e virar minha vida de cabeça para baixo, mas vai ser cuidadosa com ele, não é? O que acha que eu sou, Jenny?

Ele se levantou e começou a jogar suas roupas na mala, sem se preocupar se as estava amassando.

— Ele também merece saber a verdade, você não acha? Afinal, ele é o pai de Holly! — E com isso, incapaz de reprimir seus sentimentos por mais tempo, Mike sucumbiu e começou a soluçar incontrolavelmente.

Jenny se aproximou dele, ansiosa para abraçá-lo, se desculpar e tentar fazer que tudo ficasse bem de novo. Mas, quando ele se afastou dela, ela soube, bem lá no fundo, que para Mike as coisas nunca mais voltariam a ficar bem.

Era verdade o que disse a ele: anda não havia decidido se contada ou não a Roan. Mas a questão não era essa. A volta dele simplesmente havia servido como catalisador para que Jenny se livrasse da culpa que dia a dia a consumia desde que descobriu que tinha muito medo de que a paternidade de Holly fosse questionada.

Isso a atingiu subitamente não muito depois do nascimento da filha, quando um dia notou que Holly olhava admirada para um móvel pendurado acima de seu berço. A menina estava olhando fixamente para ele com a mesma expressão que Jenny costumava ver em Roan, quando ele ficava perplexo com alguma coisa. Além disso, à medida que crescia, a pele e o cabelo de Holly ficavam mais escuros, enquanto o cabelo de Jenny e Mike era claro. Ela herdou da mãe o azul-claro dos olhos, e isso bastava para afastar algum comentário ou suspeita, inclusive por parte de Mike.

Mas, estranhamente, Holly parecia possuir o temperamento de Mike. Ela raramente se irritava ou incomodava. E também era uma criança agradável, sempre sorrindo para qualquer pessoa que olhasse para ela. Adorava receber atenção, mas, diferente de outras crianças que Jenny conhecia, não berrava nem ficava de mau humor se não fosse atendida. Quase sempre as pessoas a paravam na rua, quando levava Holly para dar um passeio, cativadas por seu bom humor e sorriso radiante. Certa vez, uma senhora de idade se inclinou para brincar com ela em seu carrinho e comentou que ela ia

ficar com lindas covinhas. Jenny ficou tão incomodada com o comentário que se afastou apressada sem dizer uma palavra, deixando a mulher estarrecida, enquanto a encarava com surpresa e tristeza, pensando que, se a mãe não tinha educação, pobre criança!

Jenny ficou ali em pé, olhando Mike em silêncio, enquanto ele acabava de pegar suas coisas. De mala na mão e sem olhar para ela, atravessou a porta do quarto e saiu para o corredor. Por um momento, hesitou, pôs as malas no chão e foi até o quarto de Holly, deu um beijo em sua testa enquanto ela dormia profundamente. Enquanto caminhava para a saída, Jenny viu a dor estampada em seu rosto e pensou que seu coração fosse se partir naquele momento.

— Eu... procurarei sair daqui o mais rápido que puder — disse, temendo olhar para ele, desejando muito tocá-lo.

— Fique o tempo que for preciso. Não gostaria que Holly acabasse em qualquer apartamentinho por aí — disse ele, com um olhar muito duro. Olhava através de Jenny, como se ela nem estivesse ali, com a mente em outro lugar.

Ela perguntou para onde ele ia. Mike nada disse, exceto que ela deveria deixar uma mensagem no escritório, assim que ela e Holly tivessem algum lugar onde morar.

Saiu então pela porta da frente sem mais nenhuma palavra e sem olhar para trás.

Jenny ficou ali em pé, com a porta aberta por um longo tempo, tentando fingir que aquilo não era real, desejando que não tivesse acontecido. E a partir de então não ouviu mais nenhuma palavra dele. Terminou, e os dois sabiam disso.

Mas será que ela realmente esperava mais alguma coisa?

O cheiro de leite queimando trouxe rapidamente Jenny de volta ao presente. Ela olhou para o fogão e, para seu espanto, notou que a o leite que ela estava aquecendo para o café da manhã de Holly havia fervido e grudado no fundo da leiteira. Sentindo-se realmente frustrada, Jenny desabou na mesa da cozinha e apoiou a cabeça nas mãos.

Mike foi embora. Estava tudo acabado. Com suas mentiras, Jenny arruinou tudo. Ela esperava que, depois que se acalmasse e tivesse oportunidade de pensar, ele reconsiderasse, fosse capaz de perdoá-la, até se esforçar para compreender. Mas ela sabia que não podia se dar ao luxo de se agarrar a uma falsa esperança. Simplesmente não havia esperança.

Ela ia ligar para ele no dia seguinte e comunicar que ela e Holly sairiam de lá no fim de semana. Apesar dos protestos de Jenny de que sua amiga já tinha problemas suficientes para enfrentar, com a audiência no tribunal chegando, Karen insistiu que elas fossem morar com ela, até Jenny encontrar alguma coisa.

— De qualquer maneira — disse Karen com bom humor —, quanto mais gente estiver morando na casa, mais difícil será para eles nos tirar de lá!

Jenny concordou com relutância, mas apenas porque desejava sair da casa de Mike. Ela já se sentiu bastante culpada por ter ficado lá depois que ele foi embora. Logo encontraria um lugar só seu e começaria uma nova vida, uma vida de mulher solteira.

Mas, apesar da mágoa, dor e desespero que sentia desde que perdera Mike, Jenny experimentava uma clara sensação de alívio pelo peso que havia tirado de seus ombros, alívio de não ter mais que conviver com uma mentira. Pelo menos agora, embora não sabendo o que a vida reservava para ela e a filha, Jenny podia finalmente viver consigo, e isso lhe dava algum conforto.

Inquieta no começo, a pequena Holly olhava para a mãe no outro lado do cômodo, preocupada com o comportamento melancólico e com as lágrimas que escorriam pelo rosto de Jenny.

— Dá-dá! — disse ela, batendo feliz com a colher na mesa de sua cadeirinha de plástico, tentando alegrar a mãe, recitando a única palavra que suas cordas vocais de treze meses conseguiam emitir: — Dá-dá! Dá-dá! Dá-dá!

KAREN PASSOU OS OLHOS por sua sala de estar e tentou vê-la com novos olhos, olhos de prováveis compradores. Convidativa e acolhedora, as paredes de um dourado cálido, cortinas terracota e a suíte complementavam perfeitamente o piso de pinho.

Shane estava muito orgulhoso da casa, mas Karen sabia que o quarto, em particular, era seu favorito. Ela se lembrou de ele xingando selvagememente no dia em que tentou aplicar o piso de madeira, acreditando que podia fazer aquilo sem nenhuma ajuda. Levou muito mais tempo do que as “duas horas” que o vendedor da loja de pisos disse que demoraria, sem mencionar as horas adicionais empregadas para lixar e envernizar, mas para Shane tudo tinha valido a satisfação de poder dizer para todo mundo que ele próprio tinha feito tudo “sem problema”.

Karen se surpreendeu ao ver o quanto Shane gostava de arrumar a casa. Ele montou o armário da cozinha com prazer, ainda que com uma pequena ajuda de Aidan, cujo pai era carpinteiro profissional. Eles retiraram as tristes portas cor-de-vinho com moldura branca e instantaneamente modernizaram o ambiente trocando-as por outras de madeira envernizada, com modernos puxadores de metal e um balcão coberto com sólido granito.

Cômodo por cômodo, Shane transformou, com um entusiasmo contagiante, a decoração da casa da Harold's Cross Crescent. Foi embora o antiquado papel de parede florido, os tapetes com motivos de redemoinho, as portas e rodapés de um tom branco sujo.

Os resultados haviam sido excelentes. Karen sabia que, se essa casa fosse posta à venda, seria abocanhada em questão de dias e bem acima do preço de mercado, rendendo para o vendedor algo perto de uma fortuna.

Mas a casa não iria para o mercado tão cedo, se Karen pudesse impedir. Não havia como os Quinn colocarem suas mãozinhas egoístas e sujas na casa de Shane, não sem uma tremenda briga.

Ou, Karen pensou, encarando menos dramaticamente, uma batalha judicial. O advogado lhe telefonou naquela manhã para dizer que foi acordado um encontro no tribunal. Ela e Jack Quinn iam se apresentar diante de um juiz em 18 de fevereiro.

Karen estava determinada a lutar e vencer.

Pessoas que ela nem conhecia muito bem, colegas de trabalho, seu chefe, sua vizinha — uma mulher esnobe que nunca dirigiu a palavra a Karen nem a Shane antes de sua morte —, haviam dito que ela estava enfrentando a situação muito bem, que havia feito a coisa certa ao voltar a trabalhar logo depois do funeral, que ela estava lidando com tudo “admiravelmente” bem. Até sua própria mãe a cumprimentou por sua capacidade de retomar o curso de sua vida. A senhora Cassidy disse isso poucas semanas depois do enterro, quando seus pais finalmente puderam se afastar dos negócios para lhe fazer uma visita na semana que haviam agendado para vir ao casamento.

Karen os mandou de volta para Tenerife antes da hora, frustrada com a constante tagarelice da mãe sobre como viver num clima ensolarado havia feito um dano incalculável a sua pele, será que Karen não via todas as rugas que subitamente haviam aparecido em seu rosto? Clara Cassidy nunca foi considerada maternal, e Karen não esperava que ela fosse diferente, mas se perguntava que mãe seria tão egoísta e aparentemente cega à dor da filha. Depois de passar um par de dias com a mãe, Karen literalmente tinha que se reprimir para não a criticar, e ela estava certa de que não se controlaria, se Aidan não estivesse junto com ela na casa.

Ele foi maravilhoso, especialmente nos meses seguintes, quando todo mundo, não sendo capaz de ajudá-la, deixou-a sozinha e seguiu com a vida, na esperança de recuperar alguma normalidade. Foi ele que cancelou todas as coisas do casamento e lua de mel, para poupar Karen do sofrimento de dar os telefonemas. Jenny e Mike sempre estavam lá quando ela precisava de alguém com quem conversar, ou um ombro amigo para chorar, e Tessa não saía do telefone, convidando-a para ir visitá-los em Cork.

No dia em que seria realizado o casamento de Karen e Shane, ambos os casais insistiram para que ela ficasse com eles, esperando mantê-la com a mente ocupada, mas Karen não poderia se permitir passar o dia fingindo. Ela sabia que o dia 15 de junho, que deveria ser o dia mais feliz de sua vida, seria agora associado a tristeza, perda e desgosto. Ela e Jenny não haviam feito sua viagem de compras a Belfast, portanto, pelo menos ela não teria um vestido de casamento para fazê-la lembrar de tudo o que perdeu.

Talvez ficasse mais fácil com o passar do tempo. As pessoas continuavam lhe dizendo que seria assim, mas como elas sabiam?

Aidan parecia ser o único que compreendia, o único que não disse que ela superaria aquilo, que ficaria mais fácil, que tinha que seguir com sua vida. Unidos pela perda mútua, ela e Aidan compartilhavam a compreensão de que passaria muito tempo até que pudessem lidar com aquilo, se conseguissem. Era essa compreensão compartilhada e o mesmo sofrimento que permitiam que Karen e Aidan consolassem um ao outro. E Karen era agradecida por isso. Era grata pela compreensão de Aidan toda vez que ela ligava para ele chorando, sozinha e vulnerável no meio da noite, depois de despertar de um pesadelo. Era grata pelo fato de que, diferente de todo mundo, ele respeitava seu desejo de ficar sozinha no dia de seu casamento, mas tudo desabou quando ela ligou naquela noite e ele deixou que ela chorasse por muito tempo. Karen sabia que um teria ficado perdido sem o apoio do outro.

No entanto, Aidan discordava francamente de Karen sobre sua decisão de lutar com a família Quinn pela posse da casa.

— Karen, me informei e, em casos como este, a lei é absolutamente clara. Você não é o parente mais próximo de Shane, e nunca foi. Você não pode lutar contra isso — disse ele um dia, depois que Karen foi de novo rejeitada por mais um advogado, que não quis pegar a causa.

Mas nada que se dissesse a impediria. Karen ia enfrentar Jack Quinn e ia vencer.

NAQUELA NOITE JENNY CHEGOU, ansiosa, cansada e sobrecarregada pelo peso de seus problemas e as malas com as coisas de Holly.

— Não quis deixar nada para trás — explicou, vendo que Karen observava o porta-malas aberto, onde estava uma pilha de malas de viagem e outra de sacos de lixo, contendo tudo o que lhe pertencia.

— Você disse para Mike que vinha para cá? — perguntou Karen, ignorando os braços estendidos de Holly, que obviamente queria sair de seu banquinho no carro. Holly era uma das poucas crianças de quem Karen não tinha medo, mas ela não ia tirá-la dali e acariciá-la. — Dê-me as malas — disse Karen. — Por que não cuida de Holly primeiro?

Jenny passou-lhe as malas com um olhar agradecido. Enxugou o suor da testa e então foi tirar Holly do carro e deixá-la em casa.

— Ele estava em reunião quando liguei, e então deixei mensagem no correio de voz — disse Jenny, referindo-se a Mike. — Achei bom, pois assim não precisei falar com ele diretamente. Alison, a recepcionista, que obviamente não reconheceu minha voz, e eu não me apresentei, me disse que o senhor Williams estava disponível para

atender as ligações de Mike e perguntou se eu queria falar com ele. — Ela revirou os olhos. — Eu poderia rir, só que não havia nem um pouco de graça.

Karen concordou, com simpatia, entendendo que as coisas estavam difíceis para Jenny, como certamente estariam para Mike, que tinha que continuar trabalhando com Roan depois de saber quem ele era e o que ia ter que aguentar.

Mais tarde, depois que Jenny ajeitou as coisas no quarto de hóspedes, e enquanto Holly dormia tranquilamente em seu carrinho, Karen abriu uma garrafa de vinho e as duas se sentaram na sala de estar.

— E então? Como está se sentindo? — Karen perguntou, servindo um copo de vinho à amiga.

— Para ser franca, melhor do que esperava. Eu só estava ansiosa para sair de lá. Muito obrigada por nos deixar ficar aqui.

Karen fez um aceno com a mão e disse:

— Não há de quê, mas infelizmente não posso dizer que você pode ficar quanto tempo quiser. Eu disse que foi marcada a data da audiência, não disse?

Jenny fez que sim:

— Você decidiu mesmo ir adiante, não?

— Certamente — disse Karen, num tom que não admitia discussão. — Eu já havia dito que, mesmo que tivesse uma chance em mil, não deixada que os Quinn pensassem que podem passar por cima de mim desse jeito.

— E se o tribunal favorecer Jack Quinn? Aliás, é consenso geral que a companheira, como você, não tem efetivamente nenhum direito, não é mesmo?

— Jenny — disse Karen, com um suspiro —, por favor, nem me fale disso. Não tomei essa decisão precipitadamente você sabe. Levei bastante tempo para conseguir entrar com essa ação no tribunal.

— Sei disso. E sei também como a casa é importante para você. Mas você não acha que essa coisa toda é... — ela parou, achando que, se concluísse, sua amiga ia ficar com muita raiva. — Só temo que se magoe — disse com suavidade. — Não há nenhum amor perdido entre você e os Quinn, e você não sabe o que eles poderiam dizer a seu respeito, que tipo de coisas eles poderiam trazer à tona. Assassinato de caráter é uma ótima maneira de perder qualquer simpatia que você pudesse conseguir.

— Você deve estar vendo muitos filmes de tribunal — disse Karen, rindo. — Sei o que estou fazendo, Jen.

Jenny se mexeu desconfortavelmente em seu assento. Ela e Karen já haviam tido essa conversa muitas vezes, e ela sabia que a amiga nunca se submeteria ao ponto de vista de ninguém. Temia que Karen estivesse cometendo um grande erro, pois nesse caso já havia um ponto de vista estabelecido pela lei. Era possível que ela não ganhasse, e os Quinn sabiam disso, o advogado deles sabia disso, o advogado de Karen sabia disso. A única pessoa que não sabia — ou pelo menos não admitia — era Karen.

Jenny achava que toda a situação terminaria não apenas em lágrimas, mas também com uma gorda conta de honorários dos dois advogados. E Karen seguramente não ia poder arcar com isso. Ela mal conseguia pagar a hipoteca. Do jeito que as coisas estavam, praticamente todo o salário dela ia para as dívidas.

— O que Aidan acha? — perguntou Jenny com cuidado.

— Ele quer que eu desista, que esqueça, como você — respondeu Karen, respirando fundo.

— Karen, não é isso. Você sabe muito bem que apoiarei você e continuarei fazendo isso em cada momento, só que não estamos tão convencidos, como você está, de que essa é a melhor maneira de seguir em frente.

— E o que eu deveria fazer, Jenny? — Karen perguntou, com o rosto vermelho de aborrecimento. — Para onde eu iria? Esta é a minha casa, nossa casa, de Shane e minha. Ele se esforçou tanto para conseguir o dinheiro, fez um bocado de sacrifício para pagar as mensalidades. Você sabe como vivíamos apertados. Isso não pode ter sido para nada!

Seus olhos faiscavam de raiva enquanto falava.

—Você mesma ouviu quando, dia desses, o corretor de imóveis apareceu. Jack Quinn quer vender esta casa. Ele não se importa comigo, nem com Shane e com o que ele pudesse querer. Ele só quer ter lucro, alguns trocados para acrescentar aos milhões de euros que já tem no banco. Ele não liga a mínima, Jenny — ela enxugava os olhos com energia, como se quisesse conter as lágrimas definitivamente.

Jenny desejava não ter dito nada. Esse era, e sempre foi, um assunto muito triste, desde que haviam tomado conhecimento da intenção dos Quinn de vender a casa e da decisão de Karen de lutar contra eles.

Mike disse a Jenny, em particular e em mais de uma ocasião, que Karen não tinha a menor chance. Como a casa e a hipoteca nunca estiveram no nome dela, ela não tinha direitos sobre a propriedade, a não ser o que havia pago da hipoteca. Ela certamente poderia alegar que contribuiu para o pagamento de móveis e melhorias que consequentemente aumentaram o valor do imóvel, mas, do modo como os preços das casas estavam subindo em Dublin nos últimos tempos, seria difícil provar ou saber exatamente o valor disso. E, como Jack Quinn foi o fiador da hipoteca, tudo estava a seu favor.

Sem nada mais dizer e deixando que Karen se acalmasse um pouco, Jenny alcançou a garrafa de vinho e encheu de novo os copos.

— Sinto muito — disse Karen suavemente.

— Não seja tola — Jenny disse, com um sorriso. — Você tem todo o direito de ficar aborrecida, sabe disso. Todos nós achamos isso, acredite — acrescentou.

Karen pegou uma mecha de cabelo e começou a enrolá-la nos dedos.

— Sei que você só está tentando ajudar, Jen, mas podemos mudar de assunto?

Jenny não queria desistir, mas achou melhor não continuar. Ela pensou, esperou que apenas um minuto atrás tivesse conseguido atingir Karen. Mas se esquecera de como a amiga podia ser obstinada.

O telefone tocou no corredor, e Karen se levantou para atender. Voltou para a sala de estar com o telefone sem fio, levantando uma sobancelha para Jenny, ao ouvir o que dizia a pessoa do outro lado da linha.

— Ela está aqui — disse, olhando para Jenny, que, com um ar de curiosidade, parecia querer saber quem havia ligado. Karen lhe passou o telefone.

— Alô! — disse Jenny, curiosa.

— Jenny, olá! É Rebecca. Espero que não se importe por eu ter ligado. Peguei o número com Rachel.

— Rebecca... Oi, como vai? — Jenny estava espantada. Por que a ex-mulher de Mike estaria telefonando para ela na casa de Karen? E, mais importante, como soube que ela estava ali?

O tom de Jenny deve tê-la traído, porque imediatamente Rebecca respondeu a suas perguntas não formuladas.

— Olhe, Jenny, Mike me contou o que aconteceu.

Ela ficou mortificada. Como foi falar do rompimento para Rebecca, e tão rápido?

— Ele contou? — disse Jenny alto, emocionada.

— Sim, mas não foi por isso que liguei. Não estou querendo julgar você, tomar partido ou o que seja. Acredite, provavelmente eu teria feito a mesma coisa, afinal, você não sabia...

— Você disse que faria a mesma coisa... você quer dizer que ele contou tudo? — Jenny sentiu que o sangue lhe subia rapidamente à cabeça. Achou que ia desmaiar. Traição, raiva e desapontamento surgiram ao mesmo tempo, enquanto ela tentava entender o que Mike havia feito. Como se atreveu? Como se atrevia a humilhar não só a ela, mas também Holly daquele jeito? Ela sabia que Mike ficou chocado e se sentiu traído, mas precisava sair contando a todo mundo? Não parecia o Mike que ela conhecia.

O pior sentimento de todos foi perceber que Mike estava determinado a apagá-las — ela e Holly — de sua vida completamente. Ela alimentava a esperança de que ele talvez pudesse continuar vendo Holly, apenas pelo bem da filha. Era uma esperança remota, mas era uma esperança. Afinal, ele havia sido o pai da menina desde seu nascimento, ficou ao lado de Jenny durante as quinze horas de trabalho de parto e até cortou o cordão umbilical. Ela sabia que estava sendo egoísta ao assumir que ele poderia ser capaz de aceitar tudo, mas Holly havia sido o mundo de Mike. Ele não poderia tê-la amado mais do que amava, ou ela assim pensava. Mas ele estava claramente deixando que Holly sofresse por aquilo que ela fez, revelando a verdade sobre o pai a quem interessasse saber. Isso mostrava um lado cruel e imperdoável de Mike que Jenny jamais pensou que existisse.

Rebecca continuou:

— Só liguei porque pensei que você devia estar se perguntando para onde Mike foi e se ele está bem. Sei que ele provavelmente nem telefonou para falar onde está, mas está com Rachel nestes últimos dias. Não se preocupe — acrescentou, lendo corretamente os pensamentos de Jenny —, ele não disse nada a ela. Porém você conhece Rachel, ela está bisbilhotando como louca para descobrir o que aconteceu, mas ele me fez jurar que guardaria segredo. De qualquer modo, querida, só queria que você soubesse que estou pensando em você e não se preocupe, porque no final tudo vai dar certo.

Jenny mal se lembrou de se despedir e sua cabeça estava girando quando desligou o telefone.

— O que ela queria? — perguntou Karen, intrigada só com o que ouviu.

— Honestamente, não sei — disse Jenny. — Foi uma das conversas mais estranhas de minha vida. Pelo que pude entender, Mike disse a Rebecca que nós havíamos rompido, e ela só telefonou para me dizer que ele está bem e que tudo vai se resolver no final. O que você acha disso? A mulher deve estar drogada ou o quê?

46.

ERA UM DIA CALMO, mas não havia sol. Uma densa camada escura, formada por uma nuvem enraivecida que ameaçava chuva o escondia.

Enquanto continuava caminhando para o alto da montanha, Karen constatou que o ar ia ficando mais denso ao passar pelos pulmões. Ela notou que o dia estava especialmente úmido, embora talvez o lugar fosse sempre assim. Não o visitava com muita frequência, não sentia vontade de fazer isso porque sabia que Shane estava sempre com ela.

Mas hoje ela precisava lhe perguntar uma coisa.

Notou que os Quinn haviam mandado colocar um mamute de mármore preto no alto da sepultura. O nome de Shane e as datas de seu nascimento e morte haviam sido gravados em dourado abaixo de uma inscrição semelhante com o nome de Patrick Quinn, pai de Shane, Karen esteve ali apenas duas vezes, uma no funeral e outra no ano anterior, no aniversário de Shane, mas, a julgar pela aparência, deve ter sido uma colocação recente.

Ela tirou da bolsa o presente que trouxe para ele — um ursinho de pelúcia com uma camiseta do time de futebol Liverpool — e o colocou sentado sobre o mármore da sepultura. Ela sorriu. Shane também teria dado risada.

— Eles ainda não venceram nada, amor, não este ano, mas supostamente estão ficando cada vez melhores — disse ela para Shane. — Mike disse que eles conseguiram ótimos jogadores, portanto, é só questão de tempo. Michael Owen já se recuperou da lesão e está marcando muitos gols, mas infelizmente aquela turma do Manchester ainda está fazendo isso melhor do que ninguém. Talvez no próximo ano. — Ela engoliu com dificuldade. — Shane, estou num dilema e preciso de seu conselho. A audiência da ação judicial entre seu irmão e mim será na próxima semana. Sei que disse a você que ia prosseguir que ia lutar até o fim, mas já não tenho certeza se estou fazendo a coisa correta, amor. — Mordeu o lábio. — Estou cansada. Sabe, às vezes quase não durmo à noite, pensando nisso. E vivo com raiva, não só de sua mãe e Jack, mas de todo mundo. Fiquei tão magoada com tudo estes dias, até com as coisas mais simples. E sei que as pessoas acham que sou louca e que estou obcecada com isso, tanto assim que não conseguem nem falar mais nisso sem me deixar com raiva. Todos acham que vou perder, que não há esperança, mas eles simplesmente não conseguem entender que tenho que tentar... por amor a você tenho que tentar, não tenho?

Ela tentava imaginar seu rosto diante dela, mas descobriu que, à medida que o tempo passava, isso estava se tornando cada vez mais difícil. Não era que ela o tivesse esquecido, mas simplesmente ia ficando cada vez mais difícil imaginá-lo exatamente como era. Esse pensamento a horrorizava

— Acontece... Deus, isso é difícil... que já não sei se estou fazendo a coisa certa, amor. Estou achando difícil equilibrar o orçamento e você sabe que nunca fui a melhor para lidar com dinheiro, mas está difícil continuar pagando a hipoteca sozinha. Sei como essa casa era importante para você, mas, Shane, não sei se tenho força para continuar lutando por isso.

Karen se abaixou ao lado da sepultura e inclinou a cabeça sobre o frio mármore, molhando-o com as lágrimas que caíam rápido de seus olhos.

— Sei que você gostaria que eu tentasse e farei isso se quiser que eu faça. Mas se você pudesse me fazer saber, de algum modo, o que devo fazer... Por favor, Shane, poderia fazer isso? Porque eu simplesmente já não sei. Estou fazendo o que posso para manter viva sua memória, mas isso é tão difícil!

Ouvindo um som às suas costas, Karen ficou de pé num salto, com medo. Olhou para trás e viu uma mulher com um xale na cabeça de pé junto a uma sepultura a poucos passos dela. A mulher espirrou umas duas ou três vezes, depois levou um lenço até a boca, parecendo não ter notado Karen.

— É melhor eu ir — disse com suavidade. — Parece que vai chover — ela olhou para cima e viu que as nuvens estavam quase negras e prometiam um temporal sem demora.

Karen segurou firme a jaqueta que tinha nos ombros e rapidamente voltou para o carro. Estava junto à porta procurando as chaves quando sentiu na cabeça pesados pingos de chuva. Em segundos, já estava toda molhada, pois não conseguia achar as chaves, e começou a xingar quando se deu conta de que as havia deixado no carro.

Por sorte não o havia trancado. Karen entrou, tirou a jaqueta de couro encharcada e a pendurou nas costas de seu banco. Felizmente tinha uma blusa no carro e a vestiu. Então olhou para cima e viu que as aparentemente intermináveis nuvens pesadas continuavam lá. Não havia no céu uma só faixa de azul.

Apesar de seu estado, Karen riu consigo mesma. Se isso era um sinal de Shane, pensou ligando o carro, ela estava mais confusa agora do que antes.

— OBRIGADA, MARION, realmente apreciei a gentileza — disse Jenny desligando o telefone. — Ela disse que posso ficar fora o tempo que precisar e fazer o exame quando houver outro, daqui a alguns meses — disse para Karen, que estava fazendo o máximo para não parecer incomodada, pois estava dando comida a Holly enquanto Jenny ligava para o escritório. Holly, percebendo a preocupação de Karen e ao mesmo tempo se divertindo, balançava a cabeça de um lado a outro toda vez que a colher se aproximava de sua boca.

—Jen, acho que ela não está com fome — disse Karen, esperando ficar livre daquela tarefa.

— O quê? — perguntou Jenny, parecendo distraída. — Ela pode estar meio inquieta, mas continue tentando, que acabará comendo.

Karen não tinha certeza disso, mas estava quase convencida de que nesse momento viu Holly piscar para ela. Animada pela atitude, tentou continuar com sua tarefa, mas sem sucesso. Finalmente, Karen pôs a comida de volta na mesa da cozinha e cruzou os braços. Assim que fez isso, Holly começou a chorar.

— Oh, eu a pego — disse Karen, com um sorriso zombeteiro. — Agora não gostou da brincadeira, não é? Pois bem, senhorita, agora você só vai conseguir comida quando eu estiver disposta a dá-la a você.

Jenny olhou-a com um ar de total descrença.

— Karen, ela é só um bebê. Não entende!

— Ah, é isso que eles querem que a gente pense, Jen, que são desamparados e inocentes, para fazer o que querem. Aposto qualquer coisa que isso é só teatro, eles sabem todo o tempo exatamente o que está acontecendo. Nós é que somos os tolos.

— Ora, me dê isso aqui, sua tonta — disse Jenny, com um sorriso nos lábios. — Deus nos livre de você ter filhos!

— Bem, se tiver, eles não vão conseguir nada de mim — disse Karen. — Não vou aguentar nenhuma dessas bobagens.

Jenny, sabiamente, assentiu.

— Oh, tenho certeza de que vão ser crianças muito bem-educadas, crianças-modelo. E antes dos dois anos provavelmente já serão capazes de manter uma conversa, mudar as próprias fraldas e se alimentar sozinhas, porque mamãe não vai querer que sejam castigadas por mau comportamento. Vou lhe dizer, Karen, mal posso esperar para conhecer essas crianças.

— Bem, vai ter que esperar muito — disse Karen, rindo. — Ainda nem há um pai no horizonte.

— E quanto a Aidan? — perguntou Jenny com cuidado.

— Aidan tem sido um bom amigo para mim — disse Karen, enrubescendo.

— E...

— E o quê? Não seria certo. Eu sentiria como se estivesse traindo Shane.

Jenny estava a ponto de começar um discurso sobre o desejo de Aidan pela felicidade dela, mas já havia tocado nesse assunto muitas vezes. Não queria se arriscar a

aborrecer Karen, que parecia estar muito melhor desde que visitou o túmulo de Shane, pouco tempo atrás.

— Sei o que você está pensando — disse Karen —, e há um lado meu que sabe muito bem que eu devia seguir por esse caminho. Mas há muita coisa para ser resolvida. Eu não seria capaz de lidar com um relacionamento e todas as complicações que vêm junto.

— E o que Aidan pensa disso?

— Sei que ele sente algo por mim, mas não tenho certeza. Vamos ver o que acontece. Pode não ser real, talvez tenhamos nos aproximado por causa de tudo por que passamos.

— É uma boa razão, como qualquer outra — disse Jenny, pensando que seria maravilhoso para Karen começar a viver normalmente de novo. Para ela, sua amiga já havia sofrido o suficiente. Nunca deixaria de amar Shane e jamais o esqueceria, mas isso não significava que devia fugir da vida e do amor para sempre. Aidan talvez fosse a única pessoa capaz de compreender que, mesmo que Karen não conseguisse esquecer, ao menos poderia seguir em frente. Que pena, Jenny pensou, que ela não parasse com a obsessão de ficar com a casa.

Karen voltou a dar de comer a Holly, que dessa vez aceitou a comida sem reclamar.

— Está vendo? Eu disse que daria certo — comentou com Jenny, dando um sorriso. — Sua menininha aprende rápido. Ela sabe que não pode aprontar com alguém como Karen Cassidy, Extraordinária Treinadora de Bebês!

— Sua tonta! — disse Jenny, pondo água numa bacia para lavar a louça. — Assim que terminar aqui, vou dar um giro por Dun Laoghaire para me encontrar com esse corretor de imóveis. É o mesmo que vendeu a Mike nossa casa em Blackrock, então espero que ele não me reconheça. De qualquer modo, se tudo correr bem, logo vamos deixá-la em paz.

— Já disse que isso não é problema — disse Karen com um sorriso. — Gosto de tê-las aqui. Afinal, não me reconheceria se não tropeçasse num dos brinquedos de Holly na escada pelo menos uma vez ao dia e, definitivamente, não viveria sem as doses regulares de Bananas de Pijamas. Ei, só estou brincando! — Ela ria enquanto Jenny tentava esguichar-lhe água. Holly dava gritinhos de alegria, obviamente contente por ver a mãe se divertindo. — Falando sério, você pode ficar o tempo que quiser, ou melhor, enquanto eu estiver aqui — acrescentou rapidamente.

— Obrigada — disse Jenny, abraçando-a carinhosamente. — Não sei o que teria feito sem você. Não poderia ficar em nossa... na casa de Mike por mais tempo.

Karen se levantou e pegou um pano de prato de um armário sob a pia.

— Como está se sentindo agora? — ela perguntou, pegando um monte de talheres e começando a enxugá-los um a um, colocando cada peça em seu lugar numa gaveta.

— Uma sensação bastante estranha — respondeu Jenny —, mas sinto, e estou certa de que será difícil para você entender, uma espécie de liberdade, acho. Nunca poderia dizer que estou contente com o que aconteceu, mas sinto uma espécie de alegria por ter sido forçada a ser honesta.

— Você já decidiu se vai contar ou não para Roan?

Jenny interrompeu o que estava fazendo por um momento e olhou para ela, respondendo:

— Ainda não tenho certeza, mas não, não creio que vá dizer a ele. Na verdade, nunca quis fazer isso. Estava mais a fim de me libertar.

— Jen — disse Karen, hesitante —, espero que não se importe que eu diga isso, mas acho que foi um tanto injusto você dizer a verdade a Mike. Parece que não há sentido nisso, se você não contar também a Roan. Quero dizer, por que magoar Mike e privar Holly de um pai? Por que não dizer nada a Roan, afinal?

— Eu tive que dizer a Mike. Que tipo de casamento seria o nosso se não o tivesse feito? — disse Jenny, meio desanimada.

— Mas agora você não tem nenhum casamento, tem? Você sacrificou tudo por um pequeno detalhe.

— Mas, para mim, não se trata de um pequeno detalhe... nunca foi. Não poderia continuar daquele jeito por mais tempo, sempre com medo de que alguém pudesse notar alguma coisa. Você pode ver por si mesma como ela é diferente de mim e de Mike. Isso viria à tona mais cedo ou mais tarde, Karen. A volta de Roan me deu o impulso de que precisava.

— E nada disso teve a ver com Roan? Nem um tiquinho de nada? — perguntou Karen, ansiosa pela resposta de Jenny.

Jenny balançou a cabeça firmemente de um lado a outro e sorriu, quando notou que Holly, em sua cadeirinha, lá do outro lado da cozinha, a havia imitado.

— Nem um tiquinho de nada. Roan ficou lá atrás há muito tempo. Ele nada significa para mim agora. E o amor que eu sentia por ele nem chega perto do que eu sinto por Mike. Ele é, ou melhor, ele era único para mim. Não creio que seja possível amá-lo mais do que amo Mike, Karen. — Seus olhos brilhavam com lágrimas contidas. — E foi exatamente por essa razão que tive de dizer a ele. Sei que ele está sofrendo terrivelmente agora, mas acho que mais para frente ele ficará contente de ter sabido da verdade. Pelo menos agora ele tem escolha: partir ou enfrentar o problema. Imagine se ele descobrisse depois do casamento! Isso não seria muito pior?

— Talvez você esteja certa — disse Karen —, mas sinto por ele. Ele a ama tanto!

— Não por muito tempo, mas vamos ter que viver com isso — disse Jenny. — De qualquer modo, ficaremos bem, não é mesmo, Holly?

Holly, em resposta, dava gritinhos e sacudia as mãos, toda feliz.

Karen nada disse e resolveu encher a chaleira de água para preparar um bule de chá. Então parou e, de mãos na cintura, disse:

— Ok, tenho que dizer uma coisa — disse alto Karen.

— O quê? — perguntou Jenny, do outro lado da cozinha, onde estava, retirando o babador de Holly.

Karen continuava de pé ao lado da pia.

— Aidan se encontrou com Roan algumas vezes depois que ele voltou dos Estados Unidos.

— Ah!, ele não disse nada, disse?

— Não, acho que Aidan nem tem ideia de que Mike e Roan trabalham na mesma área e, menos ainda, na mesma empresa. De qualquer forma, Jen, depois de todo esse tempo, Aidan nem ia se lembrar de que você e Roan estiveram juntos. Você sabe como são os homens.

Jenny assentiu em silêncio, perguntando-se o que viria a seguir.

Karen respirou fundo e disse:

— Parece que Roan se casou no ano passado com uma garota que conheceu lá. Eles têm um bebê de sete meses, menino, acho — Ela ficou esperando uma reação de Jenny, que não veio. — Eles se mudaram para cá por duas razões: uma por causa da economia, que está em declínio nos Estados Unidos, e outra porque a moça não queria

criar um filho na cidade grande. Roan pôs umas pessoas para sondar o mercado e acabou indo para a InTech.

— Ora! — foi tudo o que Jenny disse. Roan casado e com um bebê!

— Isso não faz você se perguntar se devia ou não ter ido correndo contar a Mike?

— Não! — disse Jenny enfaticamente.

— Não? — Karen repetiu. — O que quer dizer com “não”? Tudo isso poderia ter sido evitado se você soubesse sobre a pequena família de Roan, certo? O que quero dizer é que ele agora não é uma ameaça para você.

— Já disse, Roan nada teve a ver com o que fiz. A questão era eu. Eu e minha culpa. O que você acaba de me dizer simplesmente me leva a tomar a decisão de nunca dizer nada a ele sobre Holly. Até admito que fiquei em dúvida sobre isso, mas agora ele tem uma família, uma mulher e um filho que precisam dele. Tenho certeza de que não precisam de complicação.

—Jenny, você é uma garota estranha. Ainda não entendo por que fez o que fez, mas, de qualquer maneira, parece que resolveu bem tudo isso.

—Não diria isso ainda. Mas acabarei chegando lá!

47.

DEPOIS DO ALMOÇO, quando Jenny saiu para Dun Laoghaire, Karen decidiu que ia ter uma tarde tranquila só para si e resolveu ler um pouco. Vestida com um moletom, já estava confortavelmente sentada no sofá — com as pernas esticadas sobre a mesa de centro e meio pacote de biscoitos ao lado — e com o último livro de John Grisham nas mãos, quando soou a campainha. Achando que era Jenny voltando mais cedo por ter cancelado um compromisso ou uma ida frustrada a algum imóvel, Karen deixou escapar um suspiro bem alto, esperando que a amiga o ouvisse e se divertisse com ele.

Mas, ao abrir a porta, Karen levou um enorme susto.

De pé, ali à sua porta, e parecendo estranhamente pouco à vontade, estava ninguém mais que Nellie Quinn.

— Oi, Karen — disse Nellie calma e, Karen observou, quase acanhada. — Posso entrar por um instante?

— Hum... sim, claro. — Diante da surpresa, Karen até se esqueceu de assumir aquela postura ameaçadora que costumava usar com a família Quinn. Já havia cerca de um ano que ela e Nellie Quinn não se viam. Ela se afastou para o lado a fim de que Nellie pudesse passar, mas instantaneamente desejou não ter feito isso. Como sempre, toda vez que um membro da família Quinn aparecia, a casa parecia ter enfrentado um furacão. Jenny deixou uma pilha de roupa recém-lavada de Holly num dos braços do sofá, havia duas canecas sujas na mesa de centro e pelo chão estavam espalhados vários brinquedos que Jenny insistiu para Karen deixar ali, porque os apanharia quando voltasse.

Nellie, por sua vez, não fez nenhum comentário sobre a bagunça, e Karen achou que ela estava tão preocupada com o que quer que estivesse em sua mente que nem ia notar a grossa camada de pó em cima da televisão.

— Karen, sobre essa “coisa” de quarta-feira — começou Nellie, referindo-se à audiência no tribunal—, gostaria de conversar com você.

Karen instantaneamente sentiu que seus instintos se aguçavam e seu corpo se arrepiava.

— Diga lá! — foi o que respondeu, cruzando os braços defensivamente.

— Olhe, você se importa que eu me sente? — perguntou Nellie, olhando para o sofá, com ar cansado.

Karen se sentou na poltrona que ficava do outro lado, na frente do sofá, e esperou, ainda de braços cruzados.

— Realmente, nem sei como começar— disse Nellie. — Acho que simplesmente quero dizer que sinto muito.

Sente muito? Essas palavras ecoaram no cérebro de Karen. A última coisa que ela esperava ouvir de Nellie Quinn era “sinto muito”.

— Sinto muito pelo modo como temos tratado você desde... bem, desde que perdemos o pobre Shane.

A mente de Karen começou a correr e seu cérebro não conseguia acompanhar. O que Nellie estava tentando fazer? Seria uma espécie de truque para tentar fazê-la desistir?

— Veja, Karen, nós não... bem, acho que eu realmente não entendi o que estava se passando com você naquele momento. Nós nunca nos demos bem, mesmo quando Shane ainda era vivo. De certo modo, sempre a achei uma garota mimada que estava querendo brincar de casinha com meu filho.

— Ei, espere um pouco... — Karen foi interrompida por Nellie com um rápido movimento de cabeça.

— Sinto muito, não era assim que queria que soasse. O que quero dizer é que, naquele momento, eu só conseguia ver o que queria. Shane era meu caçula e, devo admitir, meu preferido. Jack era, e ainda é, muito independente, e as meninas, bem, você sabe, as garotas são diferentes. — Nellie tirou os óculos e sorriu, um sorriso verdadeiro que suavizava suas feições e disfarçava o semblante pesado que costumam ter as mulheres mais velhas. — Não é que Shane fosse o filhinho da mamãe — continuou Nellie —, é que nunca o vi como adulto e casado. Sabia que ele tinha muitas namoradas, como qualquer jovem, mas, quando ele conheceu você, soube que as coisas eram diferentes. Você era a única que ele queria e, para ser honesta, isso me deixou de coração ferido.

Ela deu uma risadinha, e Karen não sabia se devia se sentir insultada ou tocada por essa última observação.

— Karen, sei que é difícil você entender, mas nunca imaginei Shane com uma garota como você. Não entenda isso do modo errado — disse ela, levantando a mão para evitar que Karen falasse. — O que quero dizer é que sempre imaginei Shane com uma garota tranquila, acanhada, até com medo de falar. Mas você não é nada disso. Nunca receia dizer o que pensa e nunca deixou nenhuma dúvida sobre sua opinião sobre casamento, crianças e outras coisas. Você tem tudo: boa educação, sua própria carreira e uma personalidade forte, e, para ser honesta, eu me sentia ameaçada por você. E sem demora tudo virou uma batalha entre nós. Era sempre você contra nós, a família de Shane. Já havia pensado nisso e até disse a mim mesma que realmente não sabia como tudo aconteceu. Mas agora acho que sei. Você não vai gostar de ouvir isso, Karen, mas você me lembra de mim mesma quando era jovem.

Sem querer, Karen mostrou incredulidade.

— Oh, sei o que está pensando — disse Nellie —, mas não estou errada. Somos tão obstinadas que faríamos o Dalai Lama ficar impaciente. — Ela riu e Karen acabou sorrindo. — E eu não podia tolerar isso. Não podia suportar que alguém levasse a melhor sobre mim, principalmente quando se tratava de Shane. Sei que não sou a única mãe que tem dificuldade para aceitar a nora... muitos livros foram escritos sobre essa verdadeira luta. — Fez uma pausa e continuou: — Mas, quando Shane morreu, não me aproximei de você, Karen, e devia ter feito isso. Nunca fui capaz de imaginar que você

estivesse sofrendo tanto quanto eu estava, talvez mais, porque havia perdido o homem com quem ia se casar, enquanto eu havia perdido um filho. Nunca pensei em você sofrendo por ele, como eu estava. E fiquei com raiva e incomodada quando soube que você não ia ao funeral. Não fui capaz de me pôr no seu lugar, mas devia ter sido, porque já havia passado por isso quando perdi meu Patrick. — Seus olhos brilhavam enquanto os fixava em algum canto da sala. — Quando Patrick morreu, levou um pedaço de mim com ele. Se estivesse aqui agora, provavelmente lhe diria que o pedaço que ele queria ter levado era minha língua afiada — disse isso meio sorrindo. — De todo modo, ao longo do tempo, nós duas levantamos um muro entre nós e, depois da morte de Shane e toda essa história com esta casa, tudo ficou pior.

Karen concordou, sem nada dizer, ainda se perguntando aonde aquilo ia levar.

— Karen, fui ao cemitério outro dia, quando você estava fazendo uma visita ao túmulo de Shane — disse Nellie bem devagar. Ela viu uma sombra atravessar o rosto de Karen e continuou: — Vou sempre lá. É um bonito passeio e o lugar, muito tranquilo. É uma escapada agradável da fazenda, principalmente se Keanu estiver por lá.

Ela riu da expressão de surpresa de Karen.

— É isso mesmo. Não pense que não sei que ele é um garoto mal-educado, que está ficando pior com o passar do tempo. Mas, voltando ao cemitério, urna boa amiga minha está enterrada ali, e fui lhe fazer uma visita, antes de ir aos túmulos de Patrick e Shane. Estava no meio do rosário quando a vi chegando. Percebi que você não havia me visto, e então fui ao seu encontro com a intenção de ironizar, agradecendo-lhe a condescendência de ir visitá-los.

— Mas não é que não me interesse! — soltou Karen, pois já não estava conseguindo se conter.

— Sei disso, minha filha — disse Nellie, acalmando-a. — Descobri isso quando a ouvi conversando com ele. Não tive intenção de espionar, mas fiquei feliz por tê-lo feito. Foi só então que consegui meter na cabeça que você o amava tanto ou mais do que qualquer um de nós. — Nellie tirou os óculos de novo e enxugou os olhos com um lenço.

Karen fixava nela um olhar de total descrença.

— Como você podia não saber disso? — disse ela, quase gritando. — Como podia não saber que eu estava sofrendo tanto quanto vocês, que ainda estou sofrendo?

— Shhh... menina, deixe-me terminar, por favor.

Karen se empertigou na poltrona.

— Todo este tempo pensei que você estava lutando para manter esta casa simplesmente para evitar que puséssemos a mão nela. Foi só quando a ouvi falando naquele dia que percebi exatamente por que você está fazendo tudo isso. Está tentando se manter apegada a ele, não está, Karen? Está só tentando preservar tudo o que tem dele, suas lembranças.

Nellie se inclinou para a frente e tomou uma das mãos de Karen entre as suas. Karen olhava para nada, seus olhos brilhavam pelas lágrimas não derramadas.

— Mas isso, querida, não vai adiantar. Shane se foi. Só há um lugar onde você pode manter essas lembranças a salvo: em seu coração. — Ela então apertou firme a mão de Karen. — Quando Patrick morreu, no início não deixava ninguém chegar perto das coisas que haviam pertencido a ele. Não permitia que ninguém se desfizesse delas. Você sabe como as pessoas sempre forçam a gente a fazer isso, não é? Dizem que é melhor, que será mais fácil, mas o que sabem elas? Como sabem que será mais fácil? Elas não sabem o que é isso, como se sente quando alguém partiu você em dois, levou uma metade e disse para se arranjar com a que ficou. Karen, eu lhe fiz um desfavor

quando Shane morreu, porque deixei que você se arranjasse sozinha. Devia tê-la ajudado. Devia saber o que você estava passando, por ter passado por isso também.

Karen estava calada, seu corpo tremia com os soluços que não vinham. Quando afinal começaram, Nellie se aproximou e a segurou bem junto dela, e as duas choraram juntas por um longo tempo. Finalmente compartilhavam seu luto.

— Sinto muito — disse Karen, depois de algum tempo. — Aquilo que você disse serve para mim também. Para ser honesta, quando Shane morreu, não dei a mínima importância para o que você estava sentindo. Estava tão envolvida comigo mesma e tão determinada a mantê-la longe da casa.

Nellie fez um gesto para Karen parar.

— Estamos juntas nisso, e uma não é melhor do que a outra. A esta altura não há razão para voltar atrás. O que está feito, está feito, e ambas cometemos erros tolos.

Ficaram ali sentadas em silêncio e, depois de algum tempo, Nellie sorriu e deu uns tapinhas na mão de Karen.

— Vá lá dentro e faça um bom chá, depois conversaremos sobre a casa. Vamos ver se conseguimos resolver alguma coisa entre nós.

Karen se levantou e fez como Nellie havia mandado. Então, enquanto ia para a cozinha, ouviu Nellie dar uma de suas habituais fungadas.

— Agora você vai pôr em ordem este lugar ou vai deixar isso para mim, como sempre? — perguntou Nellie.

Karen olhou para trás assustada e então deu um suspiro de alívio ao ver a piscadela de Nellie e o sorriso em seus lábios.

48.

JENNY SE ESFORÇAVA para localizar algo no mapa de Dublin, ao mesmo tempo que tentava encaixar o som de lá-lá-lá de Holly no ritmo da música que tocava no rádio do carro, Holly gostava muito de músicas dançantes, e Jenny achava que a filha demonstrava séria propensão a se tornar uma pop star quando crescesse.

— King's Green, King's Lawn... onde raios fica o maldito King's Terrace? — ela se perguntava, falando alto e com impaciência, quando de repente levou a mão à boca. Era uma péssima mãe. Se as próximas palavras que Holly pronunciasse fossem “maldito” ou “droga”, Jenny só podia culpar a si mesma.

Finalmente, localizou King's Terrace, que, pelo que Jenny podia ver no mapa, ficava bem mais perto de Seapoint do que de Dun Laoghaire. Era ali que ia se encontrar com o corretor de imóveis para ver um apartamento de dois quartos que podia vir a ser sua nova casa e de Holly. Ela dirigia com habilidade pelas ruas estreitas, virando para a esquerda segundo a indicação do mapa, e pouco depois avistou uma fileira de casas de três andares com varanda. A desbotada placa verde e pendurada na parede de tijolos da última casa confirmava que ela chegara a King's Terrace. Consultou o relógio. Eram duas e quarenta, ela estava dez minutos atrasada e não havia nem sinal do corretor de imóveis.

— Terrível! — disse Jenny em voz alta para ninguém. Holly ria, toda contente, em seu banco atrás da mãe. — Você pode achar isso engraçado agora, senhorita, mas, se mamãe não encontrar logo algum lugar para morarmos, vamos ter que doar todos os seus brinquedos a uma creche.

Holly ficou quietinha enquanto Jenny procurava em sua bolsa o telefone do corretor. Estava certa de que havia colocado o número na carteira. Ou será que foi no porta-luvas?

— Dá-dá! Dá-dá! — Holly gritava, balançando os bracinhos para cima e para baixo.

— O papai não está aqui, querida — disse Jenny, distraidamente, continuando sua busca. Frustrada, tentava se abaixar para procurar debaixo do banco o papel no qual anotou o número. Quando ouviu uma batida na janela do lado do motorista, levantou-se num impulso e bateu com a cabeça no teto do carro.

— Jesus! — disse, quando viu quem era. Então, abriu o vidro do carro.

— Não, não é Jesus — disse Mike. — Sinto desapontar você. — Desviou o olhar para o banco de trás. — Olá, querida! Como você está linda hoje!

Os pensamentos de Jenny voavam em sua mente como um cavalo de corrida. O que Mike estaria fazendo ali? Como soube que elas estariam ali? O que será que ele queria?

Então, por um segundo horrível, ela pensou, sentindo um arrepio, que Mike podia estar tentando sequestrar Holly.

— Que coincidência! — disse Jenny, com toda a calma que conseguiu manter. — Você está visitando algum cliente por aqui ou algo assim? — isso parecia pouco provável, mas alguns clientes de Mike tinham seus escritórios bem piores que aqueles imóveis.

— Não, vim na verdade me encontrar com vocês duas — disse ele, apoiando um braço no capô do carro. — Acho que precisamos conversar.

— Oh! — Jenny não conseguiu pensar em nada para dizer enquanto Mike abria a porta do lado do passageiro e se sentava ao lado dela. Virou-se de novo para Holly e pegou sua mão. Apavorada por seu interesse na filha, Jenny lhe perguntou: — O que quer dizer isso tudo?

— Podemos ir para algum lugar? — Mike perguntou, depois de respirar fundo. — Realmente, não quero conversar aqui. Talvez possamos dar uma volta pelo píer... você trouxe o carrinho, não?

Era isso, Jenny pensou. Ele a estava induzindo a levar Holly até o porto e então fugiria com o carrinho e tomaria a balsa para a Inglaterra.

— Não trouxe o carrinho — Jenny mentiu.

— O que há de errado, Jenny? Não confia em mim? — disse Mike com um sorriso ameaçador, e de repente Jenny sentiu muito medo dele. Mas, então, sua expressão mudou e ele começou a rir.

Sinto muito — disse ele —, mas em seu rosto estava tão evidente o que se passava nessa sua cabecinha criativa! Estava pensando que eu ia fugir para algum lugar com Holly, não?

— Não, não pensei isso — disse Jenny, embora seu rosto ruborizado a traísse. — Estava só tentando imaginar o que você estaria fazendo aqui. Só isso.

— Não há nada de estranho. Eu arranjei tudo.

— Você o quê?

— Eu planejei isso. O corretor de imóveis havia cancelado o encontro. Não tinha seu número de telefone, mas reconheceu você da vez que nos vendeu a casa. Como tinha o número do meu celular, ele me ligou, e eu disse que a avisaria. E aqui estou eu.

— E você veio até aqui, numa sexta-feira à tarde, para me transmitir pessoalmente o recado, Por que não ligou para a casa de Karen?

— Porque queria vê-la — disse, sério. — Temos que discutir algumas coisas. Achei que esta seria uma ótima oportunidade.

Jenny ficou quieta.

— Olhe, vamos dar uma volta por aí com Holly, talvez não pelo píer, mas podemos ir a algum lugar tranquilo. O que acha?

Jenny concordou, perguntando-se o que viria a seguir. De King's Terrace foram para The People's Park, que ficava não muito distante do centro de Dun Laoghaire. Com Holly já sentada em segurança em seu carrinho, que Jenny empurrava, os três caminhavam tranquilamente pelo parque.

— Quando falou sobre você e Roan, não entendi — começou Mike. — Não entendi por que você havia mentido para mim durante tanto tempo e depois destruiu tudo o que havíamos construído juntos contando a verdade. Não sei quantas vezes nestas últimas semanas repeti a conversa que tivemos. — Ele fez uma pausa e prosseguiu. — Mas você disse uma coisa que ficou martelando na minha cabeça: “Eu o amo demais para continuar mentindo por mais tempo”. Naquela hora, Jen, aquilo não fez sentido para mim. Quero dizer, como você podia dizer num momento que me amava e, mesmo assim, a seguir, destruir tudo o que havia de mais precioso para mim?

— Porque tive que fazer — disse ela simplesmente. — A culpa estava me matando, me consumindo por dentro havia tanto tempo que soube que não ia conseguir levar aquilo adiante e nem mesmo tinha certeza se Roan era o pai e...

— Nunca houve dúvida de que Roan não fosse o pai — disse Mike, parando e virando-se para olhá-la. — Eu devia ter percebido, e ter contado a você há muito tempo.

Jenny arregalou os olhos e perguntou:

— O quê? Você devia ter me contado o quê? Do que você está falando, Mike?

Exausto, ele se sentou num banco próximo, e Jenny ficou em pé ao lado dele.

— Eu podia ter-lhe poupado toda aquela preocupação, culpa e confusão, se tivesse sido honesto com você desde o começo — disse ele.

— O que você quer dizer? — ela perguntou de novo, nervosa.

Mike respirou fundo, antes de responder:

— Quando descobrimos que você estava grávida e comecei a saltar como um canguru maluco, lembra-se que você me perguntou porque estava tão feliz com a notícia, se nunca quis ter filhos com Rebecca?

Jenny assentiu.

— Não se tratava disso — disse Mike, balançando a cabeça. — Não é que não quisesse ter filhos, Jenny. É que a verdade nua e crua é que eu não podia tê-los.

Jenny estava de boca aberta, diante da surpresa.

— Eu não podia... não posso ter filhos - prosseguiu Mike, com voz baixa. — Era verdade que eu queria esperar até que a InTech estivesse indo bem, e Rebecca aceitou esperar até que eu achasse a hora certa. Finalmente, decidimos tentar. Fizemos isso durante um ano e meio e, vendo que não havíamos conseguido, resolvemos partir para o teste de fertilidade. Os médicos logo descobriram que tenho um problema de número de espermatozoides abaixo do normal e pouca mobilidade do esperma. Disseram-me que as chances de ter filhos eram extremamente baixas, mesmo recorrendo à fertilização in vitro. Rebecca ficou arrasada. Como você sabe, ela é mais velha que eu, e os médicos disseram que sua idade provavelmente seria um fator desfavorável para nós se recorrêssemos a esse método. De todo modo, tentamos, mas sem sucesso. — Mike parou por uns instantes e depois continuou, com voz rouca. — No início Rebecca esteve bem, era solidária com meu “problema” e decidimos fazer o que quer que pudesse ajudar a engravidar-la. Mas, por fim, o esforço empregado nisso tudo nos abateu, e Rebecca começou a me culpar por não haver tentado ter um filho antes. Seu raciocínio era que, se eu não tivesse resolvido esperar, ela seria mais jovem, e as chances da fertilização in vitro seriam maiores. Sua amargura e minha culpa acabaram nos separando.

Jenny o ouvia em silêncio, enquanto as lágrimas molhavam lentamente sua face.

— Se eu tivesse dito isso no começo, quando ficamos noivos, teria sido honesto naquele momento e você não se veria forçada a mentir para mim. E, quando você ficasse grávida, a verdade estaria ali para que todos a vissem. Mas fiquei tão excitado quando ouvi que você estava grávida, Jenny, que pensei que por algum milagre ou capricho da natureza eu havia conseguido aquela proeza que os médicos achavam que eu nunca poderia realizar.

— Oh, Mike!...

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito não ter contado. Você merecia saber tanto quanto eu merecia saber a verdade sobre Holly. Rebecca sempre insistiu comigo, desde o início de nosso relacionamento, para deixar tudo às claras. Você se lembra de que ela agiu de modo estranho quando soube que você estava grávida? Isso ocorreu porque sabia que não havia possibilidade de eu ser o pai. Havia pesquisado essas coisas, sabia quais eram as porcentagens e o que os médicos já nos haviam dito. Ela percebeu imediatamente que alguma coisa estava errada. Mas eu acreditava tolamente que havia acontecido algum tipo de milagre.

— Então Rebecca sabia o tempo todo que você não era o pai de Holly?

Agora Jenny via sentido naquilo que Rebecca disse ao telefone na outra noite: “Não estou julgando você. No seu lugar, provavelmente teria feito a mesma coisa...”.

Jenny sentiu a cabeça girar e parecia que o chão havia sumido de seus pés. Rebecca sabia o tempo todo.

— Ela queria falar com você naquela época, para perguntar se estava acontecendo alguma coisa, mas eu não queria que fizesse isso. Fiquei zangado com ela até por pensar que você poderia ter feito algo errado, e não admitiria acreditar que algo assim pudesse ter acontecido. Quanto a mim, eu era o senhor Superesperma, desafiando todas as probabilidades, um milagre da medicina! — Ele deu um sorriso de lado e olhou o mar ao longe.

Jenny olhava fixamente para Holly, com os pensamentos voando rápido. Tentava entender o que estava sentindo — raiva, mágoa, decepção, o quê? Mas ela sabia que não sentia nenhuma dessas coisas.

Permaneceram calados durante o que pareceu um longo tempo, e então Mike tentou uma aproximação ao segurar a mão dela. Holly murmurou alguma coisa, e ele olhou para a filha com ternura.

— Não lhe demos um começo muito bom, não foi? — Mike disse suavemente. — A verdadeira base de nosso relacionamento foi construída sobre mentiras.

— Isso não é verdade — disse Jenny, balançando a cabeça. — Nós nos amamos desde o início, não é? Eu cometi um único estúpido erro e, por um cruel giro do destino, ele deu meia-volta e voltou para mim. Quando a pessoa quer acreditar demais em alguma coisa, ela acaba ficando com medo de enfrentar a verdade. Não há nada de errado nisso, Mike.

— Há, sim — disse ele com firmeza. — Nunca devia tê-la pedido em casamento sem antes lhe contar. Esse foi meu primeiro erro. Deus sabe que eu devia ter aprendido como algo assim pode matar um casamento antes mesmo que ele comece.

— Você achava que estava fazendo a coisa certa, suponho.

— E compreendo que você também achou que estava fazendo a coisa certa.

Ela assentiu, e os dois ficaram novamente calados.

— O que parecemos... nós dois? — disse Jenny, depois de algum tempo.

Ele deu um suspiro e perguntou:

— Você não contou a Roan, não é?

Ela fez que não com a cabeça.

— Ele não tem agido de modo fora do habitual no trabalho e ainda está ansioso para conhecê-la. Não tem ideia de quem seja você. Não disse que já a conhece, por assim dizer. — Apesar de tudo, Mike conseguiu dar um sorriso.

Jenny ergueu os ombros e disse:

— Isso não vem ao caso. Soube que ele tem sua própria vida agora.

— Ah!, já ouviu falar de Kelly?

— Karen me falou dela. Você já a conhece?

— Sim, ela parece ser uma boa pessoa, mas é muito controladora. Mantém Roan com rédea curta. Realmente tenho pena dele.

— Imagine! — disse Jenny sorrindo.

Mike começou a acariciar a mão dela com o polegar.

— Ouça, Jen, não sei o que você está sentindo sobre o que eu disse hoje e não estou pedindo para que tome nenhuma decisão, mas...

— Mike — disse Jenny, séria —, Holly precisa ter à sua volta pessoas em quem ela possa confiar.

— Sim — ele olhava ao longe, abatido.

— Pessoas com as quais ela possa contar.

— É claro — ele retirou a mão da dela e balançou a cabeça.

— Suponho — disse Jenny, com uma piscadela — que podemos oferecê-la em leilão na Internet, para ver se assim encontramos essas pessoas.

Os olhos de Mike se arregalaram por um segundo, e então seu rosto se transformou num amplo sorriso.

— Sua danada! Por um minuto você me assustou.

— Você enlouqueceu? Eu não poderia assustar você.

— Venha cá.

— Onde?

— Aqui — Mike enlaçou-a pela cintura e puxou-a para perto dele.

— Ok — Ela se inclinou para a frente, esperando seu beijo.

— Ok!

Surpresos, olharam-se nos olhos, enquanto Holly ria toda feliz, contente por ter dado a palavra final.

Fim!

Agradecimentos

Estou certa de que a maioria dos escritores de primeira viagem, como eu, criam sua primeira obra sentindo, na mesma medida, excitação e terror. Afinal, quando ele chega àquele estágio de agradecer às pessoas que o ajudaram em seu trabalho, então, há chance de que seu livro venha a ser publicado.

Assim, aqui vão:

Primeiro e antes de tudo, um enorme obrigado a Kevin, meu brilhante marido, por seu amor e constante apoio. Você pode não ter feito o papel do marido típico que leva cafezinho para a mulher escritora, mas nunca deixou de me incentivar, e ambos sabemos que isso é recíproco entre nós.

A minha família, particularmente minha mãe, Neil, que é responsável por tudo isso, por ter despertado em mim o gosto pela leitura quando eu ainda era pequena, subornando-me com livros para me fazer ir ao dentista. Obrigada, mamãe, não apenas pelos livros (e por cuidar de meus dentes), mas também por seu inesgotável apoio e fé em mim.

A meu pai, Noel, que para este romance me forneceu as informações sobre a vida de um bombeiro herói e que para mim é, sempre tem sido, um verdadeiro “herói”, na mais ampla acepção do termo.

Um grande obrigado a minha fantástica irmã, Amanda, que foi a primeira pessoa a ler meus rascunhos e, felizmente para mim, ficava pedindo para ler mais. Se não fosse por ela, talvez nunca mostrasse para mais ninguém.

A minha irmã caçula Sharon, uma perfeita lenda por ter passado no exame de direção logo na primeira vez e que jurou que só leria este romance depois que ele se tornasse um “livro de fato”. Não há desculpa agora, Shar!

A minhas amigas mais antigas e próximas, Fiona Noonan e Marie Costigan, que estão quase tão entusiasmadas quanto eu. Marie, se um dia precisar de um publicitário, sei onde procurar! Obrigada por todo o apoio e estímulo, não apenas agora, mas durante a nossa longa amizade. Acho que você não tem ideia de quanto ela significa para mim.

Aos grandes amigos — Lisa Hamilton, que leu, amou a história e insistiu para que eu prosseguisse, Sarah e a turma de Cahir, Breda Barrett, Ame Smyth, Laura Doyle, Mick e todos os rapazes, que ofereceram enorme apoio a mim e ao meu trabalho, sem ficar me criticando. Vamos todos fazer isso em Las Vegas um dia desses. Prometo!

A Andy, Kay e aos Hill, por seu imenso apoio, principalmente minha cunhada Janet, de fato uma das primeiras pessoas a me encorajar a escrever *Preciso te contar uma coisa*.

A Pat, Sue e Emma Fitz, que sei que estarão agitando, na água, a bandeira para mim.

Um colossal obrigado a minha brilhante agente Ger Nichol, pela fé em mim e também por seus conselhos, entusiasmo ilimitado e apoio ao meu trabalho. Ger, você é uma verdadeira lady.

À equipe da Poolbeg, um incrível grupo de dedicados profissionais, que merecem todo o crédito pelo admirável trabalho que destinam a seus autores. Obrigada a todos vocês, especialmente à fantástica Paula Campbell, pela chance que deu a mim e

a meu livro. A Gaye Shortland, cujo bom humor e inesgotável paciência garantiram que o processo de edição fosse prazeroso.

Sem professores, não há dúvida de que a maioria de nós não conseguiria escrever uma única frase — quanto mais um romance —, por isso, obrigada a todos vocês, com menção especial ao O'Neill, que insuflou em mim o amor pela escrita.

A todos os meus conterrâneos de Cahir e aos que adotei em Wicklow, que têm me oferecido seu tempo e apoio expresso durante toda a publicação. Fiquei completamente dominada pelo incentivo, que significa muito para mim. De novo, obrigada.

Mais importante, milhões de agradecimentos aos leitores que gastaram seu dinheiro, ganho arduamente, comprando este livro. Agradeço sinceramente por isso e espero que vocês o curtam. Gostaria de saber o que vocês acharam dele, por isso, se puderem, façam-me uma visita no www.melissahill.info.